

ATMOSFERAS LITERÁRIAS

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO:
UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica

PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA

Júri

presidente PROFESSORA DOUTORA ANA CRISTINA DOS SANTOS GUERREIRO

vogal PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA MARIA GARCIA LOURO DO NASCIMENTO E OLIVEIRA

orientadora PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, outubro 2021

ATMOSFERAS LITERÁRIAS

PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO:
UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura,
especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica

PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA

Júri

presidente PROFESSORA DOUTORA ANA CRISTINA DOS SANTOS GUERREIRO

vogal PROFESSORA DOUTORA MARGARIDA MARIA GARCIA LOURO DO NASCIMENTO E OLIVEIRA

orientadora PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, outubro 2021

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria da Soledade Gómez Paiva de Sousa, por ter aceitado este desafio, pela sua disponibilidade e dedicação, no contexto das adversidades que enfrentamos.

À minha família, em especial à Mãe Lena, ao Pai João e ao Tuli, pelo apoio incondicional, pela preocupação, pelo amor de todos os dias, por me permitirem sempre sonhar mais e sonharem comigo.

Ao Diogo, por todo o amor, companheirismo, carinho e motivação.

Aos meus amigos, pelo ânimo, pelos convívios e momentos de partilha.

À Ju, amiga de todas as horas, por estar sempre ao meu lado e partilhar comigo cada etapa.

Às amigas que a faculdade me deu, a Beatriz, a Inês, a Margarida e a Leandra, pela determinação e incentivo, pelas memórias e amizade incondicional que fica desta caminhada, e que levo para a vida.

Ao Marco, pela amizade, pela partilha de conhecimentos e paixão pela arquitetura.

A todos, os que me inspiraram, acompanharam e colaboraram ao longo deste percurso.

RESUMO

O desenvolvimento do Projeto Final de Mestrado incide numa proposta de reabilitação e requalificação do Palácio e Quinta da Graça. O conjunto está localizado no Parque Urbano do Jamor, pertencente à freguesia Cruz Quebrada-Dafundo, no concelho de Oeiras.

A Quinta da Graça foi reconhecida como quinta de recreio entre a segunda metade do século XIX e os anos quarenta. A deterioração do edificado, e dos seus jardins, requer uma premente intervenção, visando preservar e requalificar este património paisagístico. Dado o seu papel na cultura portuguesa e património, é relevante potenciar uma nova reinserção urbana, prosperando o território envolvente.

Em continuidade com o seu último uso, a proposta elabora para a Quinta da Graça o programa de uma biblioteca pública. A sua composição procura que esteja apta às exigências evolutivas do tempo, através de uma estrutura funcional dúctil ao progresso. Sendo a biblioteca uma organização subjacente a diferentes conceitos, com diversas interpretações e representações ao longo da história, o programa é delineado segundo estes pressupostos. Por consequência, o projeto tenciona idear um espaço atemporal, propondo atributos de versatilidade para o lugar.

A consciência da evolução do conceito e a representatividade da memória que o lugar oferece são instrumentos de reflexão sobre como tratar o espaço. O projeto empenha-se em observar e expressar uma interpretação de como a arquitetura atende a estas características fundamentais. Concomitantemente, diligencia realizar relações e interações através do espaço, influenciadas pelas atmosferas que se constroem.

TEMA

Atmosferas Literárias

SUBTEMA

Proposta de requalificação:
Uma biblioteca
entre o rio e o vale do Jamor

PALAVRAS-CHAVE

reabilitação para biblioteca - quintas de recreio - requalificação arquitetónica – vale do Jamor – atmosferas direcionadas – lugar e memória

ABSTRACT

The development of the Master's Final Project focuses on a proposal for the rehabilitation and requalification of the Palace and Quinta da Graça. The complex is located in the Parque Urbano do Jamor, at Cruz Quebra-da-Dafundo, in the municipality of Oeiras.

Quinta da Graça was recognized as a recreational farm complex, since the second half of the 19th century until the forties. The deterioration of the building, and its gardens, requires an urgent intervention, aiming to preserve and requalify this landscape heritage. Given its role in Portuguese culture and heritage, it is important to foster a new urban reintegration, prospering the surrounding territory.

Following the last activity of Quinta da Graça, the proposal elaborates the program of a public library. Its composition seeks to be adapted to the evolving demands of time, through a functional structure that is ductile to progress. The library is an organization underlying different concepts, with different interpretations and representations throughout history, so the program is designed according to these assumptions. As the library is an organization underlying different concepts, with different interpretations and representations throughout history, the program is thus designed according to these assumptions. Consequently, the project intends to devise a timeless space, proposing versatility attributes for the place.

The awareness of the evolution of the concept and the representativeness of the memory that the place offers are instruments for reflection on how to treat the space. The project seeks to observe and express an interpretation of how architecture meets these fundamental characteristics. At the same time, it shall endeavour to carry out relationships and interactions through space, influenced by the atmospheres that are built.

TOPIC

Literary atmospheres

SUB-TOPIC

Requalification proposal:
A library between the river
and the valley of Jamor

KEY-WORDS

library rehabilitation – recreational farm complex – architectural requalification – vale do Jamor – directed atmospheres – place and memory

ÍNDICE

Agradecimentos V

Resumo VII

Abstract IX

Índice XI

Índice de figuras XIII

Introdução 01

01 O Território 11

01.1 Cruz Quebrada - Dafundo 13

01.2 O rio e o vale 19

01.3 Quintas de Recreio 22

02 A Biblioteca 27

02.1 Contextualização 28

02.2 Biblioteca pública 44

02.3 Em Portugal 49

03 O Lugar 57

03.1 Atmosferas direcionadas 58

03.2 A memória 61

03.3 Reabilitar e requalificar 63

04.4 Expressão do lugar 67

04 A Proposta 73

04.1 Palácio e Quinta da Graça 74

04.2 Conceção programática 101

04.3 O Projeto 105

Considerações finais 149

Bibliografia 157

Anexos A1

ÍNDICE DE FIGURAS

INTRODUÇÃO

0.01 Quinta da Graça, fachada noroeste 02

Imagem fotografada pela autora, 2021

01 O TERRITÓRIO

1.01 Mapa de enquadramento do concelho de Oeiras e da freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo. 11

Imagem elaborada pela autora, 2020

1.02 Estrada Marginal 14

Imagem fotografada pela autora, 2021

1.03 Estação de comboios de Cruz Quebrada - Dafundo 14

Gráfico elaborado pela autora, fonte Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

1.04 Praia da Cruz Quebrada anos 30 16

In Lourenço 2019, p. 78

1.05 Gráfico de Densidade Populacional da freguesia Cruz Quebrada - Dafundo nos anos 1991, 2001 e 2011 16

Gráfico elaborado pela autora, in Diagnóstico Demográfico e Projeção da população do município de Oeiras, CMO 2012

1.06 Vale do Jamor, inicio da construção do Estádio Nacional 18

In https://restosdecoleccao.blogspot.com/

1.07 Estádio Nacional e outros equipamentos desportivos, 1944 18
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/
1.08 Estrada Marginal 20
Imagem fotografada pela autora, 2021
1.09 Área do Complexo Desportivo do Jamor 20
Imagem elaborada pela autora, 2021
1.10 Fachada sudeste e parte do jardim renascentista 24
Imagem elaborada pela autora, 2021

02 A BIBLIOTECA
2.01 Monge copista numa escrivaninha 29
In http://aordemdorpg.blogspot.com/2011/05/licao-educacao-na-idade-media.html
2.02 Esquema de bibliotecas de tipologia basilical 30
In Silva, 2012, p. 26
2.03 Planta e corte da Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença 32
In Silva, 2012, p. 28
2.04 Projeto de Étienne-Louis Boullée para a Biblioteca Real de Paris, 1975 32
In https://www.archdaily.com.br/br/01-158245/arquitetura-ensaio-sobre-a-arte-slash-etienne-louis-boullee/52a1a2a1e8e44e00d800004a-arquitetura-ensaio-sobre-a-arte-slash-etienne-louis-boullee-imagem

2.05 Planta do piso terreno e piso 1 da Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris 34
In Murtinho & Gonçalves, 2014, p. 16

2.06 Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris 34
In https://www.archdaily.com/317195/henri-labrouste-structure-brought-to-life/50ee2116b3fc4b7e080000cc-henri-labrouste-structure-brought-to-life-image

2.07 Planta e corte da Biblioteca Municipal de Estocolmo 36
In https://cargocollective.com/charavee/Indebted-Architecture

2.08 Biblioteca Municipal de Estocolmo 36
In https://www.hometeka.com.br/pro/biblioteca-municipal-de-estocolmo/

2.09 Interior da Biblioteca Municipal de Estocolmo 36
In Isasi, 1998, p.28

2.10 Plantas e corte da Biblioteca de Philip Exeter 38
In Isasi, 1998, p.33

2.11 Biblioteca de Philip Exeter 38
In https://archello.com/pt/story/37484/attachments/photos-videos/4

2.12 Cortes da Biblioteca Alexandrina, 2001 40
In https://snohetta.com/project/5-bibliotheca-alexandrina

2.13 Clarabóias verticais, Biblioteca Alexandrina 40
In https://snohetta.com/project/5-bibliotheca-alexandrina

2.14 Interior da Biblioteca Alexandrina 40
In https://snohetta.com/project/5-bibliotheca-alexandrina
2.15 Capa do Alvará 1796 48
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html?m=0
2.16 Convento de São Francisco 48
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html?m=0
2.17 Sala das bíblias, Convento de São Francisco 48
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html?m=0
2.18 Biblioteca Nacional de Portugal 50
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html?m=0
2.19 Biblioteca Nacional de Portugal, 1969 50
In https://restosdecoleccao.blogspot.com/2011/11/em-1796-e-criada-por-alvara-de-29-de.html?m=0
2.20 Biblioteca de Ílhavo 52
In https://arx.pt/projecto/biblioteca-municipal-de-ilhavo/
2.21 Biblioteca de Ílhavo, parte do Solar Visconde de Almeida 52
In https://arx.pt/projecto/biblioteca-municipal-de-ilhavo/
2.22 Biblioteca de Ílhavo, evolução volumétrica 52
In https://arx.pt/projecto/biblioteca-municipal-de-ilhavo/

03 O LUGAR 64

3.01 Corte de Notre-Dame de Paris, 1842, pelo arquiteto Viollet-le-Duc

In Cosme, 2015, p.11

3.02 Serpentine Gallery Pavilion, 2011 70

In https://www.archdaily.com/146392/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor

3.03 Corredores circundantes do Serpentine Gallery Pavilion 70

In https://www.archdaily.com/146392/serpentine-gallery-pavilion-2011-peter-zumthor

04 PROPOSTA

4.01 Via pedonal, relação com a Quinta da Graça 76

Imagem fotografada pela autora, 2021

4.02 Via pedonal, relação com a Estrada da Costa 76

Imagem fotografada pela autora, 2021

4.03 Estrada da Costa 76

Imagem fotografada pela autora, 2021

4.04 Placa de identificação da Estrada da Costa 76

Imagem fotografada pela autora, 2021

4.05 Faculdade de Motricidade do Humana 78

Imagem fotografada pela autora, 2021

4.06 Relação do Centro de Alto Rendimento do Ténis com a Quinta da Graça 78

Imagem fotografada pela autora, 2020

4.07 Centro de Alto Rendimento do Ténis 78
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.08 Planta de enquadramento da Quinta da Graça 80
Imagem elaborada pela autora, 2021
4.09 Vista sobre o Parque Urbano do Jamor 81
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.10 Estação da Cruz Quebrada 81
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.11 Avenida Marginal 81
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.12 Ponte Frei Rodrigo de Deus 82
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.13 Vista da Entrada principal da Quinta da Graça 82
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.14 Fotografia da Quinta da Graça antes do incêndio, fachada nascente 84
Cedido por Arquivo da Câmara Municipal de Oeiras
4.15 Fotografia da Quinta da Graça antes do incêndio, fachada sudeste 84
Cedido por Arquivo da Câmara Municipal de Oeiras
4.16 Inscrição de 1860 86
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.17 Muralha do lado norte do edifício, figuração da proa de um navio 86
Imagem fotografada pela autora, 2021

4.18 Tanque pertencente à rede hidráulica, 1854 86
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.19 Planta original da Quinta e respetivos edifícios 88
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.20 Fachada nascente da Quinta da Graça 90
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.21 Parte da fachada no seu estado atual 90
Imagem fotografada pela autora, 2020
4.22 Quinta da Graça e construção informal anexa 90
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.23 Parte do interior destruído da Quinta da Graça A 92
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.24 Chaminé da Quinta 92
Imagem fotografada pela autora, 2020
4.25 Vista das duas chaminés da Quinta da Graça 92
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.26 Parede em contraforte do piso inferior 93
Imagem fotografada pela autora, 2020
4.27 Janela e caixilharia atual da Quinta da Graça 93
Imagem fotografada pela autora, 2020
4.28 Guardas em ferro forjado fundido 93
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.29 Edificios B, 1916 94
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.30 Edificios C 94
Imagem fotografada pela autora, 2021

4.31 Tanque D 96
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.32 Tanque E 96
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.33 Nora e tanque F 96
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.34 Esquema do antigo sistema hidráulico 96
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.35 Caminhos do jardim renascentista 98
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.36 Parte do jardim das Quinta da Graça 98
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.37 Trepadeira e zona de estar 98
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.38 Entrada sudoeste e o freixo 98
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.39 Planta piso 2 e corte da Mediateca de Sendai 103
In https://www.urbipedia.org/hoja/Mediateca_de_Sendai
4.40 Fachada da Mediateca de Sendai 103
In https://www.urbipedia.org/hoja/Mediateca_de_Sendai
4.41 Mapa de reconhecimento urbano 104
Imagem elaborada pela autora, 2021
4.42 Mapa de relação de eixos principais e edifícios singulares 106
Imagem elaborada pela autora, 2021

4.43 Esquema de usos próximo da área de intervenção 107
Imagem elaborada pela autora, 2020
4.44 Planta da proposta de implantação 108
Imagem elaborada pela autora, 2021
4.45 Largo de entrada junto à Estrada da Costa 110
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.46 Escadaria do Parque do Jamor junto ao muro de suporte a noroeste da Quinta da Graça 110
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.47 Antigo terminar dos elétricos 110
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.48 Biblioteca pública na fábrica de Torres Amat 113
Batlle & Roing, 1998, p. 47
4.49 Fachada da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat 113
Batlle & Roing, 1998, p. 48
4.50 Esquema estrutural da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat 113
Batlle & Roing, 1998, p. 47
4.51 Entrada e escadas do edifício da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat 115
Batlle & Roing, 1998, p. 49
4.52 Esquema da malha reguladora e sistema de vistas 117
Imagem elaborada pela autora, 2020

4.53 Alçado nordeste 119
Imagem elaborada pela autora, 2020
4.54 Alçado sudeste 119
Imagem elaborada pela autora, 2020
4.55 Pátio de honra 120
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.56 Esquema de acessos 121
Imagem elaborada pela autora, 2021
4.57 Acesso ao jardim renascentista pelo pátio de honra 120
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.58 Acesso ao piso -1 pelo pátio de honra 120
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.59 Entrada à cota 14,01 m 120
Imagem fotografada pela autora, 2021
4.60 Esquema do volume da circulação vertical 123
Imagem elaborada pela autora, 2020
4.61 Escadas das Carpintarias de São Lázaro 125
In https://www.archdaily.com.br/br/918489/carpintaria-sao-lazaro-filipe-borges-de-macedo
4.62 Elevador do Teatro Steve Jobs 125
In https://www.eocengineers.com/en/projects/steve-jobs-theater-293
4.63 Planta do piso -1 128
Imagem elaborada pela autora, 2021

4.64 Planta do piso 0 130

Imagem elaborada pela autora, 2021

4.65 Planta do piso 1 132

Imagem elaborada pela autora, 2021

4.66 Planta do piso 2 134

Imagem elaborada pela autora, 2021

4.67 Mobiliário de Lina Bo Bardi para o SESC de Pompeia, São Paulo 138

In https://www.archdaily.com.br/br/791232/exposicao-o-impasse-do-design-mobiliario-de-lina-bo-bardi-1959-1992

4.68 Desenho da prateleira de três funcionalidades 139

Imagem elaborada pela autora, 2020

4.69 Composição de materialidades do projeto: 142

Composição elaborada pela autora, 2021

i cor NCS S 1010-Y80R

https://www.sollac.pt/wp-content/uploads/2018/08/CatalogoCoresNCS.pdf

ii estrutura em aço corten

https://pm-serralharias.com/PM-Serralharias-Feira-Serralheiro-Ferro-Aço-Chapa-Alum%C3%ADnio-corten-inox-estruturas-metálicas/

iii Grés porcelânico tipo lavastone cor platina

https://www.revigres.pt/colecoes/lavastone

iv Microcimento tipo kcberry na cor thunder

https://microcimento.pt/o-que-e-microcimento/cores/

v Madeira natural de nogueira
https://www.lbfmobiliario.com/pt/
vi Alcatifa texturada tipo first define cor 914
https://www.modulyss.com/pt-PT/alcatifas-em-mosaicos/coleções/first-define/first-define-914
4.70 Composição de elementos do ambiente envolvente: 144
Composição elaborada pela autora, 2020
i Cor da fachada da Quinta da graça
Imagem fotografada pela autora, 2021
ii Escadas exteriores do Parque do Jamor
Imagem fotografada pela autora, 2021
iii Pedra calcária
Imagem fotografada pela autora, 2021
iv Praia da Cruz Quebrada
Imagem fotografada pela autora, 2021
v Chão em calçada em pedra e em betão do Parque do Jamor
Imagem fotografada pela autora, 2021
vi Calçada em pedra, escadas junto ao tanque
Imagem fotografada pela autora, 2021

Todas as figuras retiradas da Internet foram revisitadas a 28 de agosto de 2021.

INTRODUÇÃO



0.01

EQUADRAMENTO

Este documento representa o relatório de Projeto Final de Mestrado (PFM) desenvolvido entre janeiro de 2019 e setembro de 2021, no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura de Interiores e Reabilitação do Edificado da FAUL. A proposta foca-se na reabilitação e requalificação de uma antiga quinta de recreio, a Quinta da Graça (fig. 0.01), situada no Parque Urbano do Jamor na Cruz Quebrada - Dafundo, que teve como seu último uso uma biblioteca.

Propõe-se a conceção de uma biblioteca pública requalificando e reabilitando o atual do Palácio e Quinta da Graça. Pretende-se assim trazer uma nova identidade e utilidade ao local e ao espaço arquitetónico e, desta forma, reintegrá-lo e qualificá-lo no tecido urbano e na comunidade.

TEMA

Com o decorrer do tempo, o conceito de ordenação das bibliotecas sofreu várias transformações. A diversidade de meios de procura, a oferta de funções e o seu desenho são influenciados pelo mundo em contante mudança. A forma como nos dispomos à aprendizagem e ao consumo evidenciam também esta evolução. A biblioteca deve acompanhar esta evolução, exigindo uma versatilidade que compreenda as imposições e variações temporais.

0.01 Quinta da Graça, fachada noroeste

A função transcende a de um repositório de informação, constituindo-se como um espaço democrático de desafios quotidianos, de reunião e reflexão. Um espaço da comunidade, de todos e para todos.

Desta forma, é fundamental compreender e estudar soluções para que a arquitetura possa responder a estas inevitabilidades.

A descoberta do tema envolve a pesquisa e compreensão de como a arquitetura influencia as experiências, o comportamento e o estado de espírito do seu futuro usuário.
Nesse sentido, procura-se reunir alguns conceitos como o de conforto, integração, privacidade, convívio, conciliando-os em distintos ambientes, conferindo-lhes identidade.

MOTIVAÇÃO

A proposta foi proveniente da intenção de idealizar um espaço direcionado à comunidade, aos seus interesses e constrangimentos, que pudesse incluir diversos ambientes e usos num edifício, envolvendo diferentes tipos de estudos ou criação de novos projetos. Um espaço de conhecimento crescente e flexível. A escolha do Palácio da Quinta da Graça foi motivada pelo seu carácter histórico, memórias

locais e a oportunidade de crescimento que o lugar oferece. Dentro da cidade com bons acessos e inserido na natureza, o Palácio encontra-se muito degradado e carente de uma reabilitação. Da interseção de múltiplos requisitos, propósitos, oportunidades e desafios surge a proposta que se apresenta, como trabalho final de Mestrado.

OBJETIVOS

O presente Projeto Final de Mestrado (PFM) tem como objetivos:

- Definir uma biblioteca pública capaz de anteder e promover a interação cultural e social com a comunidade;

- Compreender e interpretar a particularidade do lugar de modo a projetar a ideação de uma atmosfera;

- Desenvolver uma proposta de reabilitação e requalificação apta a dignificar os valores históricos e identitários de uma quinta de recreio coletivizada numa biblioteca;

- Criar, estruturar e articular espaços em conformidade com a escala, materiais, usos e diferentes atmosferas, num todo coeso e coerente;

- Consolidar a ligação entre o Parque Urbano do Jamor e os diversos equipamentos envolventes com o objeto de estudo, a Quinta da Graça.

METODOLOGIA

A metodologia de trabalho desenvolvida nas diferentes etapas da elaboração deste PFM envolve uma organização em duas fases, uma de carácter teórico e, a outra, projetual. Estas fases decorrem em simultâneo; a complementaridade entre a investigação e a representação prática sustenta o desenvolvimento do trabalho.

A fase teórica é marcada pela compilação da informação adquirida em arquivos locais e, igualmente, pela análise da literatura e documentação académica. Foi também definida pela visualização de documentários e publicações acerca do local, do tema e origem da biblioteca. A investigação também requereu o conhecimento da legislação e regulamentação que condicionam todas as etapas de um projeto arquitetónico.
Nesta fase desenvolve-se também a fundamentação de termos e conceitos associados ao lugar e à conceção de atmosferas, assim como à reabilitação e requalificação. A seguir realiza-se um estudo para a conceção programática,

suportada nos argumentos teóricos construídos.

A fase projetual compreende uma avaliação da viabilidade do terreno e do objeto de estudo segundo o programa. Envolve a análise crítica do objeto de estudo e pré-existência, fundamentada no estado atual e no valor aplicado. Engloba também o tratamento e atualização de bases de desenho do edificado existente e respetivo envolvente, assim como levantamentos fotográficos. Inclui ainda estudos cromáticos do local, exercícios de teste de esquemas funcionais viáveis; análise de soluções construtivas consolidadas com a espacialidade e o desempenho pretendidos. Esta fase encerra, além destes, o desenvolvimento de ensaios de atmosferas, requerendo uma reflexão sobre os pressupostos do programa e do edifício, em conjunto com a definição das materialidades, com vista à expressão e relação do e com o espaço.

ESTRUTURA

O presente documento encontra-se estruturado em quatro capítulos, encetando-se pela corrente Introdução, que o enquadra.

O primeiro capítulo, "O Território", concentra o enquadramento territorial e histórico, nomeadamente da freguesia da Cruz Quebrada-Dafundo, concentrando-se nas características do o rio e o vale do Jamor que, definem a sua topografia. Termina com a análise da génese das quintas de recreio, como parte histórica integrante da arquitetura do local.

O segundo capítulo, "A Biblioteca", centra-se na contextualização programática e histórica da evolução da biblioteca, seguindo-se a sua tipificação, que faz emergir o "conceito de biblioteca pública", especificando-o. Por fim, é feita uma abordagem destes temas, relativamente à sua origem e evolução, em Portugal.

O terceiro capítulo, "O Lugar", estuda e desenvolve como direcionar as relações e interações no espaço, através da projeção de atmosferas. Investiga também como o lugar, que permite gerar atmosferas, é sugestivo à memória e ao modo como estes conceitos se comportam numa reabilitação e requalificação, sustentados pela expressão material.

O quarto capítulo, "A Proposta", explicita a descrição do projeto, sendo feita uma análise histórica e geográfica do palácio e da Quinta da Graça.

Apresenta um reconhecimento do estado atual do objeto de estudo, assim como, a conceção da sua teoria de valor. É neste capítulo que é realizada uma síntese da conceção programática a aplicar e respetiva fundamentação. A exposição dos princípios de intervenção, bem como a apresentação da proposta urbana, estrutural, funcional, com respetivos equipamentos, ambientes e materialidades, são também incluídos neste capítulo.

01

O TERRITÓRIO



LISBOA

OEIRAS



FREGUESIA CRUZ QUEBRADA - DAFUNDO

01.1 CRUZ QUEBRADA - DAFUNDO

Cruz Quebrada-Dafundo, localizada na preferia imediata de Lisboa, é uma das freguesias mais antigas do concelho de Oeiras.

Segundo o Município de Oeiras (2015), a freguesia data a sua origem a 11 de junho de 1993; estendendo-se no seu conjunto por cerca de 3km^2, representando cerca de 6,5% da população do concelho.

Segundo Carrapiço (2010), a origem do nome poderá estar ligada à sua proximidade com a ponte de pedra, que permite a passagem do rio, onde no parapeito existiam duas cruzes e a segunda se encontrava quebrada. A outra versão, provém de um roubo levado a cabo pelos franceses durante as Invasões, de um cruzeiro, existente na povoação, moldado em bronze. Os residentes de Cruz teriam então reagido com brados, o que terá levado a que passasse a ser denominada de Cruz Que Brada.

A freguesia ganha destaque após a construção da Estrada Marginal (fig. 1.02) e a inauguração da linha férrea (fig. 1.03) em 1889, que facilitou o acesso ao campo e às praias.

A década de 80 traz consigo uma intensa expansão urbana no seu interior e um aumento da procura, que, consequentemente, se reflete num desenvolvimento ocupacional e agrícola (União da Freguesias Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada/Dafundo, s/d).

Conhecida pela sua localização singular, pelas particularidades paisagísticas e enquadramento geográfico,

1.01 Mapa de enquadramento do concelho de Oeiras e da freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo



1.02



1.03

a freguesia foi local de refúgio privilegiado da aristocracia que ali dispunha de palacetes e quintas, o que influenciou o tipo de património que a caracteriza.

Na segunda metade do século XIX, foi uma zona muito procurada, sobretudo para repouso e lazer, o que atraiu várias personalidades ilustres e marcou culturalmente a freguesia. Almeida Garrett, Aquilino Ribeiro, Pinheiro Chagas são algumas das referências que nos chegam aos dias de hoje pelos tempos de ócio que passaram na localidade (Município de Oeiras, 2015).

Eça de Queirós refere-se ao Dafundo em vários dos seus livros, sempre como lugar de bons ares e descrevendo a sua vida boémia.

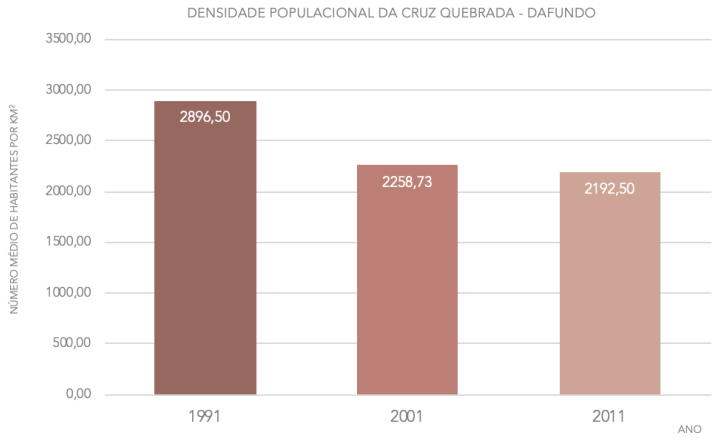
> «Você parte para o Dafundo, leva os seus papeis, os seus documentos... Pela manhã dá os seus passeios, respira o bom ar... E à noite, depois de jantar, à luz do candeeiro, entretém-se a resolver a questão de fazenda!», pode ler-se uma passagem da obra" Os Maias" (Queiroz, 1979, p. 417).

Segundo Lourenço (2019) as principais atividades eram a agricultura e a pesca (fig.1.04), e a existência de algumas quintas de recreio que combinavam a exploração silvícola e agrícola.

1.02 Estrada Marginal
1.03 Estação de comboios de Cruz Quebrada - Dafundo



1.04


DENSIDADE POPULACIONAL DA CRUZ QUEBRADA - DAFUNDO
NÚMERO MÉDIO DE HABITANTES POR KM²
3500,00
3000,00
2500,00
2000,00
1500,00
1000,00
500,00
0,00
2896,50
2258,73
2192,50
1991
2001
2011
ANO

1.05

O crescimento incontrolado da freguesia originou o aparecimento de bairros de barracas na fronteira com Lisboa que, posteriormente, alargaram ao restante concelho. A expansão e aumento da indústria aburguesou e proletarizou a freguesia.

De acordo com a fig.1.05 verificamos que a densidade populacional tem sofrido um decréscimo. A análise é realizada em três décadas diferentes: em 1991 a população apresentava uma densidade de 2896,50 hab./km^2, enquanto que em 2001 registava uma descida, com uma densidade de 2258,73 hab./km^2, em 2011 a descida foi menos acentuada tendo uma densidade populacional de 2191,50 hab./km^2.

Cruz Quebrada-Dafundo sofreu várias alterações a nível de expansão urbana, mas mantém muitas das suas características únicas de morfologia. É, atualmente, o território do desporto, "um território de história e património" (Município de Oeiras, 2015, p. 2) marcado pelas margens do Rio e pelo Vale do Jamor.

1.04 Praia da Cruz Quebrada anos 30
1.05 Gráfico de Densidade Populacional da freguesia Cruz Quebrada - Dafundo nos anos 1991, 2001 e 2011



1.06



1.07

01.2 O RIO E O VALE

Nas décadas de 30 e 40, o vale do Jamor, integrado na freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo, era composto por terrenos agrícolas, grandes quintas e pomares. Era pelo vale do Jamor que se fazia o principal acesso à freguesia.

Segundo DGPC (s/d), em 1933, com o Estado Novo, o vale vivencia uma notável evolução, reforçada pela chegada do desporto moderno a Portugal.

É inaugurado em 1944 o Estádio Nacional (fig.1.06), também conhecido como Estádio do Jamor, como forma de promover a prática do desporto e a valorização do vale e do rio. O projeto não se refletiu apenas na construção do Estádio, mas também de outros equipamentos desportivos (fig.1.07), bem como na melhoria dos acessos, como a construção da autoestrada, pelo engenheiro Duarte Pacheco. Todas estas infraestruturas davam forma ao Parque Urbano do Jamor. Em 1979, uma requalificação das estruturas pertencentes ao vale, e no rio, leva ao aparecimento das primeiras modalidades náuticas.

O rio do Jamor nasce na serra da Carregueira, pertencente ao conselho de Sintra, e desagua no rio Tejo, na freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo. É nomeado de Ribeira de Belas no seu troço inicial até à interseção com a ribeira de Venda Seca.

Anterior às expropriações dos terrenos, o rio desaguava no Tejo, formando uma praia na localidade que era habitualmente utilizada pelas famílias pertencentes à nobreza.

1.06 Vale do Jamor, inicio da construção do Estádio Nacional
1.07 Estádio Nacional e outros equipamentos desportivos, 1944



1.08



1.09

O rio atravessa os jardins do Palácio de Queluz, onde o seu troço é canalizado num comprimento de 130 metros, limitado por comportas e paredes de azulejo, conhecido pelo Canal dos Azulejos. Aqui, quando as comportas eram fechadas, formava-se um manto de água onde era possível passear de barco.

Segundo Lourenço (2019), em 1955, como consequência das obras do hipódromo no vale, a ponte das duas cruzes foi destruída e o curso da ribeira alterado. O seu leito e margens foram deslocados para oeste cerca de 30 metros. O rio (fig.1.8) sofreu variações devido à sua transformação, desenvolvendo-se o seu troço num caminho contínuo, que levou à criação de canais de água artificial, atualmente são usados para canoagem.

Complexo Desportivo Nacional do Jamor é o nome dado ao Estádio Nacional em 1978, no sentido de promover o desporto de alta competição, o desporto recreativo e de lazer. Um complexo (fig. 1.9) que pretende unir e consolidar o contacto da comunidade com a natureza, caracterizado pelo Município de Oeiras (2015) como o "pulmão de Oeiras".

1.08 Estrada Marginal
1.09 Área do Complexo Desportivo do Jamor

01.3 QUINTAS DE RECREIO

As quintas de recreio e os seus palácios eram parte integrante do património arquitetónico da freguesia da Cruz Quebrada – Dafundo, proveniente da expansão do vale do Jamor na década de 50.

De acordo com Pires (2013), as quintas de recreio apresentam uma arquitetura e uma topologia de habitação temporária, representando uma alternativa à cidade e aos trabalhos habituais, constituindo um lugar de repouso e deleite num contexto rural. Estas quintas contêm propriedades agrícolas autossuficientes, bons recursos hidráulicos e acessos exclusivos, que funcionam como alicerce da subsistência dos espaços de lazer, e beneficiavam da exportação de produtos para a cidade.

Situadas na preferia da cidade, as quintas de recreio remontam ao século XVII e XVIII. As suas particularidades inspiram-se no Humanismo importado do Renascimento italiano, onde existia uma procura pelo refúgio e contemplação da natureza, não abdicando dos benefícios da vida de cidade, conseguidos através da sua estrutura funcional arquitetónica (Pires, 2012).

Na construção de uma quinta de recreio podemos considerar duas dimensões importantes que se complementam. Por um lado, uma vertente que remete para as questões envolventes ambientais, os planos estratégicos da sua implantação, o Lugar onde será projetado o espaço de vilegiatura.

A composição verde ocupa grande percentagem da arquite-

tura de uma quinta de recreio, sendo composta por elementos naturais como a horta/pomar, o jardim de buxo e a mata. Estas partes formam um todo harmonioso através de caminhos, áreas exteriores de lazer, cultivo agrícola, gestão de recursos hidráulicos, conseguindo-se através da vegetação um equilíbrio térmico. Segundo Sousa (2015), todo este conjunto reflete e compõe diversas ambiências, suscitando uma perceção visual, olfativa, apelativa e calma proveniente das atmosferas criadas.

Por outro lado, uma dimensão relacionada com o habitar onde se projeta e atribui, através da arquitetura, uma determinada função a um lugar. A estrutura arquitetónica das quintas de recreio expressa uma hierarquia volumétrica, que se relaciona harmoniosamente entre os espaços. A casa do proprietário é projetada como principal, sendo o pilar de partida para a criação de relações e inserções dos espaços que vão definir o habitar (Pires, 2012). Localizada, habitualmente, no centro da quinta a casa primordial permite uma visão ampla do terreno e de toda a sua envolvência.

Caminhando entre os espaços verdes, as hortas e os pomares, encontram-se elementos arquitetónicos, que, em conjunto com a natureza, compõem o exterior fazendo do percurso uma experiência. Os lagos, espelhos de água e cascatas bem como as casas de refresco são estruturas que se associam ao lazer, ao repouso e à contemplação da natureza.



1.10

Todos os espaços assumem uma função valorosa e complementam-se num curso melodioso, que começa com a projeção das atmosferas no interior do palacete transportando-se para o exterior, nos seus caminhos articulados com os espaços verdes. Desta forma é alcançada uma ligação perfeita entre a Arquitetura e o Lugar.

A Quinta da Graça (fig. 1.10) enquadra-se nesta categoria, com uma edificação datada do século XIX. Atualmente, pertence à Faculdade de Motricidade Humana tendo tido como último uso uma biblioteca. Segundo Lourenço (2019), foi vitimada por um incêndio em 1993, que consumiu todo o seu interior, deixando em ruína a sua grandiosa fachada.

1.10 Fachada sudeste e parte do jardim renascentista

02.

A BIBLIOTECA

02.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A biblioteca antecede a história do livro, sendo fundamental no momento em que a humanidade começa a dominar a escrita. Sofreu, ao longo dos anos, avanços e recuos que projetam e acompanham a evolução de cada civilização e, "silenciosamente, as bibliotecas invadiram o mundo" (Vallejo, 2020, p. 152). Segundo Eco (1994) uma das bibliotecas mais antigas, descoberta por arqueólogos ingleses no século XIX, data o século VII a.C.. Pertencia ao rei Assurbanípal II, cujos livros eram feitos de placas de argila escritas em caracteres cuneiformes, caracteres em forma de cunha. No entanto, segundo Cosme (2004), foi encontrada na civilização da antiga biblioteca egípcia, fundada por Alexandre, o Grande, uma descrição preservada que data o século XXIV a.C., onde Estrabón se refere a "hombres de letras", parecendo remeter para quem realizava os exemplares de manuscritos.

O início da construção da biblioteca aponta para o período helenístico, como criação a título particular ou visitada exclusivamente por filósofos e teatrólogos, marcando a sua imponência perante a sociedade.

O Império Romano marca a história da biblioteca pela sua transformação em qualidade, adquirindo uma dimensão pública e ganhando um carácter monumental, com os papiros armazenados entre nichos nas paredes. Após este período, na Idade Média, dá-se um retrocesso, as bibliotecas perdem o estatuto de edifícios públicos e deixam de se

projetar arquitetonicamente com esse fim. São reduzidas a uma estante ou escrivaninha refundida em parte recôndita de outros edifícios, como Conventos e Mosteiros. Segundo Silva (2012), os melhores exemplares de bibliotecas de manuscritos datam a época medieval, situadas nos mosteiros e perto de sacristias.

Cabia aos monges copistas (fig.2.01) o trabalho de duplicar os exemplares únicos e escrever novos volumes complementado a coleção bibliotecária.

Neste período, o livro adquire grande importância, sendo também um requisito a leitura na formação de ordem religiosa. Desta forma, é desenvolvido um ritual em torno da leitura e ocorre uma expansão deste interesse para o exterior dos mosteiros, que atraia a nobreza pelo caracter monumental das bibliotecas privadas.



2.01 Monge copista numa escrivaninha

2.01

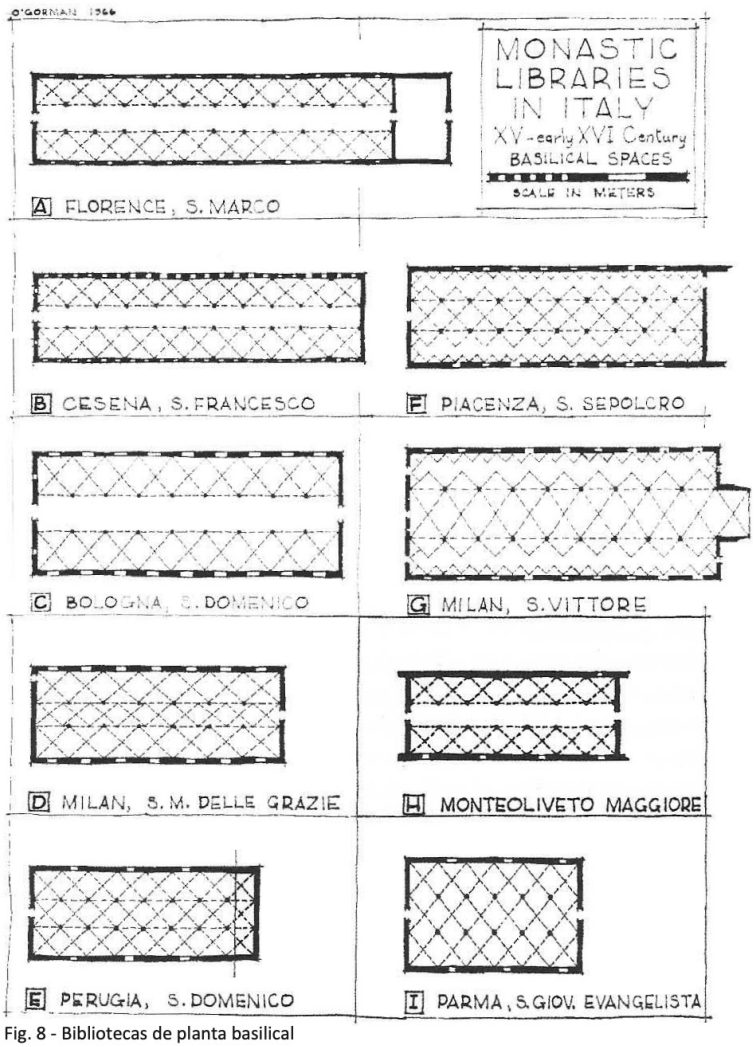


Fig. 8 - Bibliotecas de planta basilical

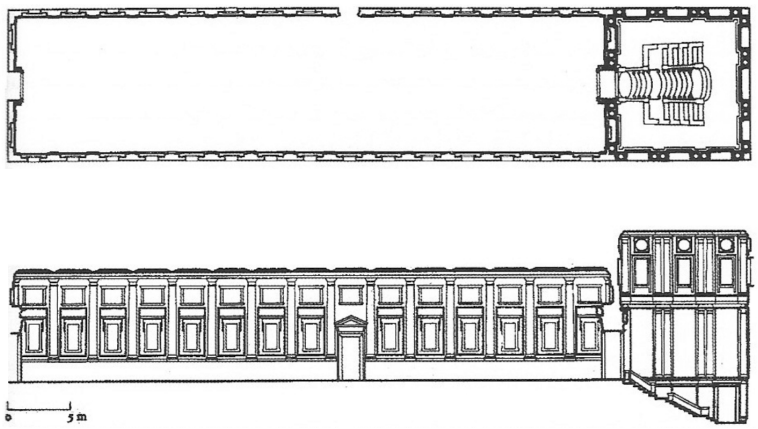
Com este crescimento, as bibliotecas no século XII, além de depósito de livros, passam a requerer um espaço de consulta, ampliando-se, como confirma Cosme (2004), destacando que "El aumento del número de libros y lectores obligó al desarrollo de espácios más amplios." (Cosme, 2004, p. 6).

Entre 1438 e 1443, o arquiteto e escultor italiano Michelozzo constrói, no convento de San Marco de Florença, a primeira biblioteca de tipologia basilical (fig.2.02). Ao encontro de uma nova conceção de espaços e maior amplitude, a biblioteca consiste num espaço coberto de abóbadas, com três naves separadas apenas por colunas jónicas, marcadas por janelas ritmadas, que compõem um modelo iluminado, por oposição ao convencional.

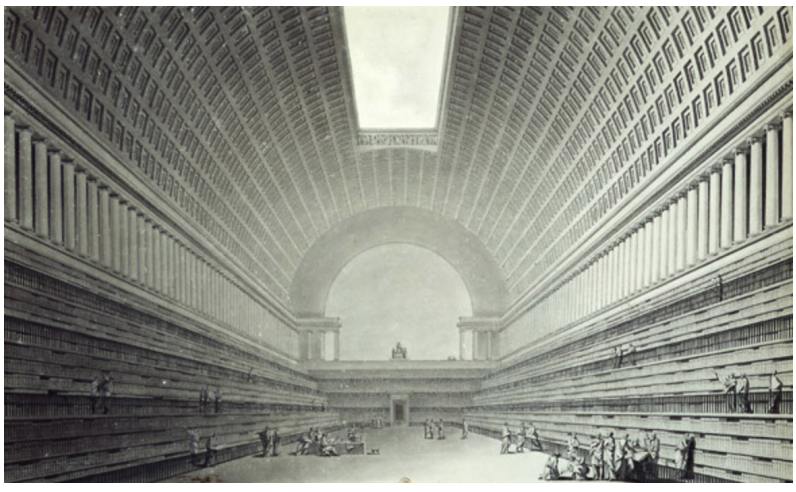
No sec. XV, a invenção da imprensa, por Johannes Gutenberg, muda a história da leitura e origina um crescimento exponencial da circulação dos livros por toda a Europa. Este desenvolvimento teve um impacto evidente na história da biblioteca (Silva, 2012). A biblioteca muda o seu conceito, torna-se num edifício de localização acessível, passando a ter um caráter intelectual e civil, popularizando a informação e especializando-a em diferentes áreas do conhecimento.

Segundo Cosme (2004), estas mudanças requereram uma procura pela concretização de modelos mais eficazes e uma

2.02 Esquema de bibliotecas de tipologia basilical



2.03



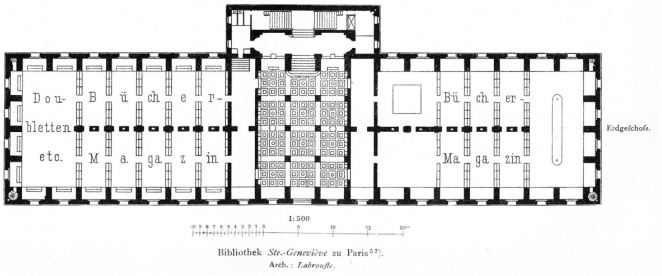
2.04

nova composição do espaço de biblioteca, sendo primordial uma mudança na sua forma. Deste modo, no século XVI, as bibliotecas de tipologia basilical deram lugar à configuração de bibliotecas salão. São projetadas como espaços amplos compostos por geleiras em altura, bastante iluminados, num espaço unitário forrado de estantes em todas as suas paredes livres. A Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença (fig.2.03), concebida por Miguel Ângelo, foi uma obra marcante no progresso desta tipologia.

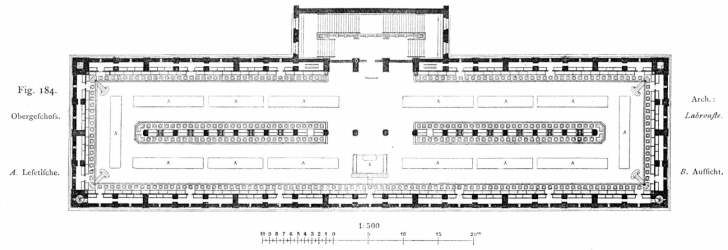
O crescimento da arte e da cultura barroca foram fundamentais no desenvolvimento da educação. A época trouxe novas ações arquitetónicas que, consequentemente, fizeram o modelo de biblioteca salão entrar em desuso, no final do século XVII, dando lugar a outras perspetivas de projeção do espaço, como a tipologia centralizada e o modelo de planta em cruz. Em 1785 Étienne-Louis Boullée, determina a evolução da biblioteca, com um projeto utópico que concebe para a Biblioteca Real de Paris (fig.2.04), (Silva, 2012).

A revolução industrial conduziu a um conjunto de mudanças significativas na Europa, na segunda metade do século XVIII. Permitiu a transição para novos métodos de produção, que tiveram como consequência um desenvolvimento exponencial. Esta época tem reflexo no progresso das bibliotecas, mediante o aumento de produção editorial e

2.03 Planta e corte da Biblioteca Medicea Laurenziana de Florença
2.04 Projeto de Étienne-Louis Boullée para a Biblioteca Real de Paris, 1975

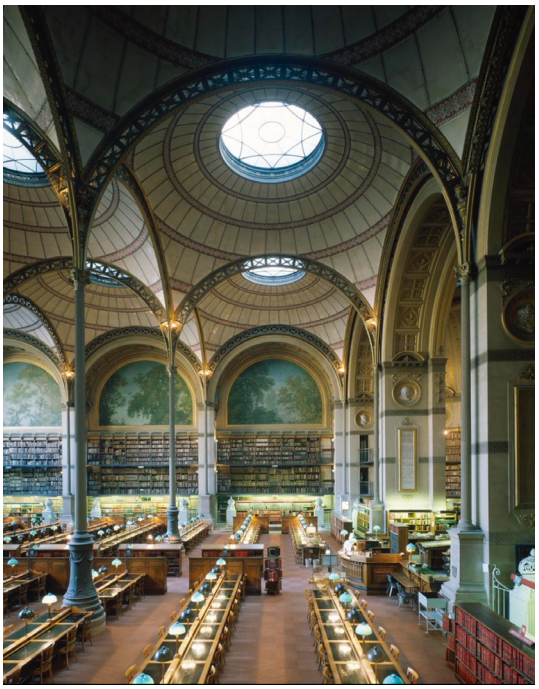


Bibliothek *Ste.-Geneviève* zu Paris[57]).
Arch.: *Labrouste.*



Lesesaal der *Bibliothèque Ste.-Geneviève* zu Paris[122]).

2.05



2.06

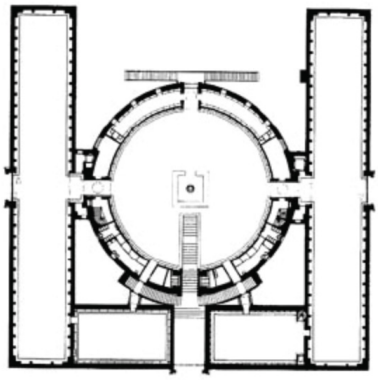
os avanços na tecnologia arquitetónica, que vêm alterar as suas formas e funções (Romero, 2003).

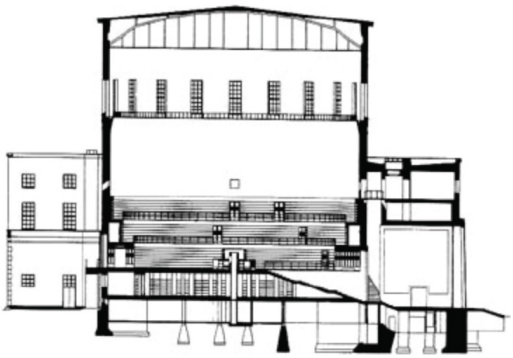
Segundo o autor, a biblioteca deixa de se situar na qualidade de entidade monumental, passando a assumir-se como instituição autónoma, pública, com uma estrutura focada na sua função. Adquire um caracter social, que contribuiu para o alargamento da instrução pública.

Uma inovação funcional, composta por unidades autónomas, como uma sala de leitura, uma zona de depósito de livros, uma área administrativa, são ideias do modelo projetado por Leonardo Della Santa. Modelo que é posto em prática, pela primeira vez no século XIX, por Henri Labrouste, na Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris (fig.2.05 e 2.06).

Labrouste realiza uma experiência embrionária, de uma grande estrutura integral em ferro fundido e ferro forjado, de caracter ornamentado e com uma forma perfeitamente apropriada à função (Murtinho & Gonçalves, 2014). Com algumas referências antecedentes, o arquiteto desenvolveu uma estrutura composta por duas grandes naves cobertas por abóbadas de berço, paredes ocupadas por estantes e janelas ritmadas, que comportam o salão de leitura e as estantes de livros. Segundo os autores, o edifício tem a sua entrada num piso térreo, onde se localizam também os serviços administrativos, seguindo os princípios do modelo de Leonardo Della Santa.

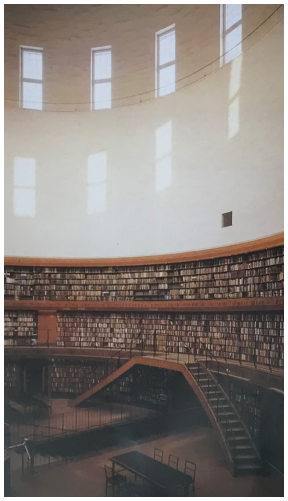
2.05 Planta do piso terreno e piso 1 da Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris
2.06 Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris





2.07


STOCKHOLM PUBLIC LIBRARY
ARCHITECT GUNNAR ASPLUND
STOCKHOLMS STADSBIBLIOTEK
ARKITEKT GUNNAR ASPLUND 1928



2.08

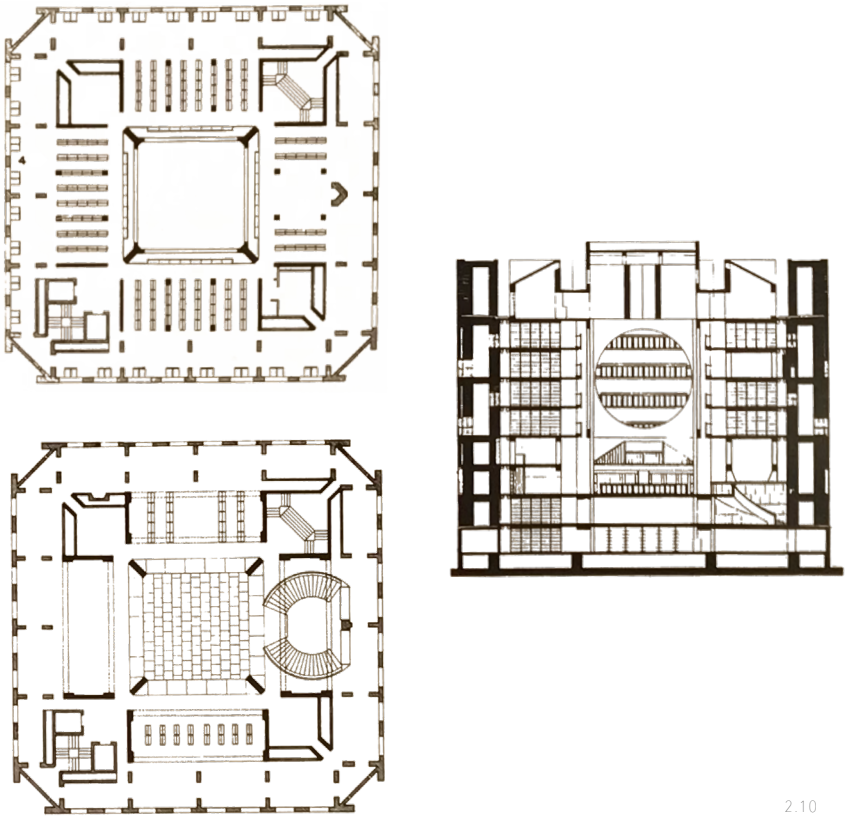
2.09

A biblioteca tornou-se um elemento arquitetónico representativo das cidades. Identifica-se
como "un instrumento del saber y de la infromación, abierto, rápido y eficaz." (Cosme, 2004, p. 9).

No século XX, num contexto de grandes transformações técnicas, sociais e culturais, que remontam à revolução industrial, surge a dominação de movimento moderno na arquitetura. Foram englobados nesta designação estudos relacionados com o ritmo da máquina e a sua produção, influenciando o desenvolvimento dos espaços. Como resultado, "a biblioteca irá dimensionar-se pouco a pouco à medida do Homem, mas para ficar à medida do Homem terá de dimensionar-se também à medida da máquina" (Eco, 1994, p. 23).

A Biblioteca Municipal de Estocolmo (fig.2.07 e 2.08) foi uma referência dos anos vinte. Projetada por Gunnar Asplund, sobressai pela sua estrutura cilíndrica central, com um salão principal composto por três pisos cobertos de estantes e pequenos rasgos de luz ao longo de todo o seu perímetro (fig.2.09). Esta estrutura é interrompida por uma escadaria ligada a naves retas, que a rodeiam, com a finalidade de criar áreas de estudo, leitura e serviços. O projeto convoca para uma idealização de Boullée. O intuito seria que a cobertura do tambor do cilindro fosse em cúpula, remetendo para uma representação do céu, que conectaria o leitor com o livro através da luz zenital.

2.07 Planta e corte da Biblioteca Municipal de Estocolmo
2.08 Biblioteca Municipal de Estocolmo
2.09 Interior da Biblioteca Municipal de Estocolmo



2.10



2.11

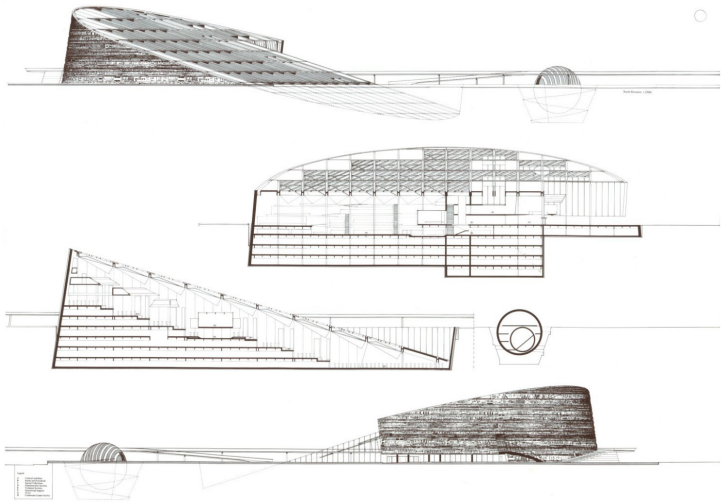
No entanto, o projeto não avançou por razões monetárias e construtivas e, desta forma, Asplund materializou o conceito através dos acabamentos (Isasi, 1998).

Da mesma época, Louis I. Kahn, numa procura pela natureza da abstração geométrica, criou a Biblioteca de Philip Exeter (1967-1972) nos Estados Unidos. O autor descreve um edifício de estrutura vigorosa em forma de prisma, onde os espaços exteriores são destinados à leitura e os interiores ao depósito de livros. Um volume construído em torno de um vazio de luz, criando um pátio iluminado na zona de acesso (fig.2.10 e 2.11). Contrariamente à Biblioteca Municipal de Estocolmo, Kahn deixa a sua sala interior desocupada com aberturas nas laterais, para que seja possível ver o interior denso que a envolve.

O progresso da tecnologia, em meados do século XX, desencadeou novas alterações do ponto de vista da arquitetura e, consequentemente, a necessidade de criação de novos espaços. A Era Digital disponibilizou diversas maneiras de consultar e processar informação: foi crucial acompanhar o progresso e disponibilizar no espaço das bibliotecas, lugar para essa evolução do conhecimento.

Um modelo que marca a arquitetura contemporânea é a Biblioteca Alexandrina (fig.2.12), construída ao lado do antigo porto de Alexandria, no centro histórico da cidade. Trata-se de um "renascimento" da antiga biblioteca edificada por Alexandre, o Grande, há cerca de dois mil e

2.10 Plantas e corte da Biblioteca de Philip Exeter
2.11 Biblioteca de Philip Exeter



2.12



2.13



2.14

trezentos anos.

O projeto pertence atelier norueguês Snøhetta. A sua construção é iniciada em 1989 e termina em 2001. A forma circular do edifício, acompanhando a linha definida pelo porto, remete à natureza cíclica do conhecimento e a fluidez do tempo. A sua cobertura com iluminação indireta, por clarabóias verticais (fig.2.13), advém do antigo farol alexandrino, protegendo os livros e manuscritos, dispostos numa grande sala, da exposição solar direta. A sala dispõe de vários usos, diferentes instalações e tecnologias, ocupando mais de metade do volume da construção, e prolonga-se em sete terraços (fig.2.14). É um edifício atemporal que transcende o século atual (Snøhetta, s/d).

Segundo Fernández-Galiano (1998), as bibliotecas trazem consigo, historicamente, a função de guardadoras de livros. O autor sugere que, atualmente, não é essa a particularidade que as torna vivas, mas sim os complementos funcionais que foram adquirindo com a evolução ao longo do tempo.

Atualmente, com a revolução tecnológica e as múltiplas oportunidades que criou, a consulta manual de livros, na generalidade, não é a primeira opção. Com esta novidade, a adequação das bibliotecas é fundamental, evitando a sua cristalização em museus. Cosme (2004), citando uma amiga bibliotecária afirma que "las bibliotecas antes eran

2.12 Cortes da Biblioteca Alexandrina, 2001
2.13 Clarabóias verticais, Biblioteca Alexandrina
2.14 Interior da Biblioteca Alexandrina

coleciones y ahora son conexiones (p.19)", apelando à necessidade de acompanhar a mudança na forma como vivemos e nos relacionamos.

A evolução histórica evidencia o aparecimento de novas influências arquitetónicas na construção das bibliotecas, tanto a nível de forma, como dos seus espaços interiores, bem como na gestão das suas atmosferas, numa tentativa de a arquitetura encontrar soluções para as características que surgem. A biblioteca deve manter-se um edifício atemporal, pelo que é necessário que se adapte aos desafios do tempo e que acompanhe a revolução tecnológica. Afinal, como recorda Borges (1944), "a Biblioteca é interminável" (p. 38).

02.2 BIBLIOTECA PÚBLICA

Uma biblioteca é um serviço que tem como diligência atender e adaptar-se à comunidade, cumprindo um conjunto de premissas e disponibilizando conhecimento. Incumbindo-se de desempenhar várias especificidades, a biblioteca é projetada de acordo com: o lugar, o público-alvo e os fundos disponíveis. Existindo a necessidade de versatilidade, Romero (2003) desenvolve o conceito de tipologia de biblioteca, compreendendo a biblioteca pública, biblioteca nacional, biblioteca universitária, biblioteca escolar e a biblioteca especializada. É, especificamente, a biblioteca pública, a tipologia que se desenvolve e aplica na proposta deste projeto.

A biblioteca pública surge como conceito em meados do século XIX na Europa, "creada y financiada por un organismo publico de tipo local o central, o por alguna institución autorizada para actuar en este ámbito, utilizable por cualquier persona, sin ninguna discriminación." (Romero, 2003, p. 12). Segundo Silva (2012), o avanço no conceito advém da possibilidade de o livro poder ser requisitado, saindo do espaço de biblioteca e, desta forma, tornar a biblioteca do mundo.

A United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), apoiada pela International Federation of Library Association (IFLA), lança em 1994 um "manifesto" sobre a biblioteca pública (UNESCO & IFLA, 1994).

O conceito engloba uma vasta diversidade de serviços e funções, elo de promoção cultural e de outras atividades, bem como depósito documental. Esta pluralidade vem da preocupação de servir o público em geral, pela igualdade e acolhimento, em grupo ou individualmente, abrangendo qualquer faixa etária e diferença de interesses. Criar espaços de formação, investigação e trabalho, em simultâneo de lazer, ócio e integração cultural. O desafio da biblioteca pública vem na consolidação de todas as necessidades funcionais e de como, através da arquitetura, se unifica e projeta este lugar, capaz de chegar e acolher todos e cada habitante.

Harry Faulkner-Brown, membro da IFLA, um arquiteto inglês singular na construção e projeção de bibliotecas, é autor dos "Dez Mandamentos de Faulkner-Brown" (González, 2018). Trata-se de uma coleção de princípios, que surge na década de setenta, do século XX, como necessidade de criar diretrizes projetuais flexíveis para a construção de uma biblioteca, dando resposta a estímulos, ligações e troca de vivências entre bibliotecários, usuários e arquitetos.

Os princípios enunciados por Harry Faulkner-Brown, e que a seguir se sintetizam, são, até aos dias de hoje, indispensáveis para o bom funcionamento e planeamento de uma biblioteca pública.

Flexibilidade. O projeto deve ser acessível às circunstâncias do tempo e atender às necessidades, através da ampliação

ou transformação de espaços.

Compacidade. Um edifício compacto onde as partes formam uma unidade completa, com acessos concentrados no seu interior, de forma a facilitar as deslocações.

Acessibilidade. Equipamento disponibilizado e organização estrutural coerentes e em sintonia, com mobiliário adequado à sua função, horário versátil e serviços gratuitos.

Perspetiva de ampliação. "Hay quien dice que la biblioteca es un organismo vivo: si no crece, se muere." (Romero, 2003, p. 65).

Variedade. Múltipla oferta de serviços, ambientes e atividades, a nível documental e equipamentos.

Organização. Uma organização espacial coesa de forma a oferecer uma multiplicidade de elementos, atendendo à conexão de espaços e potenciando a sua fluidez, bem como a sua relação com o usuário.

Conforto e Constância. A biblioteca deve ser um espaço que provoque uma sensação de bem-estar, onde se quer voltar, conseguido através dos materiais, da luz e da propagação de som. O conforto traz a vontade de permanecer e de regressar ao mesmo lugar.

Sustentabilidade e Manutenção. Deve poder ser mantida com poucos recursos e projetada, de forma a que as variações temporais dos seus elementos estruturais sejam facilmente ajustáveis ou adaptadas.

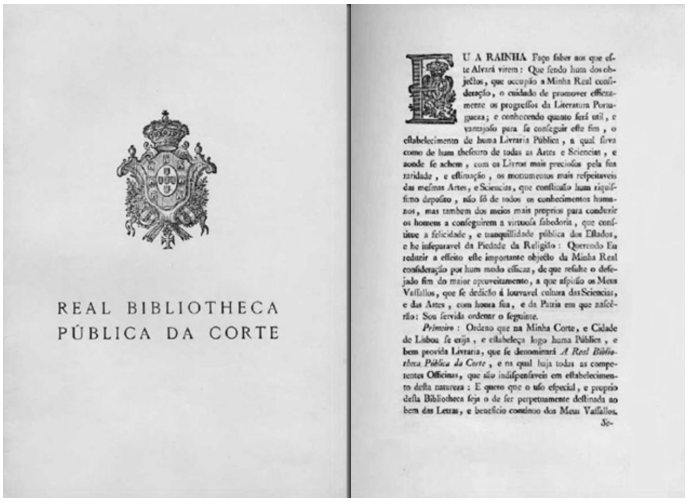
Sinalização. Como um projeto, normalmente, de acesso

livre, deve oferecer sinalização informativa e de identificação clara de espaços para os utentes, de modo a contribuir para o bom funcionamento e fluidez do edifício.

Segurança. É essencial a preocupação com a segurança e gestão de entradas, de forma a garantir a conservação dos documentos e equipamentos da biblioteca.

Estes princípios constituem critérios que permitem a coesão na concretização de um projeto deste tipo. Porém, traduzem conceitos, por vezes, paradoxais e complexos de atender num só edifício. O arquiteto incube-se de avaliar a importância de cada um destes conceitos, que não se impondo, dão lugar ao desenvolvimento, à liberdade no planeamento e definição de um projeto.

Segundo Romero (2003), liberdade deve ser a palavra que surge espontaneamente quando procuramos descrever uma biblioteca ideal. Cada espaço ou ação nesse espaço nos faça sentir livres, mas inseridos no lugar, o que nos remete para o pensar a arquitetura.



REAL BIBLIOTHECA
PÚBLICA DA CORTE

E U A RAINHA Faço fáber aos que eſte Alvará virem: Que ſendo hum dos objectos, que occupão a Minha Real conſideração, o cuidado de promover eficazmente os progreſſos da Literatura Portugueza; e conhecendo quanto ſerá util, e vantajoſo para ſe conſeguir eſte fim, o eſtabelecimento de huma Livraria Publica, a qual ſirva como de hum theſouro de todas as Artes e Sciencias, e aonde ſe achem, com os Livros mais preciosos pela ſua raridade, e eſtimação, os monumentos mais reſpeitaveis das melhor Artes, e Sciencias, que conſtituão hum ſignalſimo depoſito, não ſó de todos os conhecimentos humanos, mas tambem dos meios mais proprios para conduzir os homens a conſeguirem a virtuoſa ſabedoria, que conſtitue a felicidade, e tranquillidade pública dos Eſtados, e he inſeparavel da Piedade da Religião: Querendo Eu reduzir a effeito eſte importante objecto da Minha Real conſideração por hum modo efficaz, de que reſulte o deſejado fim do maior approveitamento, a que aſpirão os Meus Vaſſallos, que ſe dedicão á louvavel cultura das Sciencias, e das Artes, com honra ſua, e da Patria em que naſcêrão: Sou ſervida ordenar o ſeguinte.

Primeiro: Ordeno que na Minha Corte, e Cidade de Lisboa ſe erija, e eſtabeleça hũa huma Publica, e bem provida Livraria, que ſe denominará *A Real Bibliotheca Publica da Corte*, e na qual haja todas as competentes Officinas, que *são* indiſpenſaveis em eſtabelecimento deſta natureza: E quero que o uſo eſpecial, e proprio della Bibliotheca *ſeja* o de ſer perpetuamente deſtinada ao bem das Letras, e beneficio continuo dos Meus Vaſſallos.

&c.

2.15



2.16



2.17

02.3 EM PORTUGAL

Em Portugal, a primeira biblioteca pública, a Real Biblioteca Pública da Corte (fig. 2.15), antecede o triunfo do Liberalismo, em 1796. Relativamente ao resto da Europa, estava desatualizada e carecia de recursos que tinham já sido alcançados após a Revolução Liberal.

O desenvolvimento das bibliotecas públicas, e a importância do acesso ao livro, manifesta-se em força em Portugal, em 1820, com o Liberalismo, tendo-se verificado uma evolução crucial no progresso da arquitetura.

Segundo Oliveira (2013), a primeira biblioteca pública nacional surge em 1836, no antigo Convento de Francisco da Cidade de Lisboa (fig.2.16 e 2.17), como desfecho das lutas liberais, proveniente da extinção das ordens religiosas e da transformação de conventos em entidades culturais, evidenciando já uma preocupação relativamente à reabilitação.

Na procura por melhores instalações, em 1951 é aprovada a construção da Biblioteca Nacional de Portugal (fig.2.18), projetada pelo arquiteto António Pardal Monteiro (1897-1957). O edifício é inaugurado apenas em 1969 (fig.2.19), consequente dos atrasos inerentes da morte do arquiteto durante processo. Situada na capital, Braga & Queiroz (2010) descrevem a construção, com menções a Alvar Aalto, como um edifício único assimétrico no seu conjunto e completo pelas suas diversas funções. Estruturado em três volumes, desencadeia-se num primeiro volume principal, e

2.15 Capa do Alvará 1796
2.16 Convento de São Francisco
2.17 Sala das bíblias, Convento de São Francisco



2.18



2.19

estreito extenso, pertencente à administração, ao qual se segue um outro, poligonal, correspondente à sala de leitura, e, por fim, um terceiro volume em torre, de 13 pisos, que corresponde à área de depósito.

Em 1870 é aprovada uma lei que visava promover as bibliotecas populares, considerando a construção de uma biblioteca por cada capital de concelho. No entanto, esta norma acaba por não ter a ação esperada. É posteriormente ao 25 de Abril que acontece um rompante crescimento da instauração de bibliotecas públicas em Portugal.

No ano de 1987 é promovido o programa Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP), com o objetivo desenvolver a leitura, inserir e modernizar bibliotecas públicas em todos os municípios, dotando-as de uma eficiente e inovadora qualidade de rede de informação.

Neste enquadramento, é notável em Portugal um crescimento progressivo na construção de bibliotecas. Reflexo desta evolução é a Biblioteca de ílhavo (fig.2.20), do atelier ARX Portugal Arquitetos. Instalada no que resiste do Solar Visconde de Almeida (fig.2.21), um edifício datado do século XVII, a biblioteca foi inaugurada em 2005, com a finalidade de preservar e integrar a ruína e melhorar o contexto urbano frágil em que se encontrava.

O projeto desenvolve-se em três núcleos diferentes: a Biblioteca, a Capela e o Fórum Juvenil, que crescem em diversas direções. A forma delimita-se numa ligação

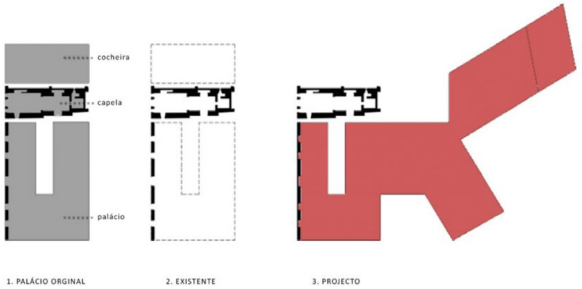
2.18 Biblioteca Nacional de Portugal
2.19 Biblioteca Nacional de Portugal, 1969



2.20



2.21


cocheira
capela
palácio
1. PALÁCIO ORGINAL
2. EXISTENTE
3. PROJECTO

2.22

recíproca entre estes núcleos (fig.2.22), numa simbiose com os traços limitados pelo edifício existente, de onde eclode o restante projeto, em diálogo claro com o que o circunda (Mateus & Mateus, 2015). Esta estrutura concedeu uma polaridade de espaços e divisões, numa planta livre pensada para gerar uma diversidade de áreas e ambientes, consoante as suas atividades.

Revelando a sua importância para a sociedade, a biblioteca pública, torna-se indispensável no acolhimento da leitura e na preservação da liberdade intelectual, promovendo o desenvolvimento local, social, cultural e, também, de entretenimento.

Não desconsiderando a sua notoriedade para guarda ou disposição de livros, a biblioteca assume-se como um local atento aos desafios do cotidiano, um espaço democrático, de coletivização e reflexão.

A RNBP propôs-se a apoiar a comunidade, promovendo os serviços bibliotecários. Baseando-se no manifesto da UNESCO, assegurou o financiamento da edificação destes equipamentos e garantiu o indispensável para uma formação completa no serviço à comunidade.

Atualmente, este programa apoia 261 municípios em Portugal e tem um papel essencial no seu desenvolvimento cultural, tendo já contribuído para a inauguração de 194 equipamentos. Para uma melhor gestão deste apoio, é aplicada uma tipologia consoante número de habitantes

2.20 | Biblioteca de Ílhavo
2.21 | Biblioteca de Ílhavo, parte do Solar Visconde de Almeida
2.22 | Biblioteca de Ílhavo, evolução volumétrica

por concelho. A saber: a biblioteca municipal (BM) 1, em concelhos com menos de vinte mil habitantes; a BM 2, em concelhos com uma população entre vinte e cinquenta mil habitantes e a BM 3, em concelhos com mais de cinquenta mil habitantes. Na presente proposta aplica-se o modelo BM 1.

O conceito na criação de uma biblioteca encontra-se em constante mudança e evolução e o seu lugar pede que esteja apta a acompanhar o progresso.

02

O LUGAR

03.1 ATMOSFERAS DIRECIONADAS

No âmbito da arquitetura, "lugar" é um conceito específico com características especiais, mais proeminentes do que as de local num contexto geográfico. É mais do que um espaço, envolve habitar, compreende um entendimento mais sensitivo do espaço, uma influência vivida no meio, gerando atmosferas[1].

"Entro en un edificio, veo un espacio y percibo una atmosfera, y, en décimas de segundo tengo una sensación de lo que es." (Zumthor, 2006, p.13).

É na relação e na troca entre o lugar e o indivíduo que se desenvolve o habitar. São termos complementares que direcionam e refletem ambientes[2], figurando uma atmosfera. O habitar advém do sentido de pertença que nos une e relaciona com o carácter de espaço e nos faz sentir em inter-relação com o mesmo, sendo flexível a cada de experiência (Teixeira, 2014).

Norberg-Schulz (1991) utiliza o termo "dwelling[3]" do filósofo Heidegger, para identificar a relação total entre o Homem e o espaço. O habitante exposto a um espaço procura, por instinto, orientar-se ou situar-se desenvolvendo, de forma inconsciente, um sentido de identificação através do carácter. Norberg-Schulz (1991) afirma "Architecture belongs to poetry, and its purpose is to help man to dwell." (p. 23).

O teórico norueguês define ainda a fenomenologia, ciência que relaciona o indíviduo com as situações que o rodeiam,

1. "Meio em que se vive, considerado como exercendo uma influência." "atmosfera", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
2. "Que envolve ou está à volta de alguma coisa ou pessoa." "ambientes", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
3. Norberg-Schulz (1991) evoca o filosofo Martin Heidegger para apresentar a definição de "dwelling": "The way in which we humans are on the earth is dwelling" (p.10), entendendo habitar em analogia com a forma como os seres humanos existem na Terra.

na arquitetura, como a capacidade de descrever ou especificar uma atmosfera, através da projeção e vivência de lugares particulares e distintos. A busca pela compreensão do lugar conduz Norberg-Schulz ao conceito romano genius loci, uma analogia entre o céu e a terra, entre a orientação e a identificação, entre o espaço e o carácter. Fundamenta esta ideia, com base nas observações do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), para quem a natureza forma um todo que se expande de modo coerente, um lugar que possui uma identidade particular, de acordo com o carácter do local (Norberg-Schulz,1991).

Segundo Loução (2016), a arquitetura manifesta-se como lugar do Homem, é nesse mesmo lugar que se fundem o passado, o presente e o futuro, formando um alicerce de identidade humana e espacial através do habitar. A relação do habitar com a necessidade de criar uma atmosfera ou programa funcional que acolha e permita uma existência espontânea, sustenta a construção de um lugar. O lugar reflete o momento, o contexto cultural ou época, agregado à estrutura e ao habitante, que dele se apropria. O lugar expressa vida através da experiência e ação humana.

Ao arquiteto compete projetar um lugar. Projetar preservando o que o caracteriza, valorizando a sua natureza e identidade, permitindo que não se desprenda totalmente da memória, mantendo-o conectado à sua índole, mas construindo um novo sentido. O projeto deve ser orientado

e identificar-se no espaço, para que se gere toda uma atmosfera coerente que permita que o habitem. A identificação, o carácter e a conexão envolvidos no habitar são variáveis dependentes do contexto cultural. Desta forma, o projeto, além do edificado, tem valor pelo modo como se assume, pelo entendimento que traduz, pelo contexto cultural e social em que se insere, "não se trata apenas de uma questão formal mas também de uma questão conceptual, ao nível do sentido da arquitetura." (Teixeira, 2014, p. 30).

O lugar é um espaço guiado pela sucessão de ideias, imagens e sensações apoiadas na memória de quem habita, criando um vínculo e dando lugar à construção de novas memórias.

03.2 A MEMÓRIA

A memória é um seguimento de lugares em consolidação com lembranças, experiências sociais, história e qualidades físicas de um espaço. A memória é um fenómeno crescente com base no tempo, que envolve conservar ligações arcaicas e possibilitar o seu crescimento numa projeção contemporânea. Desta forma incita-se um vínculo de ambos, uma base consistente do tempo dará lugar a novo olhar, sem negligenciar linhas do passado. Como sugere Rodrigues (2009), a arquitetura é, possivelmente, uma experiência sustentada pelo seu lugar no tempo, resultado de olhares dispares, momentos e percursos realizados, que convoca a memória.

Nos anos 20, Maurice Halbwachs, inspirado pelo estudo da sociologia e da memória, reconhece que a memória deve ser entendia como um fenómeno coletivo e social que influencia a experiência e a memória individual. Consiste num processo de base coletiva, mas subjugado pelos acontecimentos, lugares e ambientes envolventes em constante mudança, num entendimento de que,

> "chaque mémoire individuelle est un point de vue sur la mémoire collective, que ce point de vue change suivant la place que j'y occupe, et que cette place elle-même change suivant les relations que j'entretiens avec d'autres milieux"[4] (Halbwachs, 1950, p. 24).

4. "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, esse ponto de vista muda de acordo com o lugar que o eu ocupa e esse próprio lugar muda de acordo com as relações que mantenho com outros ambientes." (tradução livre)

A memória influi da consciência preservada pela mente particular de cada habitante, mas composta por um conjunto de envolvências. De uma forma sensitiva, pelo toque, pelo olhar, pelos cheiros que compõem os lugares e formam uma identidade, a memoria é única em cada um. Construímos e relembramos para complementar a nossa vivência no lugar e em nós próprios.

O conceito de memória é um princípio importante na execução de uma reabilitação, nela se encontram as lembranças e os alicerces para observar a humildade de um lugar pelo seu ser.

As lembranças, de cunho pessoal ou coletivo, têm uma identidade particular em cada um de nós, são reflexo de quem conhece, recorda ou viveu um lugar.

03.3 REABILITAR E REQUALIFICAR

No século XIX, aliada à chegada da revolução industrial, a cidade histórica torna-se erudita e parte da caracterização de cada cultura. Com os avanços industriais nascem, em Paris, o planeamento e a modernização da nova cidade e com eles o tema da restauração. Viollet-le-Duc (fig.3.01), arquiteto e teórico francês, impulsionou o progresso da restauração e da arquitetura neogótica, sendo um dos alicerces no estudo científico da restauração. Segundo Cosme (2015) o arquiteto afirmava que

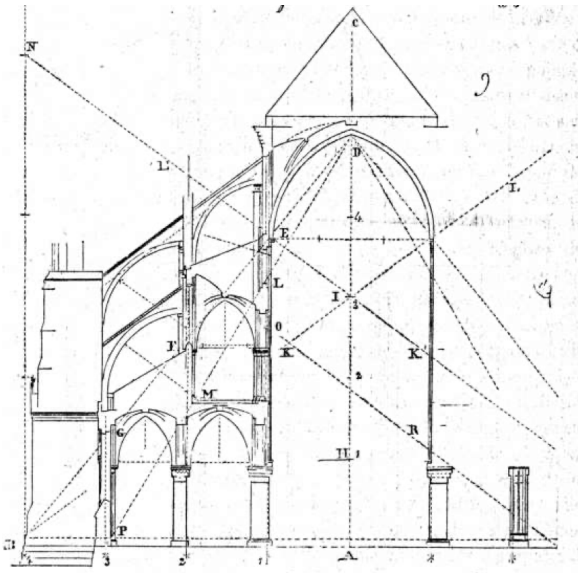
> "Restaurar un edificio no es cuidarlo, repararlo o rehacerlo. Es restablecerlo por completo en un estado que puede no haberse dado en ningún momento"[5] (p. 11).

Por outro lado, John Ruskin (1961 [1849]), crítico e escritor inglês, defendia que as características eruditas das cidades deveriam de permanecer tal como eram, preservando-as como construção intocável. Ruskin era contra o avanço da cidade industrial e da restauração. Cosme (2015) citando Ruskin, diz ser "imposible, tan imposible como resucitar a los muertos, restaurar lo que fue grande o bello en arquitectura"[6] (p. 12), qualificando a cidade moderna como um lugar sem história e tradições.

Estas foram as duas teorias opostas impulsionadoras do estudo da restauração, que se desenvolveram ao longo de

5 "Restaurar um edifício não é cuidar dele, repará-lo ou refaze-lo. É repara-lo por completo, em algo que pode não ter sido ainda nenhum momento" (tradução livre, p. 11)

6 "é impossível, tão impossível quanto ressuscitar os mortos, restaurar o que era grande ou belo na arquitetura" (tradução livre, p. 12)



COUPE DE NOTRE-DAME DE PARIS

3.01

anos e permitiram gerar diversas versões do tema, prosseguindo de forma divergente, ainda assim complementar.

No século XX, o arquiteto catalão Antoni González Moreno-Navarro, apresenta uma metodologia de restauração crítica, com base nas evoluções históricas. O método passa por proteger o carácter histórico do edifício, garantindo benefícios para a sociedade e adequando a restauração a cada caso, individualmente.

Cosme (2015) descreve o processo de Moreno-Navarro compondo-o em quatro fases: a fase de conhecimento do edifício, a da reflexão sobre a intervenção a ser realizada, passando por um diagnostico, a da intervenção e a da manutenção.

Em 2000, é redigida a Carta de Cracóvia, dando lugar a vários posicionamentos sobre os temas da restauração e do património, mas apresentando os seus princípios base[7].

O progresso do tema e a evolução histórica motivaram o aparecimento de outros temas neste campo, como a conservação, a requalificação e a reabilitação.

3.01 Corte de Notre-Dame de Paris, 1842, pelo arquiteto Viollet-le-Duc

A reabilitação traz implícito um respeito pela natureza arquitetónica do edifício ou espaço urbano, conservando o seu carácter primordial, com o intuito de melhorar e readaptar as suas condições a nível do seu desempenho e aptidão (Moreira, 2007). A reabilitação é uma estratégia

7 "Restauro: é uma intervenção dirigida sobre um bem patrimonial, cujo objectivo é a conservação, da sua autenticidade e a sua posterior apropriação pela comunidade." (Carta de Cracóvia, 2000, p. 6)

de recuperação, preservando a memória, mas regenerando a sua vida, diferindo do restauro que restabelece uma ligação ao estado anterior. Surge em Portugal de forma mais consciente no século XX, tratando-se de um método que atinge a economia e a sociedade, como elo de ligação entre memórias e vivências, onde são preservados ou criados lugares.

O termo requalificação em Portugal remonta ao fim dos anos 80. Moreira (2007) cita o documento VALIS[8].

CEDRU[9], (1990) destaca o termo da requalificação como uma valorização tanto estrutural como de qualidade de vida. Requalificar passa por uma intervenção que qualifique os lugares, pela memória, vivência e património. Saber herdar e valorizar e, em simultâneo, construir no tempo.

O reflexo da passagem do tempo abarca a necessidade de progresso e gera oportunidades de valorização tanto arquitetónica, como cultural e social. Os conceitos reabilitar e requalificar desempenham em coexistência um papel de ação sobre o lugar em prol do avanço, existindo uma conexão com o tempo, através da memória, pelo conhecimento do edifício, da forma e do lugar e pela expressão e escolha dos materiais.

8 VALIS - Estudo e Plano estratégico de preservação do património arquitetónico e urbanístico de lisboa.

9 Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU)

03.4 EXPRESSÃO DO LUGAR

Pensar e criar um espaço envolve compreender como projetar a sua dimensão, analisar a matéria que compõem, a sua forma e a relação do seu todo com o habitante. Após este exercício, surge a sensibilidade necessária para trabalhar o detalhe do lugar, modelar texturas, materiais, a cor, o som que projeta, e a luz, de forma a criar atmosferas (Loução, 2016). Deste modo dá-se uma transição do conceito habitar, do planeamento da projetação de uma atmosfera, para a concretização de uma realidade construída, particular de cada corpo no espaço. A experiência é influenciada pelo o que o espaço oferece, na maneira como leva o habitante a ser parte do lugar, reforçando a sua identidade e revelando o seu nível sensitivo (Pallasmaa, 2011). A resposta do habitante varia perante a sua forma de percecionar os elementos integrantes do espaço. Este fá-lo, espontaneamente, através de sentidos, avaliando através dos "olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos." (Pallasmaa, 2011, p. 39).

Direcionar uma atmosfera e projetar, com uma finalidade clara para o habitante do seu uso no seu percurso, são obtidos mediante fatores sensoriais, anteriormente referenciados, que são estruturados por elementos característicos do espaço. Com base na reflexão de Loução (2016), destacam-se como elementos essenciais o material, a proporção, a cor e a luz, na qualidade de integrantes da envolvente do espaço.

A proporção. Traduz a relação dimensional dos componentes integrantes do projeto, o modo como se conectam entre si, formando um todo coeso de espaços habitáveis. A expressão de um espaço é influenciada pela sua proporção no edifício, em conjunto com os elementos que o compõem, desencadeando as ações de movimento no lugar.

A luz. Um projeto de arquitetura desenvolve-se na tomada de consciência da compreensão da luz e das suas expressões distintas, como elemento natural que é e requisito da visão. A luz altera-se nas horas do dia, transforma a sua intensidade, a sua tonalidade e assume distintas direções. Gera sombras quando refletida nos elementos do espaço e adquire texturas, em síncrono com os materiais. Pode ser ainda um elemento provocado artificialmente, de forma a consolidar um espaço num projeto.

A matéria. Constitui o elemento que configura o espaço, atribui carácter visual à atmosfera. A matéria estabelece-se na escolha dos materiais e das texturas aplicadas, sendo um composto da ação da proporção e do movimento e é variável sobre a influência da luz.

A cor. Um componente muito visual que consegue, só por si, influenciar a perceção do clima numa atmosfera. O seu significado pode variar conforme a cultura ou o local. A cor está dependente da luz para que exista. As suas variações e aplicações influenciam também a proporção.

A arquitetura, numa variante sensorial, é uma preocupação

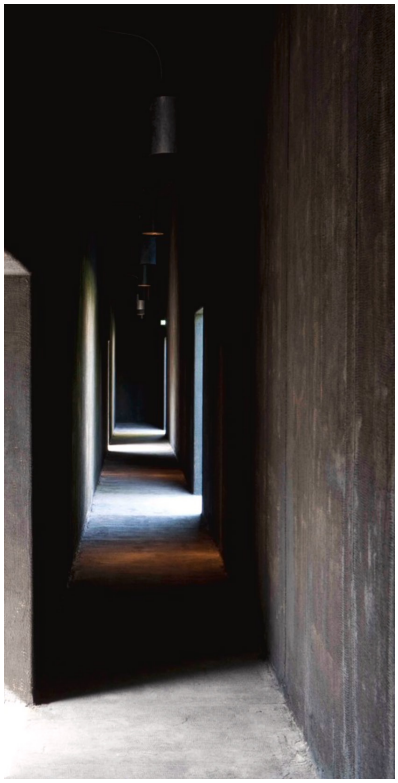
clara de vários arquitetos nos seus projetos, permitindo-lhes materializar as ideias que estruturam a vivência no espaço.

Peter Zumthor, arquiteto suíço da atualidade, destaca-se pelas experiências sensoriais aplicadas nos seus projetos. Serpentine Gallery Pavilion, de 2011, (fig.3.02), em Londres, é um projeto que traduz esse conhecimento. O edifício atua como um palco, num pano de fundo promovido pelos materiais e pelo contraste de luz e sombra. No cerne do edifício está um jardim, onde é possível aceder percorrendo os seus corredores circundantes, escuros e silenciosos (fig.3.03), num princípio à abstração do movimento da cidade de Londres. O centro do projeto, dedicado ao jardim, é um espaço projetado para que os habitantes se tornem observadores. Envolvidos pelo denso verde, flores e luz, o arquiteto propõe ao habitante uma experiência relaxante, onde é possível sentar, caminhar, conversar, observar, habitar o lugar. A experiência, marcada pela atmosfera transporta, quem habita, para uma dimensão liberta do alvoroço de uma metrópole.

Segundo Pallasmaa (2011), a arquitetura é o meio de nos restabelecermos com o mundo e esta conexão desenvolve-se sobre a consciência do que sentimos.



3.02



3.03

3.02 Serpentine Gallery Pavilion, 2011
3.03 Corredores circundantes do Serpentine Gallery Pavilion

04

A PROPOSTA

04.1 PALÁCIO E QUINTA DA GRAÇA

o local

A convicção tida na escolha do local apoiou-se na seleção de um equipamento que atendesse aos requisitos de programa de uma biblioteca pública, numa área que permitisse envolver a comunidade local, sendo priorizada uma intervenção por reabilitação.

De uma forma geral, os critérios aplicados na análise do local são os seguintes:

- Acessibilidade, tanto pedonal como de transportes públicos/privados;
- Edificação pré-existente;
- Valor histórico da pré-existência;
- Adequação do programa proposto ao local de intervenção;
- Configuração e extensão da pré-existência, assim como da área envolvente;
- Relação de vistas;

Complementando os requisitos com a particularidade específica do seu último uso ter sido uma biblioteca, a escolha do local recaiu sobre a Quinta da Graça.

04.1.1 ENQUADRAMENTO

enquadramento geográfico

A Quinta da Graça, como foi mencionado, é o lugar de intervenção.

Insere-se na zona nascente da freguesia da Cruz Quebrada-Dafundo (Município de Oeiras, 2015), numa propriedade contígua ao Parque Urbano do Jamor.

A oeste, o limiar é feito por uma via pedonal (fig.4.01) do parque, que se une (fig.4.02) a sul com a Estrada da Costa (fig.4.03 e 4.04); esta limita a propriedade pelo lado este, sendo fronteiriça à Faculdade de Motricidade do Humana (FMH) (fig.4.05).
A norte o limite é definido pelo edifício do Centro de Alto Rendimento do Ténis (fig.4.06 e 4.07), construído em 2008, que ocupa o lugar do que era o extenso laranjal.
A Quinta situa-se numa zona privilegiada, sendo uma parte imponente do cenário do vale do Jamor (fig.4.08). Seguindo as estratégias de implantação de uma quinta de recreio, localiza-se junto ao troço do rio do Jamor, com vista sobre o rio Tejo e todo o verde vale onde se insere o Parque Urbano do Jamor (fig.4.09). O terreno é circundado por estruturas de ensino, habitação e grandes áreas verdes, estando próximo da Estação da Cruz Quebrada (fig.4.10)



4.01



4.02



4.03



4.04

e da Avenida Marginal (fig.4.11), conectada pela Ponte Frei Rodrigo de Deus (fig.4.12), à Estrada da Costa.

Apresenta-se consistente ao nível dos acessos. Possui uma ótima acessibilidade pedonal, devido ao desenvolvimento do Parque Urbano do Jamor, uma boa área para estacionamento e serviço de transportes públicos, com uma de paragem de autocarros junto à sua entrada.

A Quinta caracteriza-se pela variação de cotas apresentadas no seu terreno irregular. Com base no nível médio da cota do mar, a Estrada da Costa, a este, encontra-se à cota 21,55 m e a via pedonal pertencente ao Parque, a Oeste, encontra-se à cota 5,96 m. A Quinta contém declives que variam em cerca de 15%, existindo assim pela sua extensão socalques para cultivo. O palácio contém um declive de implantação de cerca de 30%, sendo indispensáveis as suas plataformas estruturadas por muros de suporte, que segundo Martins (2010), protegiam também o edifício e os terrenos de eventuais cheias originadas pelo rio do Jamor.

A Quinta da Graça foi classificada, segundo a Câmara Municipal de Oeiras (2013), como Plano de Salvaguarda do Património Edificado, sendo um elemento importante e marcante da história urbana do local. Sofreu uma expropriação em meados da década de trinta, aquando da construção do Estádio Nacional. Atualmente, persistem apenas uma parte dos seus extensos hectares de "espécies vegetais centenárias e um interessante sistema hidráulico"

4.01 Via pedonal, relação com a Quinta da Graça
4.02 Via pedonal, relação com a Estrada da Costa
4.03 Estrada da Costa
4.04 Placa de identificação da Estrada da Costa



4.05



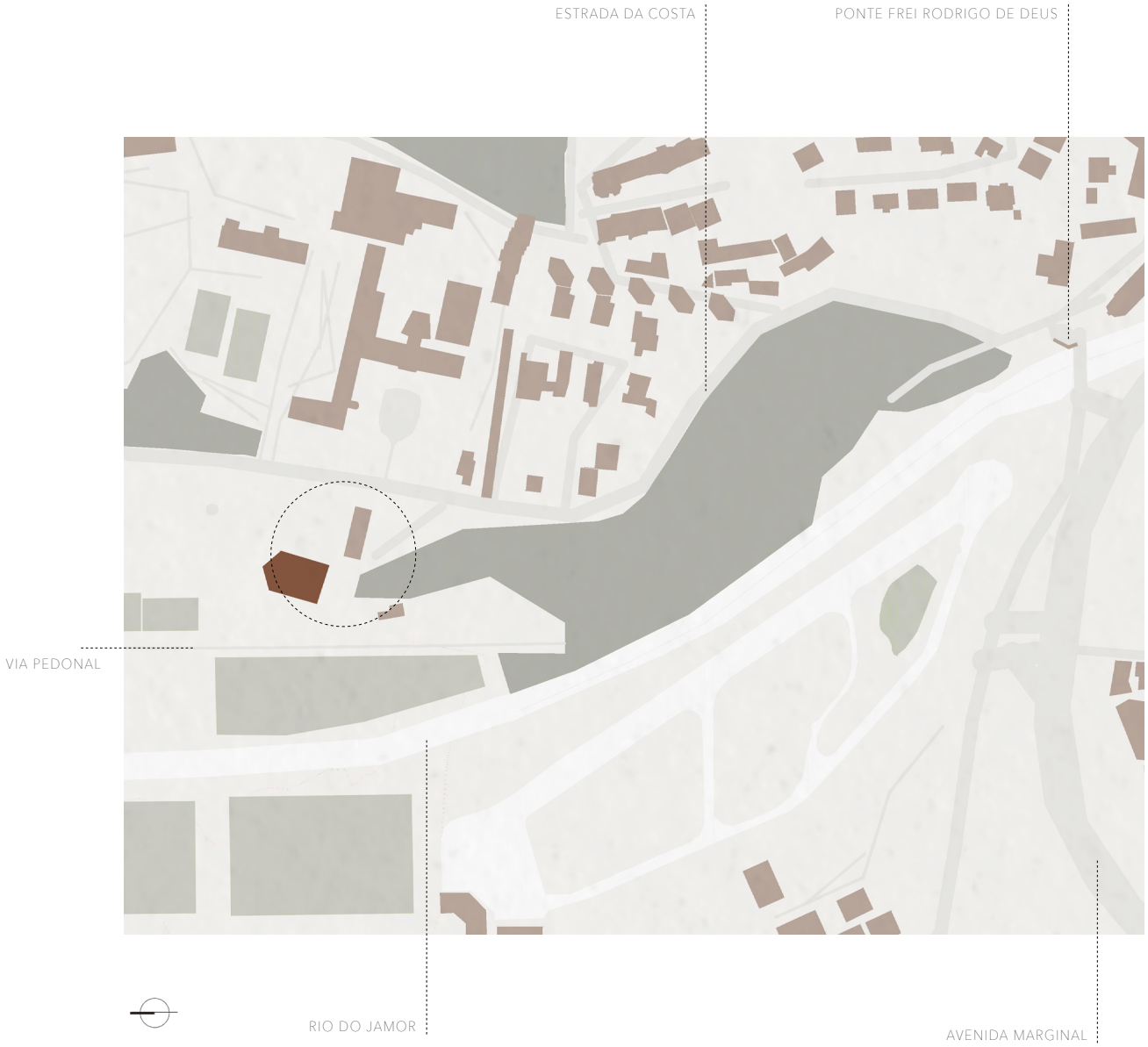
4.06



4.07

(CMO, 2013, p. 167), repartidos pela encosta voltada ao rio do Jamor e junto ao seu Palácio. Detém de uma excelente exposição solar, que somada ao denso verde periférico, harmonizam e climatizam o seu envolvente, proporcionando uma vista desafogada e verdejante (fig.4.13).

4.05 Faculdade de Motricidade do Humana
4.06 Relação do Centro de Alto Rendimento do Ténis com a Quinta da Graça
4.07 Centro de Alto Rendimento do Ténis
4.08 Planta de enquadramento da Quinta da Graça
4.09 Vista sobre o Parque Urbano do Jamor
4.10 Estação da Cruz Quebrada
4.11 Avenida Marginal


ESTRADA DA COSTA
PONTE FREI RODRIGO DE DEUS
VIA PEDONAL
RIO DO JAMOR
AVENIDA MARGINAL

4.8



4.09



4.10



4.11



4.12



4.13

4.12 Ponte Frei Rodrigo de Deus
4.13 Vista da Entrada principal da Quinta da Graça



4.14



1.15

enquadramento histórico

Construída sobre o Convento dos Frades Gracianos, datado do século XVII e utilizado como residência para os altos dignitários da Igreja, estima-se que o ano de criação da Quinta da Graça (fig.4.14 e 4.15), mais propriamente da sua intervenção como quinta de recreio, terá sido 1860, data assinalada na inscrição sobre a porta da entrada principal (fig. 4.16) (CMO, 2013). É conhecida na qualidade de quinta de recreio, em virtude das suas características tipológicas, dos seus elementos estruturais e paisagísticos, bem como do enquadramento social e cultural que a vida boémia que se vivia no local traduzia, antes da sua expropriação.

A edificação é atribuída a José Manuel Machado, armador marítimo, que deixou a sua marca na forma como estrutura a muralha do lado norte do edifício, figurando a proa de um navio (fig.4.17). Segundo Lourenço (2019), em meados do século XIX, João José Machado tornou-se proprietário da Quinta e talvez por isso diz-se que teria "JJM 1856" numa inscrição existente sobre uma outra porta do palácio.

Após a expropriação e ocupação de funcionalidades crescidas no seu envolvente, na década de 40 a descaracterização da Quinta da Graça foi inexorável.

4.14 Fotografia da Quinta da Graça antes do incêndio, fachada nascente
4.15 Fotografia da Quinta da Graça antes do incêndio, fachada sudeste



4.16



4.17



4.18

Segundo Martins (2010), os seus terrenos foram disponibilizados aos operários do Estádio Nacional, podendo estes usufruir de uma fração dos mesmos para cultivo próprio, o que lesou o carácter de parte dos jardins que subsistiam. A ocupação do edifício foi definida pela Universidade Técnica de Lisboa, como apoio ao estabelecimento adjacente, a Faculdade de Motricidade Humana (FMH).

O palácio sofreu também diversas adaptações e funções, sendo que o maior impacto coincidiu com a ocupação por parte dos retornados de Timor.

Em 1982 tornou-se propriedade do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), atual FMH.

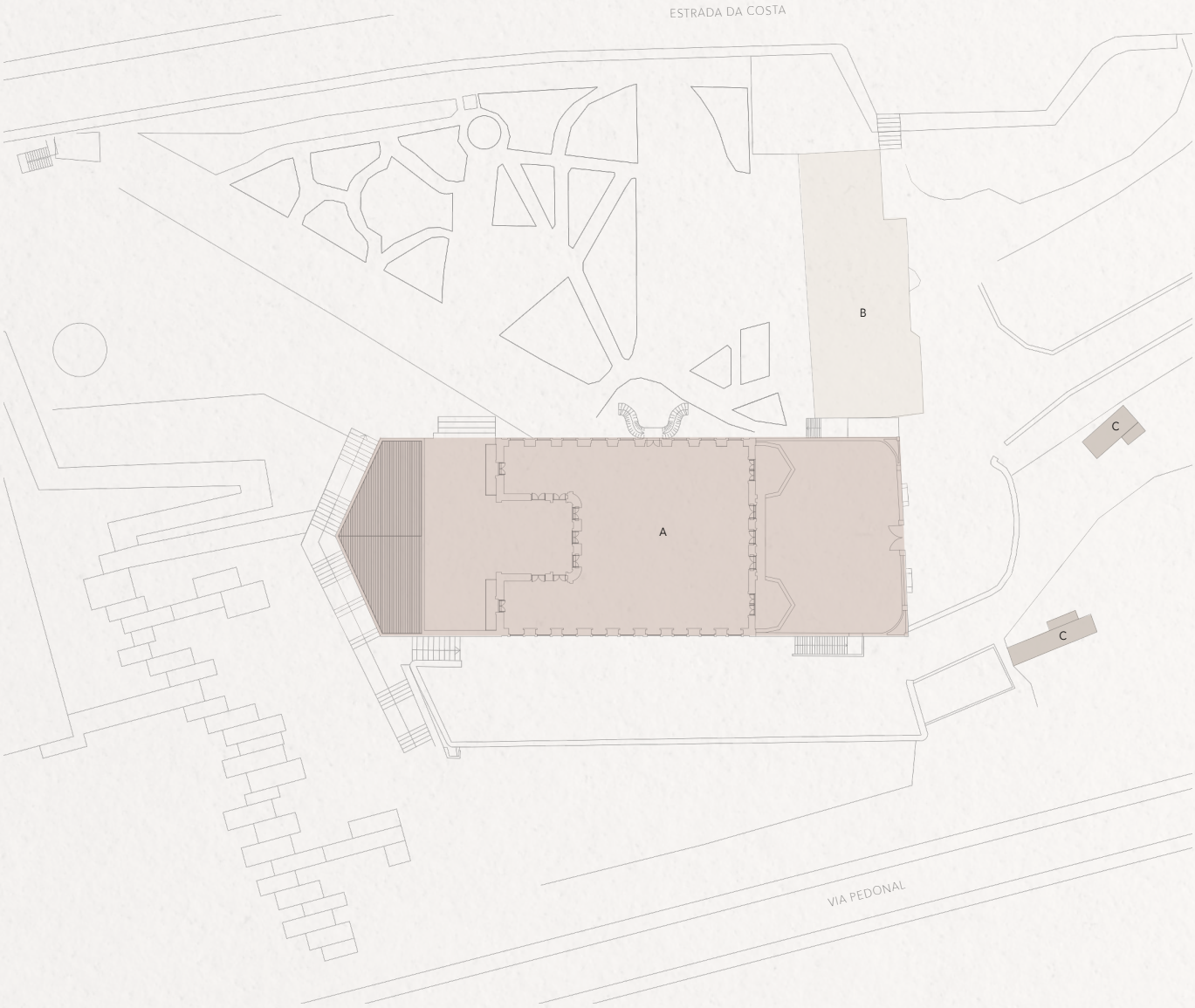
A ocupação do edifício foi definida pela Universidade Técnica de Lisboa como estrutura de apoio ao estabelecimento de educação desportiva. O palácio da Quinta da Graça incumbiu-se das funções de biblioteca, e o tanque (fig.4.18) anexo ao edifício do palácio, utilizado como depósito de parte da rede hidráulica, destinou-se a aulas de mergulho.

Em 1993, a Quinta da Graça foi vítima de um incêndio que consumiu todo o seu interior, deixando em ruína a sua grandiosa fachada, conhecida pela eficiente qualidade de estuques, e algumas memórias oitocentistas.

4.16 Inscrição de 1860

4.17 Muralha do lado norte do edifício, figuração da proa de um navio

4.18 Tanque pertencente à rede hidráulica, 1854



4.19

04.1.2 ATUALIDADE

No seguimento do estudo da Quinta da Graça, o levantamento realizado, para esta proposta, referente a 2021 (Anexo A2.3), fundamenta-se por documentação datada de duas épocas distintas e por visitas efetuadas ao local.

A documentação consultada insere-se no levantamento realizado em 1951, pertencente ao Arquivo da Câmara Municipal de Oeiras (Anexo A2.1), e no levantamento elaborado em 2019 (Anexo A2.2), disponibilizado e executado por Lourenço (2019).

A visitas ao local decorreram em dois momentos, nomeadamente a 4 de maio de 2020 e 30 de maio de 2021. Estas permitiram um levamento fotográfico (Anexo A2.4) que, em conjunto com os documentos anteriores, permitiram elaborar um levantamento atual correspondente a 2021.

Apresenta-se uma descrição detalhada, para uma maior compreensão do estado atual em que se encontra a Quinta da Graça e os respetivos edificados. (fig.4.19)

O edifício A, referente ao palácio, encontra-se em estado de degradação permanente. Após o incêndio, a falta de ação sobre o edifício aumentou a deterioração das suas fachadas, encontrando-se em ruína (fig.4.20). As fachadas que persistem apresentam uma estrutura de paredes de gaiola, tabique e taipa, em simultâneo com paredes mais

4.19 Planta original da Quinta e respetivos edificios



4.20



4.21



4.22

atuais, de betão. Nas paredes é possível verificar partes do estuque, exibindo a cor conferida no seu último uso, no entanto, detetam-se várias áreas em que a estrutura está visível (fig.4.21).

No seu exterior, construções informais foram unidas ao alçado a nordeste, que serviram de arrumos a equipamento desportivo e têm atualmente como uso habitação clandestina (fig.4.22).

O seu interior encontra-se destruído (fig.4.23), nada restou das suas paredes ou pavimentos, apenas as duas chaminés permanecem (fig.4.24 e 4.25). A deduzir pela fachada e antigos desenhos, o edifício teria, anteriormente, quatro pisos.

A resistência atual do edifício é consequente da vigorosa parede em contraforte no piso inferior, do seu embasamento e das suas arestas reforçadas com pilastras em pedra calcária (fig.4.26).

Os vãos do edifício contêm caixilharia em madeira (fig.4.27), visivelmente danificada e irrecuperável, e uma moldura em pedra calcária, com sujidade generalizada. Em parte dos vãos do edifício, tanto como nos balcões, escadas e limitações do terreno, verifica-se a existência de guardas em ferro forjado fundido (fig.4.28). Este exemplar de arquitetura do ferro é parte do valor patrimonial do edifício, sendo que o seu estado atual requer limpeza e manutenção. O palácio tem parte dos vão tapados com

4.20 Fachada nascente da Quinta da Graça
4.21 Parte da fachada no seu estado atual
4.22 Quinta da Graça e construção informal anexa
4.23 Parte do interior destruído da Quinta da Graça, A
4.24 Chaminé da Quinta
4.25 Vista das duas chaminés da Quinta da Graça
4.26 Parede em contraforte do piso inferior
4.27 Janela e caixilharia atual da Quinta da Graça
4.28 Guardas em ferro forjado fundido



4.23



4.24



4.25



4.26



4.27



4.28



4.29



4.30

cimento e uma estrutura instável, não permitindo o percurso no seu interior.

Os edifícios B (fig.4.29) foram acrescentados após 1916, licenciados pela Câmara Municipal de Oeiras, sendo a construção de apoio às instalações da FMH. À data da conceção do presente documento, estes edifícios encontram-se em uso, a sua estrutura apresenta boas condições, ainda que o exterior exija manutenção e mais coerência com o envolvente.

Os edifícios C (fig.4.30) foram construídos sem informação legal e encontram-se atualmente ocupados como habitação clandestina.

Os tanques D, E, F (fig.4.31 e 4.32) e a nora G (fig.4.33), elementos que persistem à expropriação, e que ainda integram a Quinta, são parte do sistema hidráulico (fig.4.34) que matinha a vegetação. Presentemente, identificam-se alguns desses elementos, mas sem uso discriminado e com necessidade de manutenção.

A área de vegetação pertencente aos jardins da Quinta aparenta pouco cuidado. Na atualidade, a zona mais preservada localiza-se a nascente, junto à Estrada da Costa. Composta por árvores e arbustos que direcionam o espaço (fig.4.35), preservam-se alguns exemplos centenários,

4.29 Edificios B, 1916
4.30 Edificios C



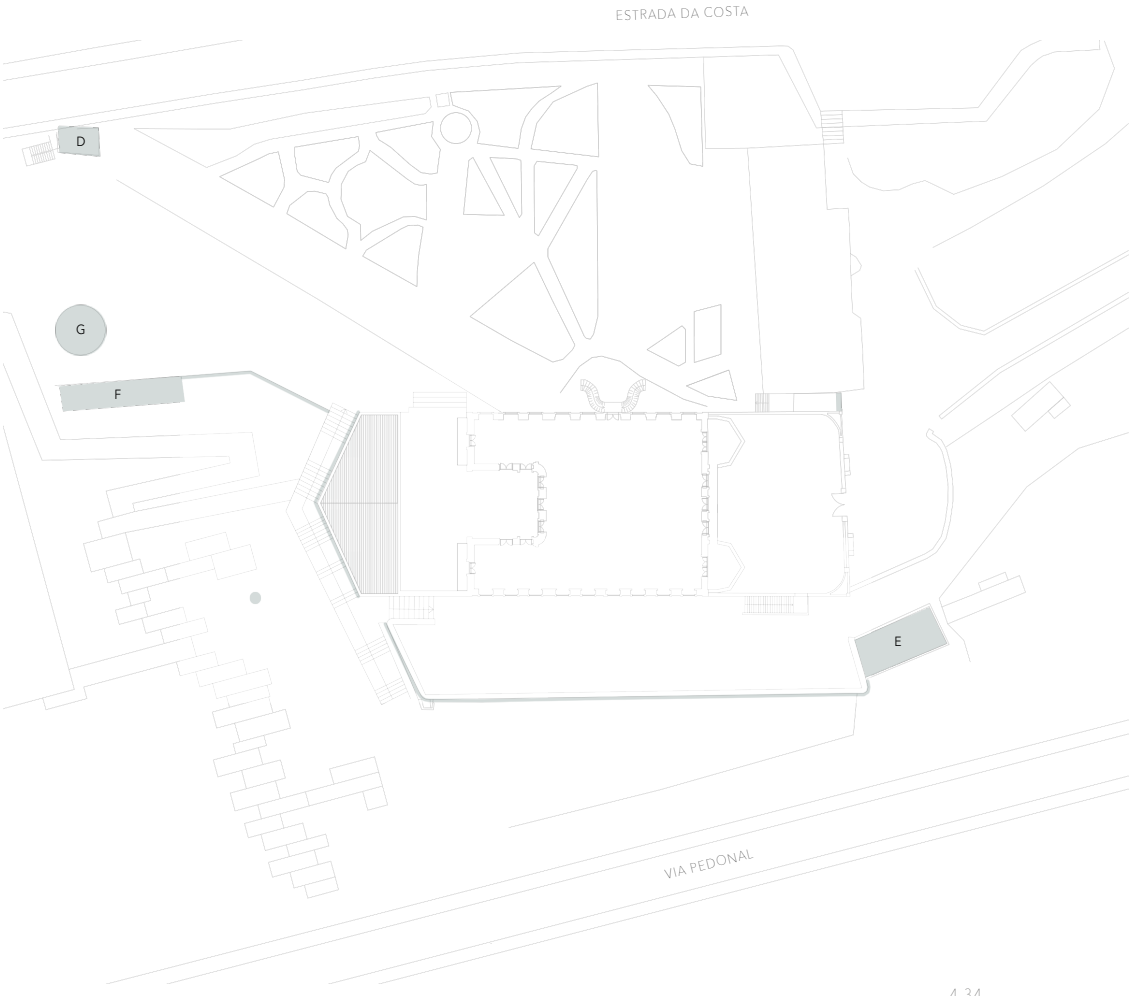
4.31



4.32



4.33



4.34

como duas grandes araucárias, buxos e um caramanchão de glicínias, já com pouca vida (fig.4.36 e 4.37). Na entrada sudoeste, testemunha-se a existência de um grande freixo (fig.4.38).

4.31 Tanque D
4.32 Tanque E
4.33 Nora G e tanque F
4.34 Esquema do antigo sistema hidráulico
4.35 Caminhos do jardim renascentista
4.36 Parte do jardim das Quinta da Graça
4.37 Trepadeira e zona de estar
4.38 Entrada sudoeste e o freixo



4.35



4.36



4.37



4.38

04.1.3 TEORIA DE VALOR

A teoria de valor, a respeito do local de intervenção, surge sobre uma análise histórica e geográfica, assim como diagnóstico do estado de conservação do edificado. Desta forma, é possível agrupar o edificado em três categorias, validando o seu estado de conservação e valor arquitetónico:

(i) Elementos de caráter patrimonial a manter;
(ii) Elementos que apresentam valor de conjunto, mas sem valor assinalável.
(iii) Elementos desqualificados do ponto de vista ar quitetónico, existindo necessidade de remover.

Por conseguinte, à categoria (i) corresponde o edifício A, visto pertencer ao Plano de Salvaguarda do Património Edificado e pela sua importância histórica. Consequentemente, enquadram-se também nesta categoria os espaços verdes e as construções mantidas, provenientes da rede hidráulica original. Os edifícios B integram a categoria (ii), dado que não contêm valor assinalável, no entanto, encontram-se a uso e representam valor no seu conjunto. Por fim, na categoria (iii), situam-se os edifícios C, sendo que não apresentam qualquer importância arquitetónica no enquadramento urbano ou valor construtivo. Esta categoria integra também as construções informais anexas à fachada nordeste do palácio.

04.2 CONCEÇÃO PROGRAMÁTICA

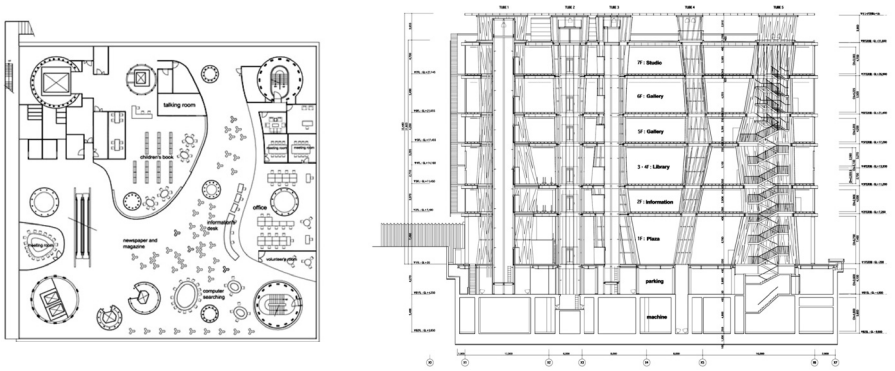
Para determinar e formular o programa funcional desenvolvido na proposta para a Quinta da Graça, foi determinante compreender e analisar projetos com soluções programáticas e sistemas similares. Da investigação sobressai a Mediateca de Sendai de Toyo Ito (fig.4.39 e 4.40), concluída em 2000. O projeto destaca-se pelo olhar inovador concretizado no programa. A ideia passa pela desconstrução do arquétipo "biblioteca museu", analisando as vertentes de diferentes programas e construindo um programa com flexibilidade, contendo: galeria de arte, biblioteca, mediateca, espaços de estudo e lazer, estando habilitado a pessoas com deficiência auditiva e visual. O projeto apresenta uma dinâmica programática surpreendente e dúctil a cada habitante. Possibilita, em planta livre e autónoma à fachada, dinamizar harmoniosamente diversas funções e usos, criando uma visão ampla do seu todo.
O Programa de Rede Nacional de Bibliotecas Públicas foi também, um recurso fundamental para uma conceção programática adequada, respeitando as diretrizes de uma biblioteca pública.

Consequente da análise e compreensão do tema, visando dar resposta as necessidades do local e em benefício da integração social, segue-se a caracterização do programa funcional traçado no seguimento da proposta:

- área de integração, contém os serviços dirigidos a funções recreativas, culturais e de inclusão social ao lugar, conseguidos por: um espaço polivalente, área de interação exterior, espaço de bar/café, serviços adicionais de apoio à biblioteca e de dinâmica social, como um espaço reprográfico, multimédia e de jogos interativos;
- átrio, é um espaço composto por serviços informativos de controle, administração, gestão, recolha e entrega, sendo a zona principal de vínculo com os restantes espaços;
- área de partilha, orientada num desígnio coletivo e de convívio, proporciona diferentes atmosferas de coabitar o espaço;
- área de reflexão, focada num espaço mais silencioso, com área de multimédia e com semelhança - à área de partilha, sustenta a criação de ambientes que permitem habitar o espaço de formas diversas.

A composição do programa concede, na zona de maior monitoração, a área de partilha e reflexão, uma capacidade para cerca de 100 utilizadores. O palácio, no seu todo, apresenta uma capacidade bastante superior pelo conjunto das restantes áreas interiores, em relação direta às exteriores, sendo que o espaço polivalente verifica uma lotação de 240 pessoas sentadas.
O programa disponibiliza uma capacidade para, sensivelmente, 6400 documentos literários expostos, sendo

flexível a ampliação pelas valências exploradas na conceção do espaço.



4.39



4.40

4.39 Planta piso 2 e corte da Mediateca de Sendai
4.40 Fachada da Mediateca de Sendai



04.3 O PROJETO

04.3.1 A INSERÇÃO, QUINTA DA GRAÇA

reconhecimento urbano

Na compreensão da envolvente e do comportamento urbano do local da proposta, foi fundamental identificar os usos que circundam a área e o seu desenvolvimento como tecido urbano. Constituem uma informação influente na adaptação do programa e da proposta no local de intervenção.

Atendendo ao mapa da fig.4.41, é possível analisar no todo uma caracterização urbana heterogénea, composta por alguma construção dispersa e por conjuntos mais homogéneos a nascente da área de intervenção,

Pertencente à área metropolitana de Lisboa, esta fração do território contém uma vasta ocupação de zonas verdes protegidas e de ocupação desportiva em conexão com o rio.

Com a construção do Estádio Nacional e a expropriação do local, houve um crescimento na construção envolvente pela expansão das freguesias circundantes, criando em torno da freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo variadas expressões de tecidos urbanos.

- construção homogénea
- construção dispersa
- moradias
- devoluto
- área de intervenção e edificio
- complexo desportivo
- edificado
- floresta
- espaços verdes

4.41 Mapa de reconhecimento urbano



relações urbano

Na perspetiva da integração no meio urbano e social, foi também importante o entendimento da relação corrente entre comunicações e acessos, como pontos de interesse, quanto ao local de intervenção.

O mapa elaborado na fig.4.42 demonstra a relação existente entre as vias principais de transportes e as vias principais pedonais, bem como os edifícios de interesse publico.

Num esquema aproximado à área de intervenção, (fig.4.43) é possível identificar uma fração da freguesia da Cruz Quebrada - Dafundo. Envolvido a nascente pelo Parque do Jamor, o local a intervir, encontra-se rodeado por complexos e centros desportivos ligados ao ensino e aprendizagem desportiva; a poente, está perante estabelecimentos de educação como colégios e ensino superior envolvido também por edifícios de uso habitacional; a sul verificam-se comunicações principais sendo a estação de Comboios da Cruz Quebrada e a Estrada Marginal; a norte é possível identificar a continuação do Complexo Desportivo do Jamor.

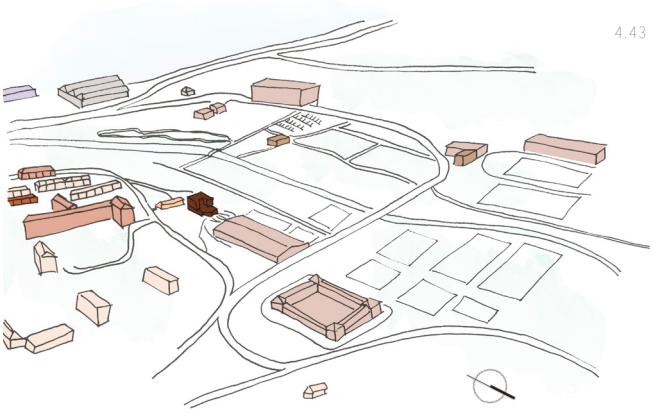
- exisos
- Avenida Marginal
- A9
- A5
- percurso carris 776
- linha do comboio
- área de intervenção e edificio
- edificado
- floresta
- espaços verdes
- edifícios singulares

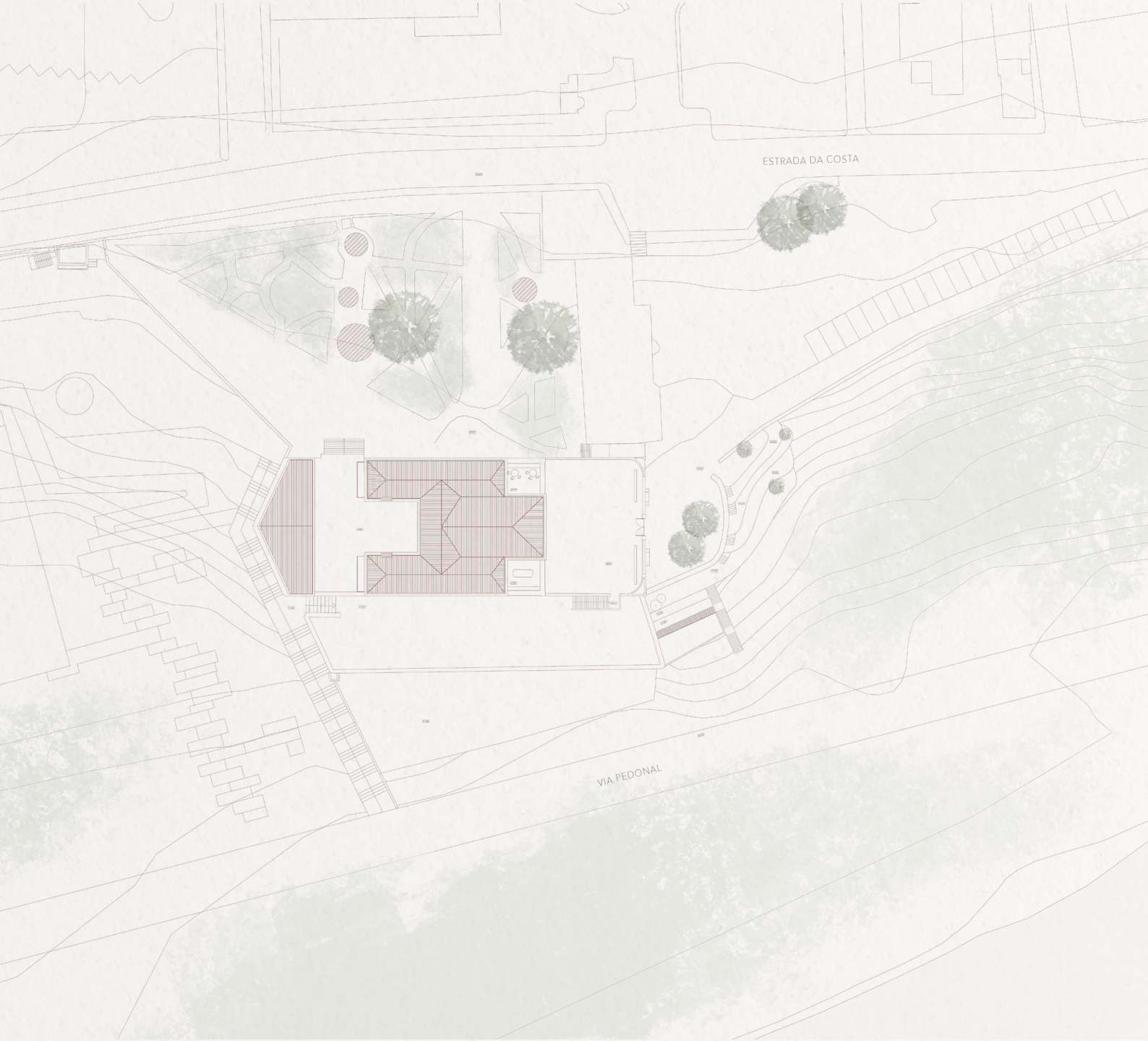
4.42 Mapa de relação de eixos principais e edifícios singulares

- Quinta da Graça
- comércio
- restauração
- educação
- edifício da câmara
- edifício de desporto
- habitação
- devoluto
- estação Cruz - Quebrada

4.43 Esquema de usos próximo da área de intervenção

4.43





4.44

a quinta

O local de intervenção é limitado pela área da Quinta: a proposta visa preservar o que persiste dos jardins e do seu arvoredo, qualificando os seus acessos e tornando-os novamente habitáveis (fig.4.44).

A área é definida pela Estrada da Costa a este e a oeste pela via pedonal, pertencente ao Parque Urbano do Jamor, como referido no subcapítulo 05.1.1 "Enquadramento". Ambas se conectam a Sul, sendo que no fim desta união está a Ponte Frei Rodrigo de Deus, que faz a ligação direta à Avenida Marginal e à Estação de comboios da Cruz Quebrada, eixos principais de transportes.

A via pedonal, que limita a Quinta, permite o acesso a todo o Parque, desta forma acrescenta ao local de intervenção uma relação direta com os percursos e as atividades que o lugar oferece. Sendo a Quinta da Graça parte imponente da vista de quem habita o Parque, pelo seu posicionamento no vale do Jamor, é fundamental na proposta qualificar a comunicação entre os dois.

Atualmente o acesso ao palácio não apresenta limites definidos, sendo possível aceder por várias direções. A atual proposta estabelece acessos principais, para uma monitorização das entradas no edifício: cria-se uma hierarquia nos percursos e articulação com os espaços projetados. Assim sendo, a proposta possui dois acessos principais:

4.44 Planta da proposta de implantação



4.45



4.46



4.47

A sudoeste, pela Estrada da Costa, é proposta uma renovação do largo (fig.4.45) junto à paragem de autocarro (776) com estacionamento para 22 lugares, eliminando o estacionamento incorreto existente. O acesso restituirá a fachada sudoeste numa frente principal, considerável pela contemplação da vista sobre o vale do Jamor e pela entrada desafogada no pátio de honra que permite aceder a diversos pontos da Quinta.

A norte, pela via pedonal, conectada ao interior do Parque, a entrada é realizada pela a escadaria junto ao muro de suporte a noroeste (fig.4.46). O acesso poderá ser feito de qualquer ponto do parque pelos caminhos pedonais ou pelo acesso junto ao antigo terminar dos elétricos (fig.4.47), na conexão com a via pedonal com a Estrada da Costa. Nesta área será realizada uma intervenção, novamente para suportar o estacionamento indevido, dispondo de 12 lugares de estacionamento.

4.45 Largo de entrada junto à Estrada da Costa
4.46 Escadaria do Parque do Jamor junto ao muro de suporte a noroeste da Quinta da Graça
4.47 Antigo terminar dos elétricos

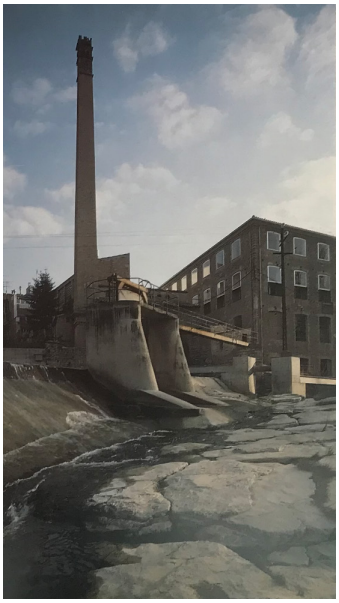
04.3.2 O PALÁCIO

princípios de intervenção

Face ao desafio da reabilitação de um edifício pré-existente em estado de ruína, a proposta visa adequar o programa preservando as características qualitativas que persistem, especificamente, a sua estrutura, bem como a vegetação centenária envolvente. Procura-se fazê-lo requalificando a estrutura exterior e enquadrando, novamente, a sua imagem no envolvente. A falta de estrutura do seu interior, pela conjuntura que cria, incita uma renovada conceção, num relacionamento pensado com os elementos existentes, despontando como um novo conjunto.

Na intenção de uma relação coesa e equilibrada da estrutura antiga com um novo interior, foi considerado como referência a biblioteca pública na fábrica de Torres Amat (fig.4.48), em Barcelona, de Enric Batlle e Joan Roing, reabilitada entre 1989 e 1997, na qual a organização espacial e funcional, em consolidação com a estrutura existente, assumem-se como princípios fundamentais do projeto. Segundo Batlle & Roing (1998), o projeto enaltece a fachada existente pela sua qualidade estrutural e mantém quase intacto o exterior do edifício, intervindo apenas na caixilharia das janelas, atualmente de alumínio, de uma só folha ou de divisão horizontal, o que permite o acesso ao exterior na parte inferior da janela (fig.4.49).

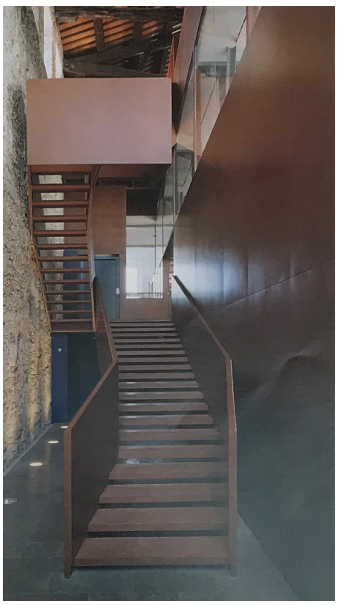
4.48 Biblioteca pública na fábrica de Torres Amat
4.49 Fachada da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat
4.50 Esquema estrutural da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat



4.48



4.49

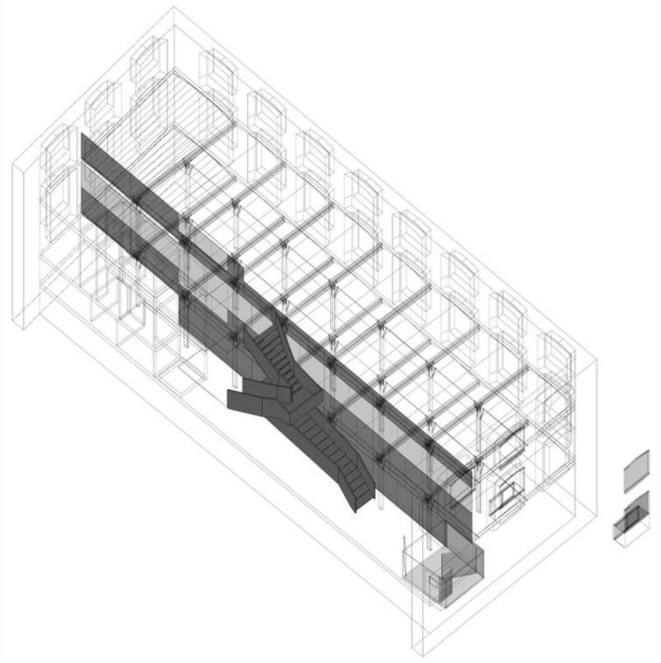


4.50

O seu interior, totalmente reorganizado a nível funcional e programático, é suportado por uma estrutura metálica em aço corten visível em todo o edifício, que reforça a sustentação da estrutura original (fig.4.50). Os autores referem que as escadas são um elemento escultórico de destaque no projeto, encontram-se junto a uma das paredes estruturais originais, numa área ampla e vertical, onde se sucede a entrada (fig.4.51). Este primeiro encontro com o edifício resulta numa perceção total sobre a dimensão do volume, estrutura e seus usos.

A proposta de conceção da biblioteca na Quinta da Graça, visa criar uma reabilitação, preservando a estrutura existente pela qualidade, valor do edificado e imponência do seu enquadramento, numa restruturação do seu interior assente na relação visual e funcional, enfatizando o contraste entre o novo e o reabilitado.
Pires (2012) enfatiza que numa quinta de recreio o lugar é definido partindo de um interior próprio em contaste com o exterior envolvente, sustentando a sua importância. A presente proposta permite preservar esta característica elementar das quintas de recreio, concebendo um interior conectado ao envolvente estrutural e ao exterior.

4.51 Entrada e escadas do edifício da biblioteca pública na fábrica de Torres Amat



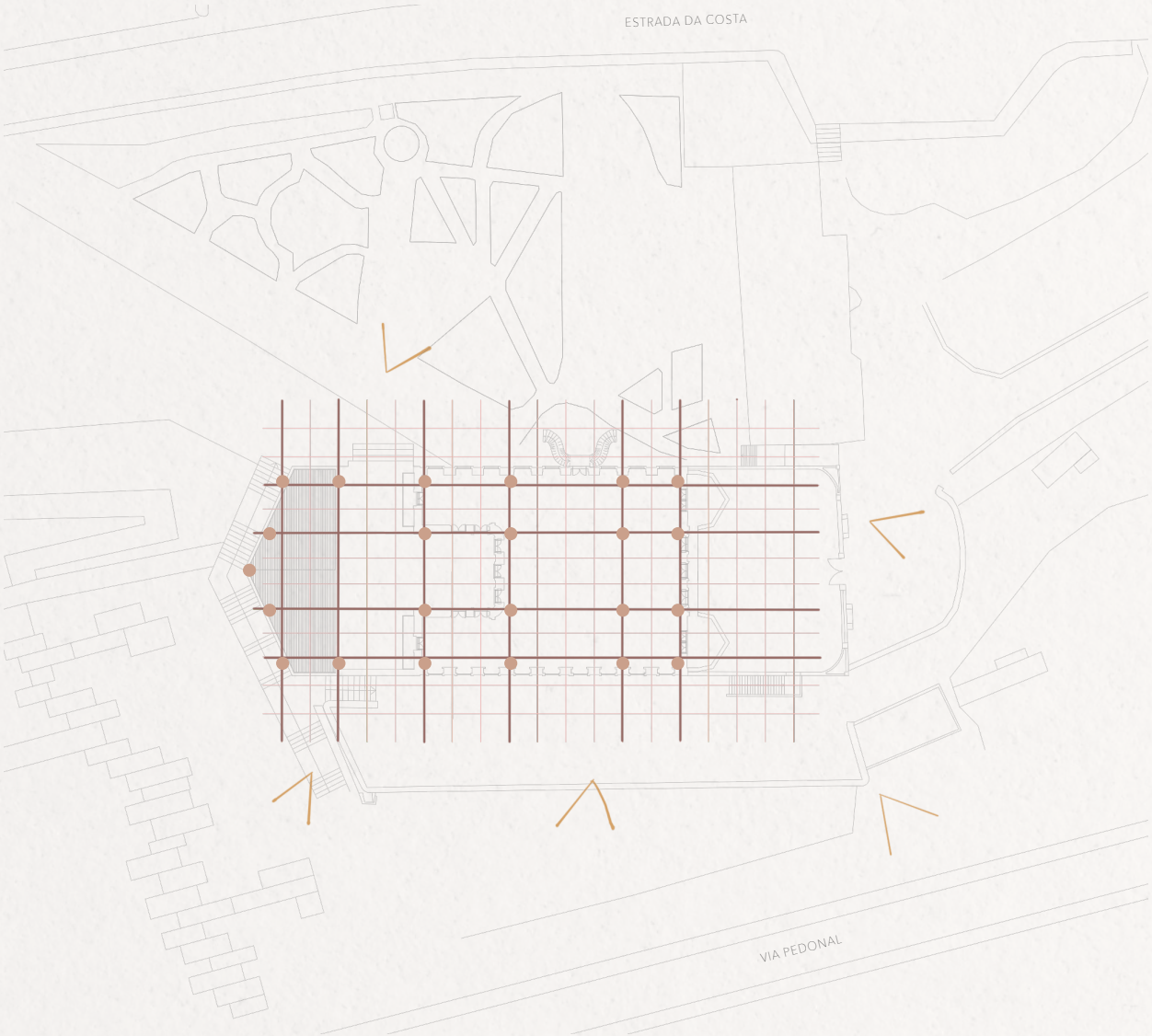
4.51

No sentido de projetar uma proposta coesa foi importante definir uma malha reguladora (fig.4.52) com base na pré-existência que, consequentemente, serviu de base ao desenvolvimento da nova estrutura e determinou a sua organização funcional.

A malha é formada por eixos ortogonais entre si, no sentido NO-SE e SO-NE, e rege a estrutura do edifício, tendo sido o ponto de partida para a orientação dos acessos, bem como para a definição dos espaços. Considerando a forma da malha, foram estabelecidas ideias que a fundamentam. Destacam-se a relação direta com a estrutura existente intercalada pelos vãos e o posicionamento segundo a relação de vistas envolventes exteriores. Estes são parte significante na identidade espaço, orientado também segundo estes parâmetros.

O sistema estrutural é composto por lajes e pilares em "I" de aço corten. Também em aço corten é a estrutura da cobertura formada por asnas triangulares. A estrutura adotada na proposta contrasta com a pré-existente, destacando-se no interior do palácio. A sua textura e cor remetem aos tons da terra trazendo parte da natureza envolvente para o interior do edifício.

4.52 Esquema da malha reguladora e sistema de vistas



4.52

A Quinta dispõe de dois acessos principais como mencionado no subcapítulo 04.3.1 "A inserção, Quinta da Graça" (fig.4.53 e 4.54).

A entrada pelo pátio de honra (fig.4.55), com acesso pela Estrada da Costa, é realizada à cota 18,61 m, e permite o acesso a três áreas distintas (fig.4.56). A mais corrente será pelo átrio de receção no piso 0, sendo a entrada principal do palácio, é a área que orienta os restantes percursos possíveis no seu interior. O pátio de honra permite também circular, pelo lado direito (fig.4.57), encaminhando os utilizadores ao jardim renascentista, situado à cota 20,37 m; ou pelo lado esquerdo (fig.4.58), conduzindo à segunda entrada principal, com acesso direto pelo exterior até à área de integração, situada à cota 14,37 m. Este segundo acesso principal está à disposição de quem circula na via pedonal à cota 5,96 m, sendo que a entrada se localiza a norte do edifício à cota 14,01 m, de acesso ao piso -1 (fig.4.59).

Pelo interior, a circulação é realizada em conformidade com a organização espacial. Dado que a proposta apresenta maioritariamente planta livre, a circulação é definida pela estereotomia do piso, em simultâneo com o mobiliário, as materialidades e as funções destinadas a cada espaço.

A circulação vertical é um dos elementos centrais do projeto. Consiste num volume autoportante composto por três elementos funcionais interligados que, pela sua conexão,

4.53 Alçado nordeste
4.54 Alçado sudeste
4.55 Pátio de honra
4.56 Esquema de acessos
4.57 Acesso ao jardim renascentista pelo pátio de honra
4.58 Acesso ao piso -1 pelo pátio de honra
4.59 Entrada à cota 14,01 m



4.53



4.54



4.55



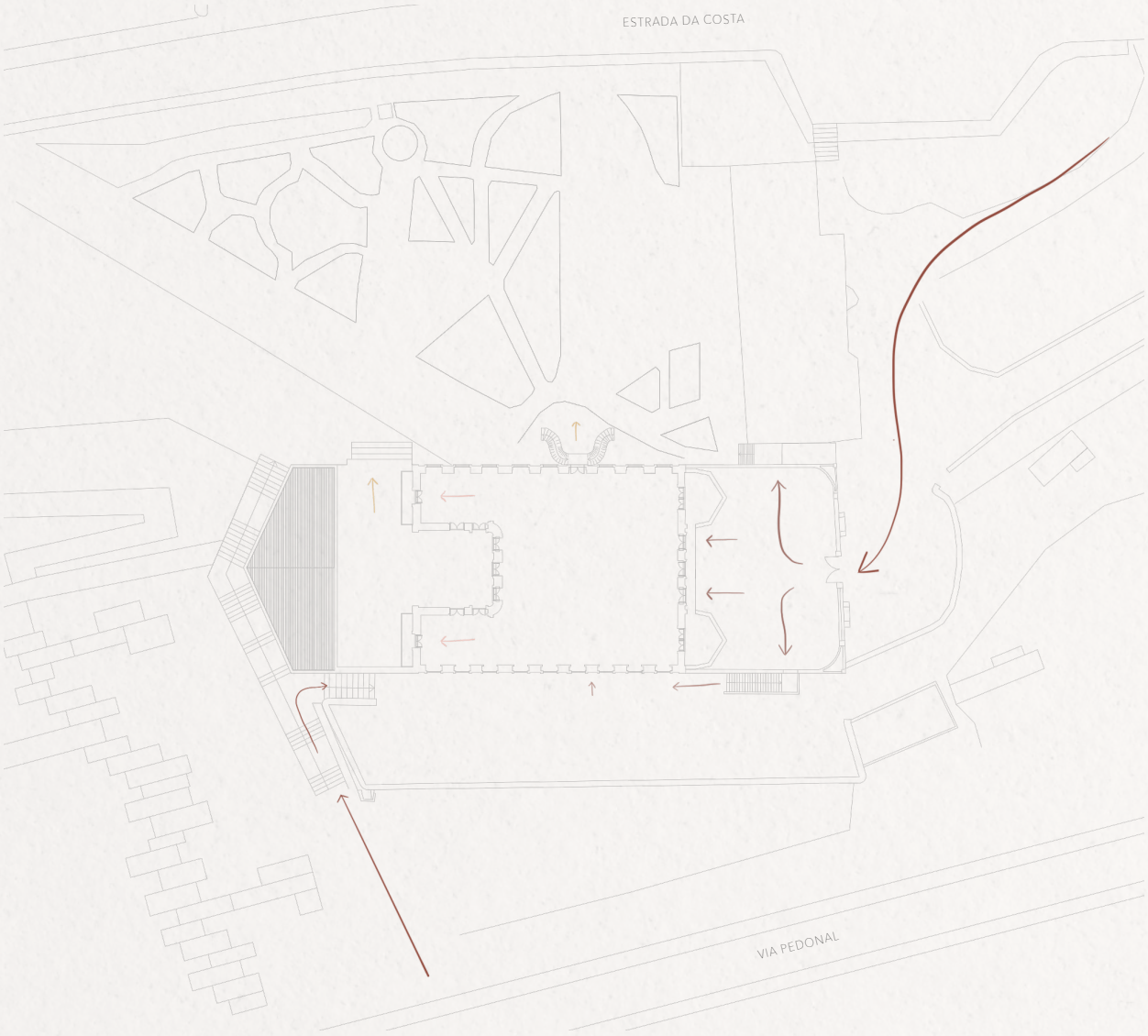
4.57



4.58



4.59



4.56

simulam movimento, asseguram toda a circulação vertical do projeto e ainda servem de suporte a documentos da biblioteca (fig.4.60).

O volume é formado por uma camada exterior, compreendida entre o piso 0 e o piso 2, em estrutura metálica cilíndrica, revestida a MDF ranhurado branco. A parte exterior do cilindro é composta por nichos, que atuam como expositores de livros e documentos. No interior da estrutura encontra-se fixa a escada do edifício, com uma continuidade marcada pela cor. A escada em caracol é feita em chapa de aço quinada, pintada a branco, de aparência leve. O acesso aos pisos pela escada é feito por aberturas na estrutura cilíndrica exterior que, no seguimento da circulação, se encontram ritmadas em posições diferentes, simulando movimento em espiral. A escada liga o piso -1 ao piso 2, sendo que no piso -1 já não se encontra rodeada pela estrutura cilíndrica, como se gravitasse no seu próprio volume. Foram tidas como referência as escadas em espiral sinuosa do arquiteto Filipe Borges de Macedo, nas Carpintarias de São Lázaro (fig.4.61), em chapa metálica branca, que contrastam com a robustez estrutural do edifício.

Na bomba das escadas, separado pelo corrimão, encontra-se o elevador. Este é também um elemento particular deste volume, composto por uma estrutura metálica discreta, em aço corten e vidro. Os seus trilhos circundantes permitem que o compartimento gire lentamente sobre si,

4.60 Esquema do volume da circulação vertical



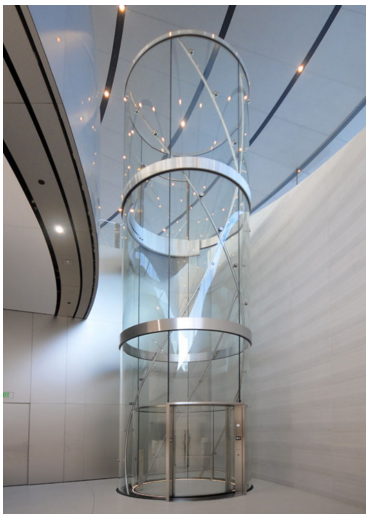
4.60

no movimento de subida e descida. Desta forma é apenas necessária uma porta, na caixa do elevador, para efetuar a paragem noutra direção, num outro piso. Esta circulação permite contemplar o envolvente, acompanhando a movimentação espiral das escadas, e que as paragens nos pisos sejam realizadas, igualmente, nas aberturas ritmadas do volume. Foi considerado para esta estrutura o projeto do ateliê Foster and Partners, no Teatro Steve Jobs (fig.4.62), inaugurado em 2017, onde foi construído um elevador com esta funcionalidade.

4.61 Escadas das Carpintarias de São Lázaro
4.62 Elevador do Teatro Steve Jobs



4.61



4.62

O edifício é composto por quatro pisos. A disposição funcional entre os pisos relaciona-se diretamente com o nível de interação dos seus espaços, que, seguidamente, se apresentam em resumo, reforçando o programa funcional do subcapítulo 04.1 - "O Palácio e a Quinta da Graça".

O piso -1 é ocupado pela área de comunicação, onde estão disponíveis os espaços de maior interação social, mais expostos à comunidade. O nível do piso beneficia de um terraço que, pela sua disposição, promove a integração social e cultural, permitindo contemplar uma extensa vista sobre o rio do Jamor, que incorpora o vale.

O piso 0 é dominado pelo átrio. A sua relação visual permite contemplar a agitação do exterior do piso -1, promovendo uma visibilidade mais ampla. Este piso ocupa-se dos serviços informativos e da receção, permitindo o acesso a todas as áreas do edifício.

O piso 1 é dedicado a um espaço funcional de trabalho e partilha. Apresenta uma área de duplo pé direito onde se relaciona com o piso inferior, mas ocupa um lugar de menor interação no edifício, como se simulasse uma ascensão da reflexão. A relação visual é mais ampla do que no piso inferior, possuindo um balcão extenso na fachada principal, que promove uma boa interação dos utilizadores entre o interior e exterior.

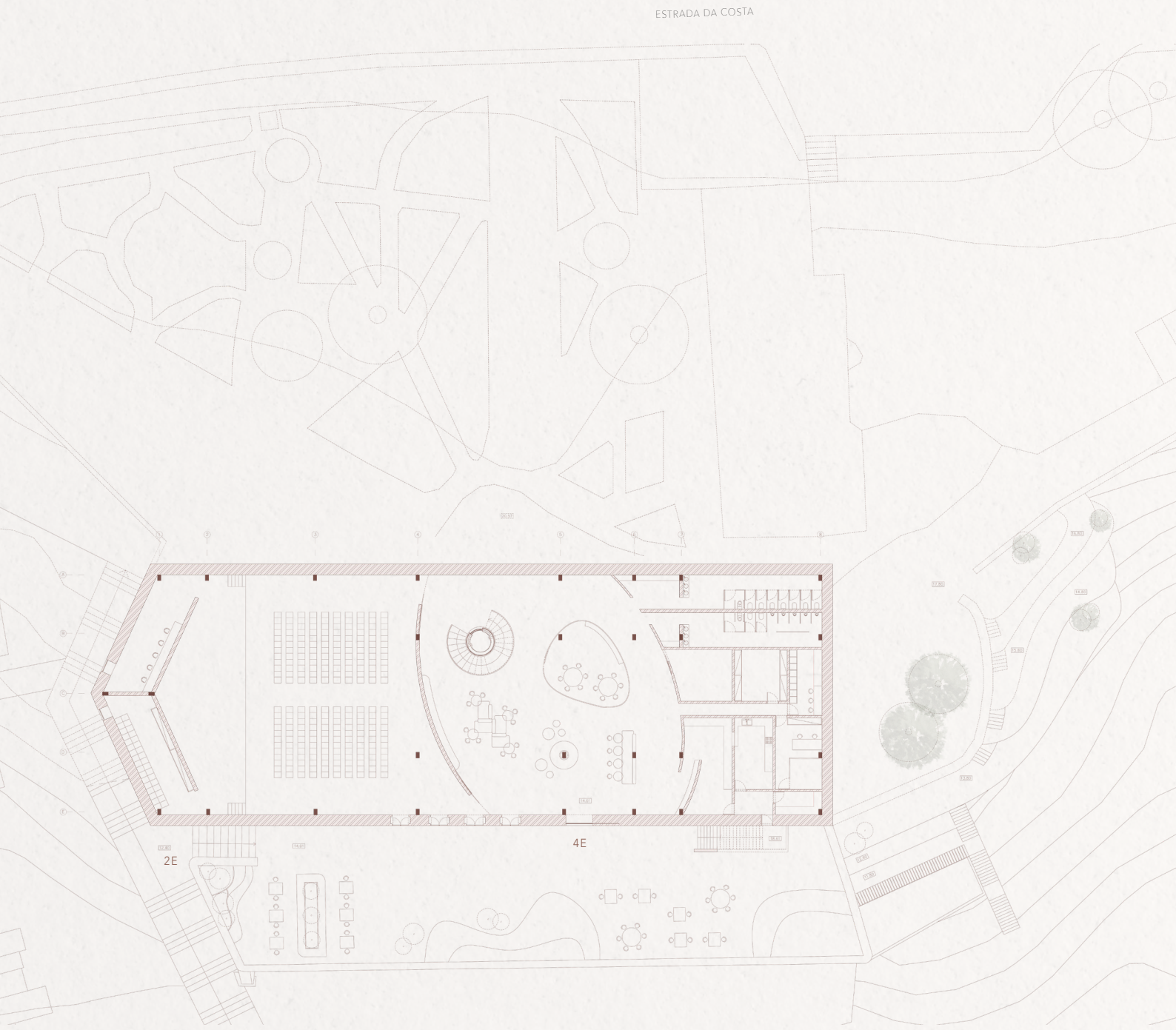
O piso 2, à cota mais elevada, ocupa-se da área de reflexão.

Esta promove a vista mais ampla sobre o vale e rio do Jamor, bem como o rio Tejo, sendo a zona mais silenciosa e resguardada do edifício. A relação direta ao exterior é feita por dois pequenos terraços, sendo que o acesso é feito pela lateral, tornando privados ambos os espaços e delimitando a interação direta.

Todos os pisos têm a particularidade de possuírem mobiliário adaptado, pensado e projetado de modo a proporcionar aos espaços o seu melhor uso e definindo zonas e percursos através da forma. Os espaços formam-se em planta livre que, em simultâneo com as características da estrutura original circundada por vãos, permite uma perceção de praticamente 360 graus sobre o envolvente exterior, tomando parte dele.

Após esta sinopse da distribuição funcional do espaço segue-se uma descrição mais detalhada de cada piso e respetivos usos.

O piso -1 (fig.4.63) desenvolve-se à cota 14,37 m, com acesso principal pela via pedonal à cota 14,01 m. Destaca-se que também é possível aceder pela escadaria do pátio de honra e pelo interior do edifício. Pela entrada exterior 2E é feito o acesso à entrada 4E, mediante a passagem do terraço, à cota 14,37 m, dispondo de uma vista sobre o vale e rio do Jamor. A entrada 2E dá acesso ao átrio de entrada do piso, possuindo uma área de estar, o serviço de mesa do



4.63

café/bar e o local de circulação vertical. O espaço permite o acesso direto a serviços como a sala polivalente e respetivos arrumos, a sala de luz/som, instalações sanitárias, o estúdio de jogos, a sala de arquivos e restauros, a reprografia, o café/bar balcão e respetiva copa, bem como às áreas de funcionários e de arrumos.

Este piso possui uma entrada exclusiva, que pode ser utilizada em eventos sociais ou culturais, servindo a comunidade além do horário de funcionamento da biblioteca.

O piso foi projetado como base da integração do edifício, como um local recetivo à "vida" e "agitação", com acesso ao Parque e ao lazer da comunidade.

O acesso a este piso pode ser realizado também pelo o pátio de honra, existindo uma quebra marcada pela variação do nível, que permite gerir a forma como a movimentação se desenvolve nos restantes pisos e usos da biblioteca.

O piso 0 (fig.4.64) inicia-se à cota 18,81 m pelo pátio de honra, a entrada principal 1E, que se faz pela Estrada da Costa. O pátio de honra consuma a entrada principal da biblioteca, possibilitando o acesso a vários pontos da quinta pelo exterior, numa interação visual com o terraço do piso -1. As entradas 3E, à cota 19,18 m, seguem-se a 1E, percorrendo o pátio, num piso encarregue dos serviços de informação, de receção e administração da biblioteca. A entrada no edifico pelas 3E liga ao átrio da receção, numa

4.63 Planta do piso -1



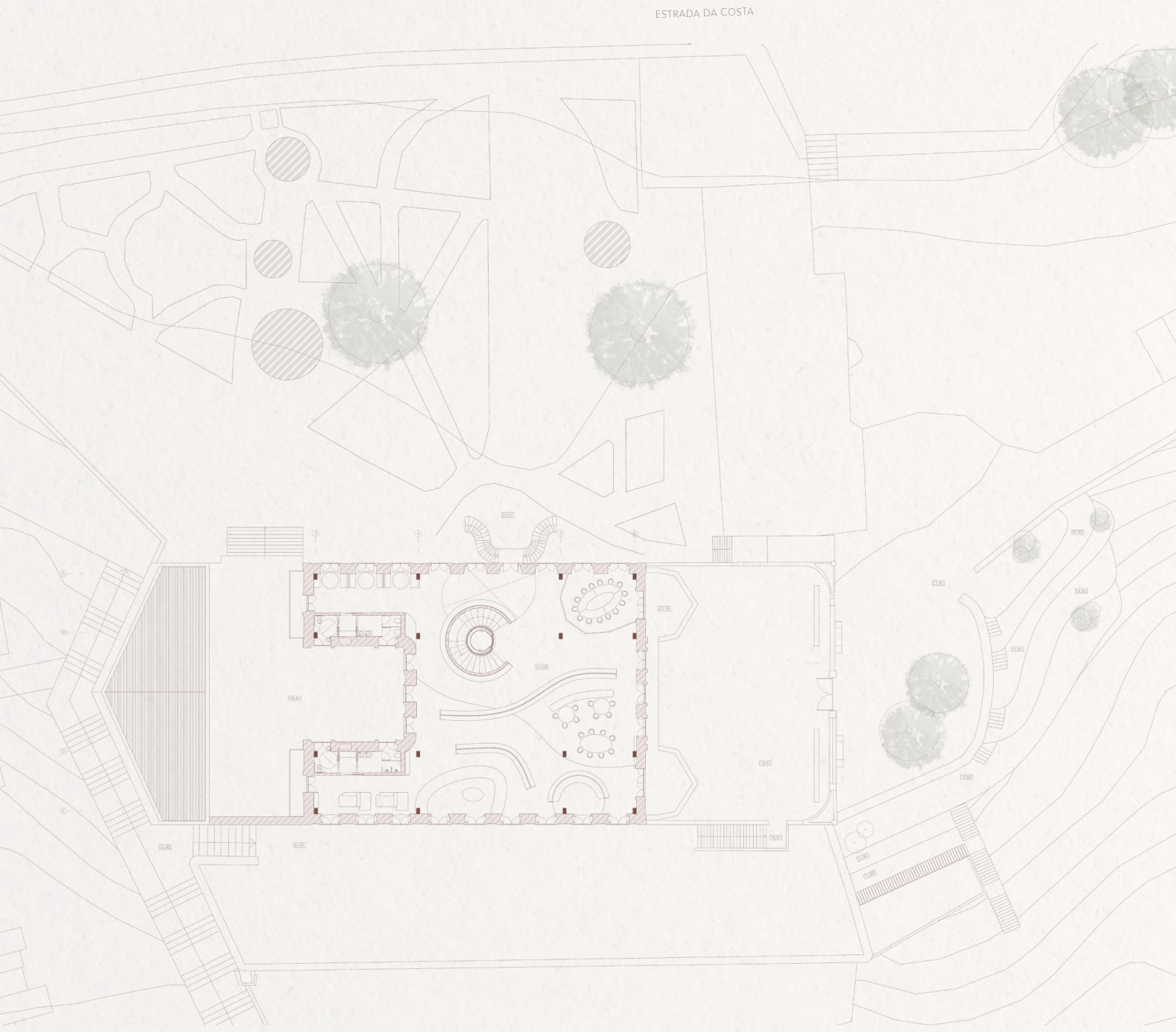
4.64

planta livre com diversas estruturas de funções específicas. Aqui encontra-se a zona da administração, a receção, o controlo para recolha e depósito de livros, o painel de anúncios e publicidade, bem como a área de cacifos e instalações sanitárias. Compreendidas entre o piso 0 e o piso 2, a ventilação das instalações sanitárias tira partido da estrutura das antigas chaminés.

O piso dispõe de zonas de estar e de espera junto às janelas, que permitem contemplar a vista envolvente, e áreas estratégicas de apoio aos serviços. A circulação vertical encontra-se também no átrio, dispondo de documentos literários, bem como imprensa. O piso 0 tem ainda dois acessos na fachada nordeste para o exterior, conectando ao pátio real. Esta área assiste as salas de formação e workshops que se encontram no espaço, remetendo à proa de um navio pela sua forma.

Ao piso 1, tem-se acesso a partir da cota 23,58 m pela circulação vertical. Neste piso, junto ao volume de circulação, existe um duplo pé direito que permite compreender a continuidade do volume e estabelecer uma relação subtil com o piso superior. Esta área dispõe de uma saída para o exterior que liga ao jardim renascentista, presente à cota 20,37 m. O jardim, voltado à Estrada da Costa, tem o seu acesso delimitado de forma a preservar a agitação dos

4.64 Planta do piso 0

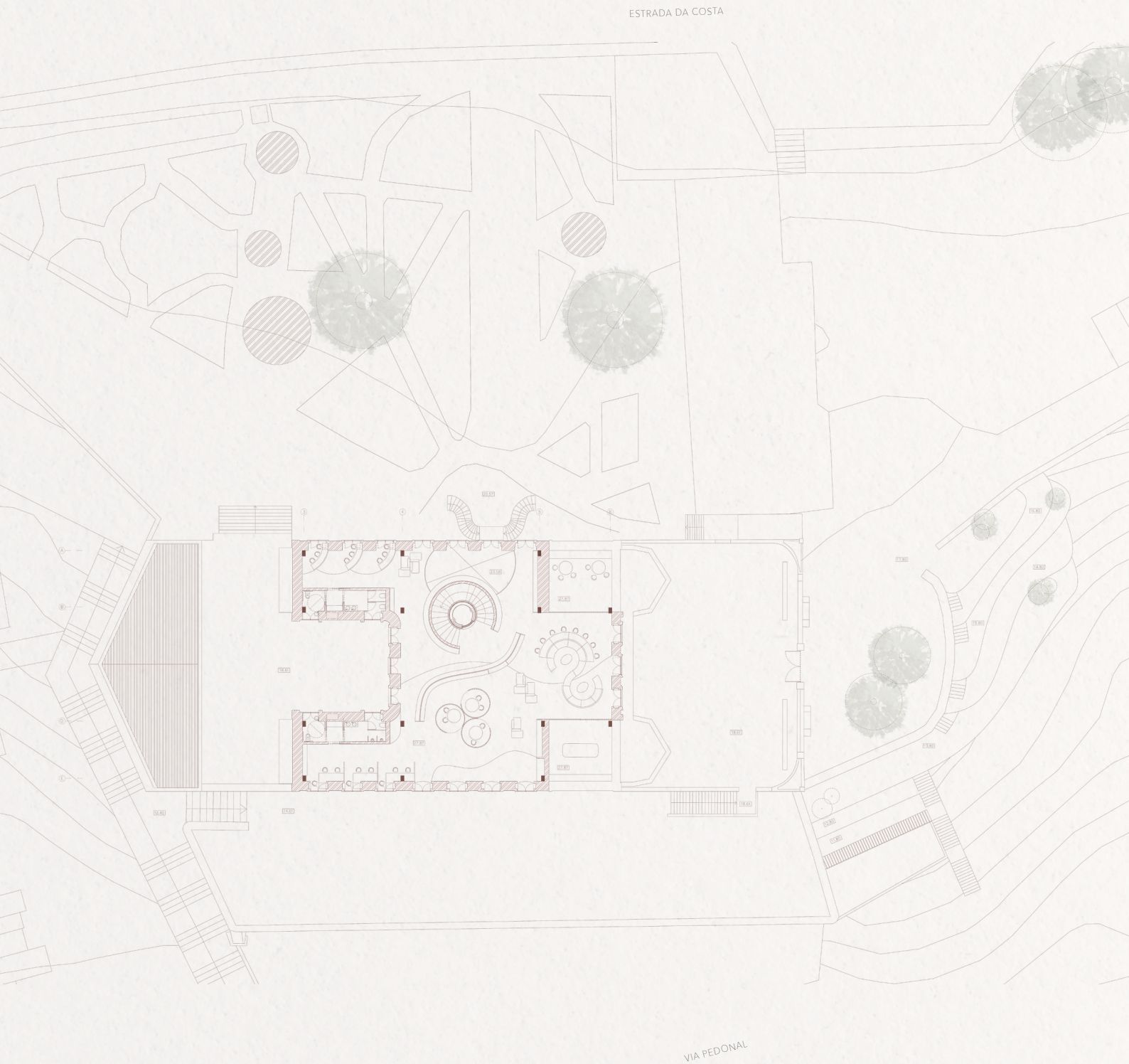


4.65

espaços e a geri-los, sendo de uso exclusivo dos utilizadores da biblioteca. No percorrer do jardim existem várias pérgulas disponíveis como espaço de estudo, leitura ou lazer. Também é possível requisitar para grupos de trabalho ou reuniões, numa relação direta com o espaço verde e transportando parte da biblioteca para o exterior, tirando proveito dos seus jardins. O espaço torna-se novamente habitável, convocando os costumes de casas de refresco e áreas de repouso típicas dos jardins renascentistas e quintas de recreio.

O piso 1 (fig.4.65) define-se como área de partilha. O mobiliário estabelece os diversos espaços de estar, bem como a estereotomia envolvente. O espaço é limitado por uma área mais convencional, localizada a este, composta por um "aquário" para reuniões, com mesas de grupo, umas mais centrais, outras mais recolhidas e diversas estantes de leitura. A oeste situa-se uma área mais informal, que dispõe de volumetrias em plataformas habitáveis, de múltiplos usos, permitindo sentar em grupo, ler sentado, deitado, ouvir música, contemplar a vista, conversar, entre outros. As áreas conectam-se pelas estantes de literatura e pela organicidade dos volumes que as compõem. O espaço possui também instalações sanitárias e um balcão sob comprido, na fachada sudoeste, que intensifica e dinamiza as relações interior/exterior.

4.65 Planta do piso 1



4.66

Por fim, o piso 2 (fig.4.66) localiza-se à cota 27,88 m, assumindo a particularidade de área de reflexão. Esta zona visa um uso mais particular, caracterizando-se também como o piso mais silencioso. O acesso é feito, exclusivamente, pela circulação vertical, sendo que o volume se estende até à cobertura como depósito de documentos literários. Este piso, tal como o inferior, é, na sua planta livre, composto por duas áreas que se complementam, uma mais convencional a este, que se interliga com uma outra mais informal a oeste. A área convencional compreende uma zona multimédia, mesas de trabalho individuais, bem como aquários de trabalho individual ou de grupo, sendo um espaço limitado a três pessoas, com possibilidade de união entre volumes. A área mais informal compreende zonas de estar com estruturas flexíveis a diversos usos. Possui sofás, mesas de apoio, de leitura ou de trabalho voltadas para a vista do vale, bem como volumetrias em plataforma dúcteis, tal como no piso inferior, com a particularidade de ser uma área mais recatada. Neste piso criaram-se dois terraços exteriores, na fachada sudoeste, de forma a promover um espaço exterior no piso, tal como acontece em todos os outros. Estes terraços foram projetados de modo a moderar a relação direta com a totalidade do interior do piso, recatando ambos, porém não quebrado o elo com todo o envolvente e a imensa vista sobre o vale e rio do Jamor, bem como sobre o rio Tejo.

4.66 Planta do piso 2

Visando complementar a relação da Quinta da Graça com o Parque Urbano do Jamor projetou-se, junto ao muro de suporte do edifício, a sudoeste, a requalificação do espaço exterior criando jardins e patamares em níveis, bem como a reabilitação do tanque e escadas de acesso, antigo elemento pertencente à rede hidráulica. O tanque na continuidade de elemento de água, surge como lago que recebe uma cortina de água proveniente do muro de suporte. Também as escadas constituem agora um acesso aos níveis pela via pedonal do Parque. Esta intervenção procura efetivar a inserção da Quinta no Parque, criando uma relação direta com o espaço público exterior. Os acessos podem realizar-se através do estacionamento da Estrada da Costa ou pelo próprio Parque, usufruindo de uma vista ampla sobre o vale e o rio do Jamor.

mobiliário

A projeção e criação do mobiliário, bem como as estruturas que sustentam alguns dos serviços, são pensados para definir as funcionalidades do espaço mediante a harmonia, procurando gerar diferentes atmosferas. As formas, as suas proporções e materialidades são detalhadas de modo a responder às necessidades dos vários utilizadores e do lugar. Compõem percursos através das suas relações e guiam o utilizador através da sua articulação, reunida à estereotomia que as envolve. Estes volumes procuram estabelecer um interior espontâneo que vai revelando a sua índole à medida que as suas formas e composição conduzem o espaço sobre a planta livre. O mobiliário desenvolvido é projetado em madeira de nogueira.

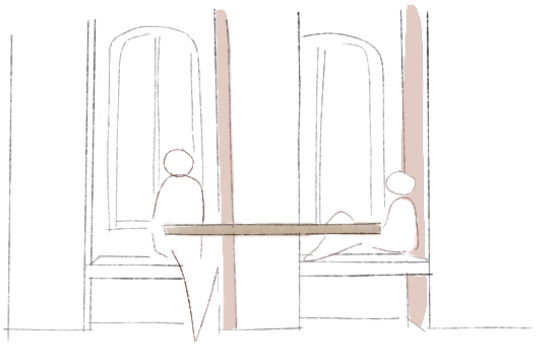
Uma referência importante no desenvolvimento deste tema foi o projeto de mobiliário de Lina Bo Bardi (fig.4.67) para o SESC de Pompeia em São Paulo (1977-1986). O modo como a arquiteta aborda a relação da arquitetura com o design, qualifica a experiência e relação do usuário com os ambientes que o envolvem. Bo Bardi cria peças exclusivas e modelares pensadas em detalhe para cada lugar e ambiente, visando, na sua projeção, a anatomia pretendida.

Foi realizado um pormenor construtivo de uma prateleira que possibilita um uso, em simultâneo, de três funcionalidades:



4.67

dois usos de leitura/apoio sentados e uma mesa alta para apoio em pé. A sua constituição é em madeira natural de nogueira, acabamento em verniz mate em poro meio aberto, com encabeço em sanca para ocultação da fixação. Apresenta um reforço com aro metálico em cantoneira 50x50x5 mm e fixação à alvenaria por varões roscados com bucha química.



4.68

4.67 Mobiliário de Lina Bo Bardi para o SESC de Pompeia, São Paulo
4.68 Desenho da prateleira de três funcionalidades

A proposta visa reabilitar o que persiste do Palácio da Quinta da Graça, requalificando qualidades específicas do seu carácter original, sem perder autenticidade (fig.4.68).

A intervenção na fachada passa pela restauro e limpeza das pedras, cantarias e elementos decorativos, assim como o reboco e pintura das paredes exteriores com a cor rosa (cor NCS S 1010-Y80R). Esta cor é semelhante à cor que, em tempos, fora escolhida para a fachada do edifício, encontrando-se ainda vestígios em algumas partes. Com a aplicação de uma cor forte procura-se realçar, pelo contraste, as cantarias e pedras existentes. Sendo o rosa a cor oposta ao verde no círculo cromático, o seu contraste torna-as complementares. Em harmonia, pela complementaridade na paisagem e verde envolvente, a cor rosa realça o objeto de estudo.

Ainda na fachada pré-existente, as caixilharias originais em madeira são substituídas por estruturas com perfis semelhantes, de boa qualidade, idealizadas como uma reinterpretação da existente. São constituídas por duas folhas oscilobatentes em madeira tipo "Gaulhofer" com acabamento final a branco.

A cobertura do edifício também é projetada numa reinterpretação da original, apresentando uma altura pouco acentuada, que permite destacar a fachada.

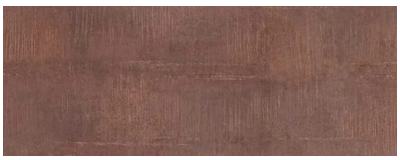
No restauro das varandas é aplicada uma betonilha, com o propósito de nivelar novamente o piso. Seguidamente, aplica-se Mapelastic, uma argamassa cimentícia elástica impermeabilizante, assentando-se, posteriormente grés porcelânico, tipo Omnistone cor ice (60 cm x 60 cm), da Revigrés, numa interpretação do atual.

Na parede do espaço interior procura-se manter a linguagem das texturas originais recorrendo à aplicação de webercal antique, um reboco mineral de regularização, e finalizando com uma pintura a branco (cor NCS S 0500 N). Na fachada noroeste, o interior de todos vãos da lateral voltada a sudoeste é pintado com a cor rosa aplicada na fachada (cor NCS S 1010-Y80R), conseguindo-se, assim, transportar para o interior o contraste com o verde da envolvente, bem como a identidade do edifício. A escolha desta tonalidade demarca também a lateral mais informal do edifício.

O planeamento dos pavimentos e tetos é uma particularidade importante na compreensão do projeto. Estes variam consoante o piso e influenciam a organização funcional do espaço, sendo elementos indispensáveis na projeção de atmosferas e primordiais no impacto sugestivo sobre quem habita.



i



ii



iii



iv



v



vi

4.69

No piso -1, o átrio de integração, assim como a sala polivalente, são revestidos a grés porcelânico tipo Lavastone cor platina (90 cm x 90 cm) da Revigrés, com uma tonalidade que une o tom das pedras existentes com a nova cor das paredes interiores. Este revestimento permite que as portas da sala, quando abertas deem continuidade à parede, tornando o espaço num todo subsequente, destacando apenas os percursos criados pelos volumes envolventes e pelos tetos.

Neste piso, o teto apresenta um pé direito mais baixo sobre o átrio, junto à zona de entrada, marcando a sua centralidade. A sala polivalente possui um teto com a estrutura à vista em treliça de aço corten, que permite aliviar os apoios do piso, tornando o espaço mais amplo e multifuncional.

O piso 0 encontra-se delimitado por dois tipos de pavimento. O contíguo à entrada e à área ocupada pelos serviços de receção é um pavimento revestido a grés porcelânico, idêntico à entrada do piso -1. O que pavimenta a área que conecta com a circulação vertical, destacando a transição do piso, é revestido a microcimento tipo kcberry na cor thunder, com um acabamento acetinado. Estes dois materiais diferentes possuem cores distintas, mas dentro do mesmo tom tornando o espaço mais coeso, com um contraste visual subtil, subentendendo-se um ambiente a ingressar.

O teto deste piso possui um pé direito mais baixo junto às

4.69 Composição de materialidades do projeto:
i Cor NCS S 1010-Y80R
ii Eestrutura em aço corten
iii Grés porcelânico tipo lavastone cor platina
iv Microcimento tipo kcberry na cor thunder
v Madeira natural de nogueira
vi Alcatifa texturada tipo first define cor 914



i



ii



iii



iv



v



vi

4.70

áreas que prestam serviços e zonas de descanso, sendo que o restante se encontra mais elevado.

Surgindo pela circulação vertical, o piso 1 acolhe a chegada revestido a microcimento tipo kcberry, na cor thunder com um acabamento acetinado, definindo a área de trabalho e estar mais convencional. A área mais informal encontra-se revestida a alcatifa texturada tipo first define cor 914, incluindo a zona criada pelas plataformas volumétricas onde é possível sentar, um material que contribui para o controlo acústico do espaço. Estes dois materiais contrastantes criam entre si um jogo de cores e texturas. O pavimento em microcimento de textura mais rígida, apresenta uma tonalidade suave e quente, enquanto que o pavimento em alcatifa, de textura suave, possui uma cor cinza texturada. Confrontando o olhar e o toque, esta combinação propõe destacar interações com o espaço, revelando a intenção do projeto em definir diversas atmosferas. Neste piso, a relação do pé direito com o espaço é feita, pontualmente, pela projeção de uma altura menor sobre espaços de permanência, como os conjuntos de mesas, sofás e nas plataformas.

O piso 2 segue a mesma tipologia de estereotomia nos pavimentos do piso 1. A receção é revestida a microcimento tipo kcberry na cor thunder com um acabamento acetinado e o excedente, a alcatifa texturada tipo first define cor 914. Este piso, sendo o mais recatado, sugere serenidade, pelo

4.70 Composição de elementos do ambiente envolvente:
i Cor da fachada da Quinta da graça
ii Escadas exteriores do Parque do Jamor
iii Pedra calcária
iv Praia da Cruz Quebrada
v Chão em calçada em pedra e em betão do Parque do Jamor
vi Calçada em pedra, escadas junto ao tanque

que apresenta o pé direito mais baixo do todo o edifício, com a estrutura da cobertura à vista sobre um fundo branco. Pontualmente, possui painéis acústicos circulares, que dinamizam as proporções do ambiente e permitem gerir a acústica do espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente PFM intitulado "Atmosferas Literárias – Proposta de Requalificação: Uma Biblioteca entre o rio e o vale do Jamor" é resultante da intenção de criar um espaço de acesso ao conhecimento, que dispusesse de ambientes com diferentes atmosferas, ambicionando gerar várias interceções nos seus utentes.

A proposta revela uma análise topográfica, histórica e geográfica do objeto de estudo, e respetivo território, visando requalificar o lugar. Durante a requalificação, tencionou-se aproximar da comunidade, desenhando um equipamento que a envolvesse, social e culturalmente, disponibilizando formação e conhecimento.

Seguindo este desígnio, o projeto consiste na reabilitação do que persiste do palácio da Quinta da Graça e a regeneração dos seus espaços exteriores. Visou-se criar uma solução que fizesse apelo à relação, anteriormente existente, entre a Quinta e a área circundante, desafiando a sua reinserção no enquadramento urbano e social.

Nesta perspetiva, as intenções programáticas estabelecidas na proposta suportam-se em algumas premissas, como: (i) adequar o programa proposto ao edifício pré-existente; (ii) enfatizar o sistema de vistas e (iii) projetar atmosferas que correspondessem a diferentes usuários do espaço de

acordo com as suas especificidades.

Em retrospetiva, importa convocar os objetivos propostos como apoio a estas considerações, destacando alguns aspetos que permitem perceber o modo como foram investigados no desenvolvimento do presente PFM.

A definição de um programa instituído numa biblioteca pública capaz de anteder e promover a interação cultural e social com a comunidade foi estudada através dos critérios definidos no subcapítulo 04.1. "O Palácio e Quinta da Graça".

Os critérios referidos em 04.1 correspondem à forma como é distribuída a organização funcional da biblioteca pelo edifício:
- a escolha funcional do piso -1 como área de integração gerando uma pré-receção a todo o conjunto, inserindo sucessivamente a receção propriamente dita e o restante programa;
- a criação de espaços recreativos que promovem atividades;
- a conceção de uma sala polivalente em benefício da comunidade
- e a proposta de um jardim de níveis conectado à Quinta, que incorpora a vista e o espaço público do Parque.

Compreender e interpretar a particularidade do lugar de modo a projetar a ideação de atmosfera conduziu à construção de conceitos e princípios desenvolvidos no capítulo 03 "O Lugar", que contribuíram para um entendimento de possíveis soluções arquitetónicas e da sua aplicação em projeto.

A consecução da reabilitação e requalificação apta a dignificar os valores históricos e identitários de uma quinta de recreio, coletivizada numa biblioteca, foi trabalhada segundo as noções referidas nos subcapítulos 04.1.2. "Atualidade" e 04.1.3. "Teoria de Valor".

Revendo os princípios da planificação definidos em 04.1.2. e 04.1.3., procura-se salientar: a realização de uma contextualização do estado da pré-existência: a elaboração de um levantamento fotográfico em detalhe da área a intervir e a estruturação de uma teoria de valor suportada numa investigação crítica ao objeto de estudo, orientando o projeto.

O criar, estruturar e articular espaços em conformidade com a escala, materiais, usos e diferentes atmosferas, num todo coeso e coerente, foi exposto mediante a identificação dos princípios de intervenção que direcionam a intenção aplicada na malha e na estruturação do projeto, criando

uma relação contínua.
A consolidação da ligação entre o Parque Urbano do Jamor e os diversos equipamentos envolventes com o objeto de estudo foi efetuada na proposta de acessibilidades à Quinta da Graça.

Esta proposta envolve o acesso criado no Parque Urbano do Jamor junto ao terraço/miradouro à cota 14,01 m, assim como o acesso pela Estrada da Costa. Neste acesso foi projetado um novo estacionamento, que liga à entrada pelo pátio de honra à cota 18,61 m, tornando direto o acesso aos equipamentos envolventes.

A execução de jardins sobre níveis, a sudoeste do muro de suporte do palácio, também contribuiu para a relação urbana do edifício com o Parque.

Nesta etapa de conclusão do estudo importa referir que a impossibilidade de realizar um estudo precedente à conceção do projeto, com a visita a edifícios de ordem similar, devido às restrições impostas pela pandemia, vividas no decorrer do processo de elaboração deste projeto, constituiu uma limitação. Como referência para estudos futuros, numa perspetiva de complementaridade, sugere-se a reabilitação de estruturas e serviços envolventes, nomeadamente, o complexo devoluto da antiga Fábrica

da Lusalite e a Estação de Comboios da Cruz Quebrada-Dafundo, como forma de valorizar a freguesia a nível urbano.

Em suma, destaca-se que o presente PFM para além da reabilitação da Quinta da Graça e definição de uma biblioteca pública, dedica-se a inovar e criar novas atmosferas, convocando memórias da sua identidade.

O trabalho pretende também dar continuidade ao desenvolvimento do Parque Urbano do Jamor, assim como contribuir para valorizar a freguesia da Cruz Quebrada-Dafundo.

BIBLIOGRAFIA

Batlle, E., & Roig, J. (1998). Lectura reparadora: Biblioteca pública Torres Amat, Sallent, Barcelona. *Arquitectura Viva, 63*, 46-49.

Borges, J. L. (1944). *Ficções*. Lisboa. Teorema.

Braga, A. M., & Queiroz, M. (2010). *Organização e Funcionalidade de espaços nas Bibliotecas*. Lisboa: Universidade Aberta.

Cosme, A. M. (2004). *Los Espacios del Saber: Historia de la Arquitectura de las Bibliotecas*. Gijón: Trea.

Cosme, A. M. (2015). Histórias de la restauracion: Viollet-le-Duc versus Ruskin. *Arquitectura Viva, 172*, 11-17.

Eco, U. (1994). *A Biblioteca*. Lisboa: Difel.

Fernández-Galiano, L. (1998). Desórdenes de la memoria. De la biblioteca al archivo: inventario en tres movimientos. *Arquitectura Viva, 63*, 17-19.

González, L. (2018). *Los 10 mandamientos de Faulkner-brown*. Madrid, Espanha: Bibliopos.

Halbwachs, M. (1950). *La Mémoire Collective*. Paris: Albin Michel.

Isasi, J. (1998). Lecturas canónicas. Tres bibliotecas de maestros: Estocolmo, Viipuri y Exeter. *Arquitectura Viva, 63*, 28-33.

Loução, M. D. (2016). *Habitar o Desabitado: Um contributo para a arquitetura de interiores*. Sintra: Caleidoscópio.

Lourenço, N. (2019). *Requalificar e Reabilitar A Quinta da Graça: Entre o Rio e a Ruína* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10400.5/18183

Martins, A. E. D. (2010). *Reabilitação da Quinta da Graça para "Hotel de Charme"* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10400.5/2899

Mateus, J., & Mateus, N. (2015). *Arx Portugal 1991-2015*. Lisboa: Verbo.

Moreira, M. G. (2007). Requalificação urbana: Alguns conceitos básicos. *Artitextos, 5*, 117-129.

Murtinho, V., & Gonçalves, A. (2014). Biblioteca de Sainte-Geneviève em Paris: um resgate da amplitude espacial e da luz. *Metálica, 36*, 14-21.

Norberg-Schulz, C. (1991). *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli.

Oliveira, M J. M. (2013). *Arquitetura de bibliotecas: Bibliotecas públicas municipais* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa]. Repositório das Universidades Lusíada http://hdl.handle.net/11067/3052

Pallasmaa, J. (2011). *Os olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.

Pires, A. (2012). O Lugar da Quinta de Recreio na periferia de Lisboa. *Tritão,1*, 2-22.

Queiroz, E. (1979). *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Livraria Lello & Irmão.

Rodrigues, S. F. (2009). *A Casa dos Sentidos: Crónicas de Arquitectura*. Lisboa: Cooperativa para a Inserção Profissional em Arquitectura.

Romero, S. (2003). *La Arquitectura de la Biblioteca : Recomendaciones para un proyecto integral*. Barcelona. Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.

Ruskin, J. (1961) *As sete lâmpadas de arquitetura*. Brasil: Noonday Press (Obra original publicada em 1849).

Silva, G. B. (2012). *Portugal em ruínas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sousa, A. (2015). *As quintas de recreio do séc. XVI em Portugal: A relação entre arquitetura, espaços verdes e recursos hídricos* [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa]. Repositório das Universidades Lusíada http://hdl.handle.net/11067/1657

Teixeira, A. (2014). *Memória e contemporaneidade: Proposta de uma Residência de Estudantes na Av. Fontes Pereira de Melo*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa http://hdl.handle.net/10400.5/8960

Vallejo, I. (2020). *O Infinito num Junco*. Lisboa: Bertrand

Zumthor, P. (2006). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili.

Câmara Municipal de Oeiras (2013). *Plano Diretor Municipal de Oeiras: Relatório de Caracterização e Diagnóstico*. Oeiras: Gabinete de Prospetiva, Desenvolvimento Estratégico e Informação Geográfica. Consultado a 5 junho de 2021 em https://pdm.cm-oeiras.pt

Carrapico, I. (2010). *Relatório de Caraterização e Diagnóstico: Plano de Pormenor de Intervenção na margem direita da foz do rio Jamor*. Faculdade de Ciências e Tecnologia/ Departamento de Ciências e Engenharia Civil. Consultado a 5 junho de 2021 em https://silo.tips/download/relatorio-de-caracterizaao-e-diagnostico-plano-de-pormenor-da-intervenao-na-marg#

Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (1990). *Valis: Estudo e Plano Estratégico de Preservação do Património Arquitectónico e Urbanístico de Lisboa*. Consultado a 22 de maio de 2021 em https://cedru.com/o-que-fazemos/valis-estudo-e-plano-estrategico-de-preservacao-do-patrimonio-arquitectonico-e-urbanistico-de-lisboa/

Direção Geral do Património Cultural (s.d.) *Biblioteca do Palácio Nacional de Mafra. Património Cultural*. Consultado a 24 de maio de 2021 em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/recursos/bibliotecas-dgpc-apresentacao/biblioteca-do-palacio-nacional-de-mafra/

Município de Oeiras (2015) *Ao Ritmo da Cruz Quebrada-Dafundo*. Consultado a 5 junho de 2021 em https://issuu.com/municipiodeoeiras/docs/livro_cruz_quebrada_dafundo

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura/Federação Internacional das Associações de Bibliotecários. (1994). *Manifesto sobre Bibliotecas Públicas*. Consultado a 20 de maio de 2021 em https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf

Priberam (s.d.). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Priberam Informática, S.A Consultado a 9 julho de 2021 em https://dicionario.priberam.org/

Snøhetta. (s.d.). *Bibliotheca Alexandrina*. Consultado a 24 de maio de 2021 em https://snohetta.com/project/5-bibliotheca-alexandrina

União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada/Dafundo (s.d.) *Cruz Quebrada-Dafundo*. Consultado a 5 junho de 2021 em https://www.uniao-alcd.pt/home/dafundo.html

Antunes, A. (2011). Análise territorial de Algés antes do surto construtivo do século XX. *Revista Arquitectura Lusíada, 3*, 93-102.

Appleton, J. (2003*). Reabilitação de edifícios antigos: Patologias e tecnologias de intervenção*. Lisboa: Orion.

Arthur, R. (Ed.). (1997*). Le Corbusier: Polychromie Architecturale*. Basel: Birkhäuser.

Bachelard, G. (1998). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Ballesteros, J. A. (2000). Los lugares intermedios. *Pasajes de Arquitectura y Crítica,13*, 58-59.

Bill, M. (2004). Biblioteca Nacional Suiza, Berna, 1927. *2G, 29/30*, 58-59.

Blanc. M. F. (2018*). Estudos Sobre Heid*egger. Lisboa: Guerra & Paz.

Brandão, P., & Jorge, F. (1988). *Lisboa a Cidade e o Rio: Concurso de Ideias Para a Renovação da Zona Ribeirinha de Lisboa*. Lisboa: APL Publicações.

Bullanda-Jansen, A. (2006). O espaço idealizado para a bibliosfera perfeita. *Arquitectura Ibérica, 17*, 18-23.

Buttiker, U. (1994). *Louis I. Kahn: Light and Space*. New York: Watson-Guptill.

Caldenby, C., & Hultin, O. (1988). *Biblioteca Publica, Estocolmo 1918-1927*. Barcelona: Gustavo Gili.

Calixto, J. A. (2007). *Bibliotecas para a Vida: Literatura, Conhecimento, Cidadania*. Lisboa: Colibri.

Calixto, J. A. (2010). *Bibliotecas para a Vida II: Bibliotecas e leitura*. Lisboa: Colibri.

Cassirer, E. (1955). *Écrits sur l'art*. Paris: Éditions du Cerf.

Choay, F. (2011). *As questões do património: Antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70.

Cosme, A. M. (1998). Colecciones y conexiones: El espacio de la biblioteca a través de la historia. *Arquitectura Viva, 63*, 20-27.

Crispim, M.N., & Lobo, P. V. (Coord.). (1994). *Retratos de Oeiras*. Oeiras: Publicações DSA

Cruz, A., & Ortiz, A. (1998). Contorno Concéntrico: Biblioteca pública estatal, Sevilla. *Arquitectura Viva, 63*, 34–39.

Dias, S. (2008). *Intervenções de reabilitação em património construído: Projeto de beneficiação do Castelo de Alter do Chão* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa.

Faulkner-Brown. H (1997). Some thoughts on the design of major library buildings. In M. Bisbrouck, & M. Chauveinc (Eds.), *Proceedings of the tenth seminar of the IFLA Section on Library Buildings and Equipment* (pp. 11-26). The Hague, Holanda: IFLA

Fernández-Galiano, L. (2015). Second Life. *Arquitectura Viva, 172*(3), 3

Figueiredo, F. E. (2004). Rede Nacional de Bibliotecas Públicas: Actualizar para responder a novos desafios. *Cadernos BAD, 1*, 60–72.

Fujimoto, S. (2010). Biblioteca y Museo de la Universidad de Arte de Musashino. *El Croquis, 151*, 158–179.

Georges, P. (2001). *Especies de espacios* (Georges Perec, Trad.). Barcelona: Literatura y Ciencia (Obra original publicada em 1974).

Graça, J. L. C. (2005). *DSDA: Documentação e Arquivo Palácio de Belém. Colecção Arquitecturas*. Sintra: Caleidoscópio.

Gracia, F. (1992). *Construir en lo construido: Arquitectura como modificación*. Madrid: Nerea.

Herzog, M. (2005). Biblioteca de la Universidad de Brandeburgo. *Arquitectura Viva Monografias, 114*, 46–55.

Holl, S., Pallasmaa, J., & Pérez-Gomez, A. (2006). *Questions of perception: Phenomenology of architecture*. San Francisco, CA: William Stout.

Holma, M., & Lahti, M. (2000). *Alvar Aalto*. Helsinki, Finland: Building Information.

Kohane, P. (1989). La busqueda de la 'forma' de Louis I. Kahn: Ámbitos públicos y privados en las bibliotecas de la Washington University y la Phillips Exeter Academy. In Goller, Bea (Coord.), *Bibliotecas* (pp. 75–77). Barcelona: Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.

Llinás, J. (1998). Bóvedas gemelas: Biblioteca municipal, Tarrasa, Barcelona. *Arquitectura Viva, 63*, 40-45.

Loud, P. C. (1989). *The Art Museums of Louis I. Kahn*. North Carolina: Duke University Press.

Mahnke, F. H. (1996) *Color, Environment, & Human Response*. New Jersey: John Wiley & Sons.

Makarius, M. (2004). *Ruins*. Paris: Éditions Flammarion.

Meerwein, G., Rodeck, B., & Mahnke, F. H. (2007). *Color: Communication in Architectural Space*. Basel: Birkhäuser.

Moura, D., Guerra, I., Seixas, J., & Freitas, M. J. (2006). A revitalização urbana: Contributos para a definição de um conceito operativo. *Cidades, Comunidades e Territórios, 12/13*, 15-34.

Navarro Baldeweg, J. (1998). Pasaje cultural: Biblioteca del centro de música Woolworth, Princeton. *Arquitectura Viva, 63*, 60-65.

Noguerol, A., & Díez, P. (1998). De origen monolítico: Biblioteca central de la Universidad, Vigo. *Arquitectura Viva, 63*, 50-55.

Palmero, P., & Torres, S. (1998). Un prisma ingrávido: Biblioteca central de la Universidad, Alicante. *Arquitectura Viva, 63*. 56-59.

Pernão, J. (2015). An Apologia for the inclusion of the combined study of Colour and Light in the Process of Architectural Design. *In Proceedings XI Conferenza del Colore. Politecnico di Milano*. Department of Design.

Pernão, J. (2015). *Light and Colour in the Built Environment. In International Conference Lights On... Cultural Heritage and Museums*. Faculty of Arts and Humanities, Faculty of Oporto.

Pernão, J. (2017). A Phenomenological Approach to Colour Surveys in Architecture. *Journal of the International Colour Association, 19*, 23-33.

Perovic, B. (2017). Biblioteca Nacional y Universitaria II, Liubliana (Eslovenia). *Arquitectura Viva Proyectos, 84*, 6-9.

Pires, A. (2013). *A Quinta de Recreio em Portugal: Vilegiatura, lugar e arquitetura*. Sintra: Caleidoscópio.

Portas, N. (1983). *Conservar renovando ou recuperar revitalizando*. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro.

Rasmussen, S. E. (2007). *Arquitectura Vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes.

Rasmussen, S. E. (2007). *Viver a Arquitectura*. Sintra: Caleidoscópio.

Rodrigues, A. J. (1996). *Teoria da Arquitectura: O Projecto como Processo Integral na Arquitectura de Álvaro Siza*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto.

Rodrigues, M. (2010). Patrimônio industrial: Entre o fetiche e a memória. *arq.urb, 3*, 31-40.

Santos, J. D. (2007). El sentido de las cosas: Una conversación con Álvaro Siza. *El Escorial, 140*, 6-63.

Silva, J. M. (2009). Reabilitar edifícios em centros urbanos antigos: A razão dos materiais. *Arquitectura Ibérica, 30*, 6-13.

Siza, Á. (1999). Biblioteca Universitaria de Aveiro, Portugal. *El Croquis, 95*, 32-51.

Snohetta. (2017). Biblioteca Pública en Far Rockaway, Nueva York (EE.UU.). *Arquitectura Viva Proyectos, 82*, 20-21.

Snohetta. (2017). Nueva Biblioteca Central, Calgary (Canada). *Arquitectura Viva Proyectos, 82*, 18-19.

Tanizaki, J. (2016). *Elogio da Sombra*. Lisboa: Relógio D'Água.

Távora, F. (1996). *Da organização do Espaço*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto.

Távora, F., Roseta, H., Afonso, J., & Martins, F. (2004). *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos.

Toyo I. (2011). Mediateca de Sendai. *El Croquis, 123*, 46-101.

Vallejo, I. (2020). *O Infinito num Junco*. Lisboa: Bertrand

Vieira, Á. S. (1998). *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70.

Wiggins, G. E. (1997). *Louis I. Kahn: The Library at Phillips Exeter Academy*. N.Y.: Van Nostrand Reinhold.

Zevi, B. (2002). *Saber ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.

Zumthor, P. (2010). *Pensar La Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili.

webgrafia geral

Artifice (s.d.) *Bibliotheque Ste. Genevieve. Great Buildings Collection*. Consultado a 24 de maio de 2021 em www.greatbuildings.com/buildings/biblio_ste_genevieve.html

Concurso Nueva Biblioteca Municipal Campana, Buenos Aires (2014) *Future Arquitecturas, 43/44*. Consultado a 5 junho de 2021 em https://arqfuture.com/producto/future-43-44-2/

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (2009). *Programa de Apoio às Bibliotecas Municipais*. Secretaria de Estado da Cultura. Consultado a 5 junho de 2021 em http://bibliotecas.dglab.gov.pt/pt/ServProf/Documentacao/Documents/Doc01_ProgramadeApoio2009.pdf

Langdon, D. (s.d.). *Clássicos da Arquitetura: Biblioteca Nacional da França / Dominique Perrault Architecture*. ArchDaily. Consultado a 20 maio de 2021 em https://www.archdaily.com.br/br/794189/classicos-da-arquitetura-biblioteca-nacional-da-franca-dominique-perrault-architecture

Leite, J. A. (2018) *Estádio Nacional*. Restos de Colecção. Consultado a 5 junho de 2021 em https://restosdecoleccao.blogspot.com/search?q=est%C3%A1dio+Nacional

ANEXOS

ÍNDICE

A1 Mapas A5
A2 Levantamentos A15
A3 Processo A83
A4 Maquete A139
A5 Painéis A147

At

MAPAS

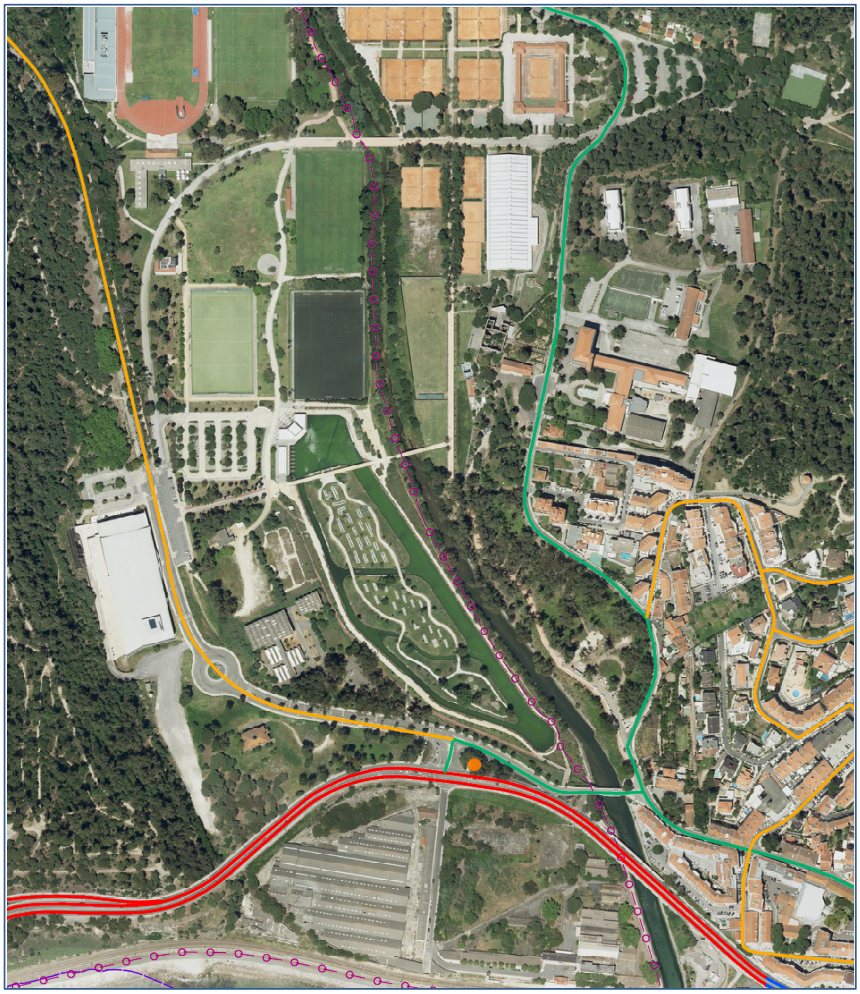
A1 .1 MAPA ANÁLISE URBANA

OEIRAS VALLEY PORTUGAL

Município de Oeiras

N

Planta de Consulta



- Nós - Nível 1
- Nós - Nível 2
- Nós - Nível 3
- Nível 1, Existente
- Nível 1, Proposta
- Nível 2, Existente
- Nível 2, Proposta
- Nível 3, Existente
- Nível 3, Proposta
- Nível 4, Existente
- Nível 4, Proposta
- 4ª Travessia Tejo Proposta

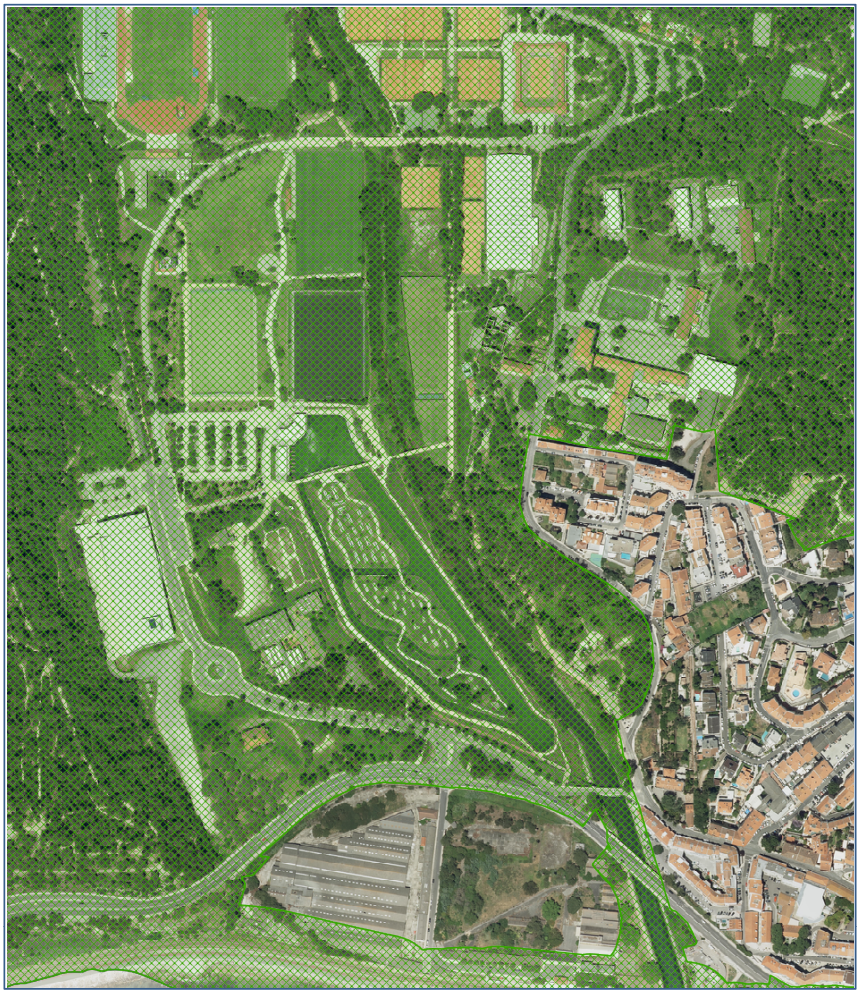
ETRS 89 / Portugal TM06	**Escala:** 0 50 100 150m	Câmara Municipal de Oeiras

OEIRAS VALLEY PORTUGAL

Município de Oeiras

N

Planta de Consulta



Estrutura Ecológica Fundamental
Estrutura Ecológica Complementar

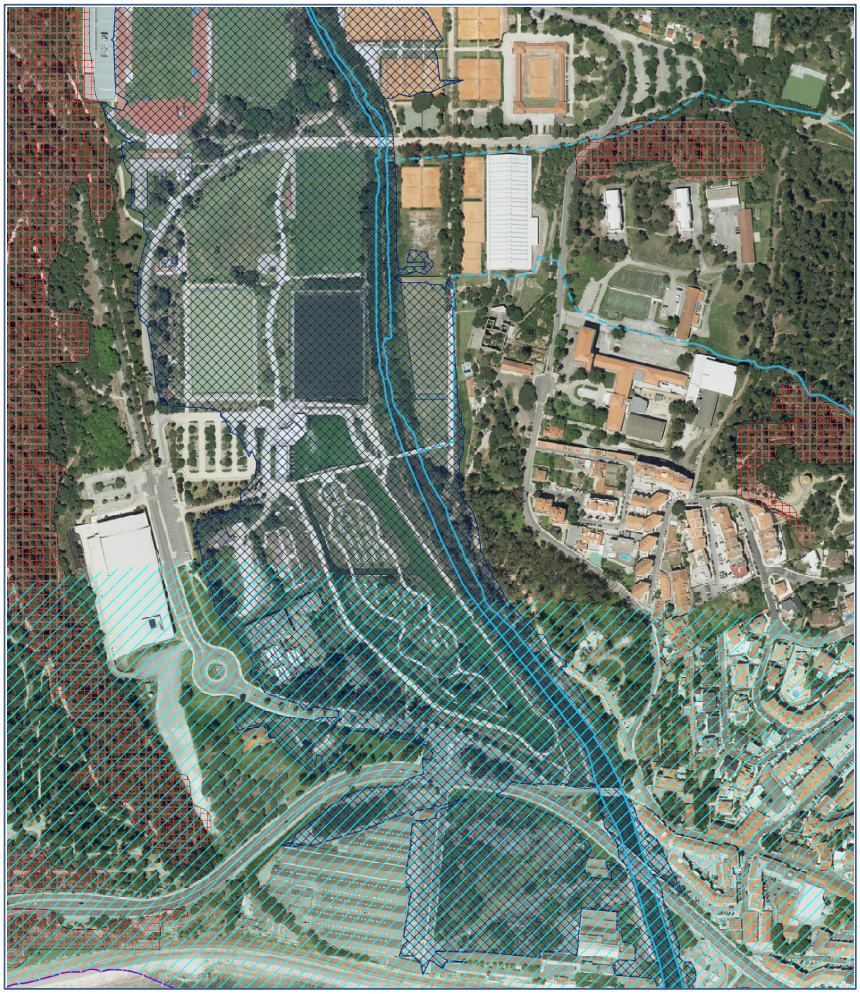
ETRS 89 / Portugal TM06	**Escala**: 0 50 100 150m	Câmara Municipal de Oeiras

OEIRAS VALLEY
PORTUGAL

Município de Oeiras

N

Planta de Consulta



Linha de Água a Céu Aberto
Linha de Água Subterrânea
Leito e Margem Águas Fluviais
Zona Adjacente
Zona Contígua à Margem

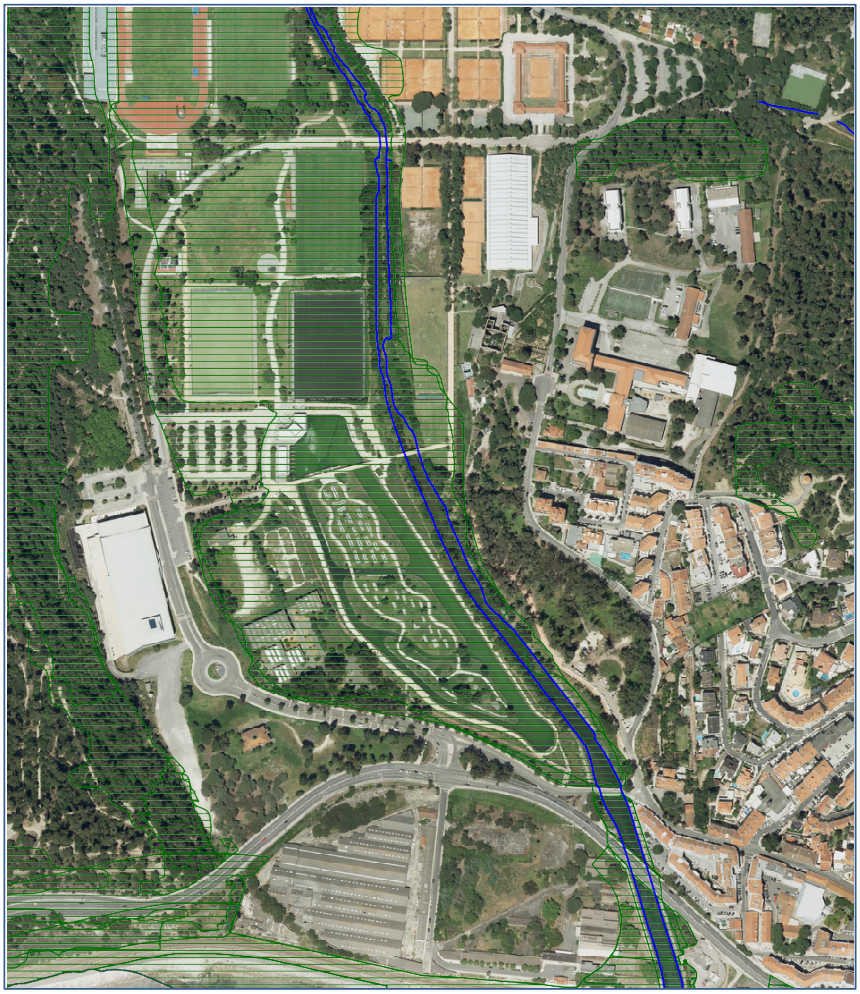
ETRS 89 / Portugal TM06	**Escala**: 0 50 100 150m	Câmara Municipal de Oeiras

OEIRAS VALLEY PORTUGAL

Município de Oeiras

N

Planta de Consulta



Leitos dos Cursos de Água
Reserva Ecológica Nacional

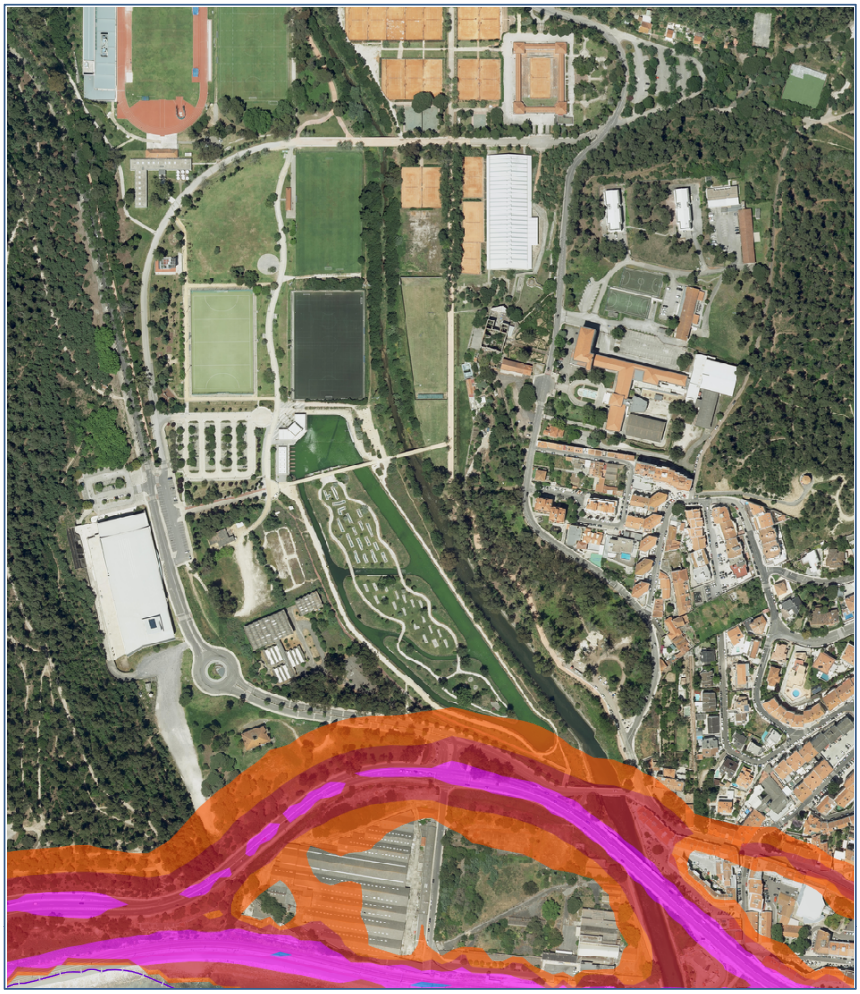
ETRS 89 / Portugal TM06	**Escala**: 0 50 100 150m	Câmara Municipal de Oeiras

OEIRAS VALLEY
PORTUGAL

Município de Oeiras

N

Planta de Consulta



≤ 5
]5 - 10]
]10 - 15]
> 15

ETRS 89 / Portugal TM06	**Escala**: 0 50 100 150m	Câmara Municipal de Oeiras

A1 .2 MAPA IPDJ

MAPA
MAP



Verde Claro Light Green
1 Estádio de Honra — National Stadium
2 Praça da Maratona — Marathon Square
3 Direção do CDNJ — CDNJ Head Office
4 Tribuna de Honra — Stadium Tribune
5 Circuito de Manutenção (Mata Poente) — Fitness Trail (West)
6 Capela da Nossa Sra. da Boa Viagem — Nossa Sra. da Boa Viagem Chapel

Azul Blue
7 Centro de Treino de Atletismo — Athletics Training Center
8 Balneários / Bar — Dressing Rooms / Bar
9 Campo n.º3 — Pitch #3
10 Campo n.º4 — Pitch #4
11 Campo n.º5 — Pitch #5
12 Campo de Hóquei — Field Hockey Pitch

Azul Blue
13 Relvado Informal — Recreational Lawn
14 Parede de Escalada — Climbing Wall
15 Espaço de Jogo e Recreio — Recreational Playground
16 Canoagem — Canoeing
17 Circuito de Manutenção (Parque Urbano) — Fitness Trail (Urban Park)
18 Ginásio ao Ar Livre — Outdoor Gym
19 Minigolfe — Mini Golf
20 Complexo de Piscinas — Swimming Pools

Laranja Orange
21 Centro de Treino de Raguêbi — Rugby Training Center
22 C.N. de Formação de Golfe — National Golf Training Center
23 Pista de Crosse — Cross Track

Vermelho Red
24 Centro de Ténis do Jamor — Jamor Tennis Center
25 Centro de Treino de Tiro com Arco — Archery Training Center

Verde Escuro Dark Green
26 Carreira de Tiro — Shooting-Range
27 Parque Aventura — Adventure Park
28 CAR - Residência — CAR - Residency
29 CAR - Centro de Estágio — CAR - Training Center
30 BTT — Mountain Biking

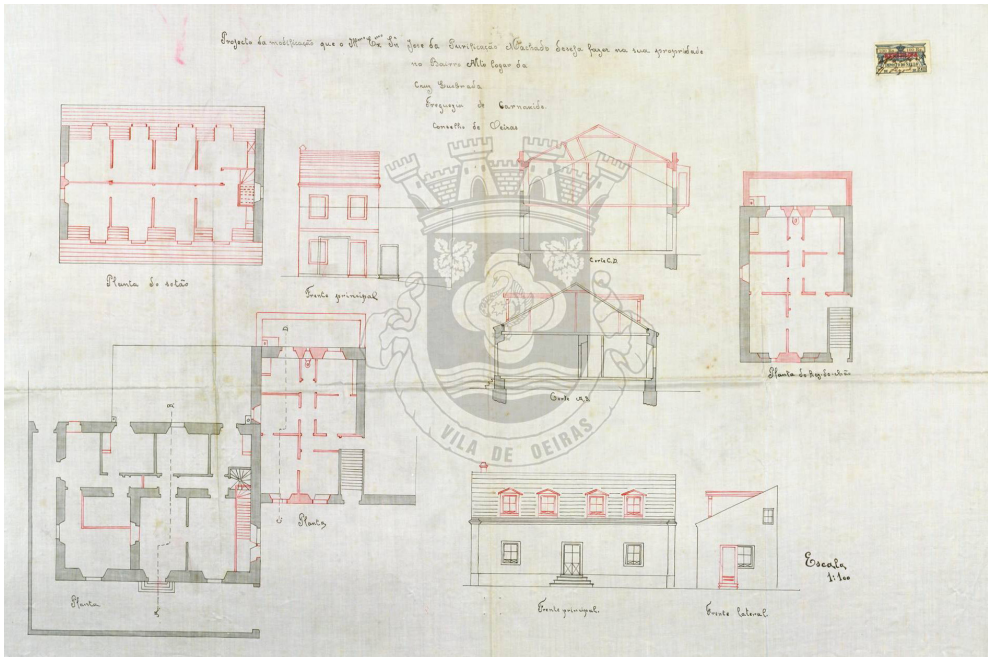
Cinzento Grey
P1 Parque de Estacionamento n.º1 — Parking #1
P2 Parque de Estacionamento n.º2 — Parking #2
P3 Parque de Estacionamento n.º3 — Parking #3
P4 Parque de Estacionamento n.º4 — Parking #4

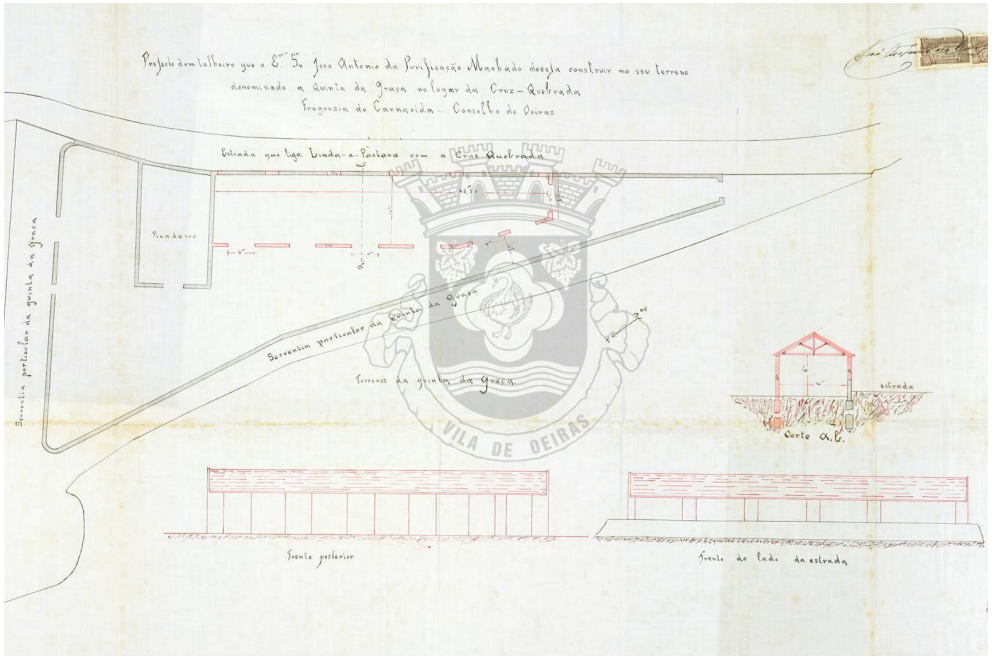
M Moinhos — Windmills

Art

LEVANTAMENTOS

A2 .1 ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS





Pormenor do teto da casa da Quinta da Graça

Data:
1986

Espécie:
Suporte: Papel de revelação
Formato: 13 x 18 cm
Geração: 2ª - Prova
Estado de conservação: Bom
Cor: Preto e branco

Menções de Responsabilidade:
Rui Cunha. Fotografia e Audiovisuais, Lda
Função: Estúdio e laboratório de fotografia

Âmbito e Conteúdo:
Pormenor dos estuques do teto da casa da Quinta da Graça.

Notas:
Descrição elaborada com base num inventário proveniente dos Serviços de Planeamento, atual DPGU, da Câmara Municipal de Oeiras. Manuscrito no verso: A - Tecto da casa da Quinta da Graça na C. Quebrada. (8-33). Foi inicialmente um convento dos Frades Gracianos. No século XIX já pertencia a João José Machado. O palacete, quinta e terrenos envolventes foram expropriados em meados da década de trinta do século XX, por altura da construção do Estádio Nacional. Acabou por ficar praticamente ao abandono após um violento incêndio em 1993.

Descritores:

Quinta da Graça

Concelho:
Oeiras

Localização:
Freguesia: União das freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada / Dafundo
Zona: Cruz Quebrada

Local:
Estrada da Costa

Código de Referência:
PT/MOER/MO/NF/008/000160

Palacete da Quinta da Graça

Data:
1986

Espécie:
Suporte: Papel de revelação
Formato: 13 x 18 cm
Geração: 2ª - Prova
Estado de conservação: Bom
Cor: Preto e branco

Menções de Responsabilidade:
Rui Cunha. Fotografia e Audiovisuais, Lda
Função: Estúdio e laboratório de fotografia

Âmbito e Conteúdo:
Fachada do Palacete da Quinta da Graça, onde se destaca a varanda em ferro forjado, que envolve todo o primeiro andar.

Notas:
Descrição elaborada com base num inventário proveniente dos Serviços de Planeamento, atual DPGU, da Câmara Municipal de Oeiras. Manuscrito no verso: A - Casa da Quinta da Graça na C. Quebrada. (8-33). Foi inicialmente um convento dos Frades Gracianos. No século XIX já pertencia a João José Machado. O palacete, quinta e terrenos envolventes foram expropriados em meados da década de trinta do século XX, por altura da construção do Estádio Nacional. Acabou por ficar praticamente ao abandono após um violento incêndio em 1993.

Descritores:

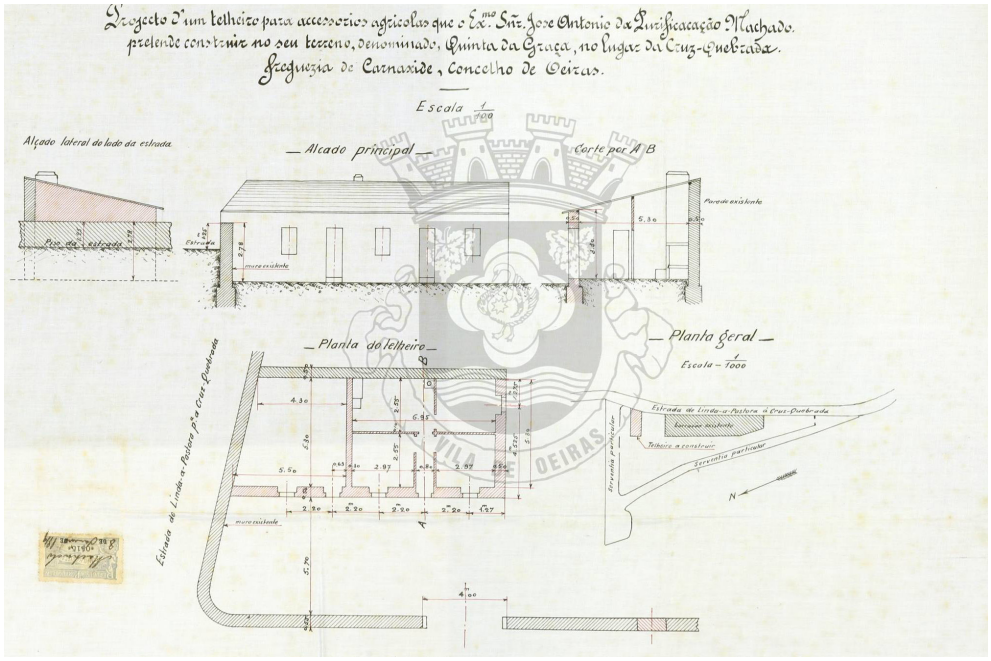
Quinta da Graça
Palacete
Varandas
Ferro forjado

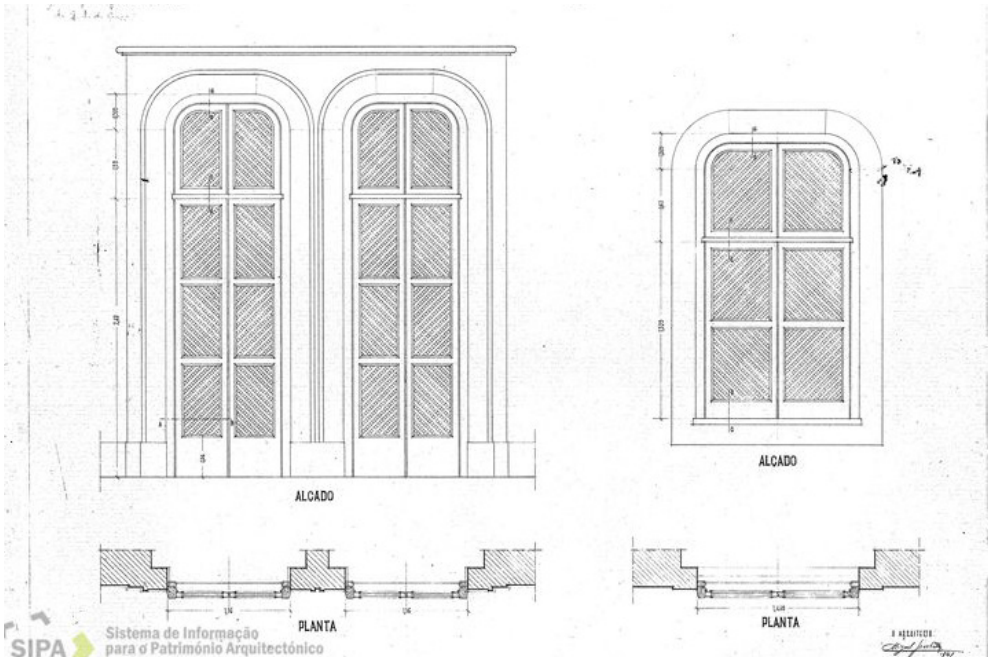
Concelho:
Oeiras

Localização:
Freguesia: União das freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada / Dafundo
Zona: Cruz Quebrada

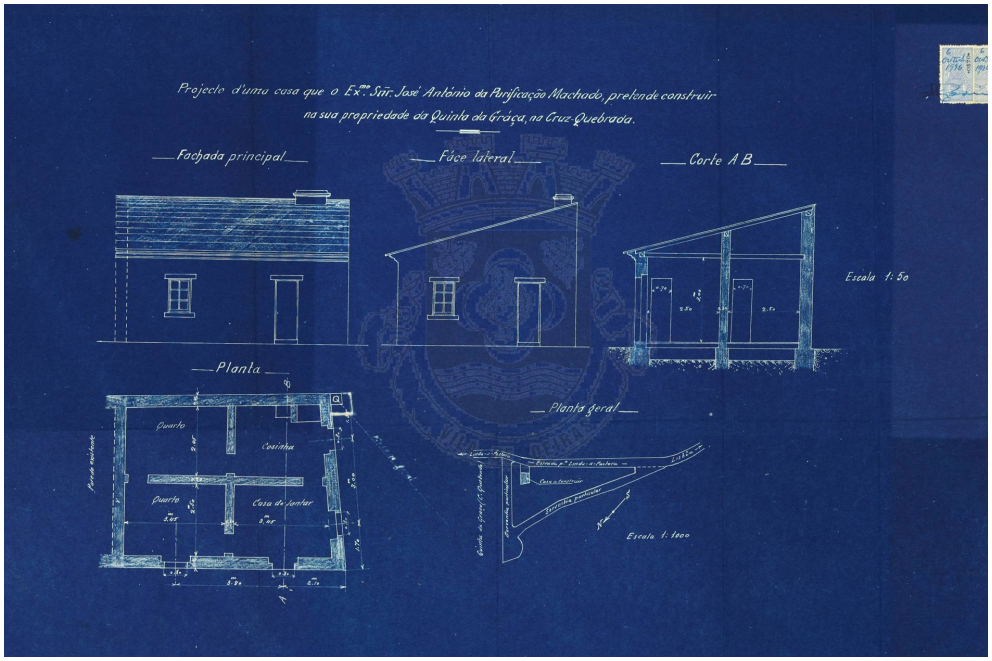
Local:
Estrada da Costa

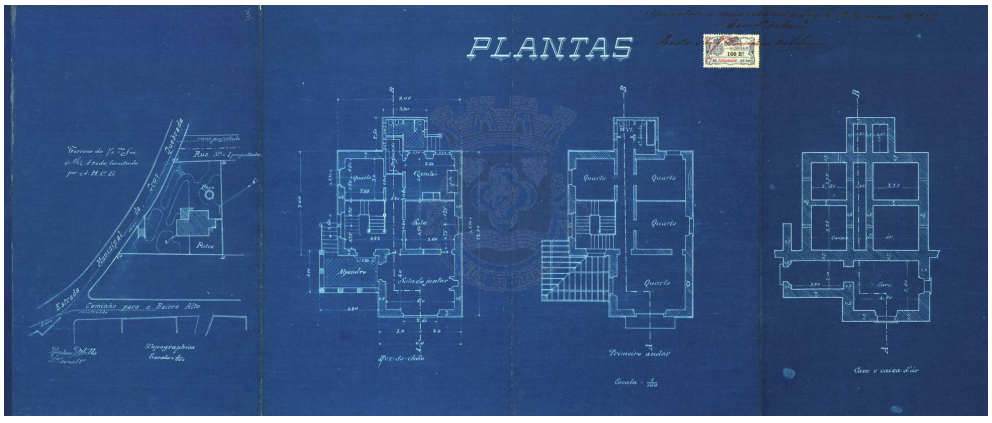
Código de Referência:
PT/MOER/MO/NF/008/000159

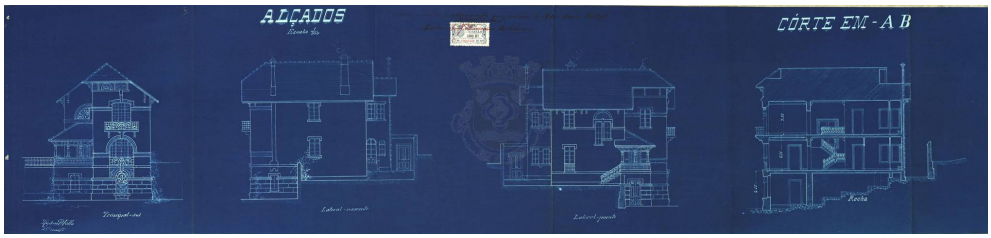


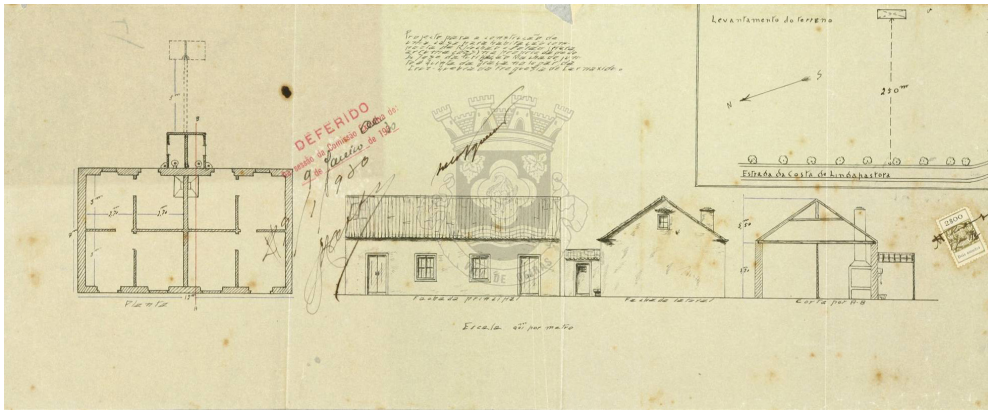


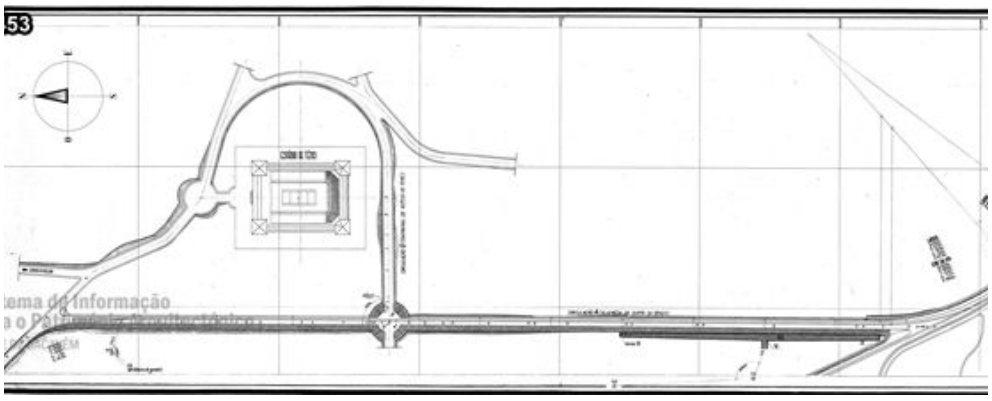
SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

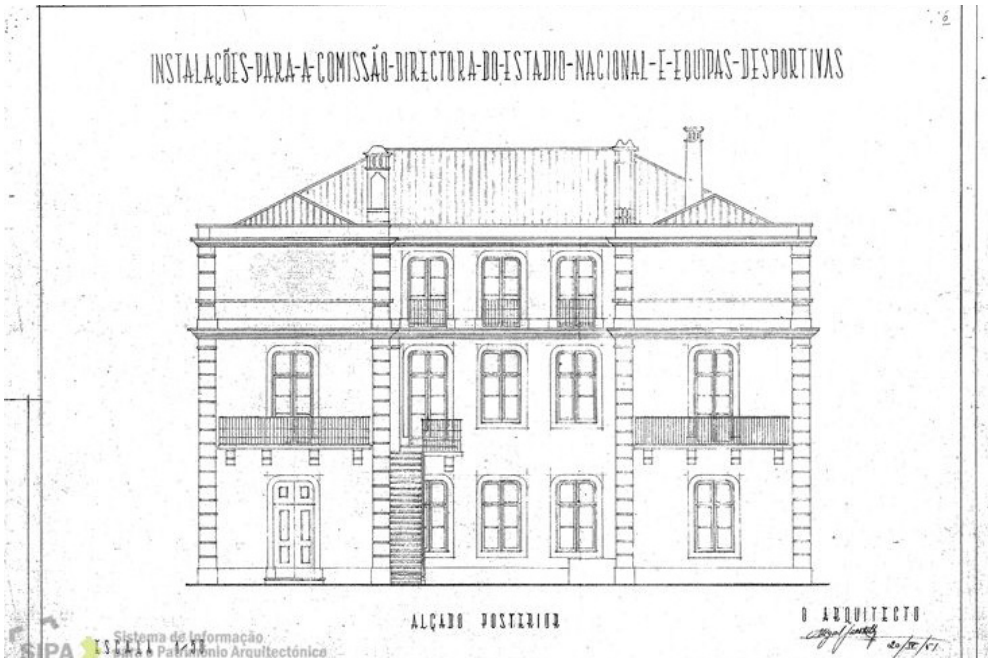

Projecto d'uma casa que o Ex.mo Snr. José Antônio da Purificação Machado, pretende construir na sua propriedade da Quinta da Graça, na Cruz-Quebrada.
Fachada principal
Face lateral
Corte A B
Escala 1:50
Planta
Planta geral
Escala 1:1000


PLANTAS
Escala


ALÇADOS
CÓRTE EM - A B


DEFERIDO
Levantamento do terreno
Estrada da Costa de Lindo-a-pastora

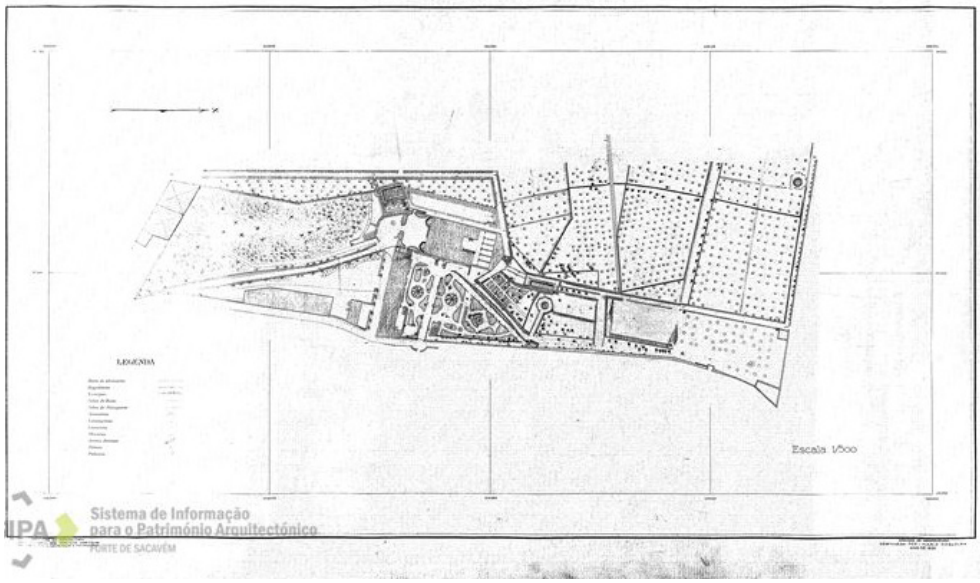




Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

ADES.00026926

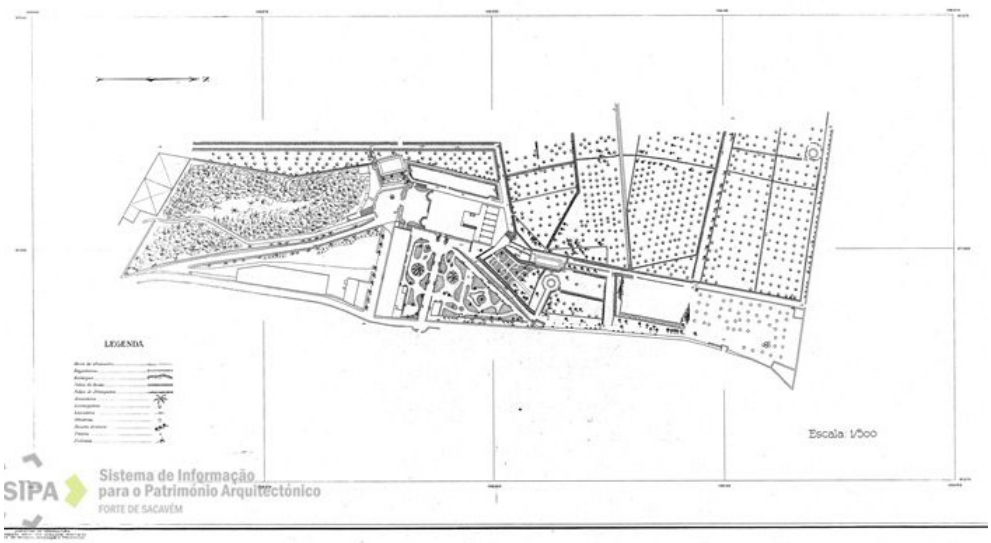
QUINTA DA GRAÇA
Pomares e Jardins



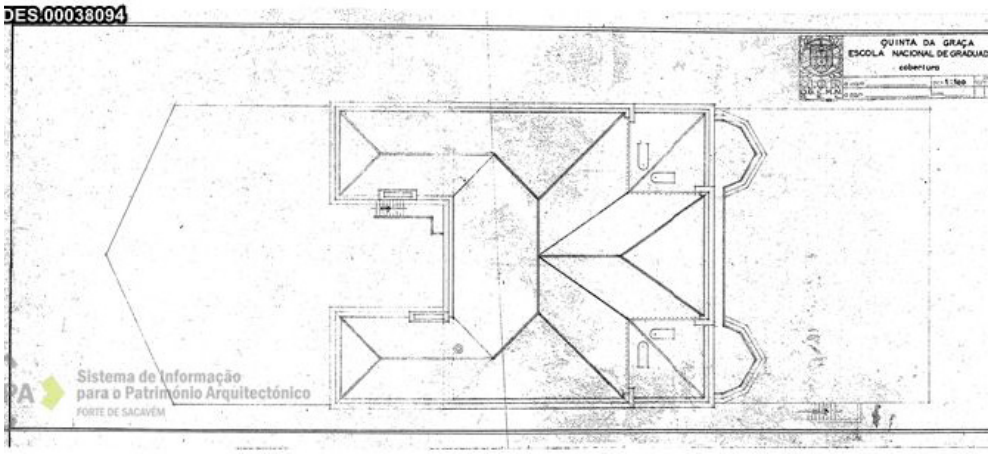
SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
FORTE DE SACAVÉM

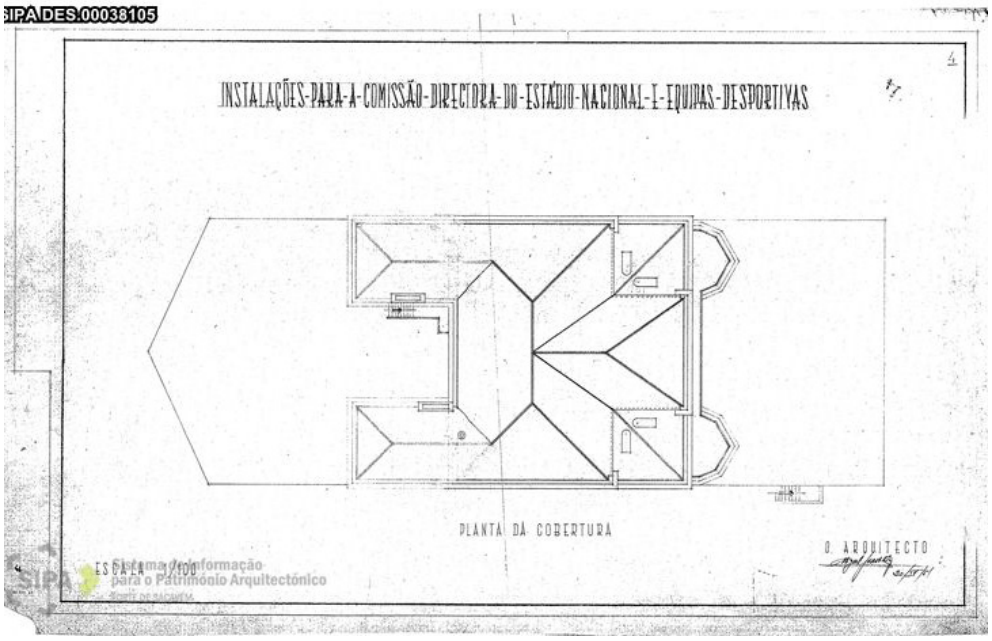
PADES.00026927

QUINTA DA GRAÇA
Pomares e Jardins

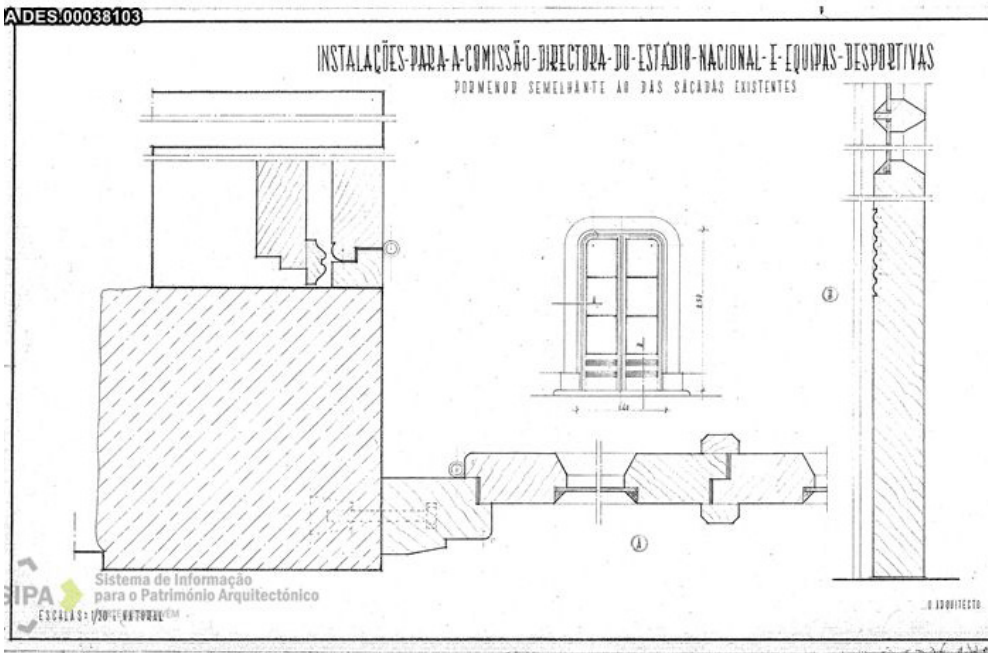


SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
FORTE DE SACAVÉM

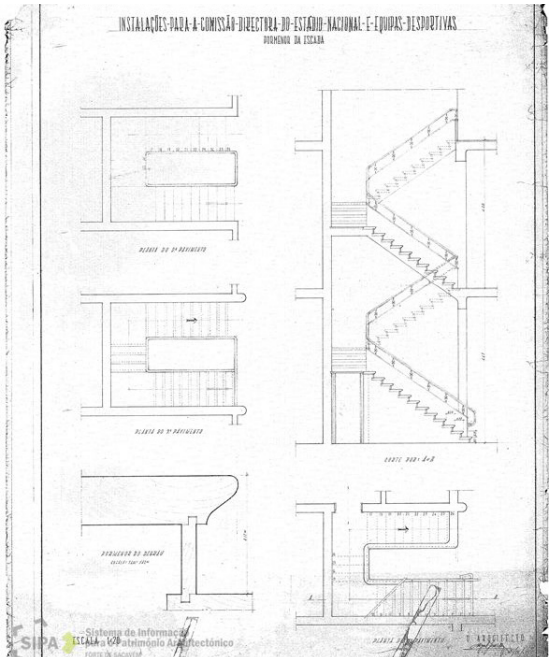

DES.00038094
QUINTA DA GRAÇA
ESCOLA NACIONAL DE GRADUAD
cobertura
Sistema de Informação
para o Património Arquitectónico
FORTE DE SACAVÉM


SIPA DES.00038105
INSTALAÇÕES-PARA-A-COMISSÃO-DIRECTORA-DO-ESTÁDIO-NACIONAL-E-EQUIPAS-DESPORTIVAS
PLANTA DA COBERTURA
O ARQUITECTO
ESCALA 1/100
Sistema de Informação
para o Património Arquitectónico
FORTE DE SACAVÉM

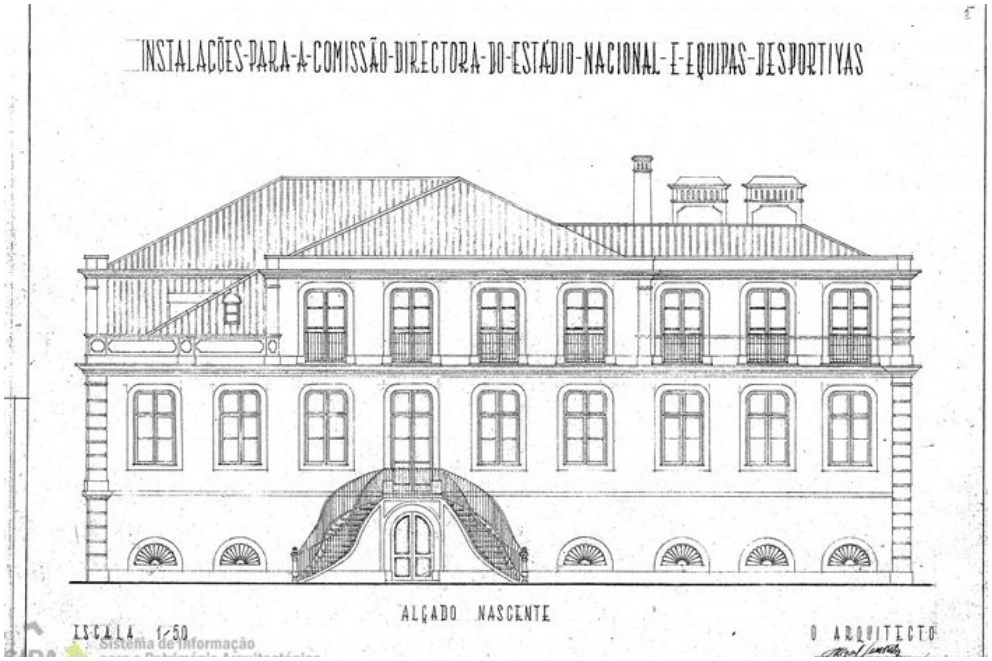
ADES.00038103

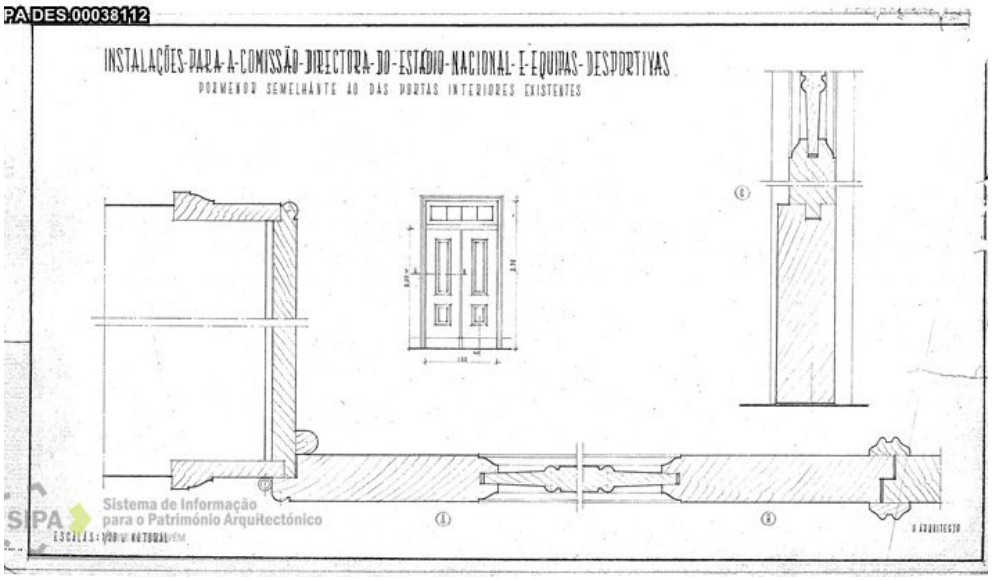


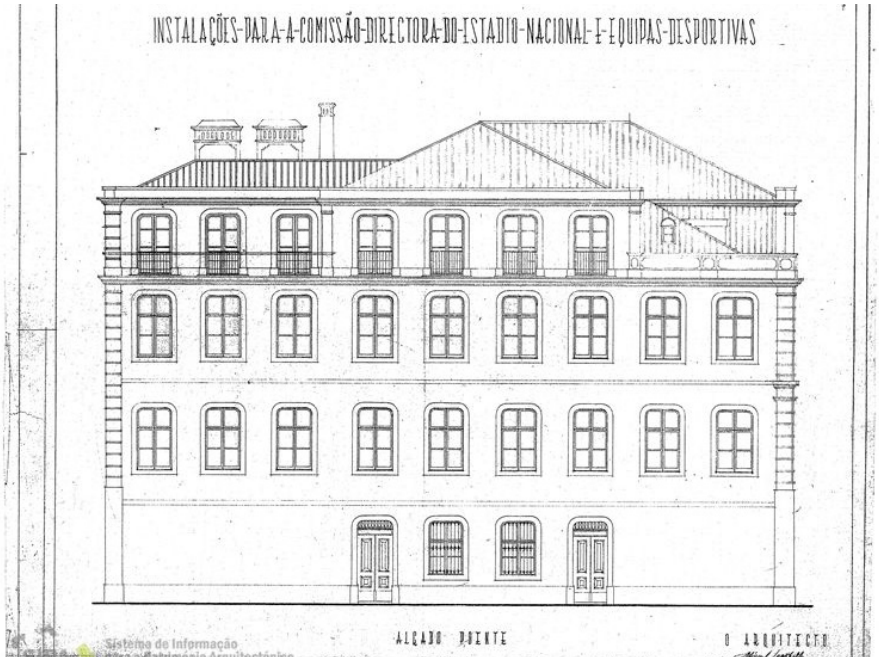
SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

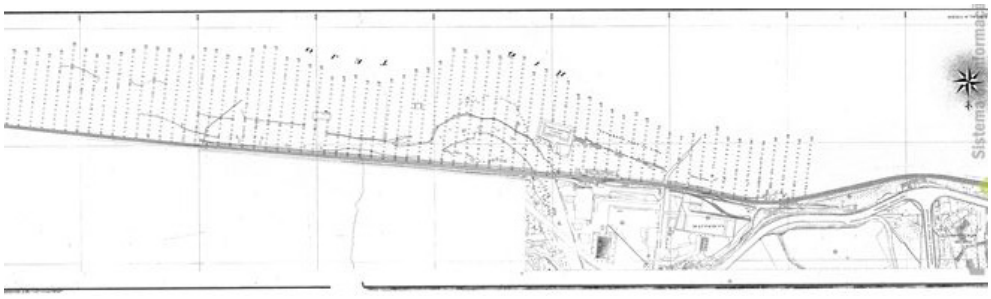


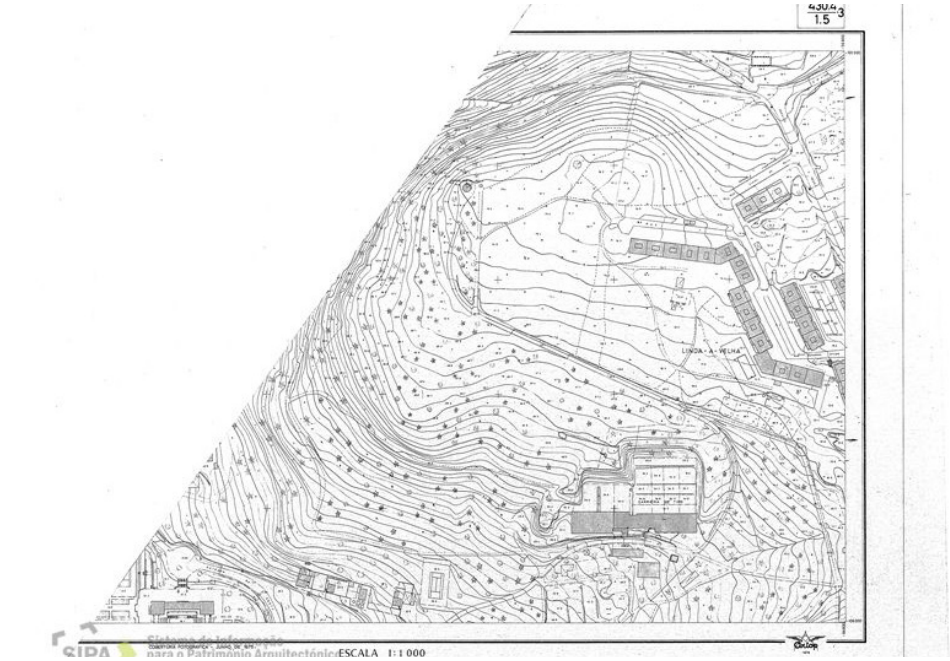
SIPA Sistema de Informação para o Património Arquitectónico


INSTALAÇÕES-PARA-A-COMISSÃO-DIRECTORA-DO-ESTÁDIO-NACIONAL-E-EQUIPAS-DESPORTIVAS
ALÇADO NASCENTE
ESCALA 1-50
O ARQUITECTO
Sistema de Informação


PA/DES.00038112
INSTALAÇÕES-PARA-A-COMISSÃO-DIRECTORA-DO-ESTÁDIO-NACIONAL-E-EQUIPAS-DESPORTIVAS
PORMENOR SEMELHANTE AO DAS PORTAS INTERIORES EXISTENTES
Sistema de Informação
para o Património Arquitectónico
SIPA


INSTALAÇÕES-PARA-A-COMISSÃO-DIRECTORA-DO-ESTADIO-NACIONAL-E-EQUIPAS-DESPORTIVAS
ALÇADO POENTE
O ARQUITECTO




430.4
1.5
3
LINDA-A-VELHA
ESCALA 1:1 000


CONCELHO DE OEIRAS
LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO
4302
5-4
OEIRAS
ESCALA 1:1 000

DEPARTAMENTO DE PLANEAMENTO E GESTÃO URBANÍSTICA

Divisão de Atendimento e Apoio Administrativo

Concordo.
Proceda-se á junção como proposto e á Actualização dos registos

2011/02/01

INFORMAÇÃO N.º1493/2011 FICHA DE NUMERAÇÃO DE POLÍCIA (Certidão)

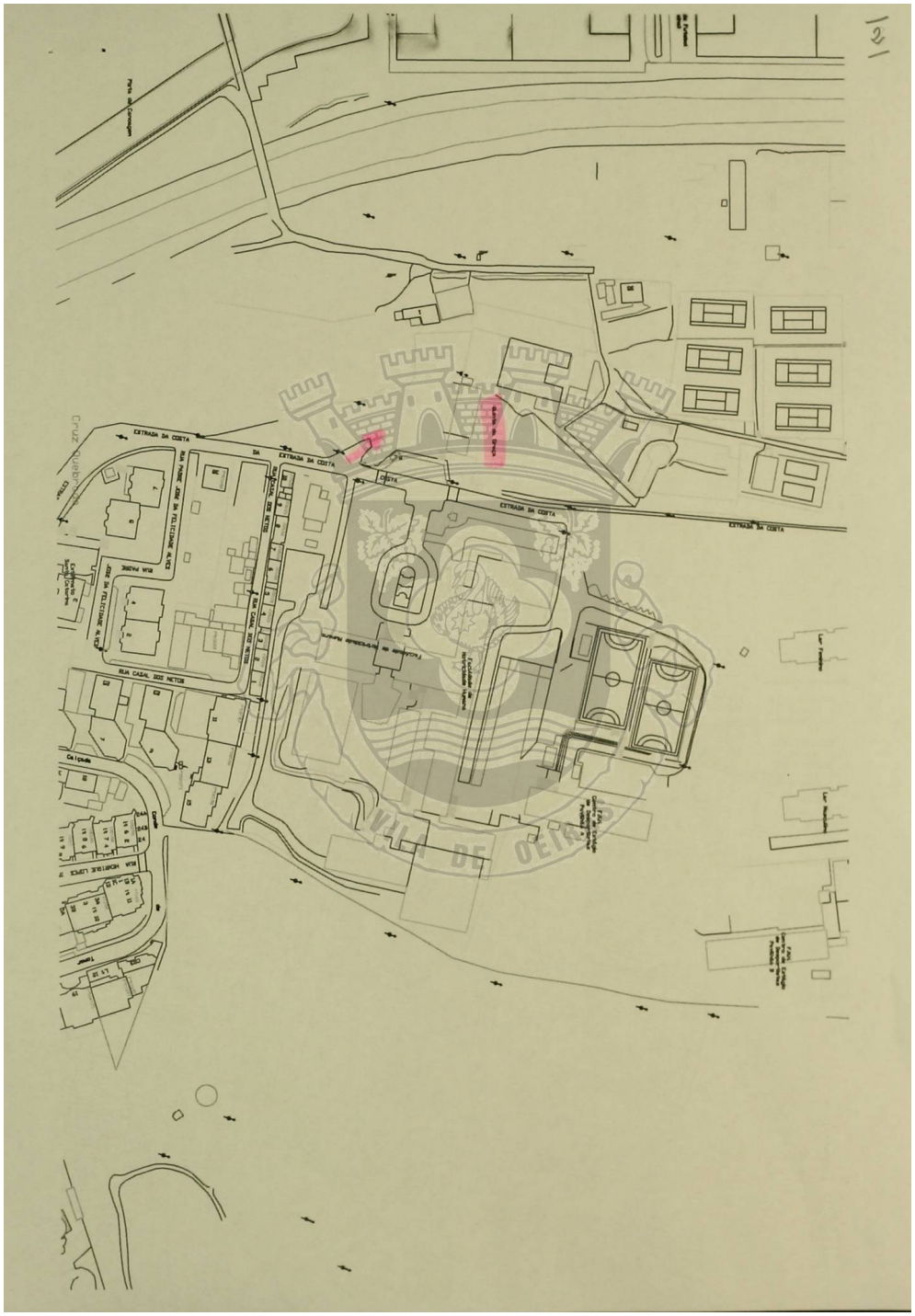
Actual localização: Processo 297/1913;67/1915;3/1919;133/1926;5/1930

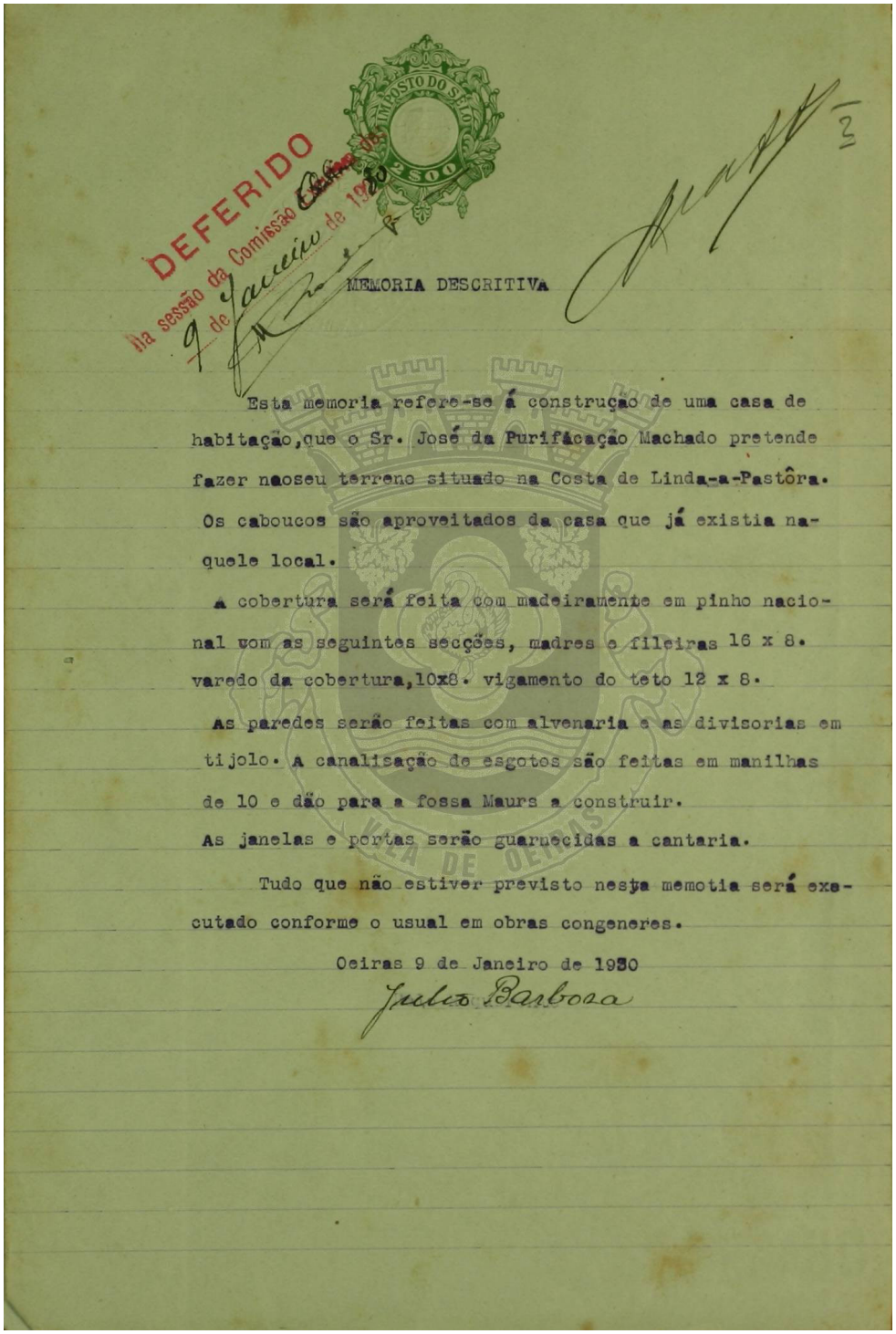
O prédio a que se refere o processo de construção 297/1913 situa-se na Estrada da Costa designa-se por Quinta da Graça na Cruz-Quebrada, Freguesia da Cruz- Quebrada/Dafundo.

Anterior localização:

Foi anteriormente designado por Quinta da Graça sito na Estrada da Cruz Quebrada á Costa de Linda a Pastora, na Cruz-Quebrada, Freguesia de Carnaxide.

01-02-2011
DAAA
Manuel Malato


EXTRADA DA COSTA
RUA CASAL DOS NETOS
VILA DE OEIRAS



MEMORIA DESCRITIVA

Esta memoria refere-se á construçao de uma casa de habitação, que o Sr. José da Purificação Machado pretende fazer naoseu terreno situado na Costa de Linda-a-Pastôra.

Os cabouços são aproveitados da casa que já existia naquele local.

A cobertura será feita com madeiramente em pinho nacional com as seguintes secções, madres e fileiras 16 x 8. varedo da cobertura, 10x8. vigamento do teto 12 x 8.

As paredes serão feitas com alvenaria e as divisorias em tijolo. A canalisação de esgotos são feitas em manilhas de 10 e dão para a fossa Maurs a construir.

As janelas e portas serão guarnecidas a cantaria.

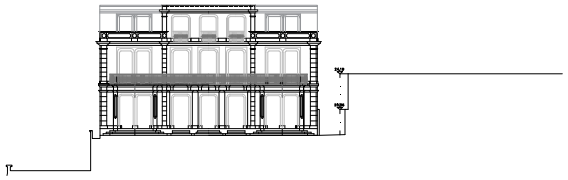
Tudo que não estiver previsto nesta memotia será executado conforme o usual em obras congeneres.

Oeiras 9 de Janeiro de 1930

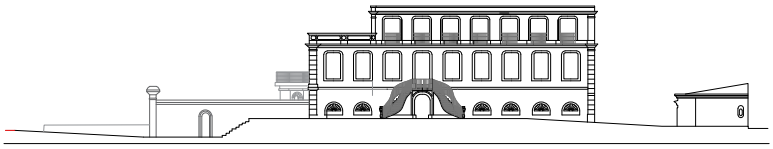
Julio Barbosa

A2 .2 LOURENÇO, 2019

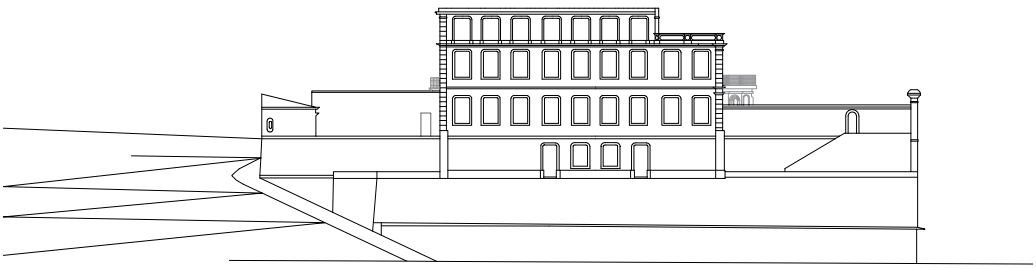
Alçado Principal (pátio de honra)



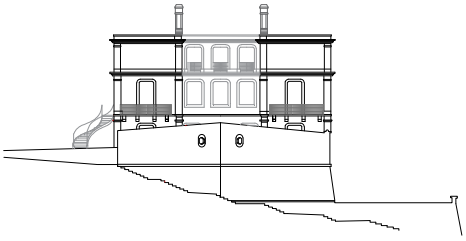
Alçado Frontal

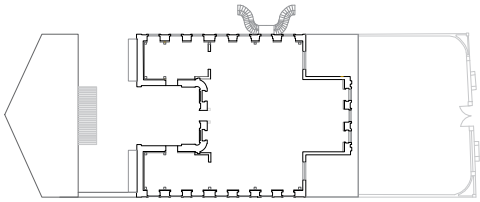


Alçado Posterior

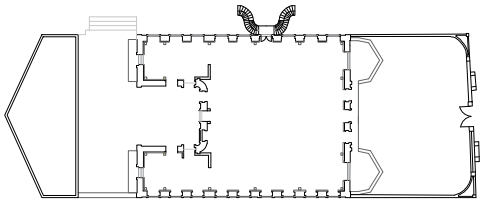


Alçado

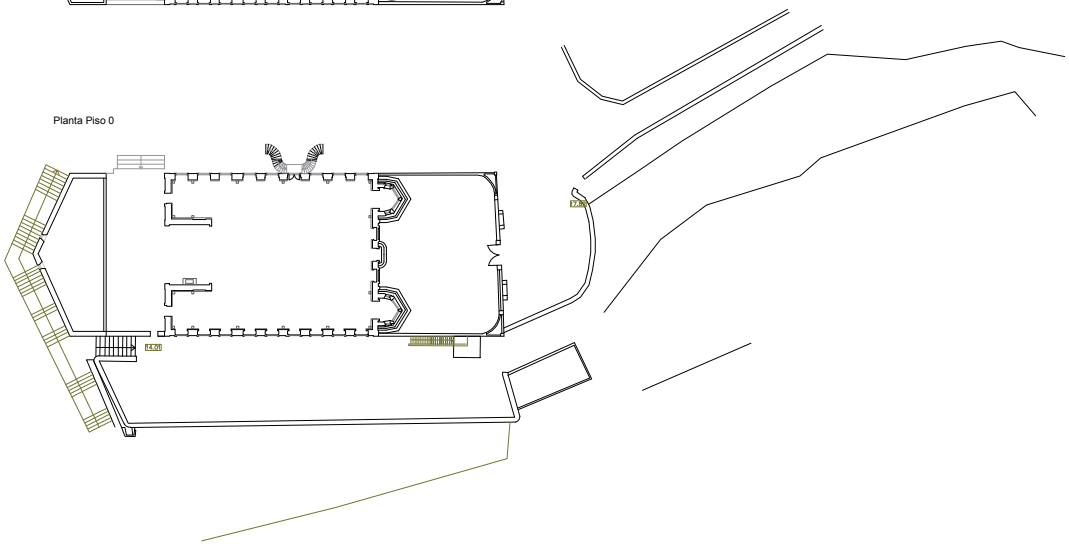




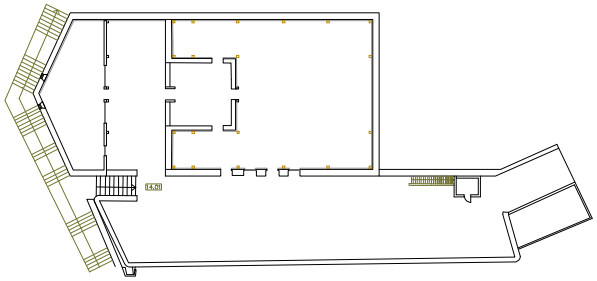
Planta Piso 1

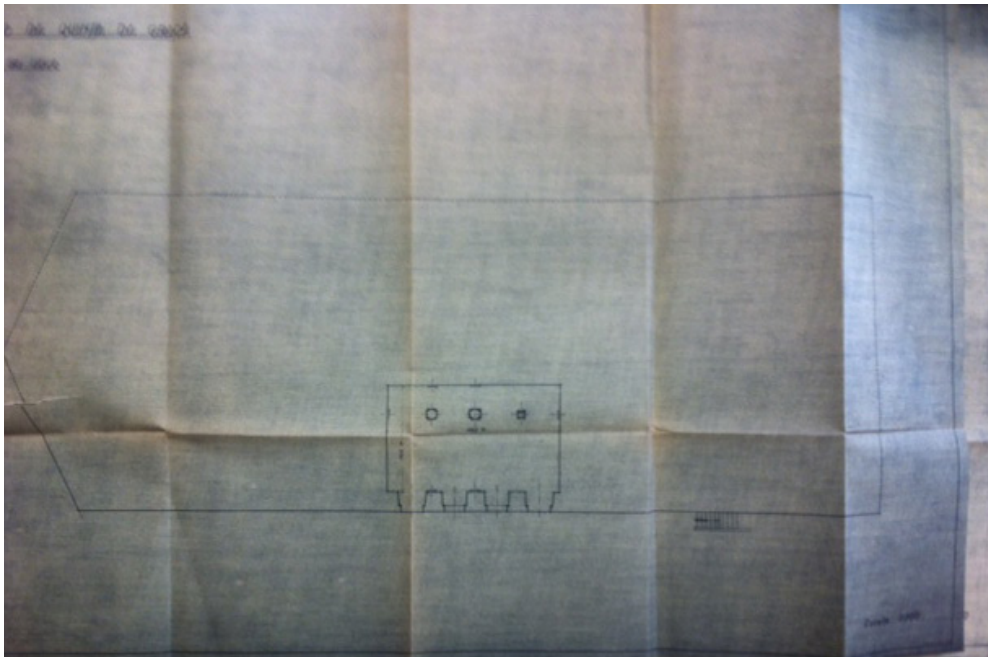


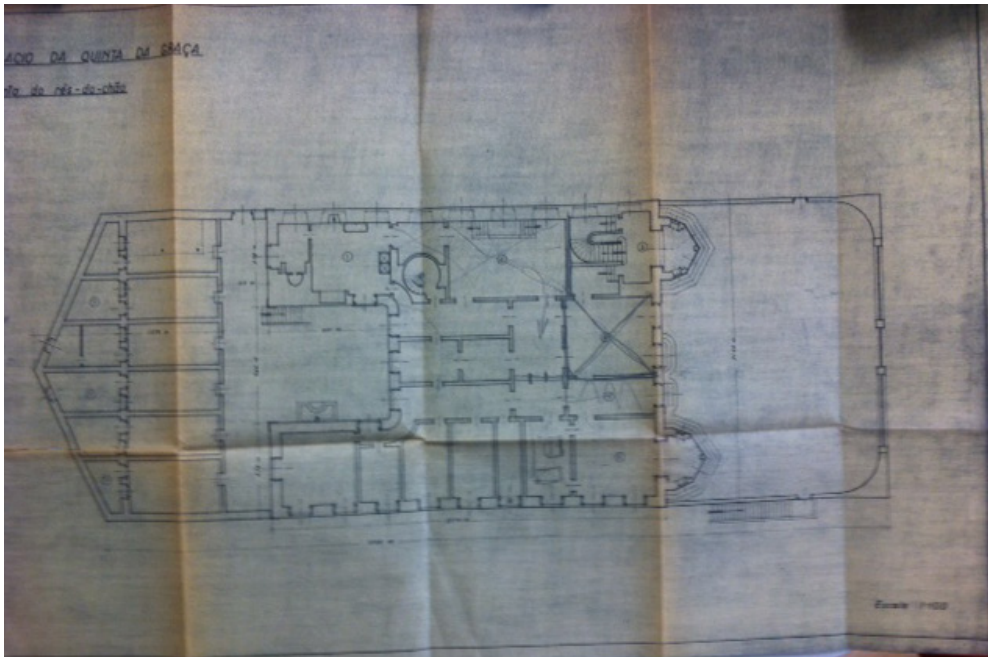
Planta Piso 0

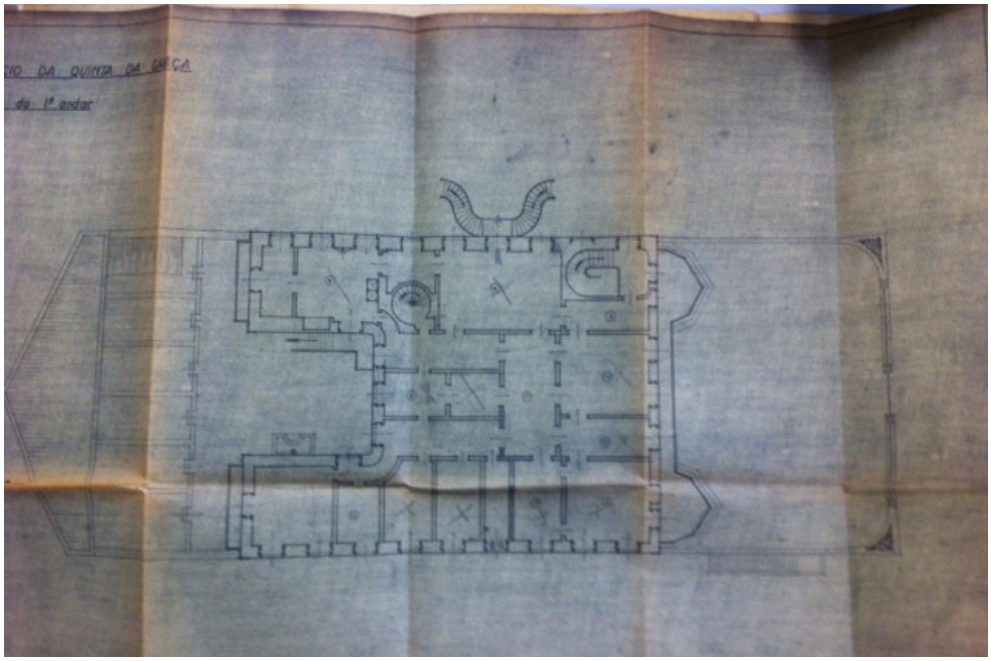


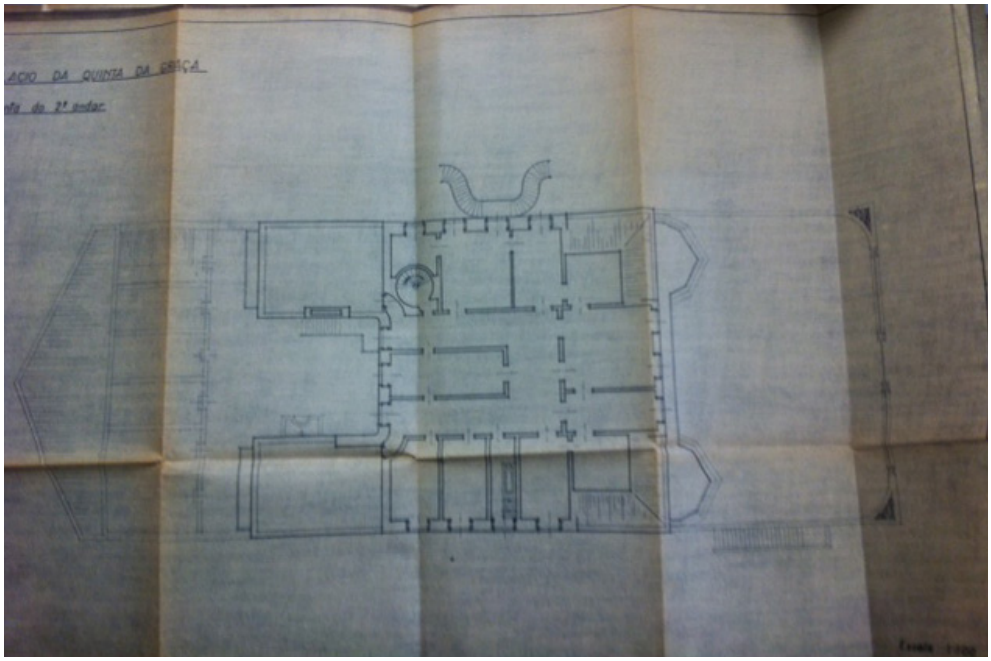
Planta Piso -1



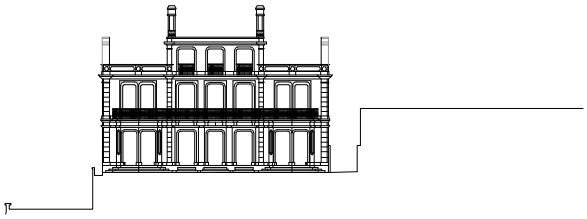


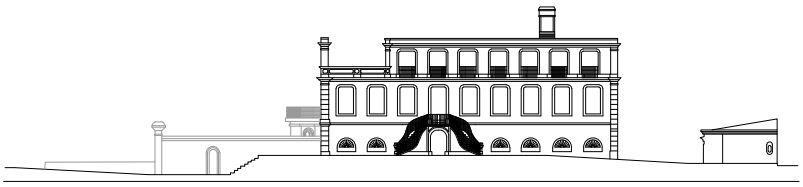


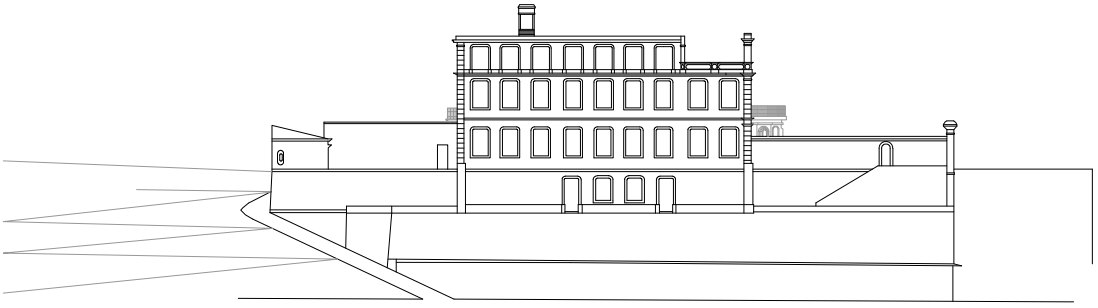

DA QUINTA DA
do 1º andar

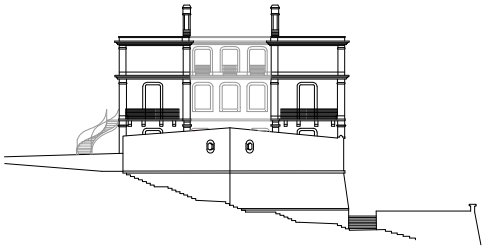

DA QUINTA DA
do 2º andar

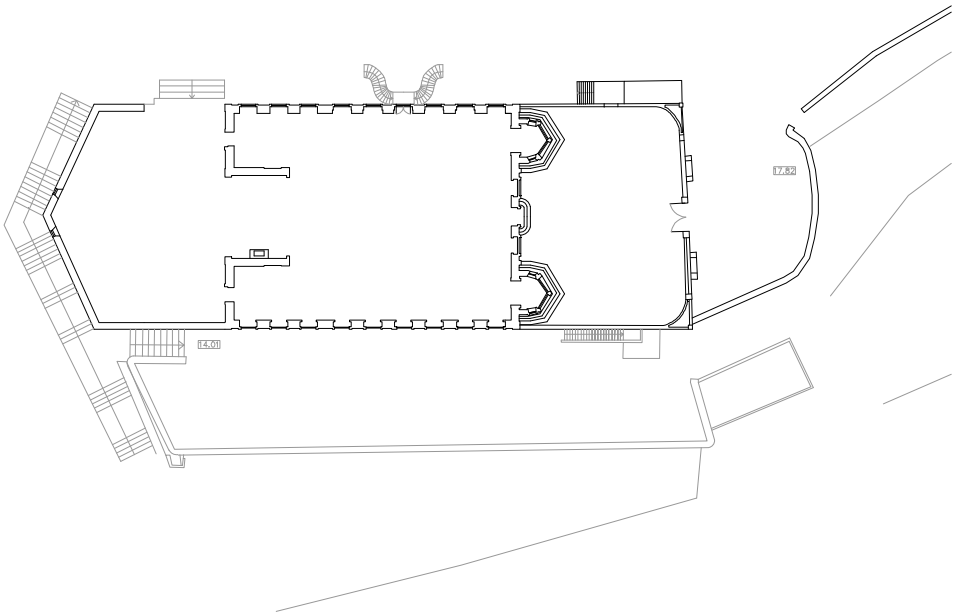
A2 .3 LEVANTAMENTO PELA AUTORA, 2021

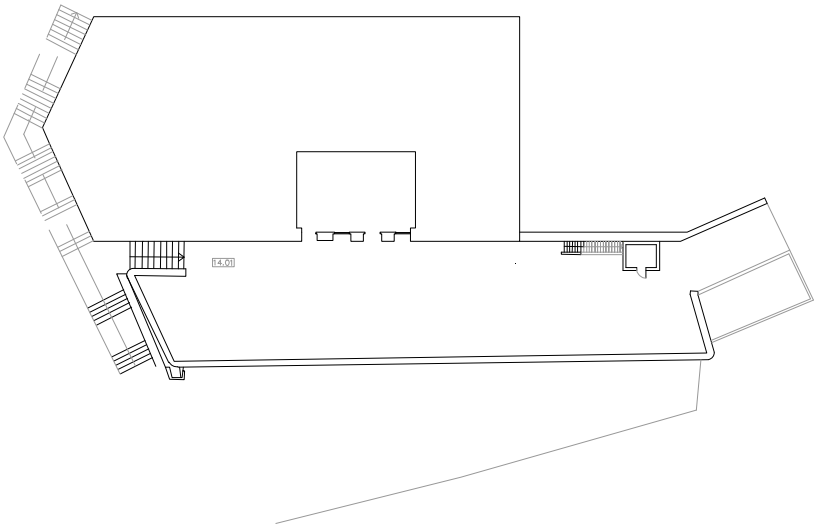


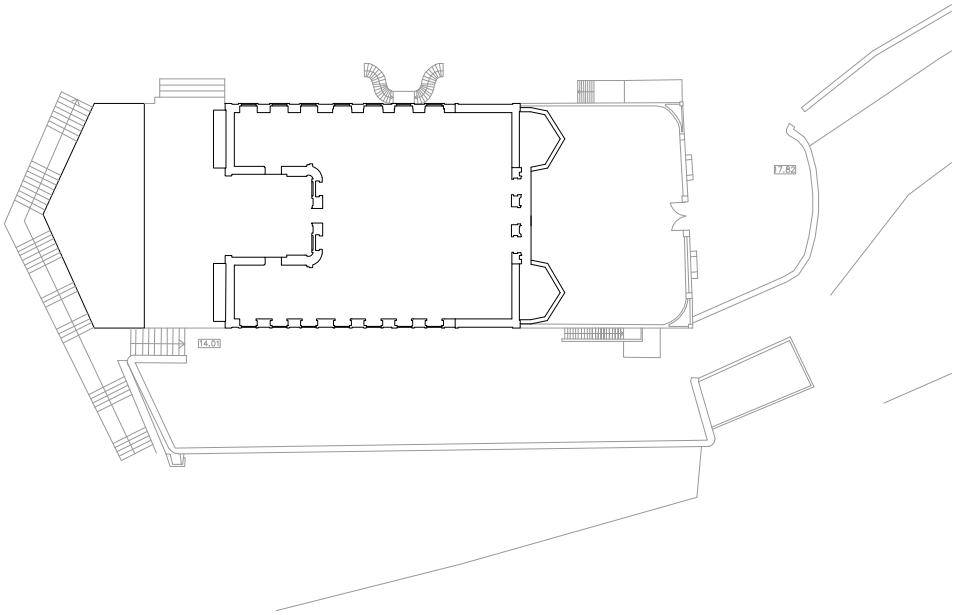


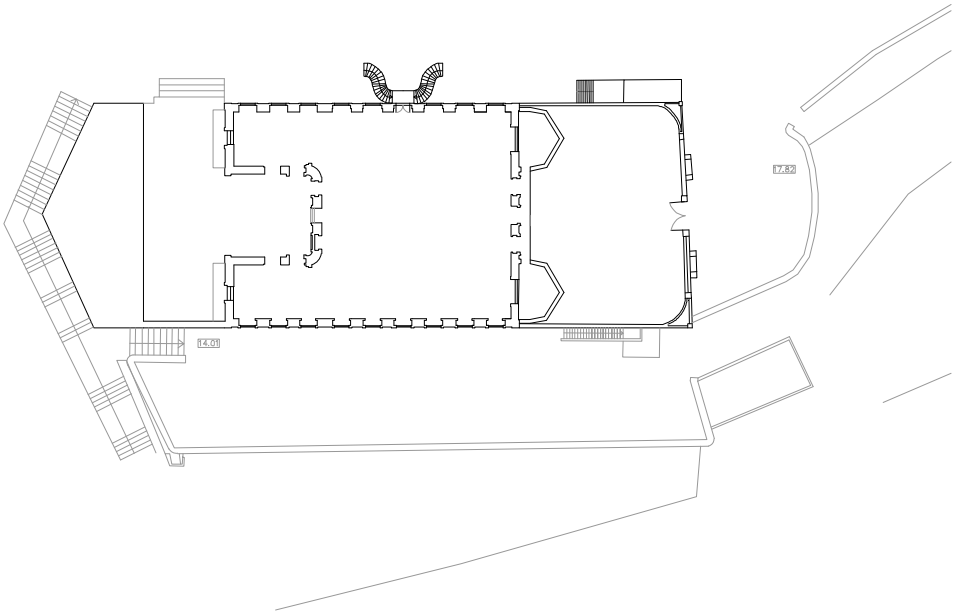





17.82
14.01


14.01


17.82
14.01


17.82
14.01

A2 .4 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO















































































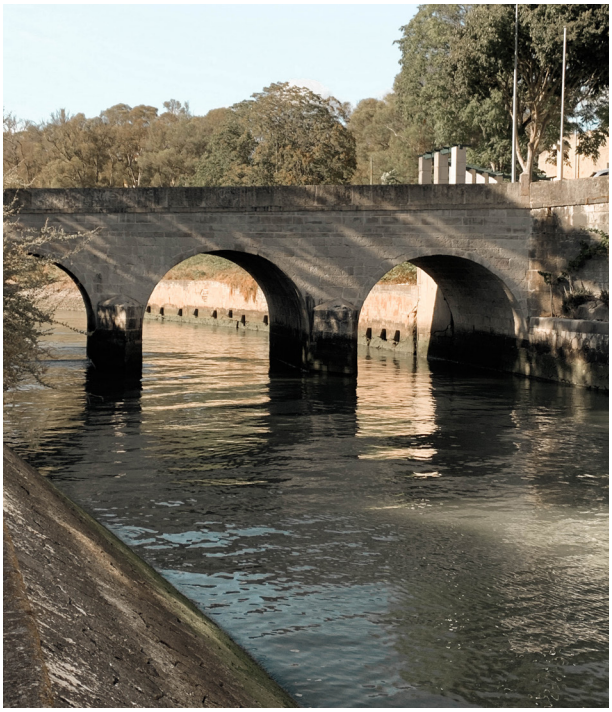


















































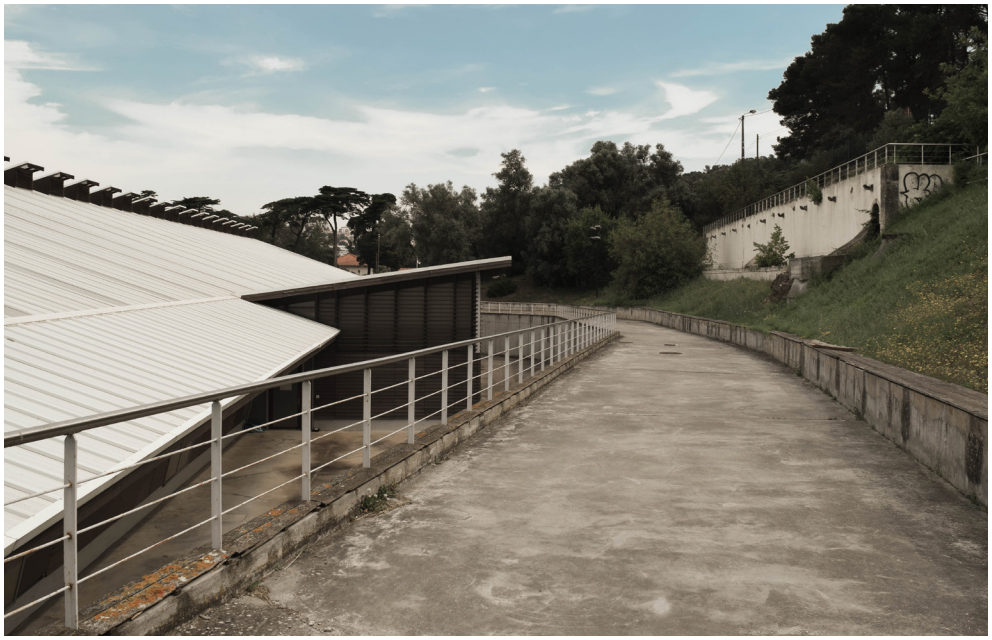







ESTRADA
DA
COSTA

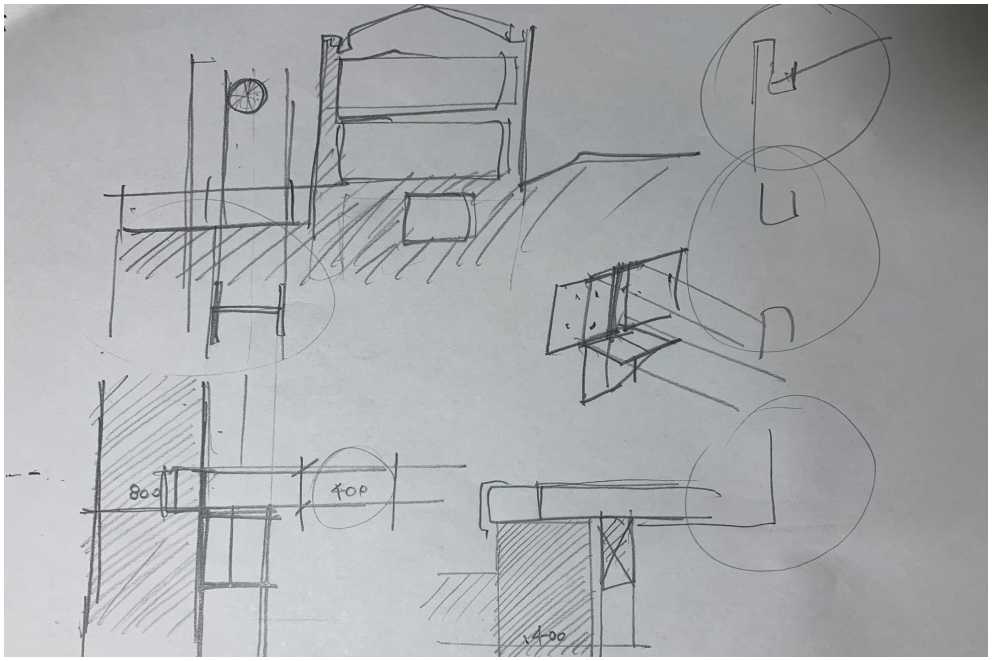


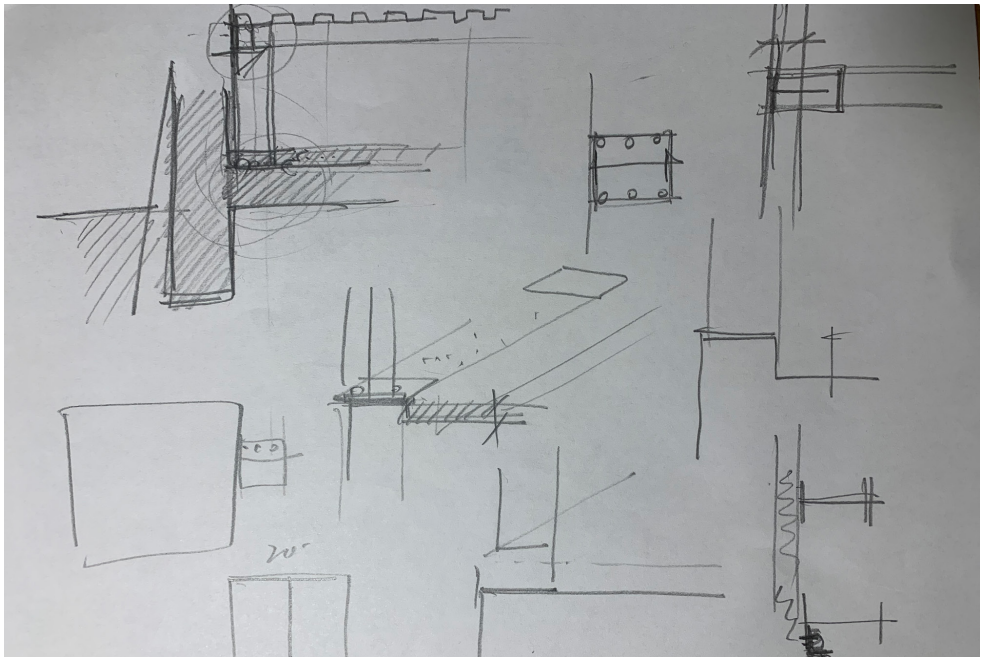


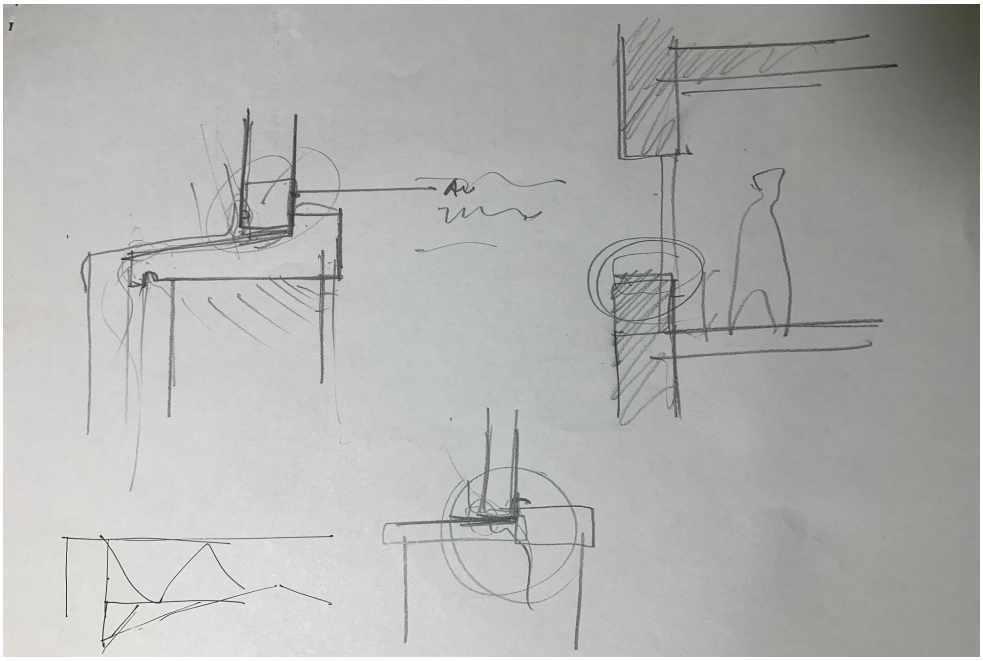
Art

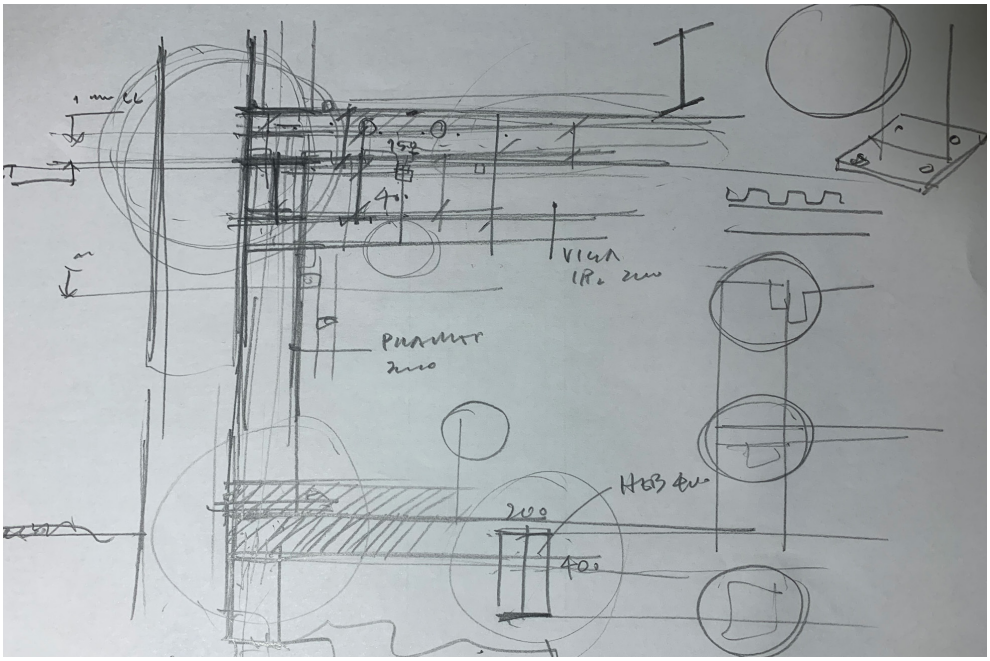
PROCESSO

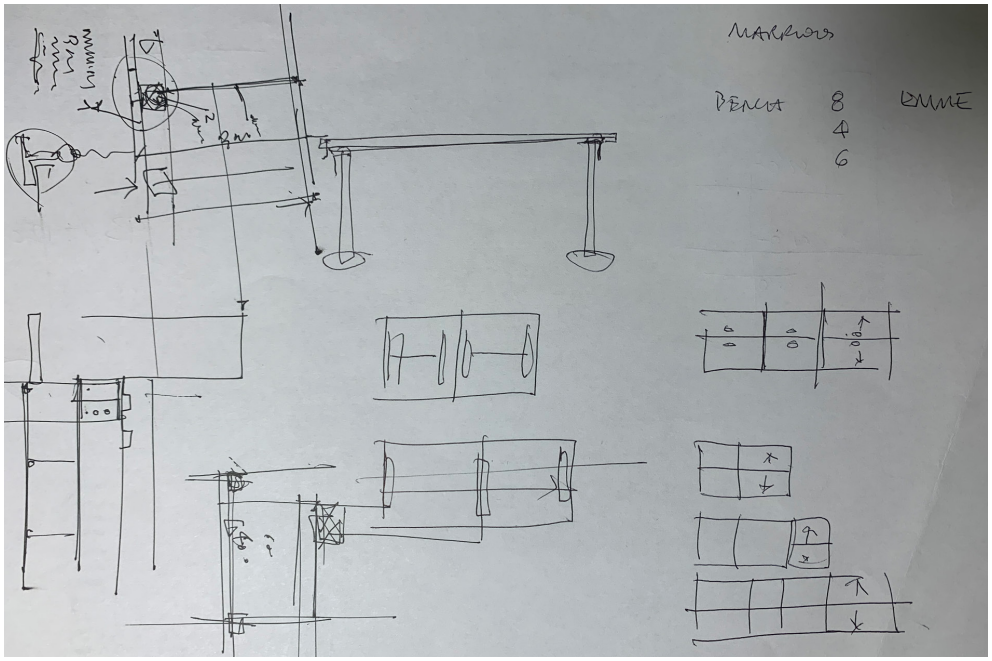
A3 .1 ESQUISSOS

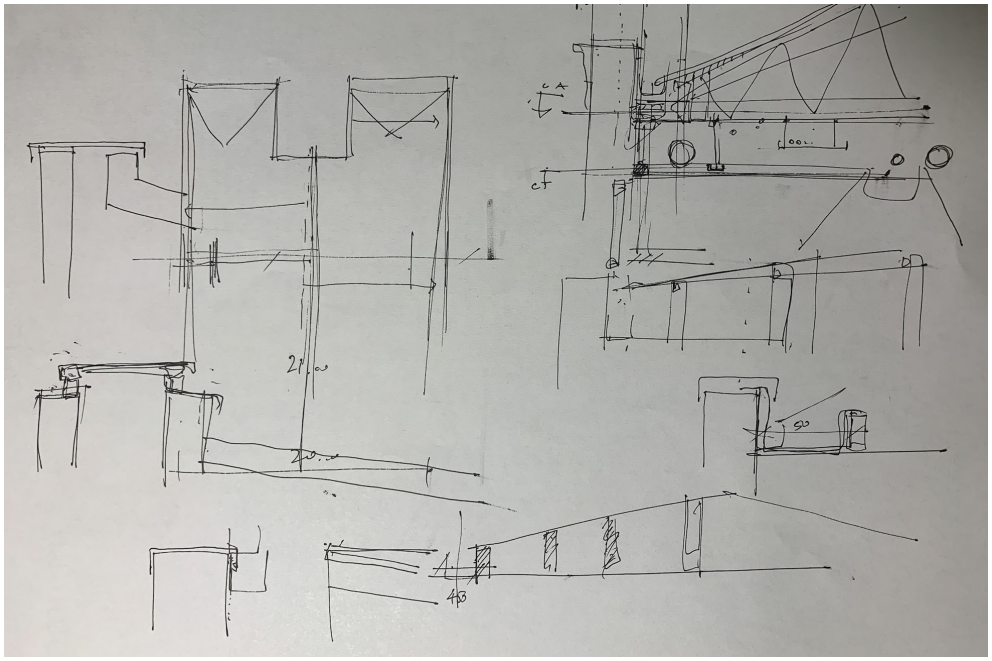


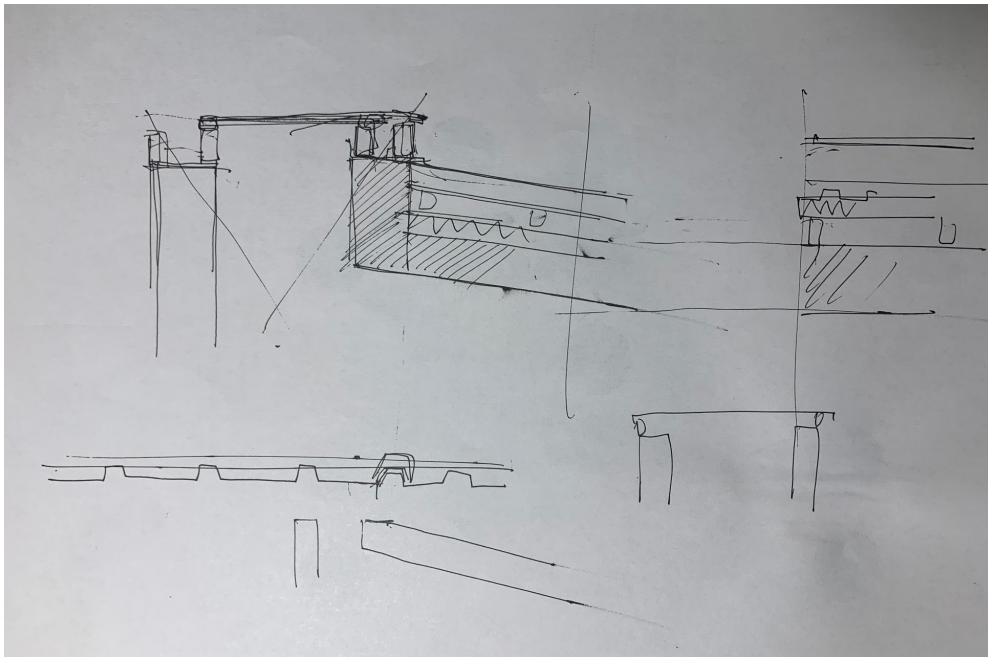


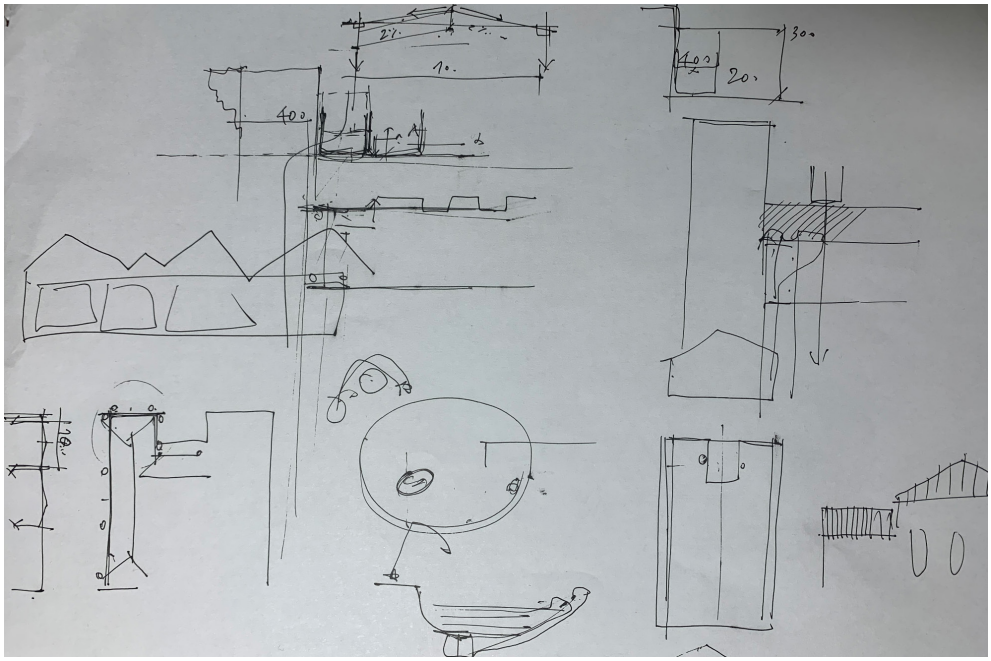


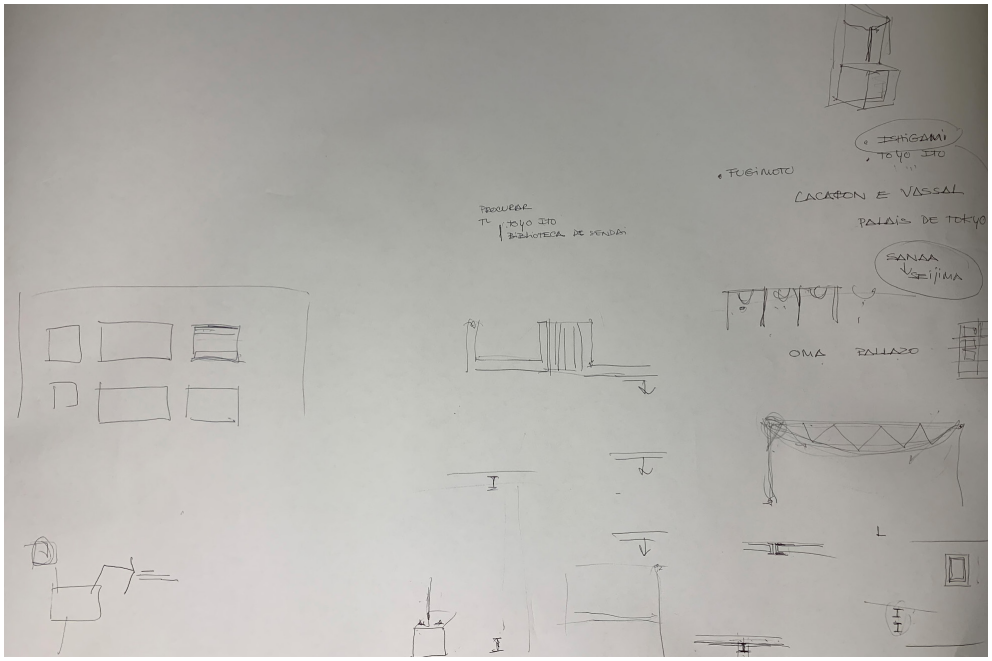


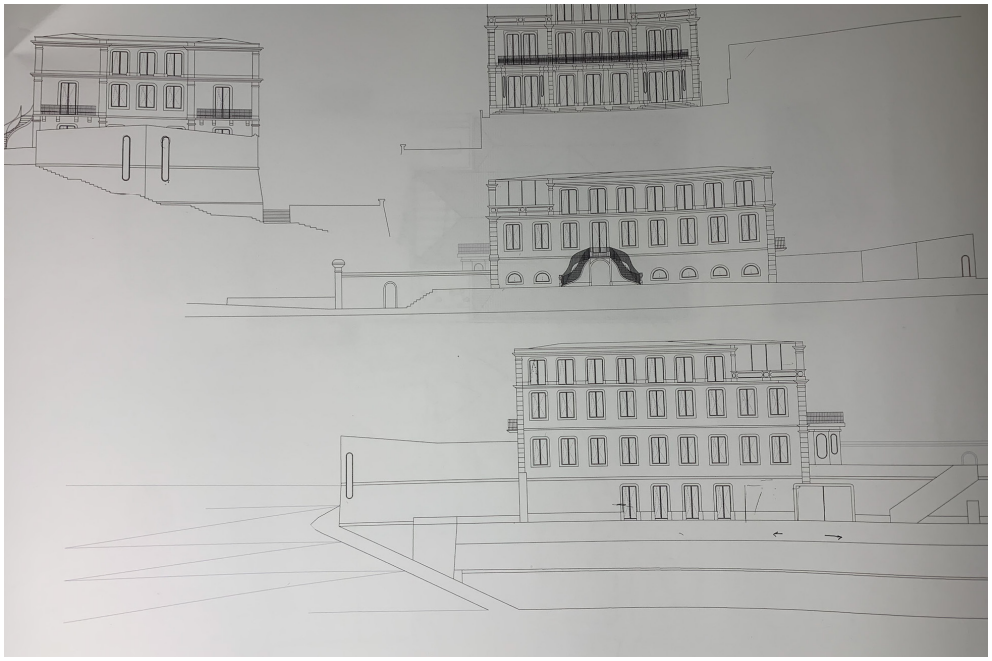


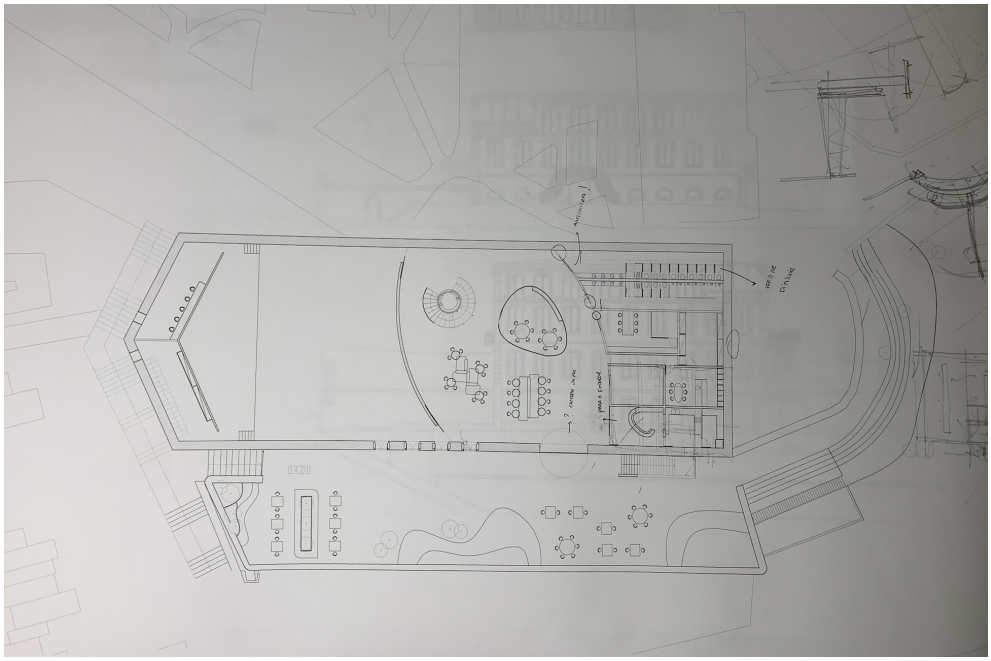


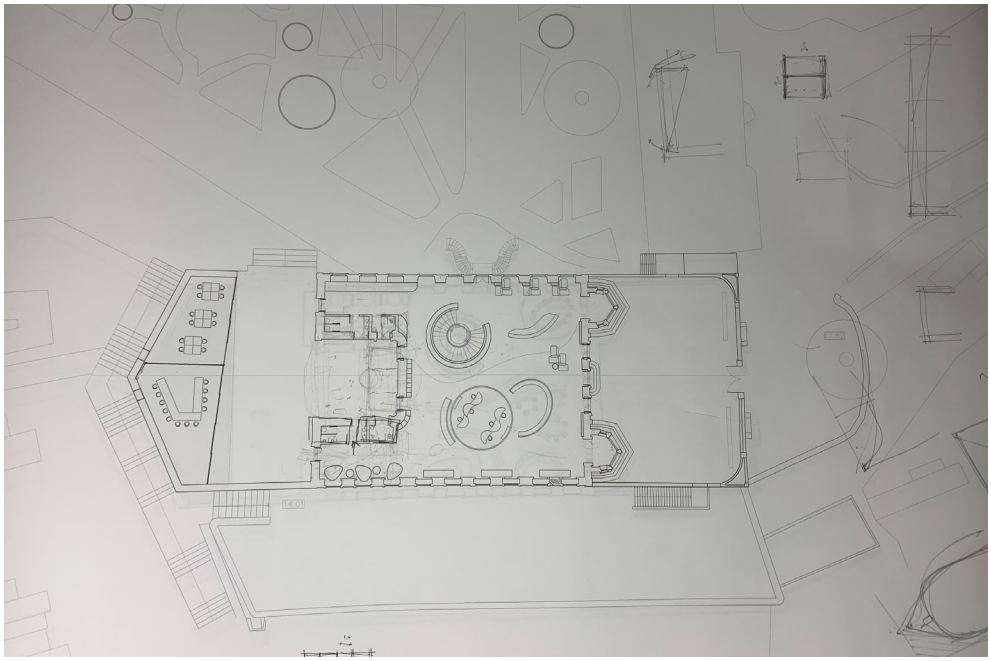


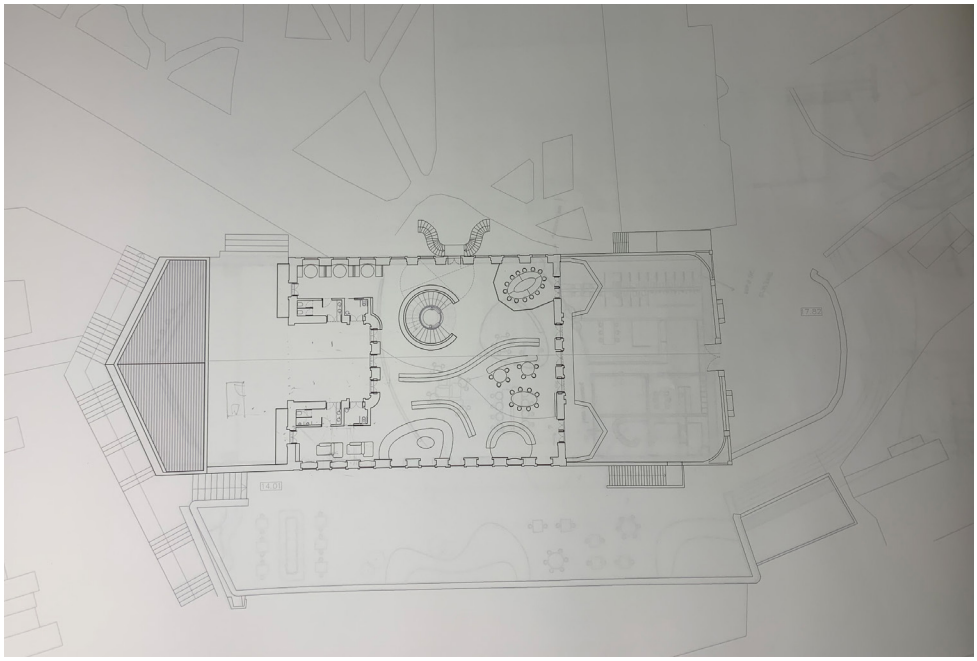

2%
10.
400
30.
400
20.

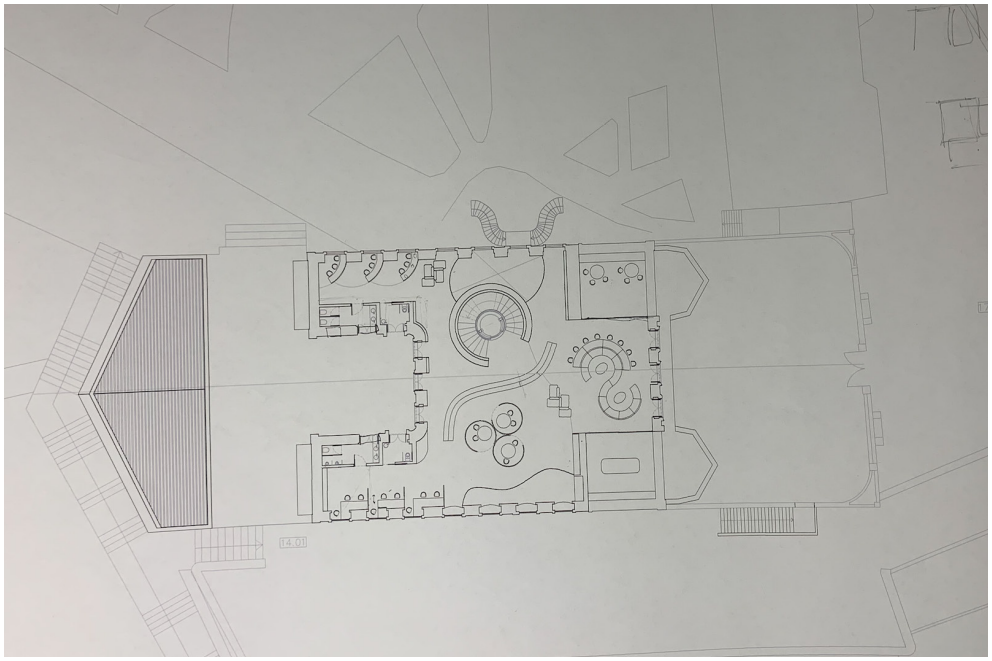

ISHIGAMI
TOYO ITO
FUSHIMOTO
LACATON E VASSAL
PALAIS DE TOKYO
SANAA
SEJIMA
OMA
PALAZO

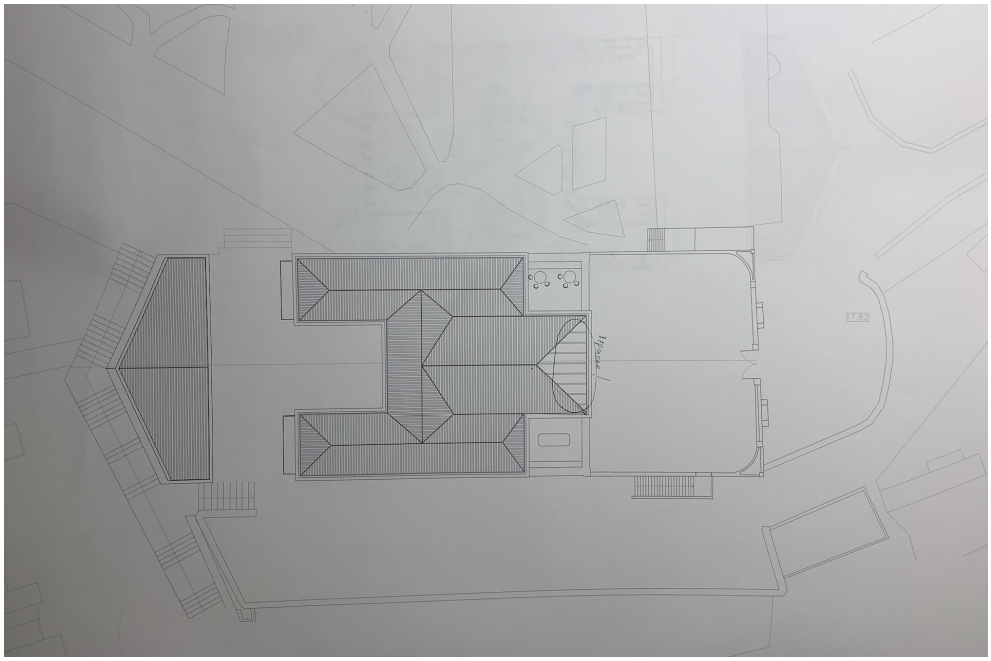


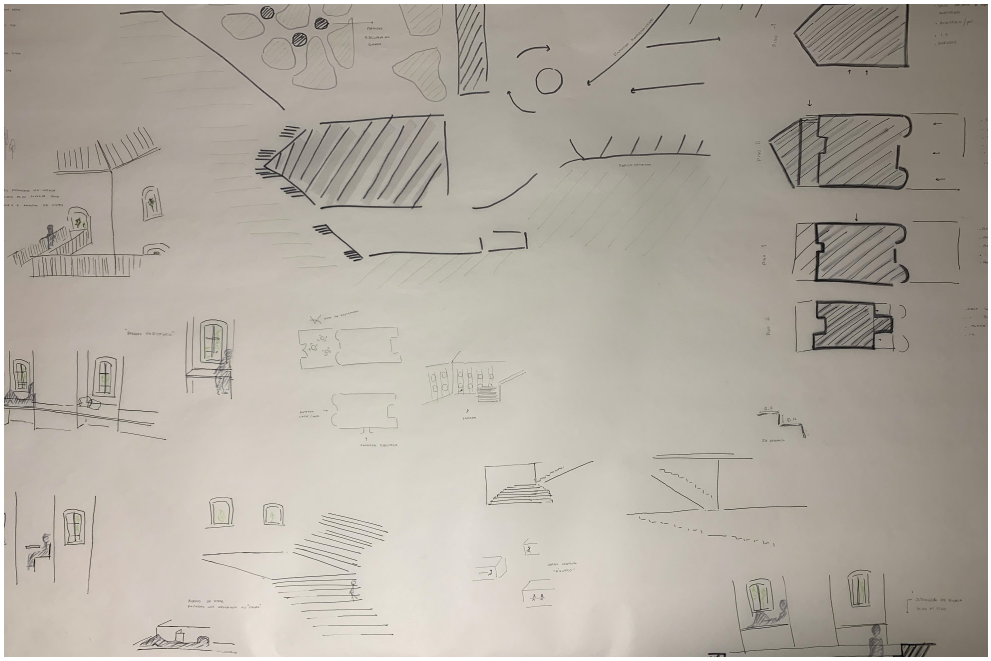


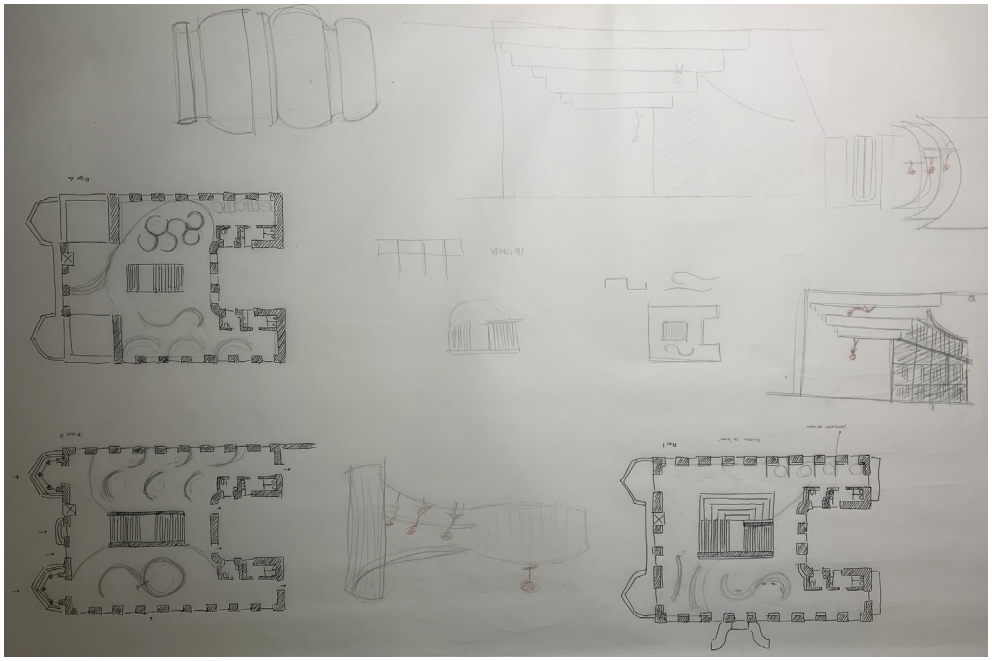


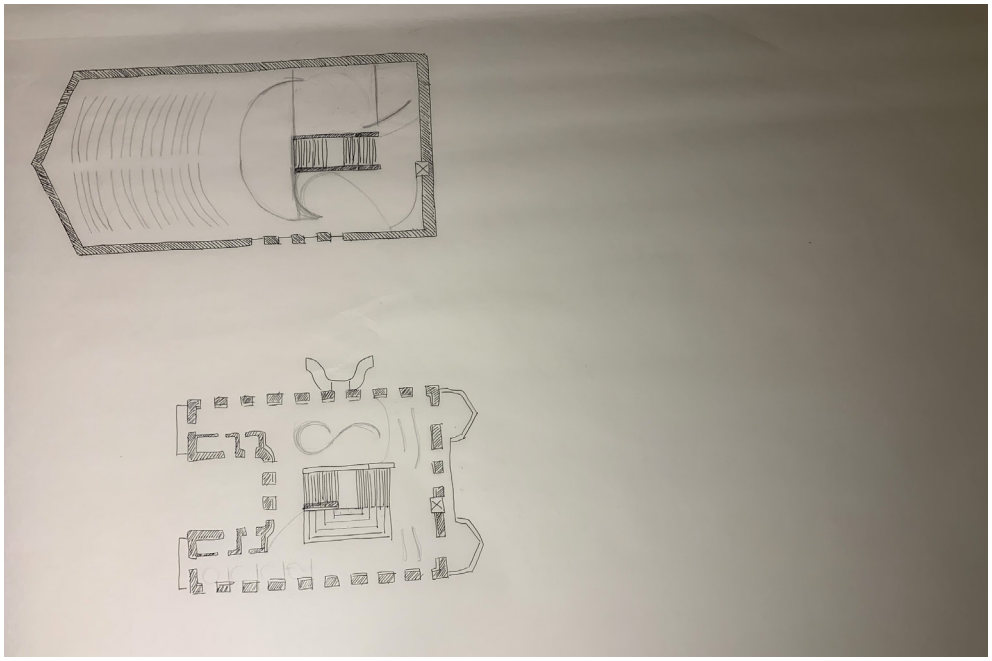


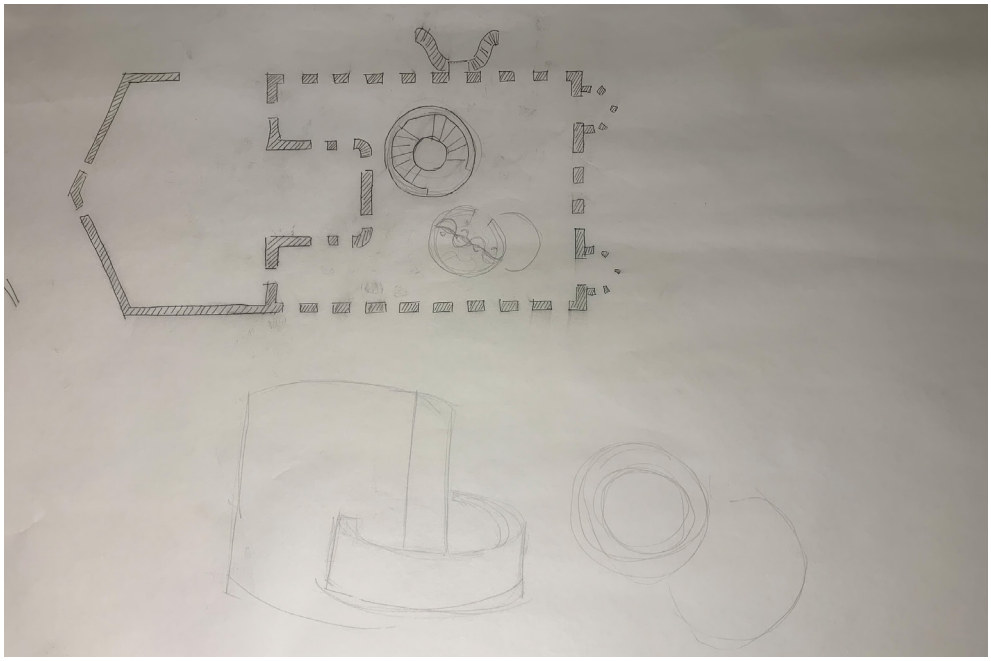


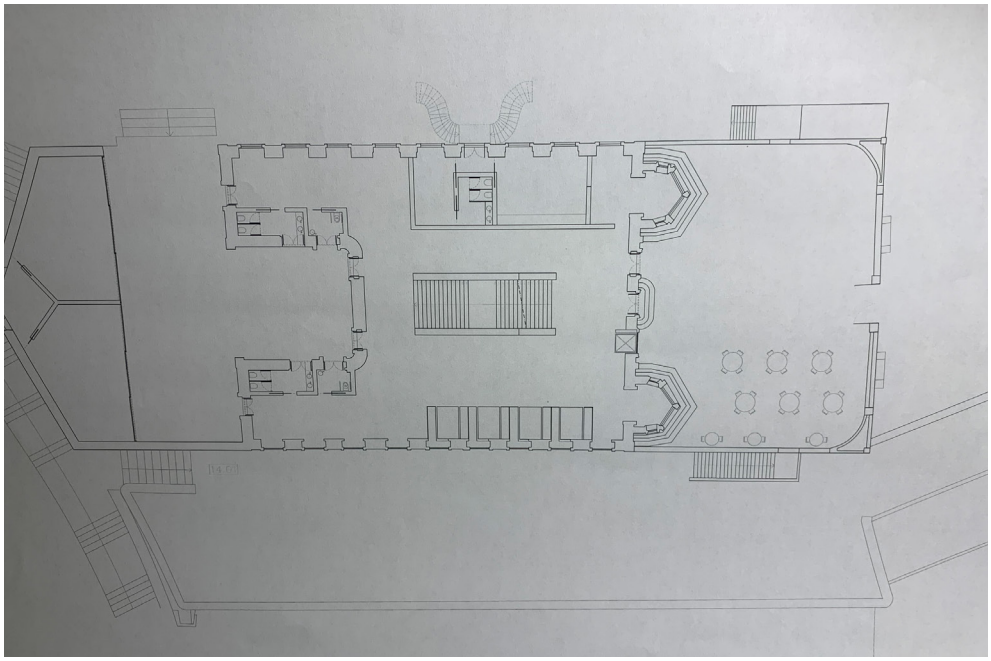


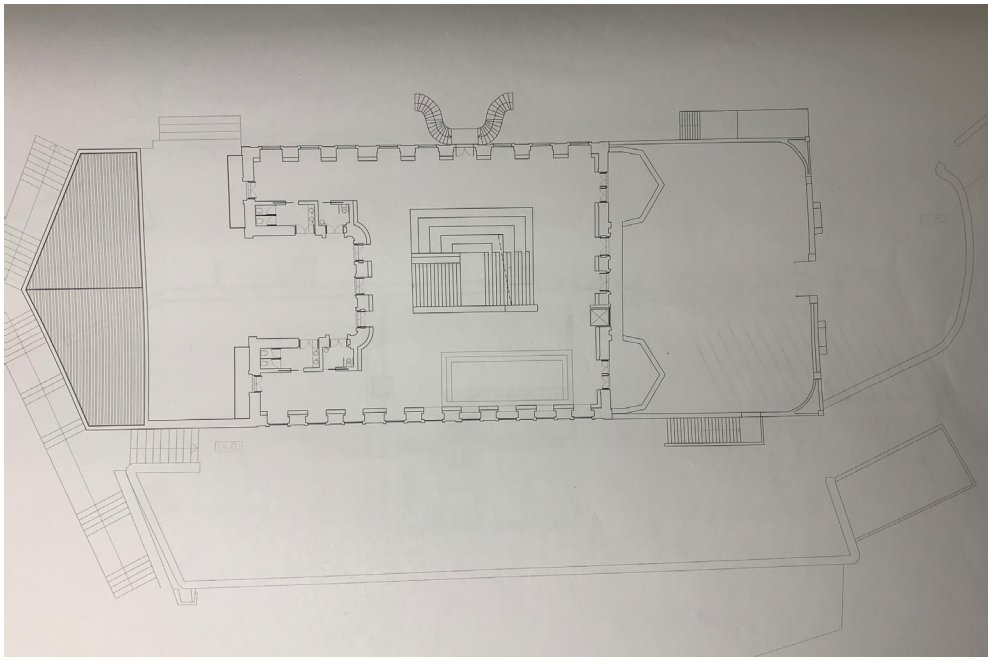


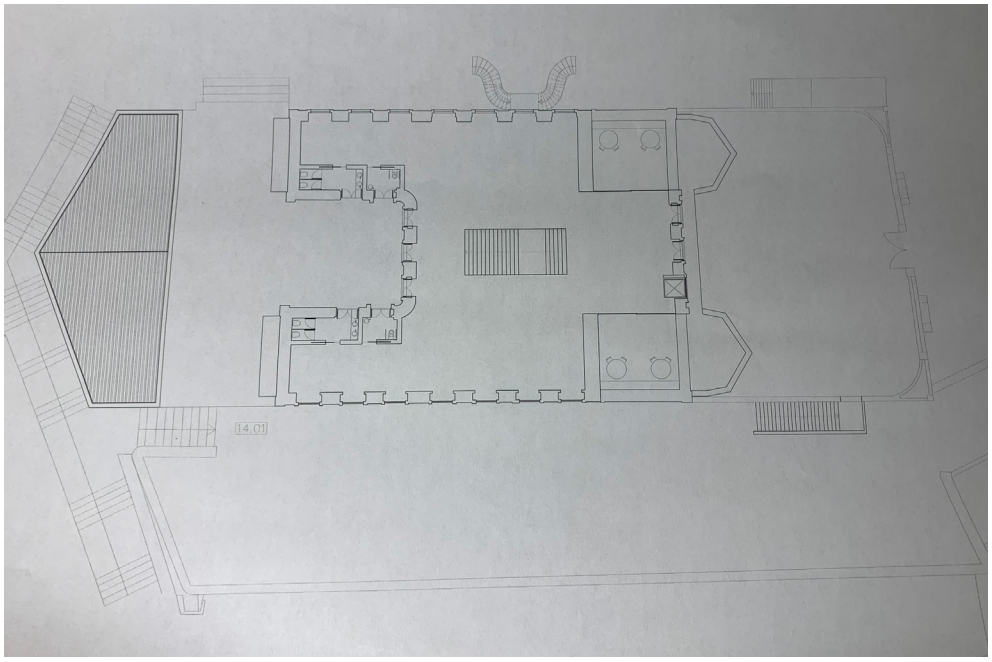


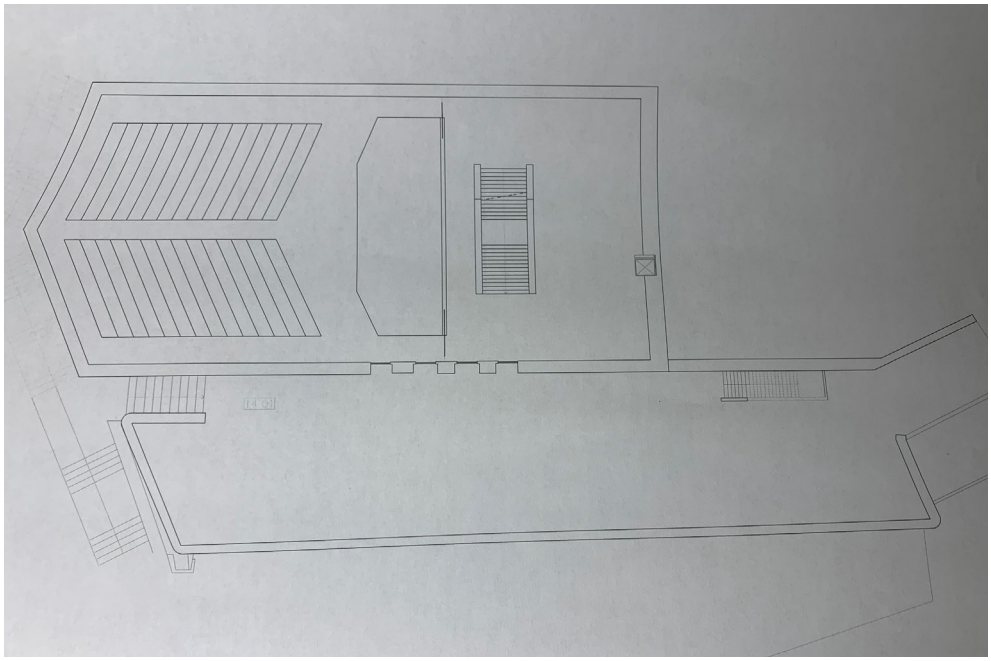


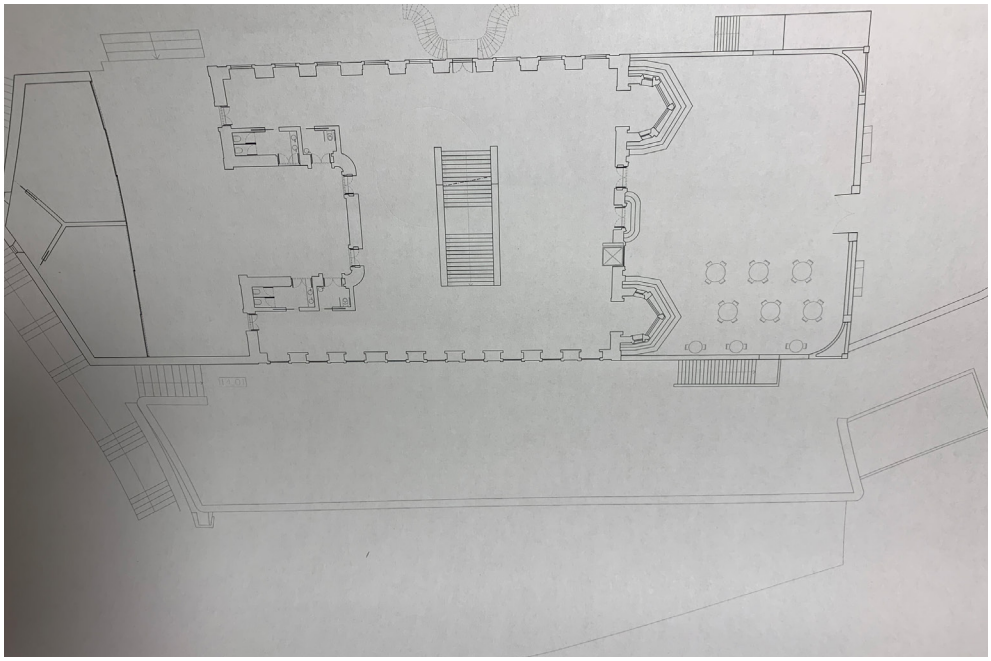


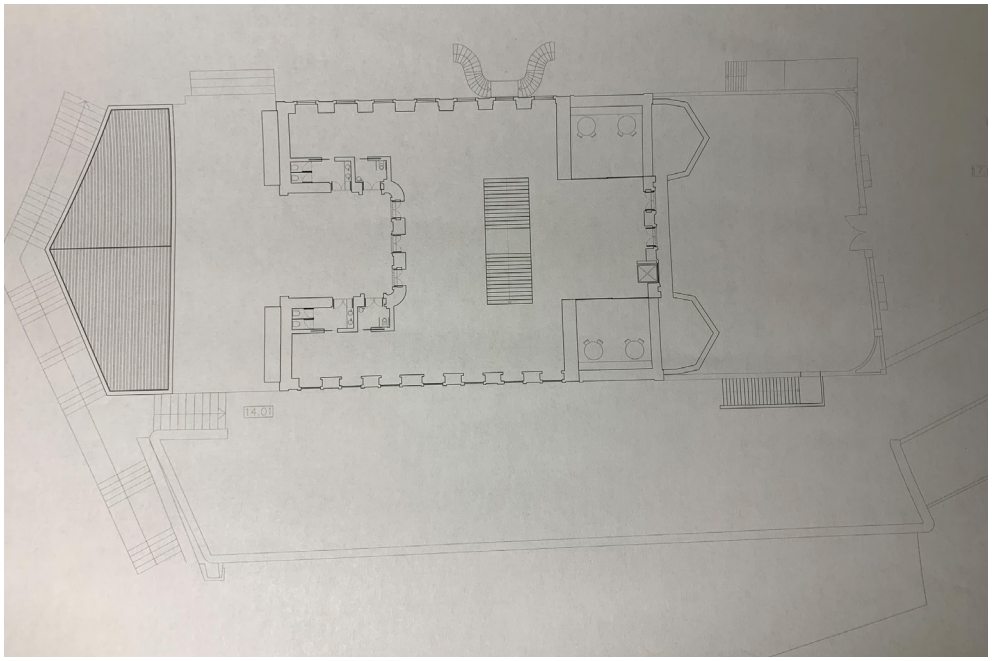


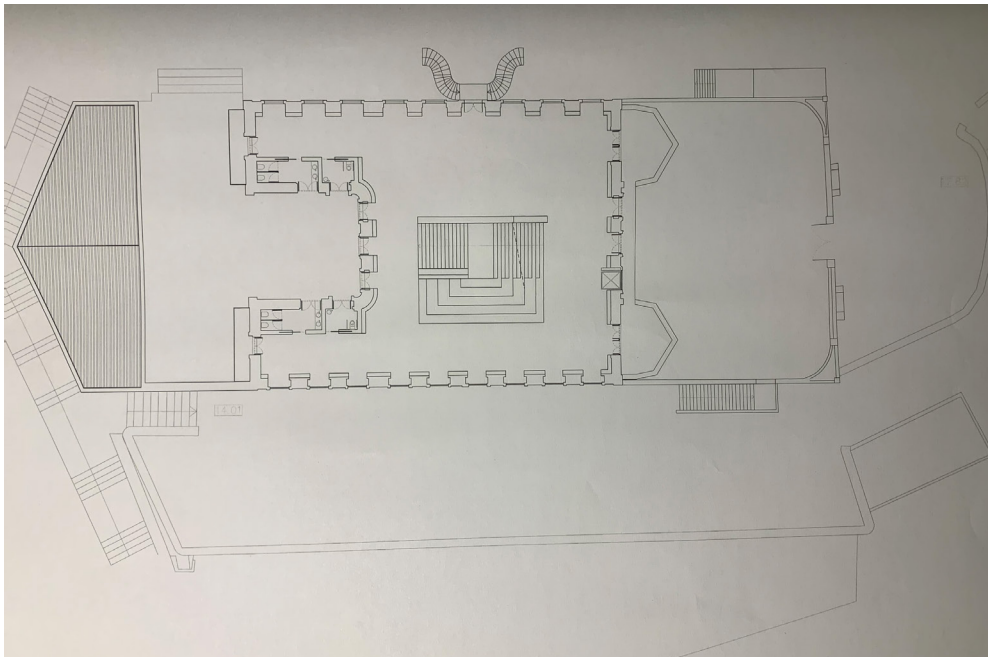


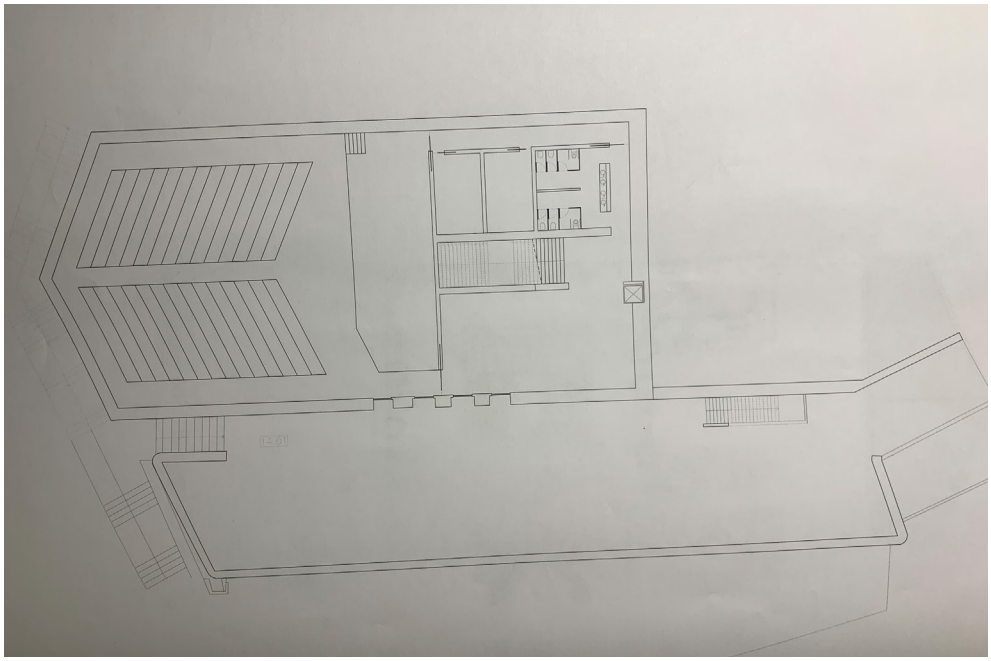

14.01

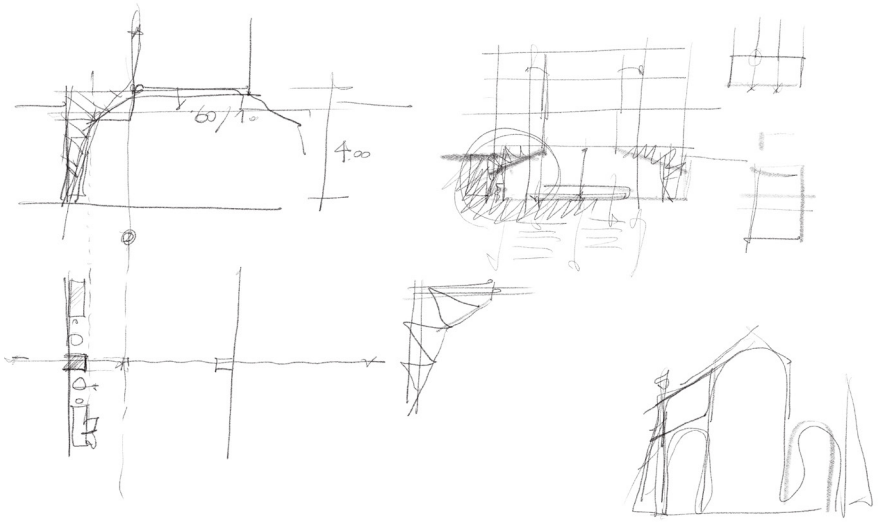




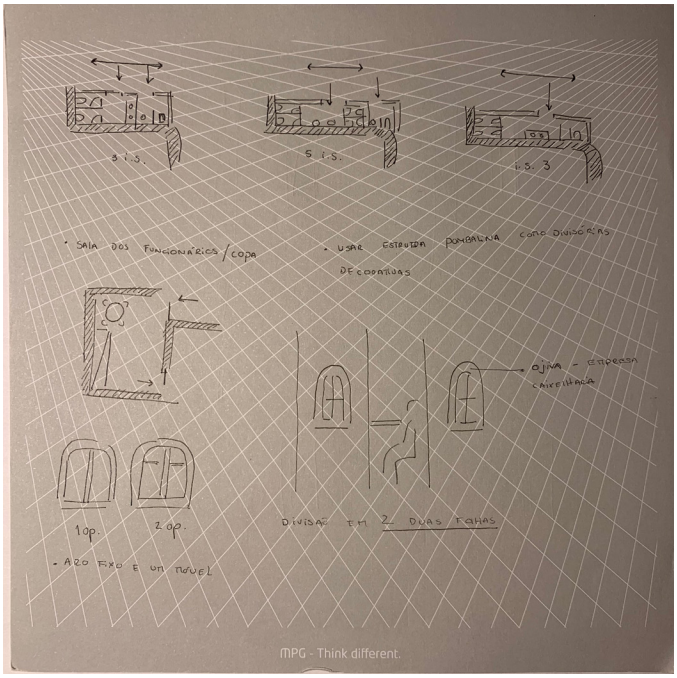


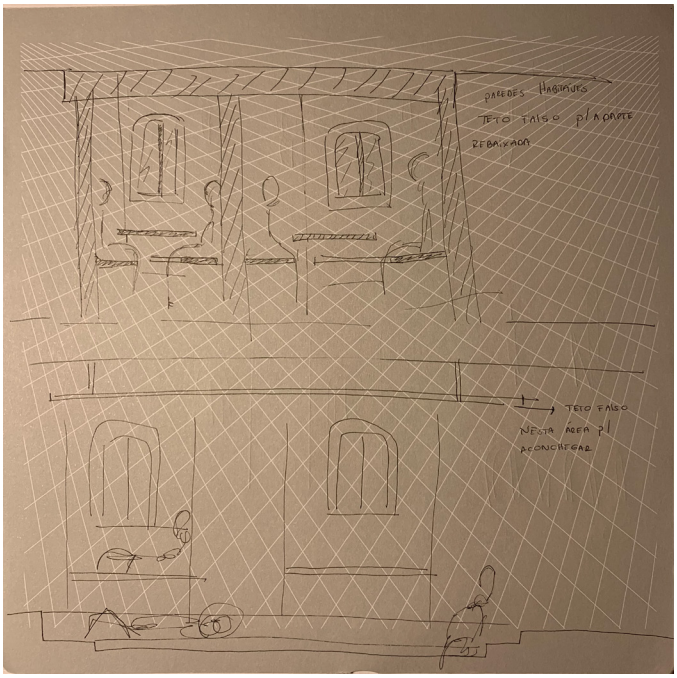


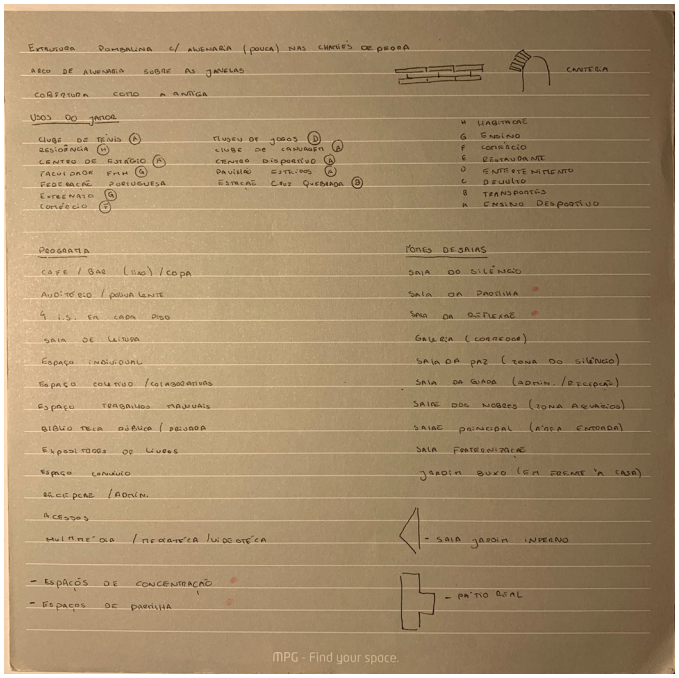



4.00

A3 .2 CADERNO


3 i.s.
5 i.s.
i.s. 3
• SALA DOS FUNCIONÁRIOS / COPA
• USAR ESTRUTRA POMBALINA COMO DIVISÓRIAS DE COPATIVAS
OJIVA - EMPRESA CAIXELHACIA
1op.
2op.
• ARO FIXO E UM MÓVEL
DIVISÃO EM 2 DUAS FOLHAS
MPG - Think different.


PAREDES HABITÁVEIS
TETO FALSO P/ A PARTE REBAIXADA
TETO FALSO
NESTA ÁREA P/ ACONCHEGAR



Estrutura Pombalina c/ alvenaria (pouca) nas chamiés de pedra

Arco de alvenaria sobre as janelas

Cobertura como a antiga

Canteria

Usos do jardim

Clube de Ténis (A)
Residência (H)
Centro de Estágio (A)
Faculdade FMH (A)
Federação Portuguesa
Extremaio (A)
Comércio (F)

Museu de Jogos (D)
Clube de Canoagem (A)
Centro Disportivo (A)
Pavilião Esteiros (A)
Estação Cruz Quebrada (D)

H Habitação
G Ensino
F Comércio
E Restaurante
D Entretenimento
C Desvulto
B Transportes
A Ensino Desportivo

Programa

Café / Bar (lixo) / Copa
Auditório / polivalente
4 i.s. em cada piso
Sala de leitura
Espaço individual
Espaço coletivo / colaborativas
Espaço trabalhos manuais
Biblioteca pública / privada
Expositores de livros
Espaço convívio
Recepção / Admin.
Acessos
Multimédia / Mediatéca / Videotéca

- Espaços de concentração
- Espaços de partilha

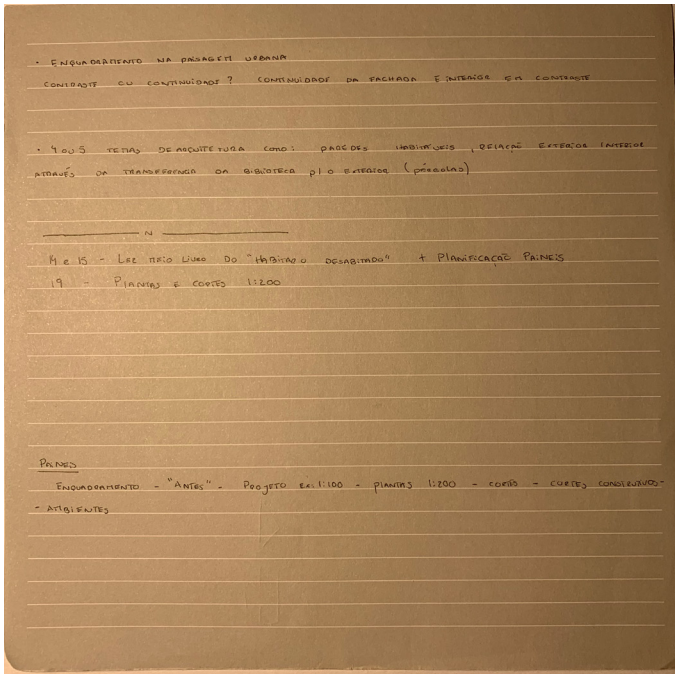
Ímpetus de salas

Sala do silêncio
Sala da partilha
Sala da reflexão
Galeria (corredor)
Sala da paz (zona do silêncio)
Sala da guarda (admin. / recepção)
Salão dos nobres (zona aquários)
Salão principal (área entrada)
Sala fraternização
Jardim buxo (em frente à casa)

- Sala jardim inferno

- Pátio real

MPG - Find your space.



- Enquadramento na paisagem urbana

Contraste ou continuidade? Continuidade da fachada e interior em contraste

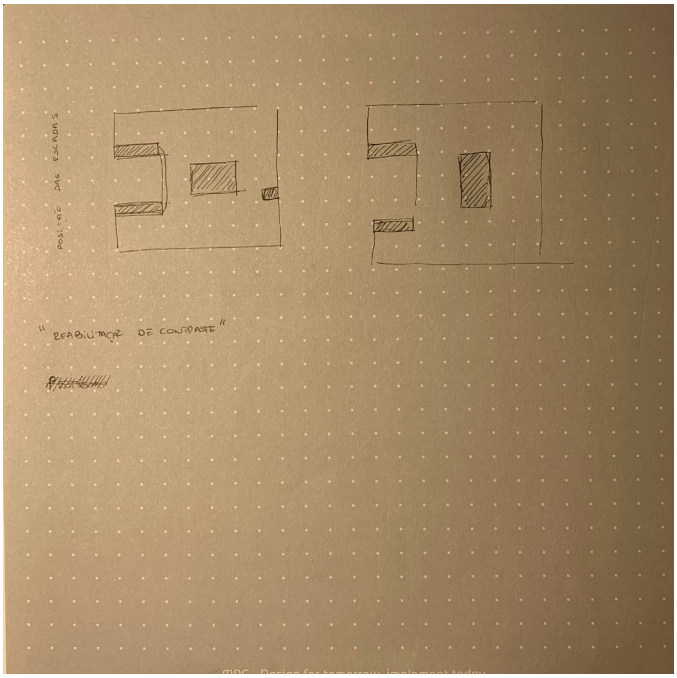
- 4 ou 5 temas de arquitetura como: paredes habitáveis, relação exterior interior através da transferência da biblioteca p/ o exterior (pérgolas)

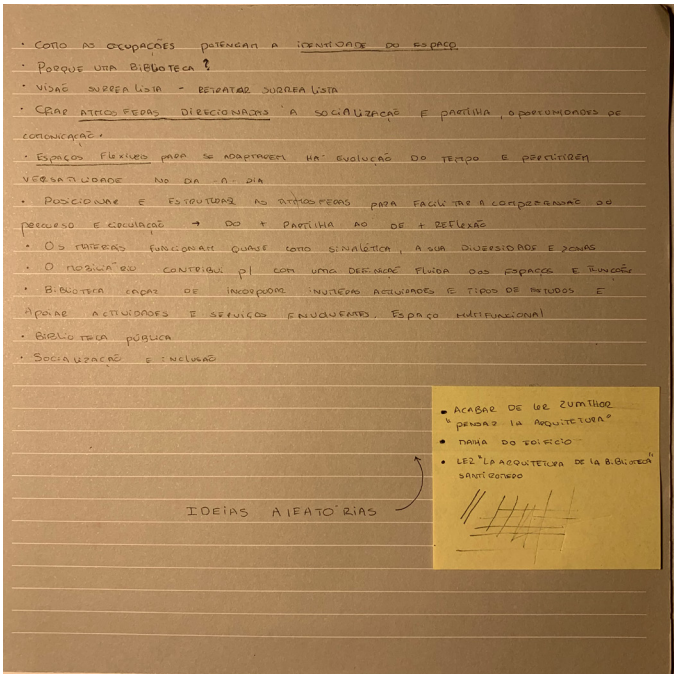
N

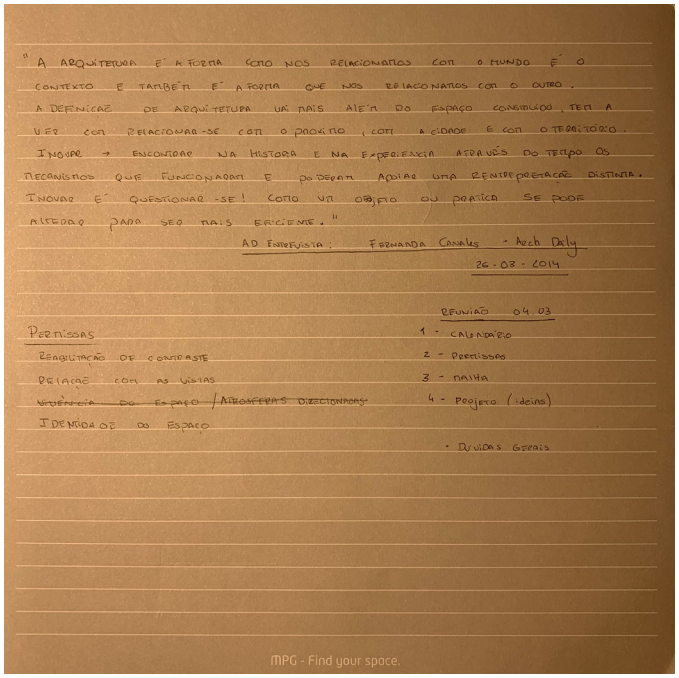
14 e 15 - Ler meio livro do "Habitar o desabitado" + Planificação Painéis
19 - Plantas e cortes 1:200

Painéis

Enquadramento - "Antes" - Projeto ex: 1:100 - plantas 1:200 - cortes - cortes conservativos - ambientes


POSITIVE DAS ESCADAS
"REABILITAÇÃO DE CONTRASTE"


• COMO AS OCUPAÇÕES potenciam a IDENTIDADE DO ESPAÇO
• PORQUE UMA BIBLIOTECA ?
• VIDAS SURREALISTA - RETRATAR SURREALISTA
• CRIAR ATMOSFERAS DIRECIONADAS A SOCIALIZAÇÃO E PARTILHA, OPORTUNIDADES DE COMUNICAÇÃO.
• Espaços FLEXIVEIS para se ADAPTAREM HA EVOLUÇÃO DO TEMPO E PROPICIAREM VERSATILIDADE NO DIA-A-DIA
• POSICIONAR E ESTRUTURAR AS ATMOSFERAS PARA FACILITAR A COMPREENSÃO DO PERCURSO E CIRCULAÇÃO → DO + PARTILHA AO DE + REFLEXÃO
• OS LIMITES FUNCIONAM QUASE COMO SINALÉTICA, A SUA DIVERSIDADE E DENSIDADE
• O MOBILIÁRIO CONTRIBUI P/ COM UMA DEFINIÇÃO FLUIDA DOS ESPAÇOS E FUNÇÕES
• BIBLIOTECA CAPAZ DE INCORPORAR DIFERENTES ACTIVIDADES E TIPOS DE ESTUDOS E APOIAR ACTIVIDADES E SERVIÇOS INOVADORES, ESPAÇO MULTIFUNCIONAL
• BIBLIOTECA PÚBLICA
• SOCIALIZAÇÃO E INCLUSÃO
IDEIAS AIEATÓRIAS
• ACABAR DE LER ZUMTHOR "PENSAR A ARQUITETURA"
• MANHÃ DO FOLHEIO
• LER "LA ARQUITETURA DE LA BIBLIOTECA" SANTI GONERO



"A ARQUITETURA É A FORMA COMO NOS RELACIONAMOS COM O MUNDO E O CONTEXTO E TAMBÉM É A FORMA QUE NOS RELACIONAMOS COM O OUTRO. A DEFINIÇÃO DE ARQUITETURA VAI MAIS ALÉM DO ESPAÇO CONSTRUÍDO, TEM A VER COM RELACIONAR-SE COM O PRÓXIMO, COM A CIDADE E COM O TERRITÓRIO. INOVAR → ENCONTRAR NA HISTÓRIA E NA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DO TEMPO OS MECANISMOS QUE FUNCIONARAM E PODERAM APOIAR UMA REINTERPRETAÇÃO DISTINTA. INOVAR É QUESTIONAR-SE! COMO UM OBJETO OU PRÁTICA SE PODE ALTERAR PARA SER MAIS EFICIENTE."

AO ENTREVISTA: FERNANDA CANALES - Arch Daily

26-03-2014

REUNIÃO 04.03

PERTINÊNCIAS

REABILITAÇÃO DE CONTRASTE

RELAÇÃO COM AS VISTAS

~~VIVÊNCIA DO ESPAÇO / ATMOSFERAS DIRECIONADAS~~

IDENTIDADE DO ESPAÇO

1 - CALENDÁRIO

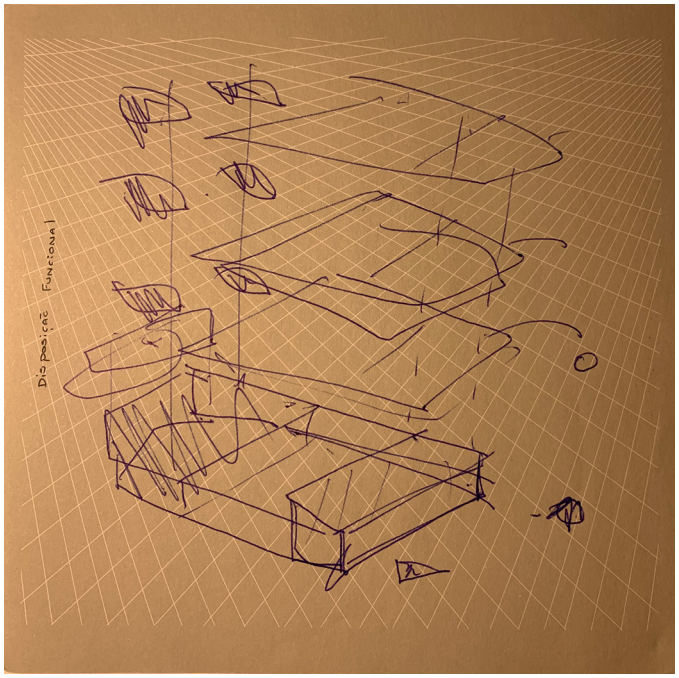
2 - PERFEIÇÃO

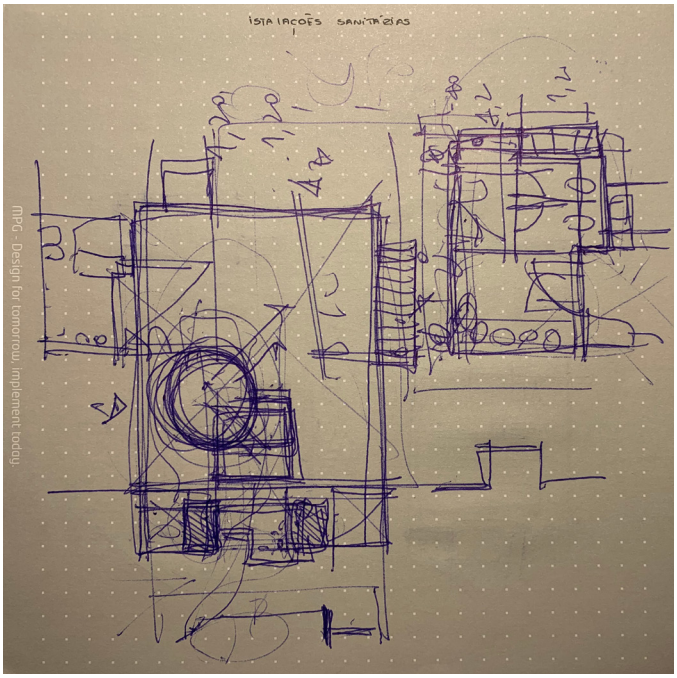
3 - MALHA

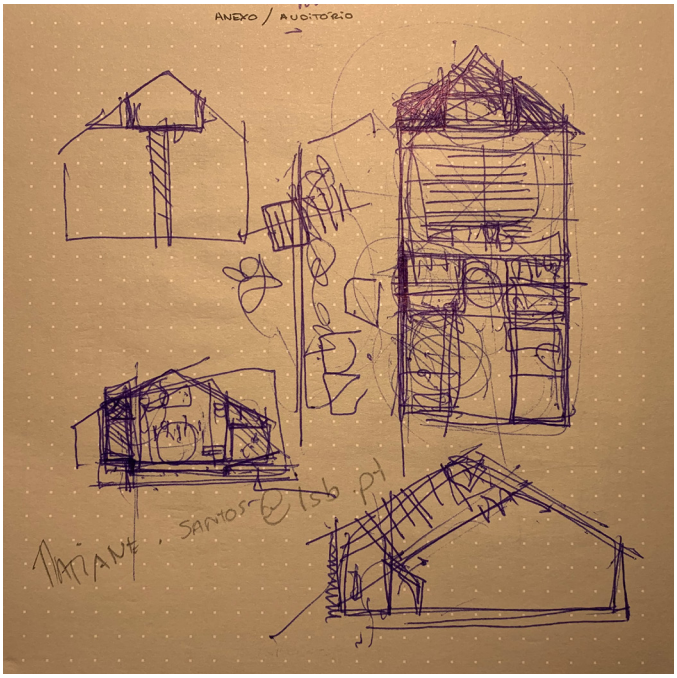
4 - PROJETO (IDEIAS)

- DÚVIDAS GERAIS

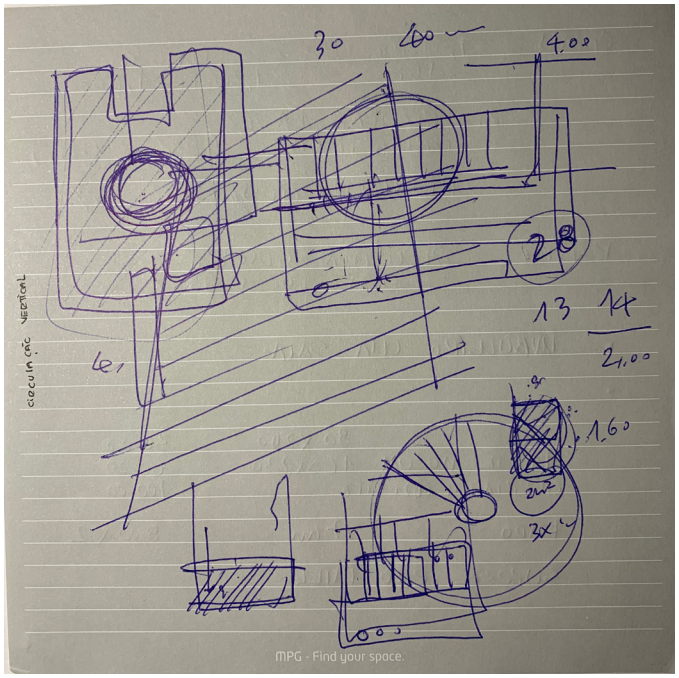
MPG - Find your space.

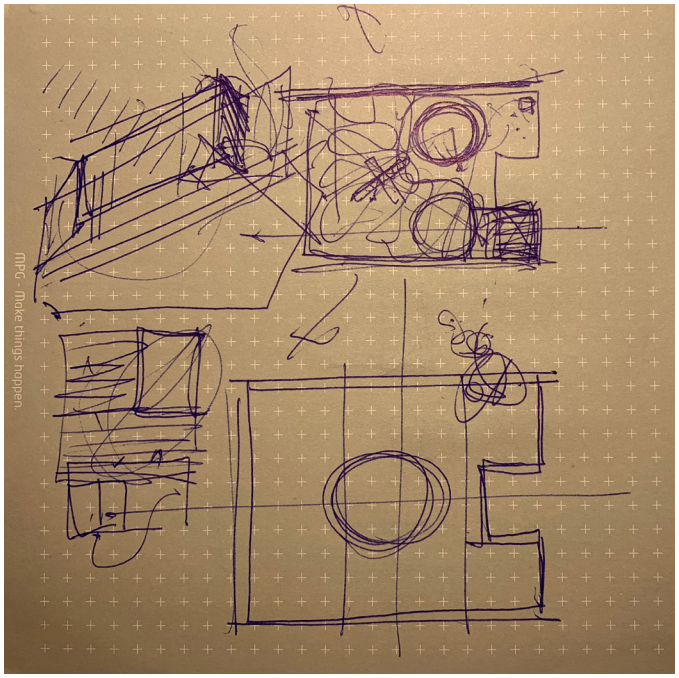


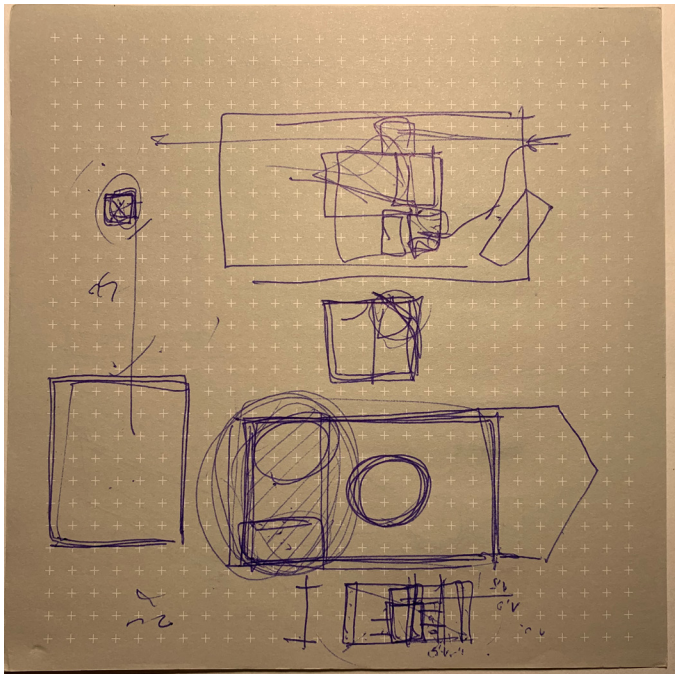


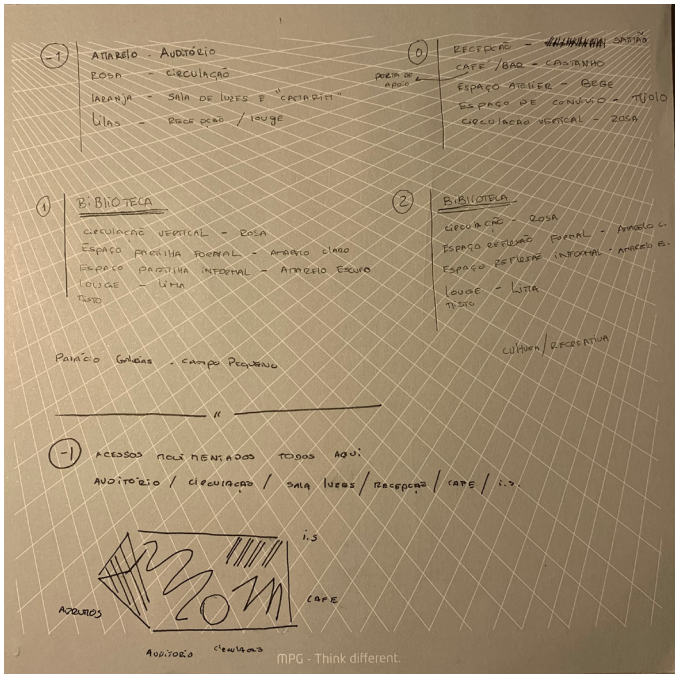


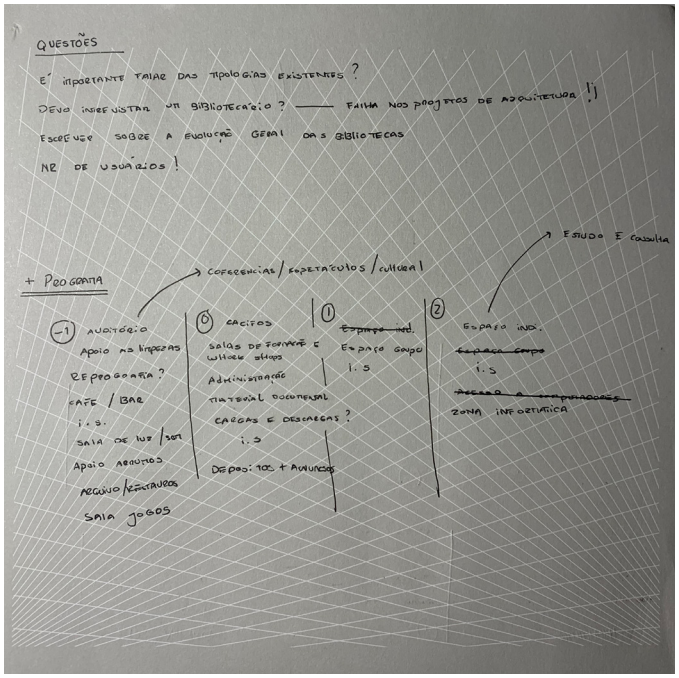
MPG - Design for tomorrow, implement today

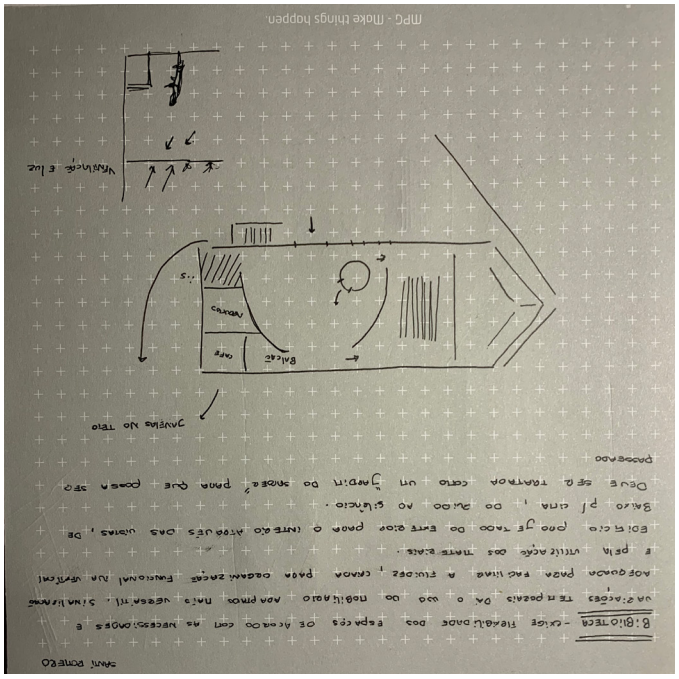

30
40
4.00
20
13
14
21.00
1.60
MPG - Find your space.

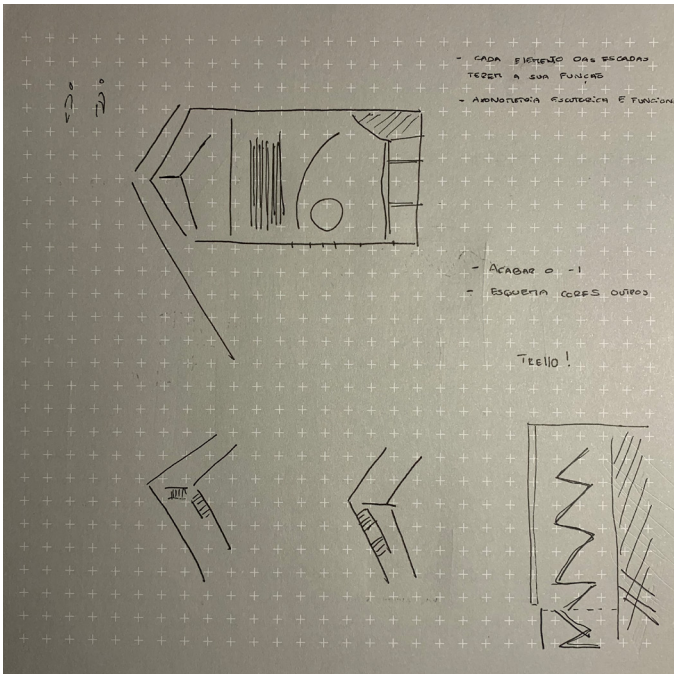

MPG - Make things happen.

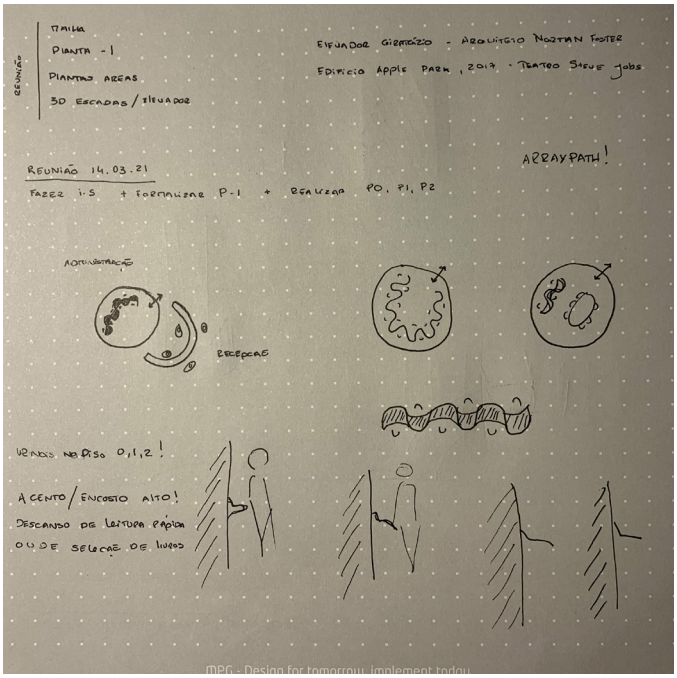


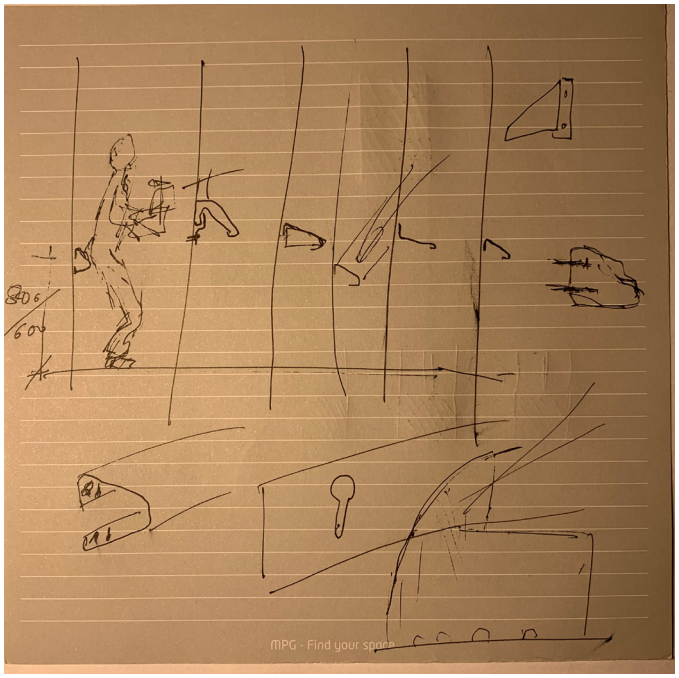

-1
AMARELO - AUDITÓRIO
ROSA - CIRCULAÇÃO
LARANJA - SALA DE LUZES E "CAMARIM"
LILAS - RECEPÇÃO / LOUGE
0
RECEPÇÃO - SANTÃO
CAFÉ / BAR - CASTANHO
PORTA DE APOIO
ESPAÇO ATELIER - BEGE
ESPAÇO DE CONVÍVIO - TIJOLO
CIRCULAÇÃO VERTICAL - ROSA
1
BIBLIOTECA
CIRCULAÇÃO VERTICAL - ROSA
ESPAÇO PARTILHA FORMAL - AMARELO CLARO
ESPAÇO PARTILHA INFORMAL - AMARELO ESCURO
LOUGE - LIMA
TESTO
2
BIBLIOTECA
CIRCULAÇÃO - ROSA
ESPAÇO REFLEXÃO FORMAL - AMARELO C.
ESPAÇO REFLEXÃO INFORMAL - AMARELO E.
LOUGE - LIMA
TESTO
CULTURA / RECREATIVA
PALÁCIO GALEIAS - CAMPO PEQUENO
-1
ACESSOS MOLIMENTADOS TODOS AQUI
AUDITÓRIO / CIRCULAÇÃO / SALA LUZES / RECEPÇÃO / CAFÉ / I.S.
I.S
CAFÉ
ADRUMOS
AUDITÓRIO
CIRCULAÇÃO
MPG - Think different.

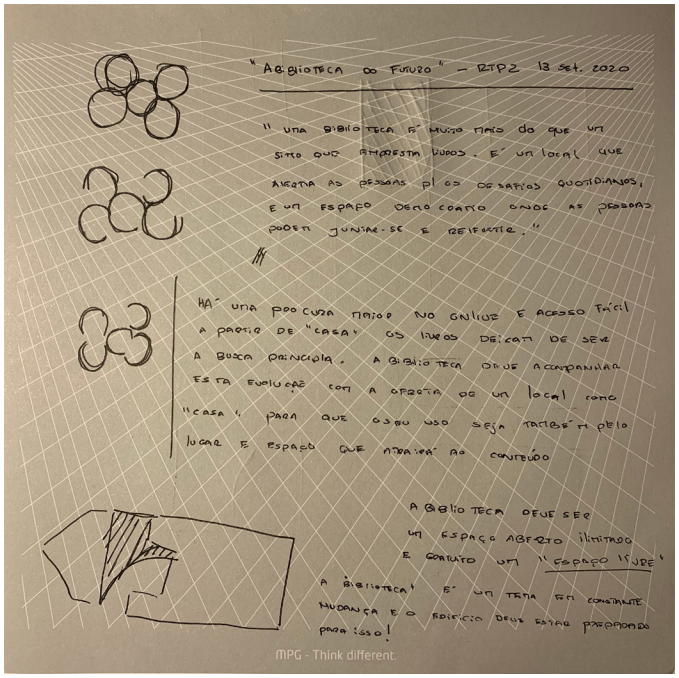

QUESTÕES
É importante falar das tipologias existentes?
Devo entrevistar um bibliotecário? —— Falha nos projetos de arquitetura!!
Escrever sobre a evolução geral das bibliotecas
Nr de usuários!
+ Programa
Coferências / espetáculos / cultural
Estudo e consulta
-1 Auditório
Apoio as limpezas
Reprografia?
Café / Bar
i.s.
Sala de luz / sem
Apoio arquivos
Arquivo / Restauros
Sala jogos
0 Cacifos
Salas de formação e whole shops
Administração
Material documental
Cargas e descargas?
i.s
Depósitos + Anuncios
1 ~~Espaço ind.~~
Espaço Grupo
i.s
2 Espaço ind.
~~Espaço Grupo~~
i.s
~~Acesso a computadores~~
Zona informática

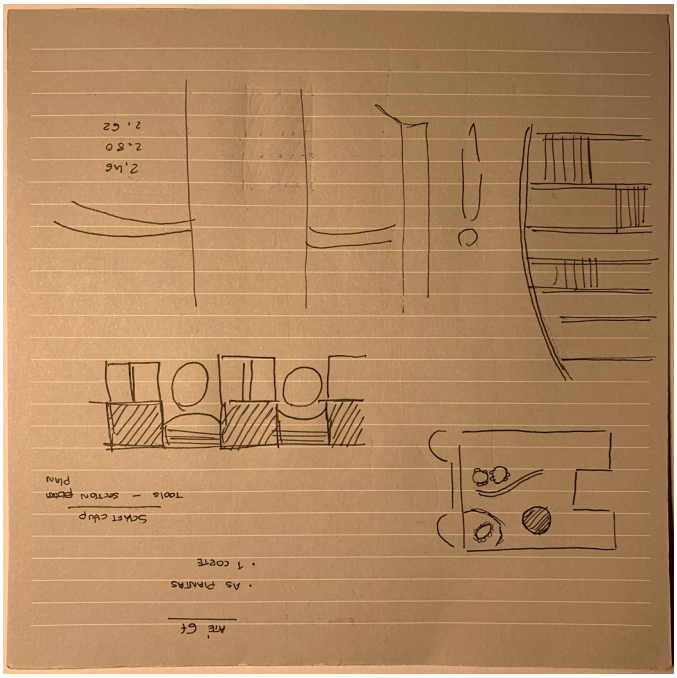

Ventilação e luz
Cacifos
Café
Balcão
Janelas no teto
Bibliotecas - exige flexibilidade dos espaços de acordo com as necessidades e variações temporais. Dá o uso do mobiliário adaptado mais versátil. Sinalização adequada para facilitar a fluidez, criada para organização funcional, um vertical e pela utilização das materiais.
Edifício pro jetado do exterior para o interior através das vistas, de baixo p/ cima, do ruído ao silêncio.
Deve ser tratada como um "jardim do saber" para que possa ser passado
Santi Romero

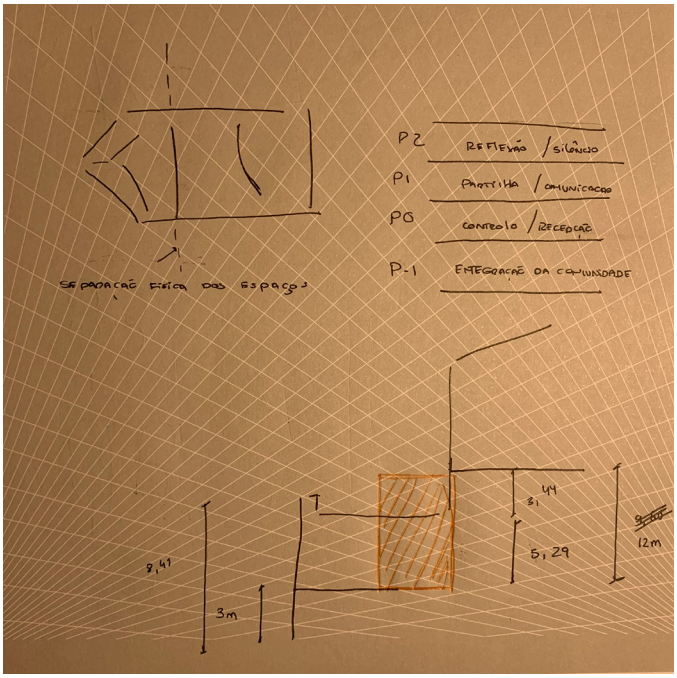

- CADA ELEMENTO DAS ESCADAS TEREM A SUA FUNÇÃO
- ACABAR O -1
- ESQUEMA CORES OUTROS
TRELLO!

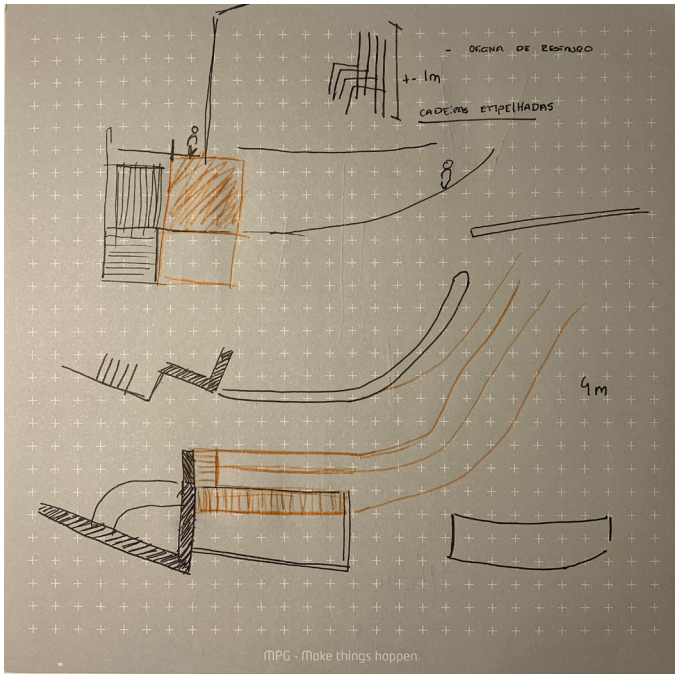

REUNIÃO
MALHA
PLANTA -1
PLANTAS AREAS
3D ESCADAS / ELEVADOR
ELEVADOR GIRATÓRIO - ARQUITETO NORMAN FOSTER
EDIFÍCIO APPLE PARK, 2017 - TEATRO STEVE JOBS
REUNIÃO 14.03.21
FAZER I.S + FORMALIZAR P-1 + REALIZAR P0, P1, P2
ARRAYPATH!
ADMINISTRAÇÃO
RECEPÇÃO
URNOS NO PISO 0,1,2!
ACENTO / ENCOSTO ALTO!
DESCANSO DE LEITURA RÁPIDA
OU DE SELEÇÃO DE LIVROS

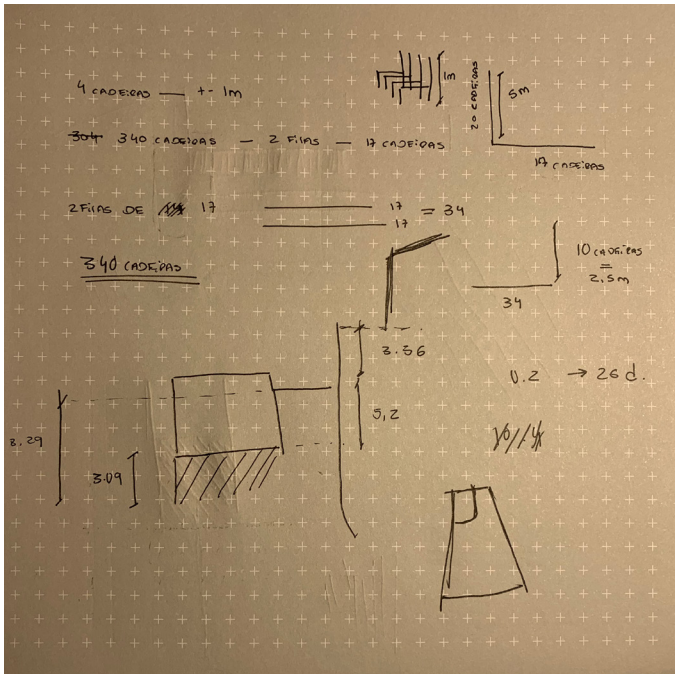

MPG - Find your spirit.

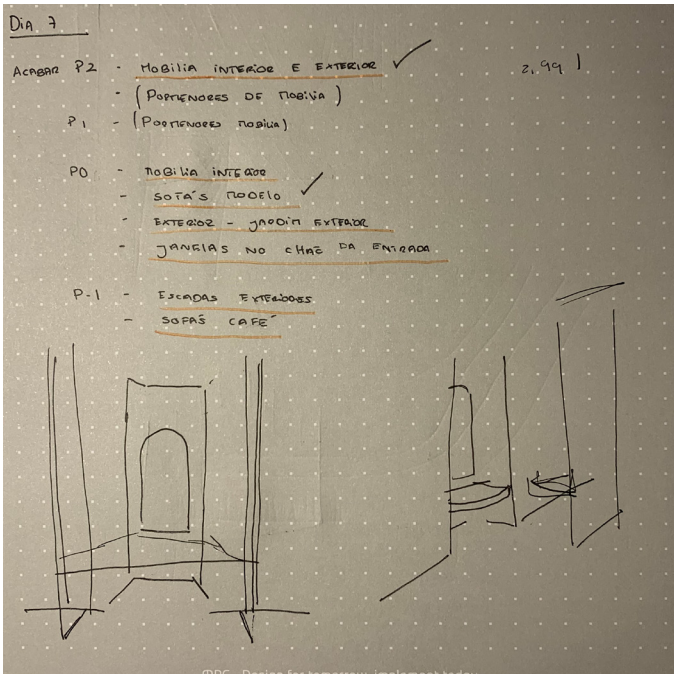

"A BIBLIOTECA DO FUTURO" – RTP2 13 set. 2020
" UMA BIBLIOTECA É MUITO MAIS DO QUE UM SITIO QUE EMPRESTA LIVROS. É UM LOCAL QUE ABERTA AS PESSOAS PELOS DESAFIOS QUOTIDIANOS, É UM ESPAÇO DENTRO COMUM ONDE AS PESSOAS PODEM JUNTAR-SE E REFLETIR."
HÁ UMA PROCURA MAIOR NO ONLINE E ACESSO FÁCIL A PARTIR DE "CASA" OS LIVROS DEIXAM DE SER A BUSCA PRINCIPAL. A BIBLIOTECA DEVE ACOMPANHAR ESTA EVOLUÇÃO COM A OFERTA DE UM local COMO "CASA", PARA QUE O SEU USO SEJA FACILITADO PELO LUGAR E ESPAÇO QUE ANTECEDE AO CONTEÚDO
A BIBLIOTECA DEVE SER UM ESPAÇO ABERTO ILIMITADO E CONTER UM "ESPAÇO LIVRE"
A BIBLIOTECA É UM TEMA EM CONSTANTE MUDANÇA E O EDIFÍCIO DEVE ESTAR PREPARADO PARA ISSO!
MPG - Think different.

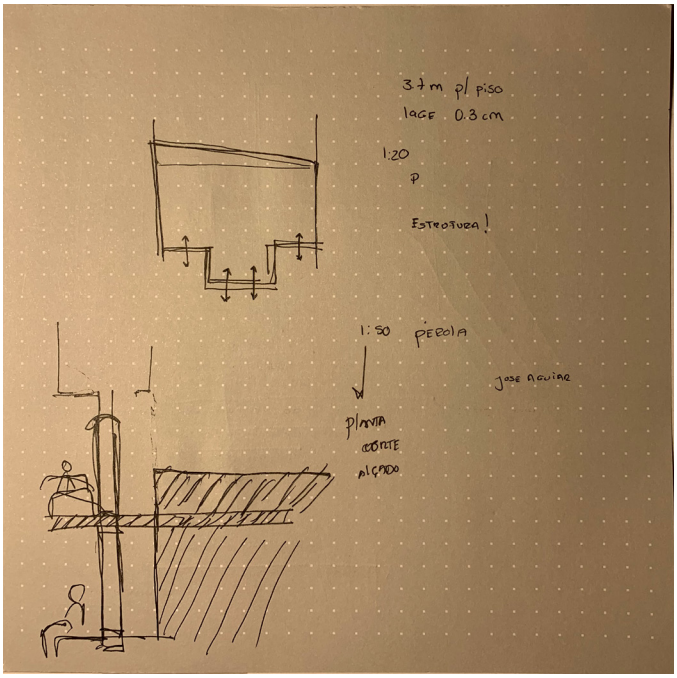


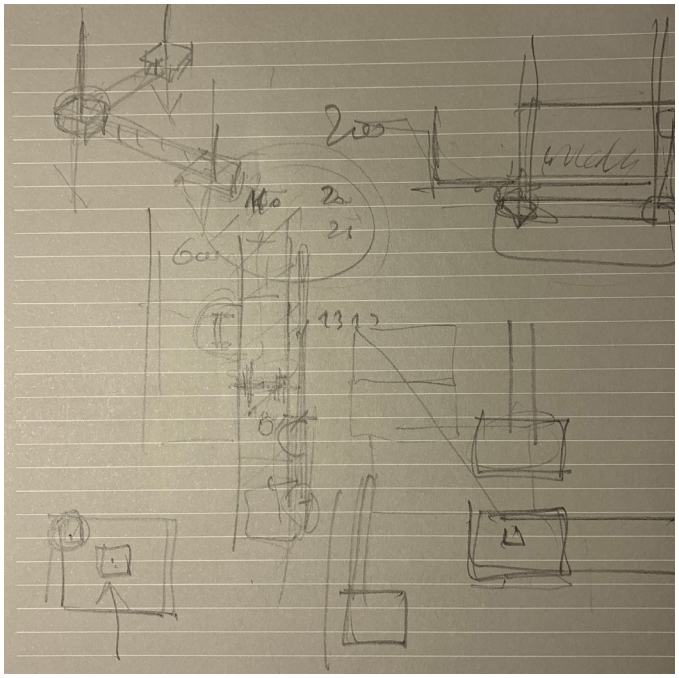

P2 REFLEXÃO / silêncio
P1 PARTILHA / COMUNICAÇÃO
P0 CONTROLO / RECEPÇÃO
P-1 INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE
SEPARAÇÃO FÍSICA DOS ESPAÇOS
8,49
3m
3,44
5,29
12m

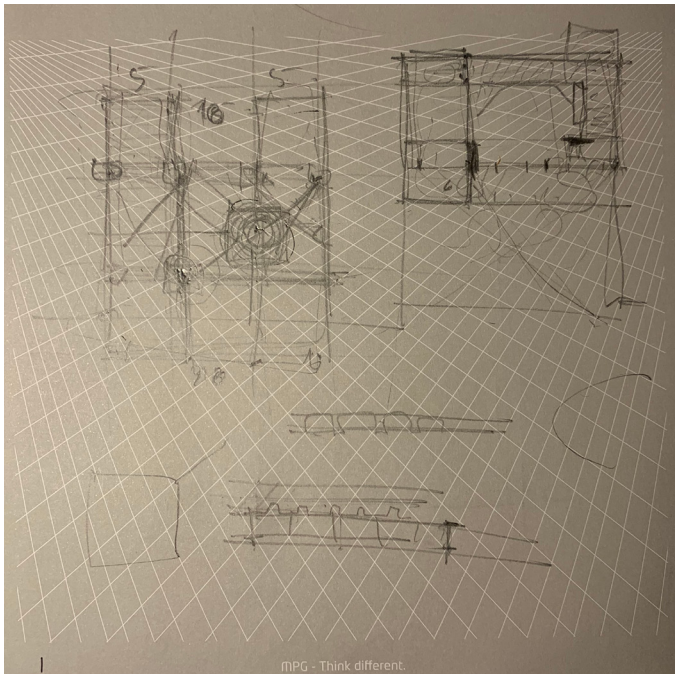

- OFICINA DE RESTAURO
+- 1m
CADEIRAS EMPILHADAS
4m
MPG - Make things happen.

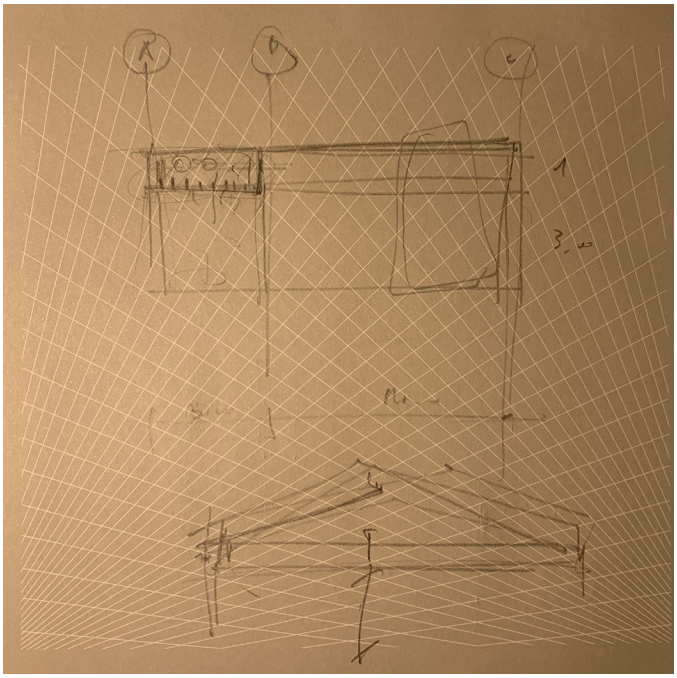

4 CADEIRAS — +- 1m
1m
20 CADEIRAS
5m
~~304~~ 340 CADEIRAS — 2 FILAS — 17 CADEIRAS
17 CADEIRAS
2 FILAS DE 17
17
17
= 34
340 CADEIRAS
10 CADEIRAS
=
2,5m
34
3.56
0.2 → 26 d.
5,2
3.29
3.09

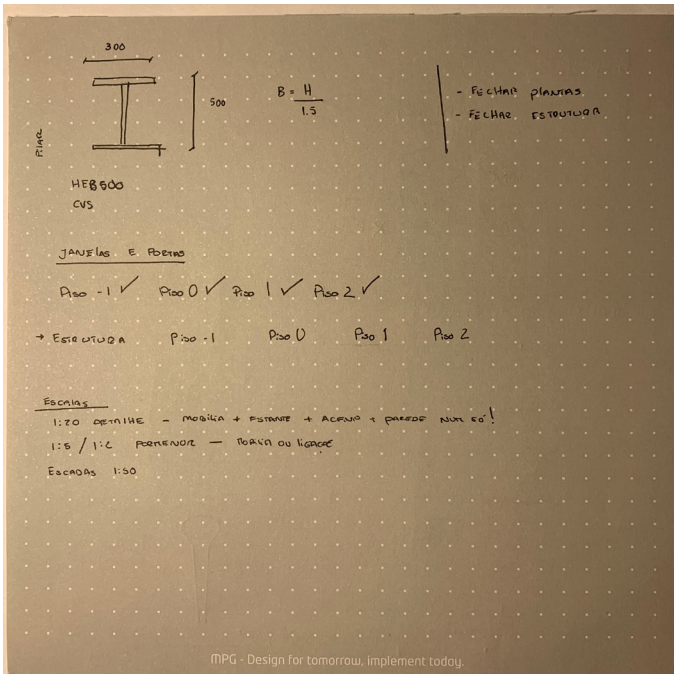

Dia 7
Acabar P2 - Mobilia interior e exterior
- (Pormenores de mobilia)
P1 - (Pormenores mobilia)
P0 - Mobilia interior
- Sofás modelo
- Exterior - jardim exterior
- Janelas no chão da entrada
P-1 - Escadas exteriores
- Sofás café

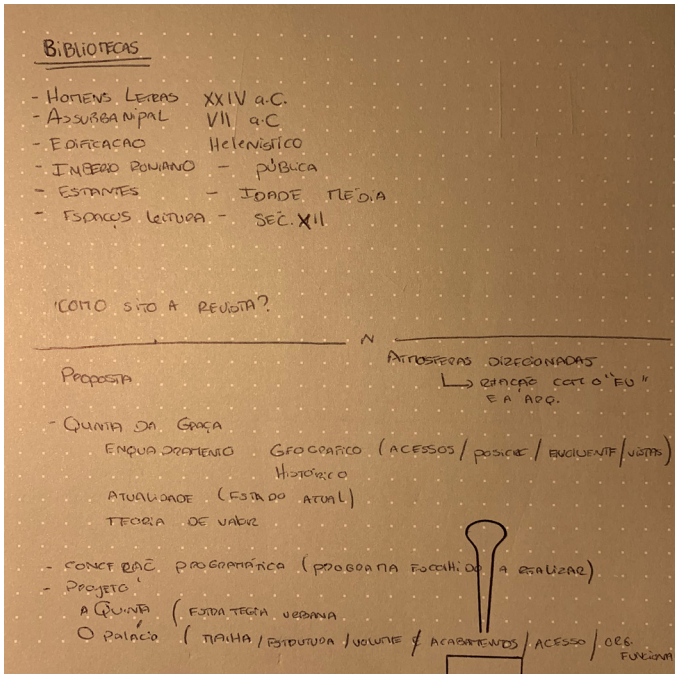

3.7 m p/ piso
laje 0.3 cm
1:20
Estrutura!
1:50 perola
planta
corte
alçado

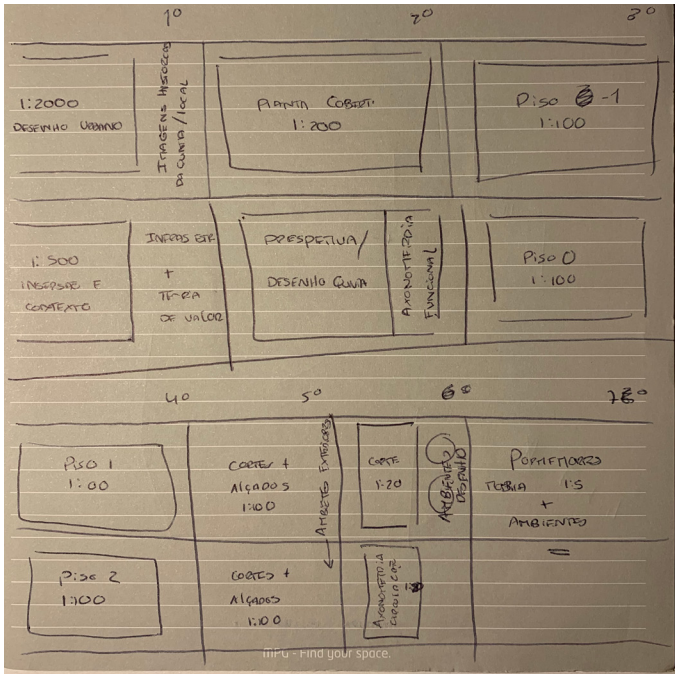


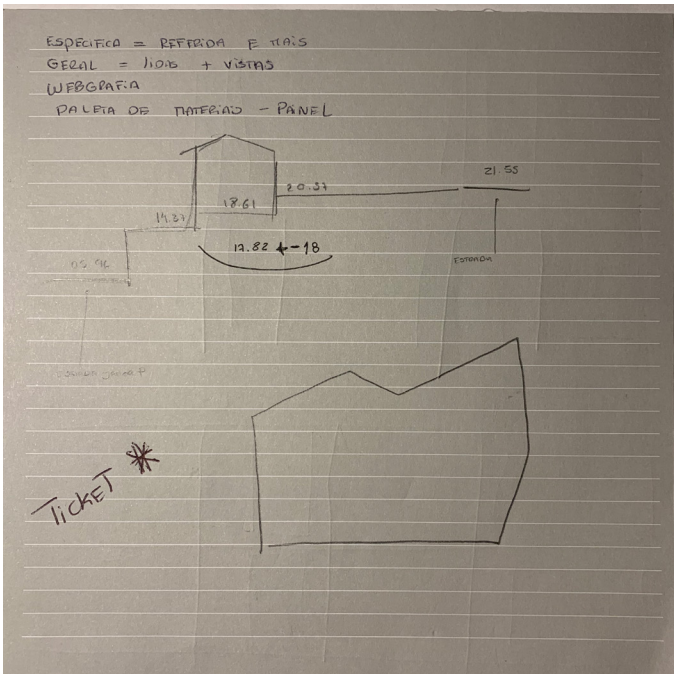

MPG - Think different.

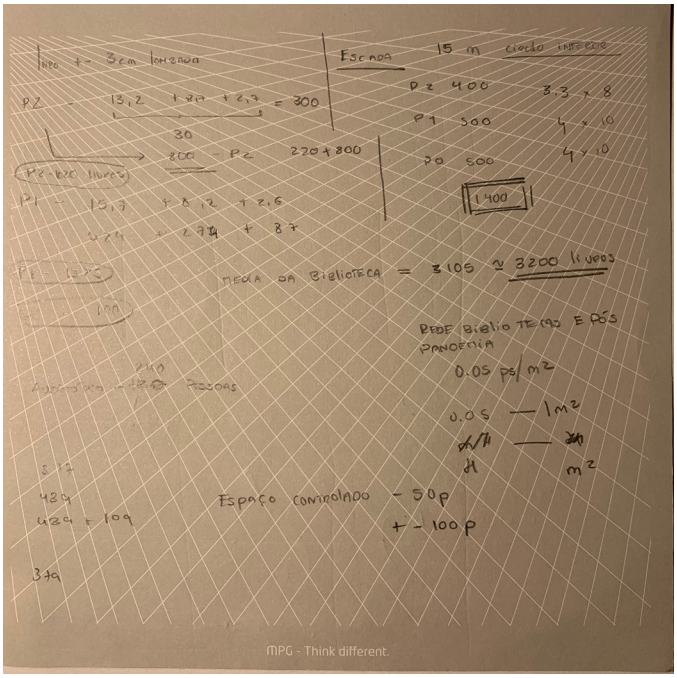


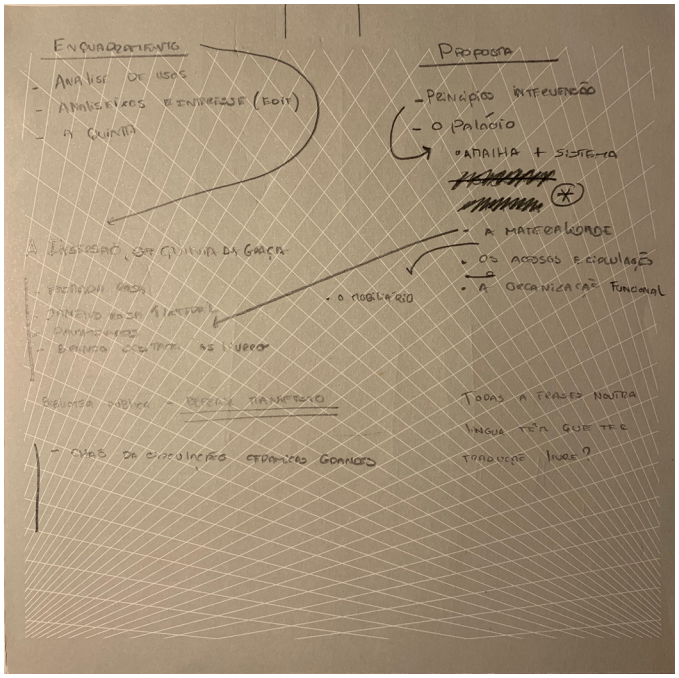

300
500
B = H / 1.5
- FECHAR PLANTAS
- FECHAR ESTRUTURA
PILAR
HEB500
CVS
JANELAS E PORTAS
Piso -1 ✓ Piso 0 ✓ Piso 1 ✓ Piso 2 ✓
→ ESTRUTURA Piso -1 Piso 0 Piso 1 Piso 2
Escalas
1:20 DETALHE - MOBILIA + ESTANTE + ACENTO + PAREDE NUA EÓ!
1:5 / 1:2 PORMENOR — PORTA OU LIGAÇÃO
Escadas 1:50

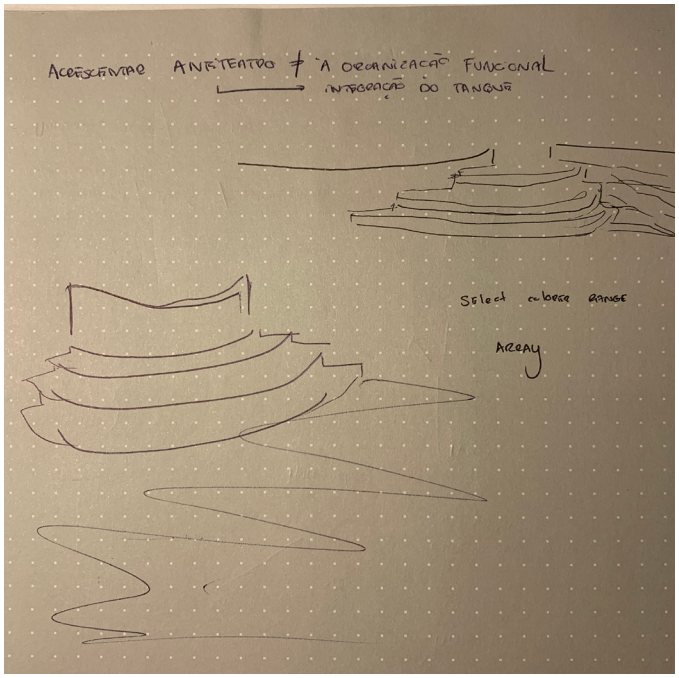

BIBLIOTECAS
- HOMENS LETRAS XXIV a.C.
- ASSURBANIPAL VII a.C
- EDIFICACAO HELENISTICO
- IMBERO ROMANO - PÚBLICA
- ESTANTES - IDADE MÉDIA
- ESPAÇOS LEITURA - SÉC. XII
COMO SITO A REVISTA?
ATMOSFERAS DIRECIONADAS
PROPOSTA
- QUINTA DA GRAÇA
ENQUADRAMENTO GEOGRAFICO (ACESSOS / POSICIE / EVOLUENTE / VISTAS)
HISTÓRICO
ATUALIDADE (ESTADO ATUAL)
TEORIA DE VALOR
- CONCEPÇÃO PROGRAMÁTICA (PROGRAMA ESCOLHIDO A REALIZAR)
- PROJETO
A QUINTA (ESTRATEGIA URBANA
O PALÁCIO (MALHA / ESTRUTURA / VOLUME & ACABAMENTOS / ACESSO / ORG. FUNCIONAL

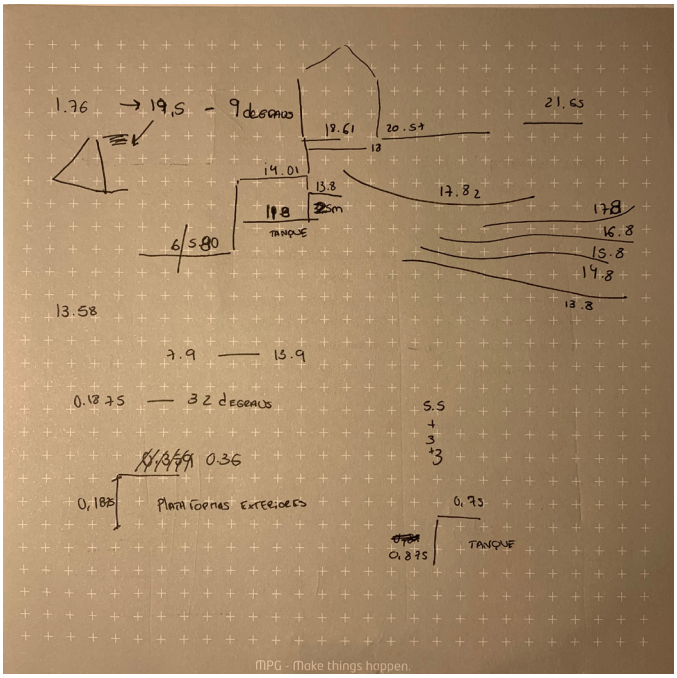

1º
2º
3º
1:2000
DESENHO URBANO
IMAGENS HISTORICAS DA QUINTA / LOCAL
PLANTA COBERT.
1:200
Piso -1
1:100
1:500
INSERSÃO E CONTEXTO
INFRAS ESTR.
+
TEORIA DE VALOR
PRESPETIVA /
DESENHO QUINTA
AXONOMETRIA FUNCIONAL
Piso 0
1:100
4º
5º
6º
7º
Piso 1
1:00
CORTES +
ALÇADOS
1:100
AMBIENTES EXTERIORES
CORTE
1:20
AMBIENTES DESENHO
PORMEMORES
TOBIA 1:5
+
AMBIENTES
Piso 2
1:100
CORTES +
ALÇADOS
1:100
AXONOMETRIA CARTOLINA CORTE
mPG - Find your space.


ESPECIFICA = REFERIDA E MAIS
GERAL = LIDAS + VISTAS
WEBGRAFIA
PALETA DE MATERIAIS - PAINEL
21.55
20.37
18.61
14.37
17.82 + -18
ESTRADA
TICKET


Escada 15 m
P2 400
P1 500
P0 500
1400
MEDIA DA BIBLIOTECA = 3105 ≈ 3200 livros
REDE BIBLIOTECAS E PÓS PANDEMIA
0.05 ps/m2
0.05 — 1m2
m2
Espaço controlado - 50p
+ - 100p
MPG - Think different.

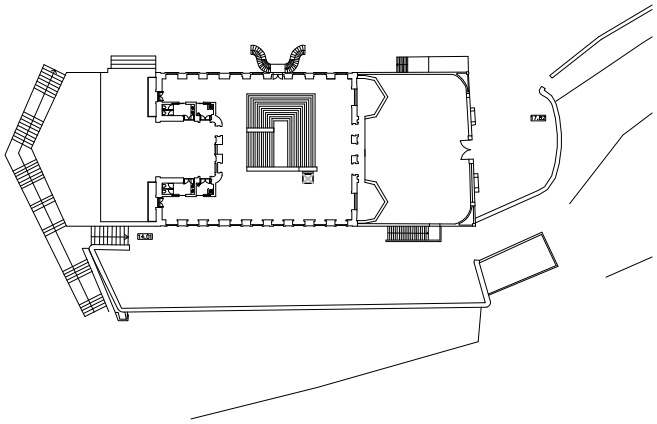

ENQUADRAMENTO
- ANALISE DE USOS
- ANALISE FIXOS E INTERESSE (EDIT)
- A QUINTA
PROPOSTA
- PRINCÍPIOS INTERVENÇÃO
- O PALÁCIO
• ANALHA + SISTEMA
- A MATERIALIDADE
• OS ACESSOS E CIRCULAÇÕES
• A ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL
- O MOBILIÁRIO
TODAS A FRASES NOUTRA LINGUA TÊM QUE TER TRADUÇÃO LIVRE?
- CHÃO DA CIRCULAÇÃO CERÂMICAS GRANDES

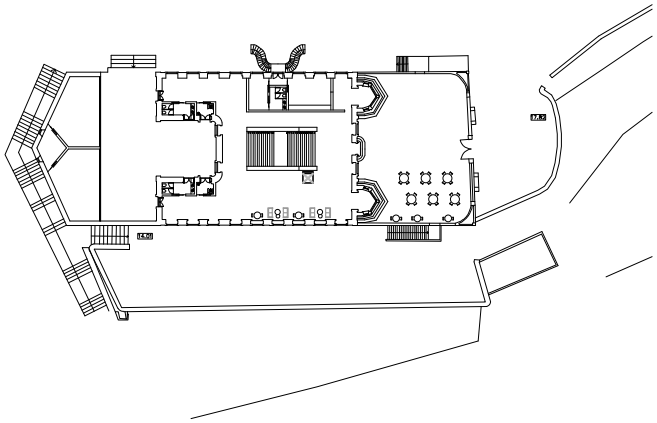

ACRESCENTAR ANFITEATRO ≠ À ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL
INTEGRAÇÃO DO TANQUE
Select colorer range
ARRAY

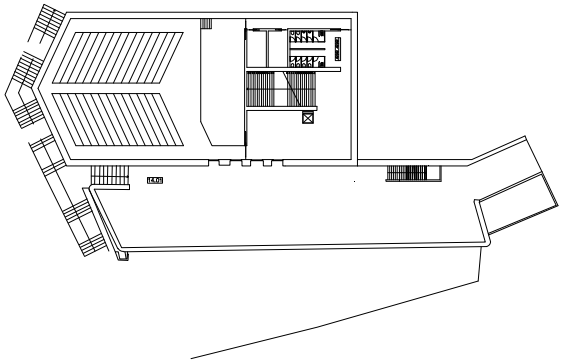


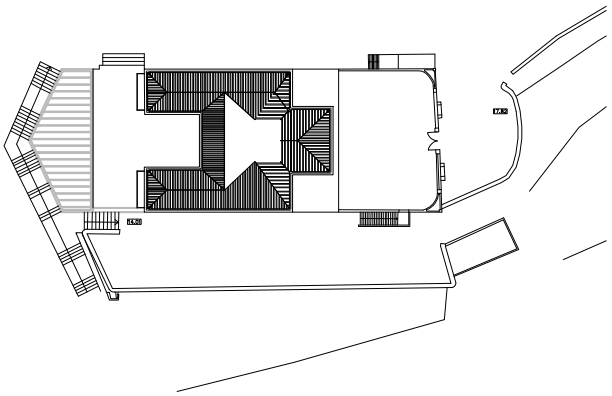
MPG - Make things happen.

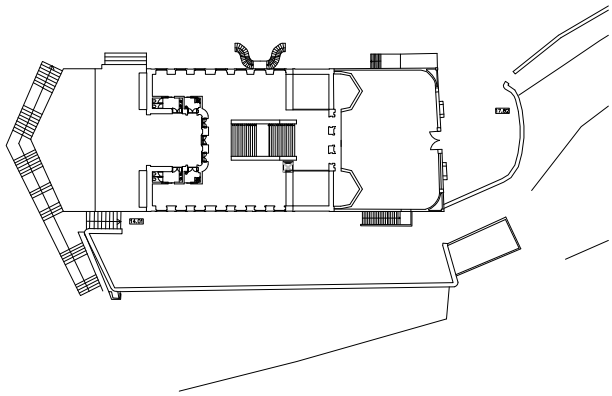
A3 .3 ESTUDOS

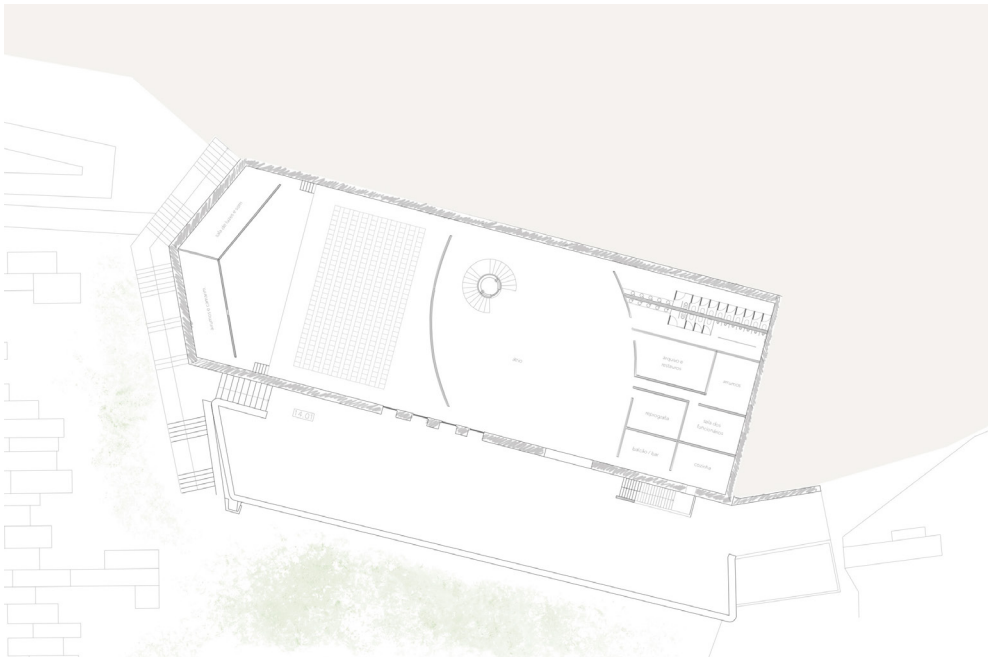


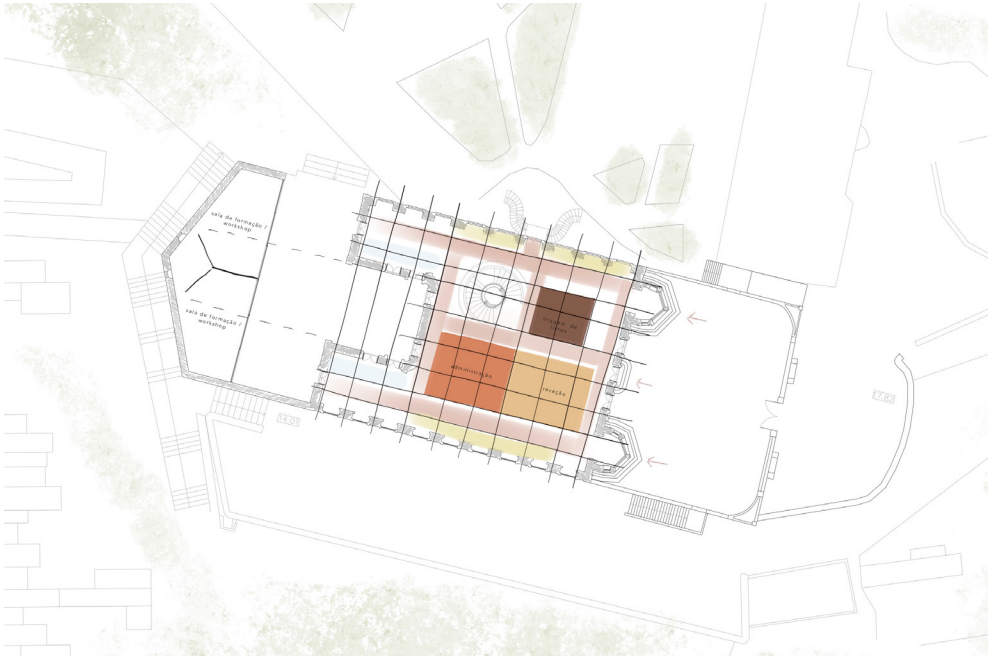


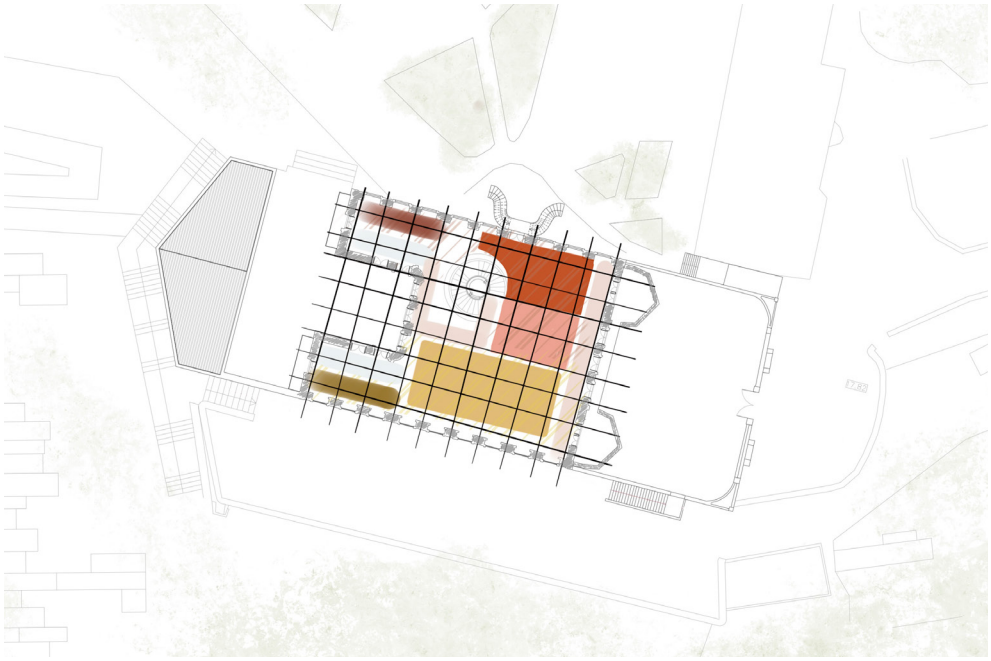




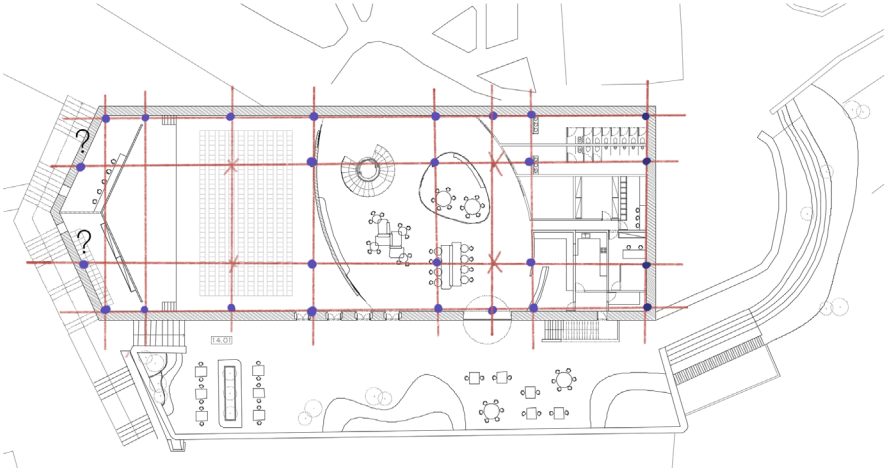


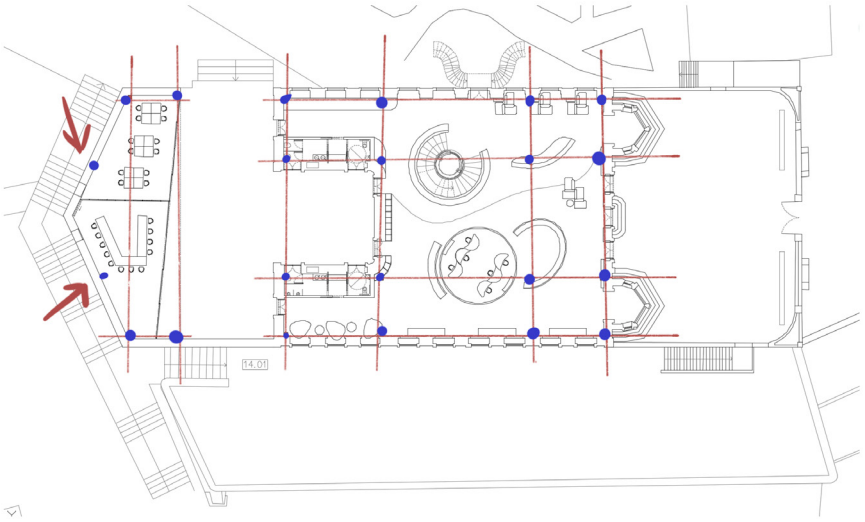



sala de formação / workshop
sala de formação / workshop
administração
receção









A3 .4 PAINÉIS DE SEMINÁRIOS

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO · MIINTSA · 20151137 · ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA PROF. DR. SOLEDADE DE SOUSA · SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

1

QUINTAS DE RECREIO

Situadas na preferia da cidade, as quintas de recreio remontam para o séc. XVII e XVIII, sendo a Quinta da Graça mais tardia, com a edificação no séc. XIX. As suas particularidades influem do Humanismo importado do Renascimento italiano onde existia uma procura pelo refúgio e contemplação da natureza, não abdicando dos benefícios da vida de cidade conseguidos através da sua estrutura funcional arquitetónica (Pires, 2012).

Construção da Quinta e Palácio da Graça sobre convento de frades agostinhos descalços.

Extinção das ordens religiosas, edifício devoluto. 1834

(Data inscrita na porta principal) foram impulsionadas obras por José Manuel Machado, novo proprietário. 1860

Expropriação de terrenos por parte do Estado Novo, devido à construção do Estádio Nacional e do INEF. 1940

Construção do estádio nacional do Jamor, o palácio ocupou-se de serviços administrativos. 1944

Serviços da quinta cedidos ao INEF, atual FMH. 1982

A Quita da Graça chegou a ser biblioteca e espaço de estudo, com o tanque reservado a aulas de mergulho, mas sofreu um grande incêndio. 1993

Atualmente o edifício encontra-se em ruína, fechado e devoluto.





oeiras



cruz quebrada e dafundo



Vista panorâmica da Quinta da Graça após a construção do Estádio Nacional.



Fachada este da Quinta da Graça antes do incêndio.



Pormenor do teto da capela, Quinta da Graça.

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

palavras - chave

biblioteca · comportamento do espaço · requalificação arquitetónica · projeto e memória · lugar da aquitetura

OBJETIVOS

Projetar a memória do lugar através da reabilitação da forma, materiais, conexões espaciais e funções.

Integração na comunidade com benefícios que o lugar oferece, bem como a associação dos equipamentos envolventes, criando um espaço onde se possam relacionar.

Desenvolver o sentido literal do viver o lugar, desencadear sensações de percepção dos espaços e do que oferecem: projetar uma biblioteca que consiga traduzir diferentes atmosferas para atender a diferentes propósitos.

QUESTÕES DE TRABALHO

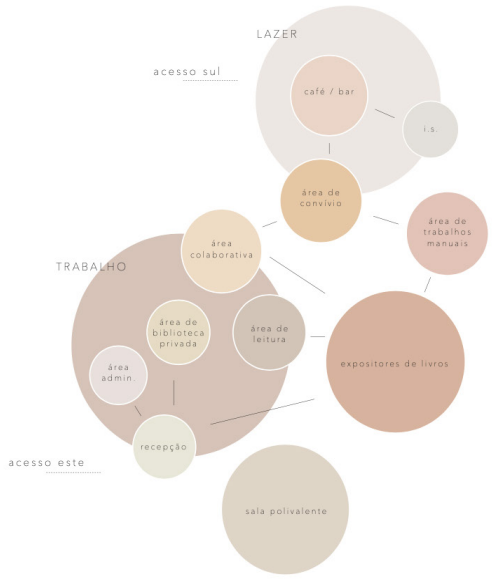
De que forma a arquitetura influência as experiências, o comportamento e o estado de espírito do habitante?
Como criar e projetar atmosferas claramente relacionadas com reações e sensações?
Como reabilitar um edifício em ruína do século XVII?

PLANO URBANO

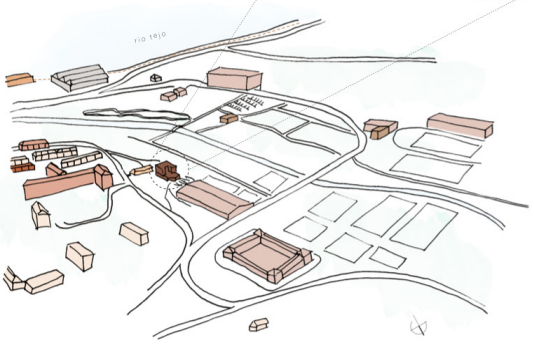
Regeneração da quinta da graça e dos seus pomares de forma a que o seu valor histórico e arquitetónico volte a fazer parte do percurso desta freguesia pela sua riqueza natural e urbana.
Conservar no existente a sua relação com o envolvente.



Ruína do Palácio da Quinta da Graça, lado oeste



programa



análise urbana



Elementos desqualificados do ponto de vista arquitetónico, havendo necessidade de remover.

Elementos que apresentam valor de conjunto mas sem valor assinalável.

Elementos de caráter patrimonial a manter.

teoria de valor

PALÁCIO E QUINTA DA GRAÇA
COMÉRCIO
RESTAURAÇÃO
ENSINO
ESTAÇÃO DA CRUZ QUEBRADA
MUSEU DO DESPORTO
ENSINO DESPORTIVO
HABITAÇÃO
DEVOLUTO

2

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO :: MIINTSA :: 20151137 :: ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA PROF. DR. SOLEDADE DE SOUSA :: SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR



Centro Cultural - Landvetter 2015 - Fredblad Arkitekter



Biblioteca - Helsingfors 2018 - ALA Architects



Escola primária - Taiwan 2018 - Tali Design

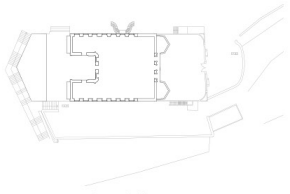


Biblioteca - Germany 2011 - Yi Architects



levantamento da ruína da Quinta da Graça - bases gráficas produzidas pela autora através do levantamento de Lorenço (2017). tratamento das bases cartográficas, vetorização, interpolação.

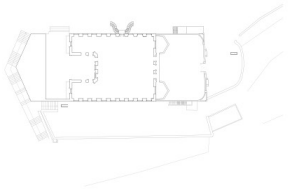
3



planata piso 2



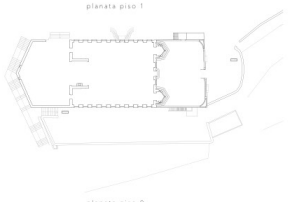
alçado este



planata piso 1



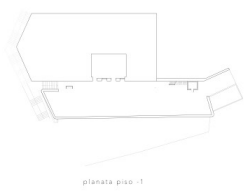
alçado oeste



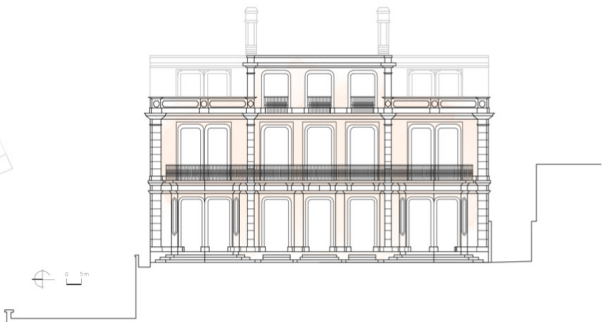
planata piso 0



alçado norte



planata piso -1



A3 .5 PAINÉIS TESTE

MAPAS DE ENQUADRAMENTO

IMAGENS HISTÓRICAS
EDIFÍCIOS SINGULARES



IMAGENS HISTÓRICAS
LOCAL + QUINTA

PLANTA DE INSERSÃO E CONTEXTO
1:500

INFRAESTRURAS/
ANÁLISE URBANA

TEORIA DE VALOR

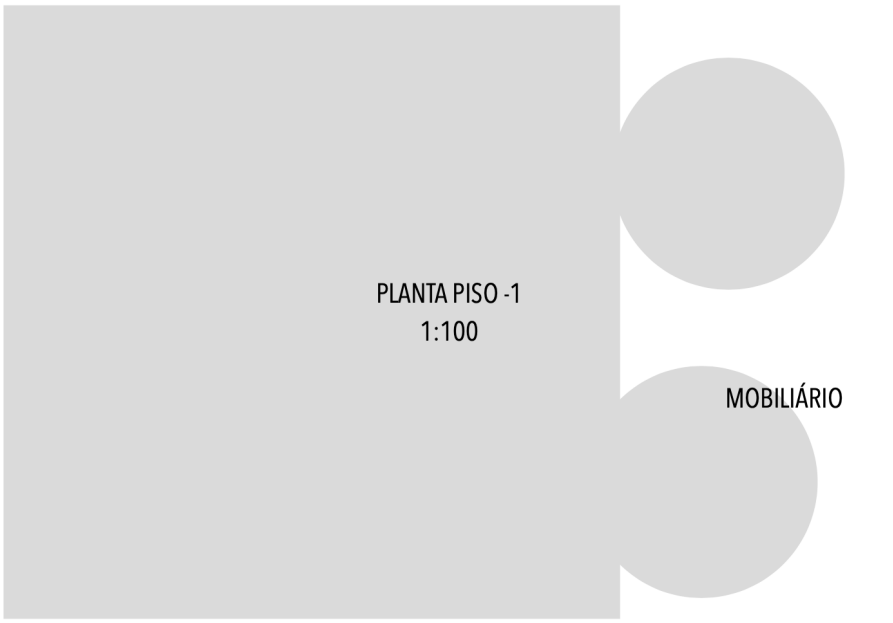
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO
1:200

PLANTA PISO 0
1:100

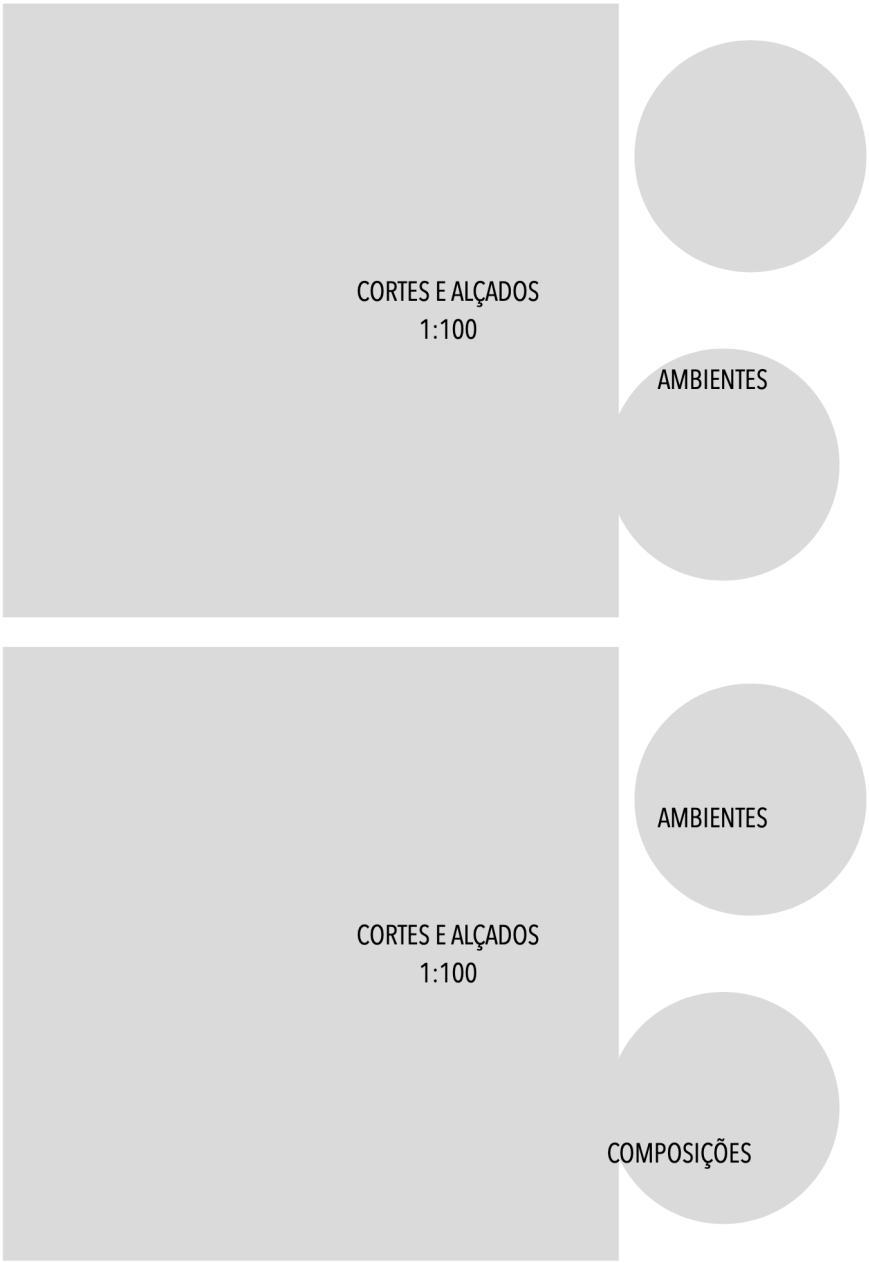
MOBILIÁRIO

PLANTA PISO 2
1:100

MOBILIÁRIC


PLANTA PISO -1
1:100
MOBILIÁRIO


PLANTA PISO 1
1:100
MOBILIÁRIC


CORTES E ALÇADOS
1:100
AMBIENTES
AMBIENTES
CORTES E ALÇADOS
1:100
COMPOSIÇÕES

AMBIENTES

AXONOMETRIA
CIRCULAÇÃO

PORMENOR 1:5

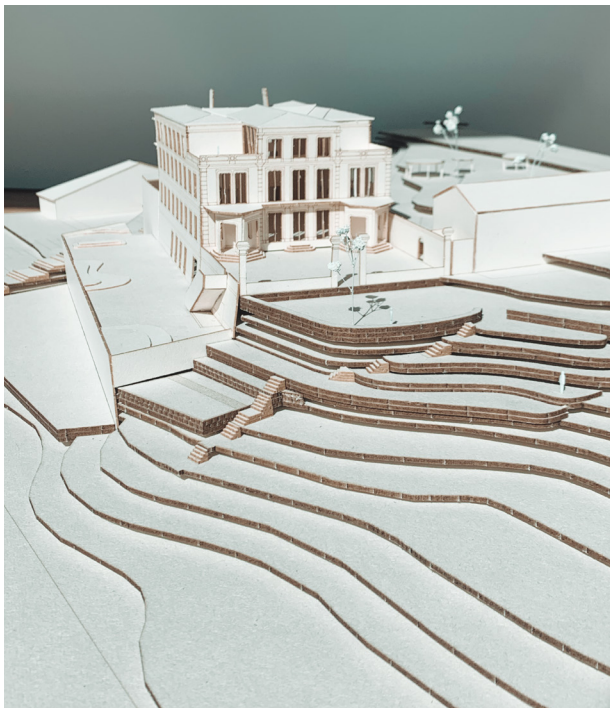
PORMENOR 1:5

CORTE CONSTRUTIVO
1:20

Atv

MAQUETE

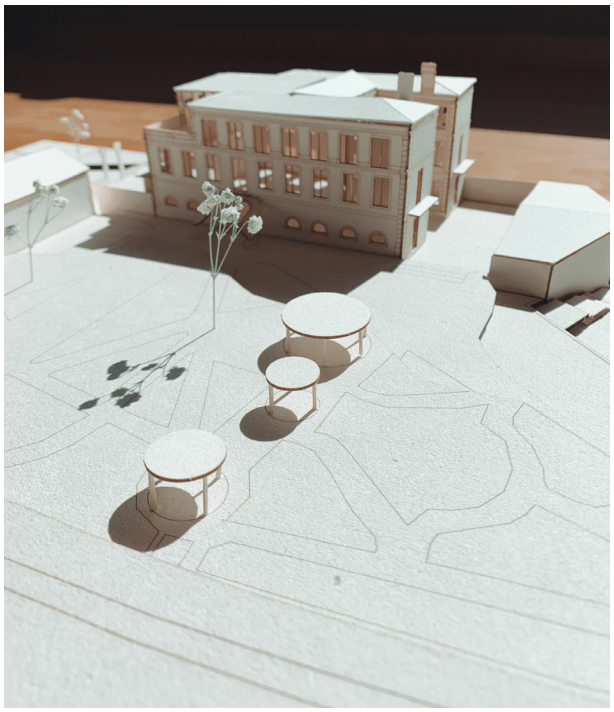




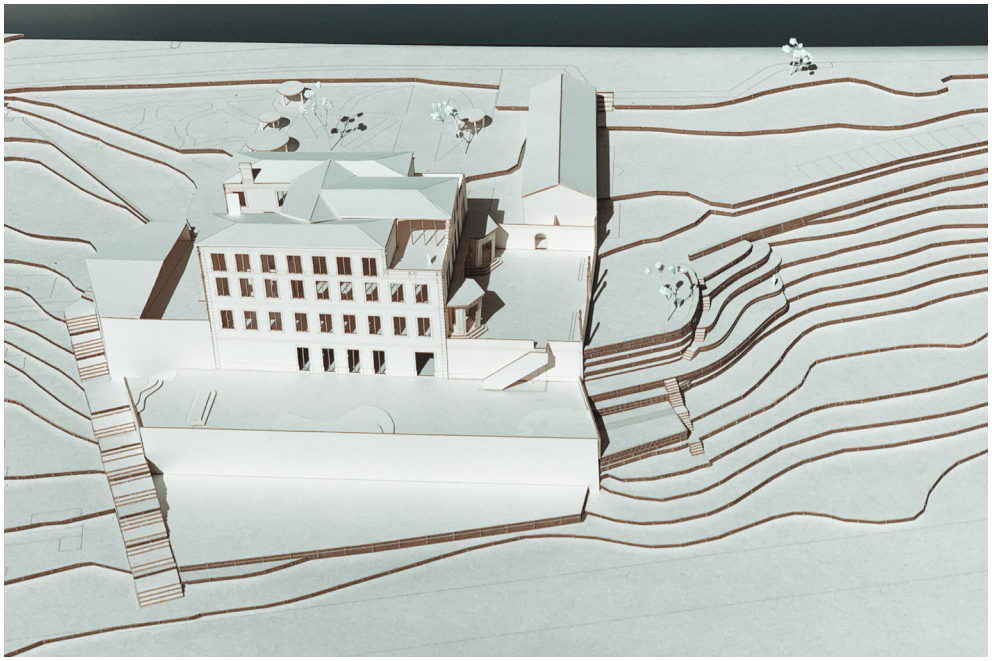




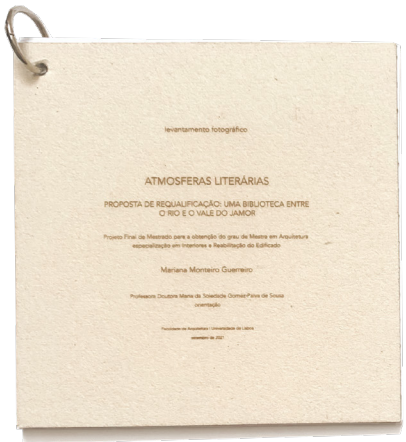


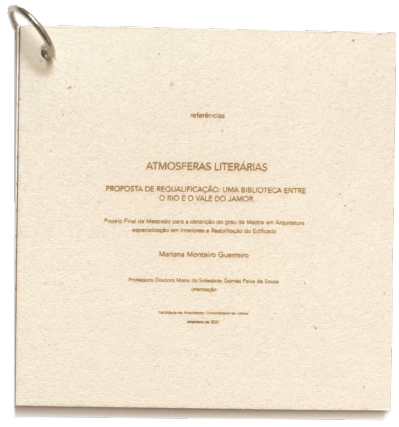








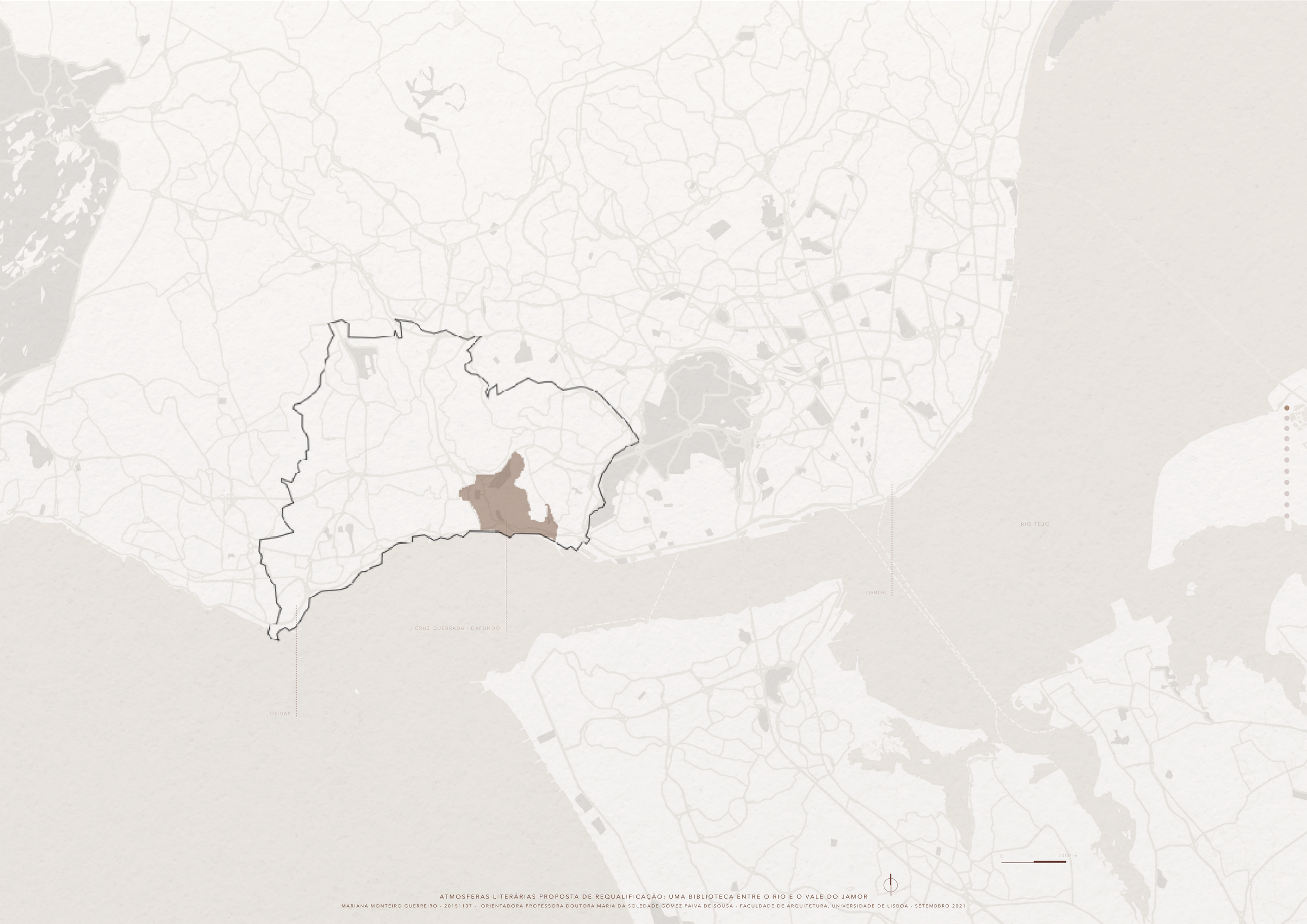

levantamento fotográfico
ATMOSFERAS LITERÁRIAS
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado
Mariana Monteiro Guerreiro
Professora Doutora Maria da Soledade Gomes Paiva de Sousa
orientação


referências
ATMOSFERAS LITERÁRIAS
PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado
Mariana Monteiro Guerreiro
Professora Doutora Maria da Soledade Gomes Paiva de Sousa
orientação



Av

PAINÉIS



ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



PRAIA CRUZ QUEBRADA - DAFUNDO



PONTE FREI RODRIGO DE DEUS



ESTAÇÃO CRUZ QUEBRADA - DAFUNDO

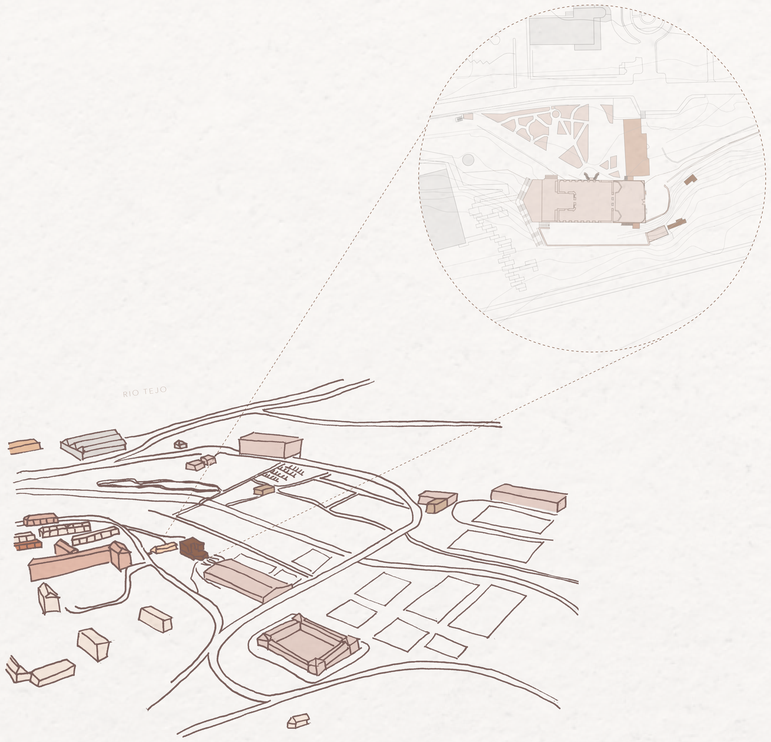


ESTRADA MARGINAL

MAPA DE RECONHECIMENTO URBANO | 1:2000

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



Elementos desqualificados do ponto de vista arquitetónico, existindo necessidade de remover.

Elementos que apresentam valor de conjunto, mas sem valor assinalável.

Elementos de caráter patrimonial a manter.

teoria de valor

PALÁCIO E QUINTA DA GRAÇA

COMÉRCIO

RESTAURAÇÃO

ENSINO

ESTAÇÃO DA CRUZ QUEBRADA

EDIFÍCIO DA CÂMARA

ENSINO DESPORTIVO

HABITAÇÃO

DEVOLUTO

esquema de usos próximo da área de intervenção



RIO DO JAMOR



PARQUE URBANO DO JAMOR



ESTRADA DA COSTA, FHM



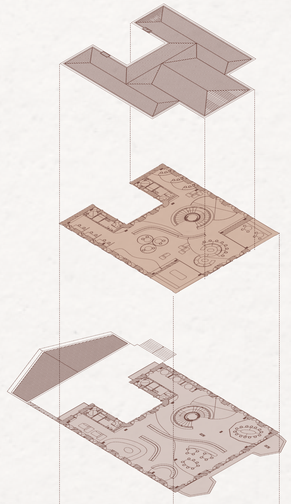
FACHADA NASCENTE



FACHADA SUDESTE



FACHADA SUDOESTE



PISO 2 *"área de reflexão"*

PISO 1 *"área de partilha"*

PISO 0 *"átrio"*

PISO -1 *"área de integração"*

ISOMETRIA DE ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL



PLANTA COBERTURA | 1:200

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBRO 2021

ESTRADA DA COSTA

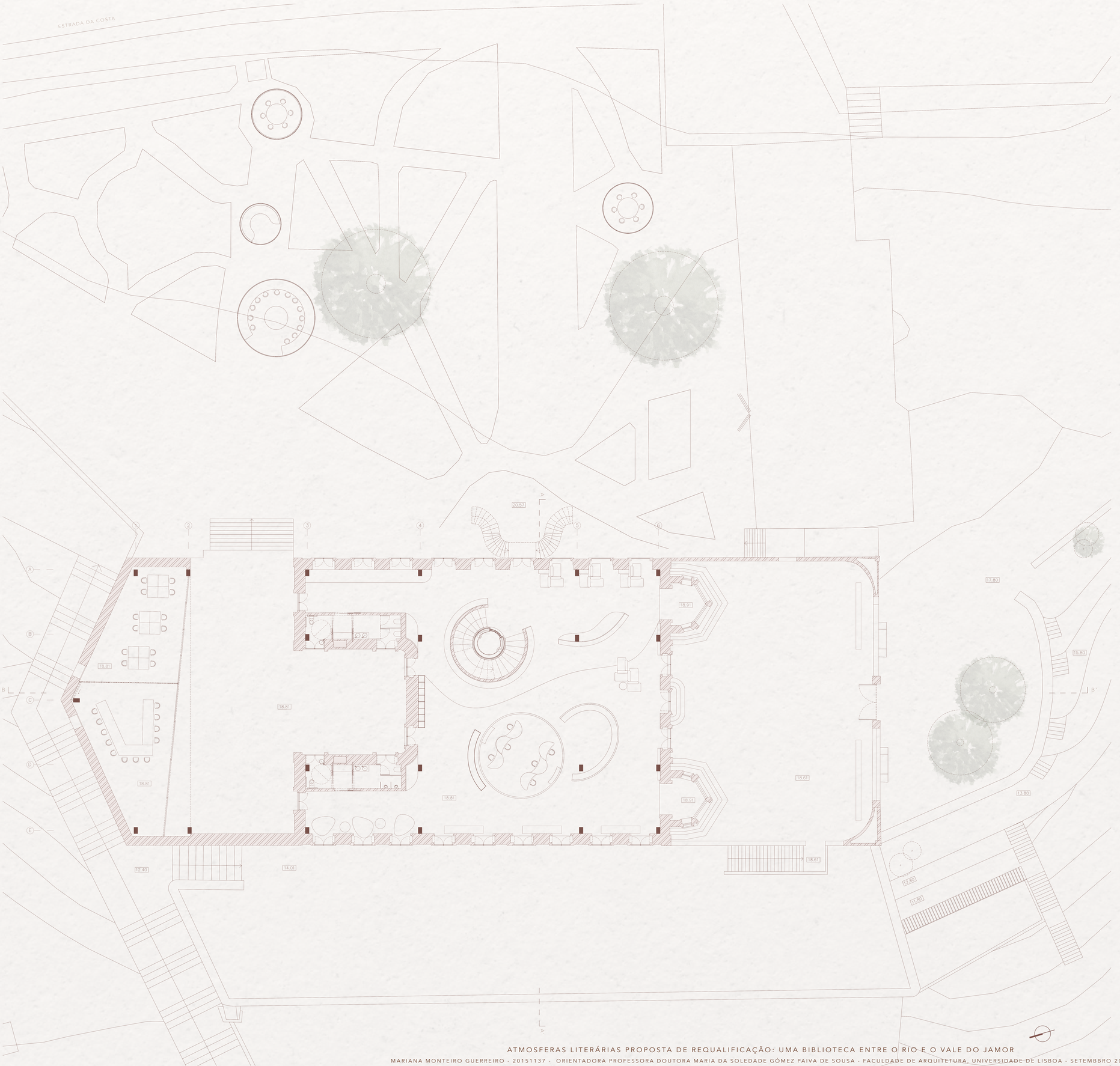


CIRCULAÇÃO VERTICAL

PISO -1 | 1:100

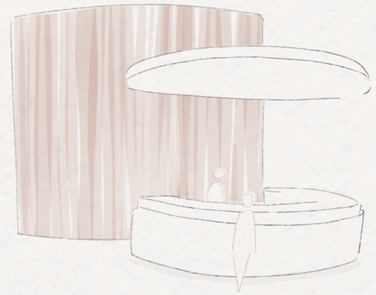
ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021





PÉRGOLAS, JARDIM RENASCENTISTA

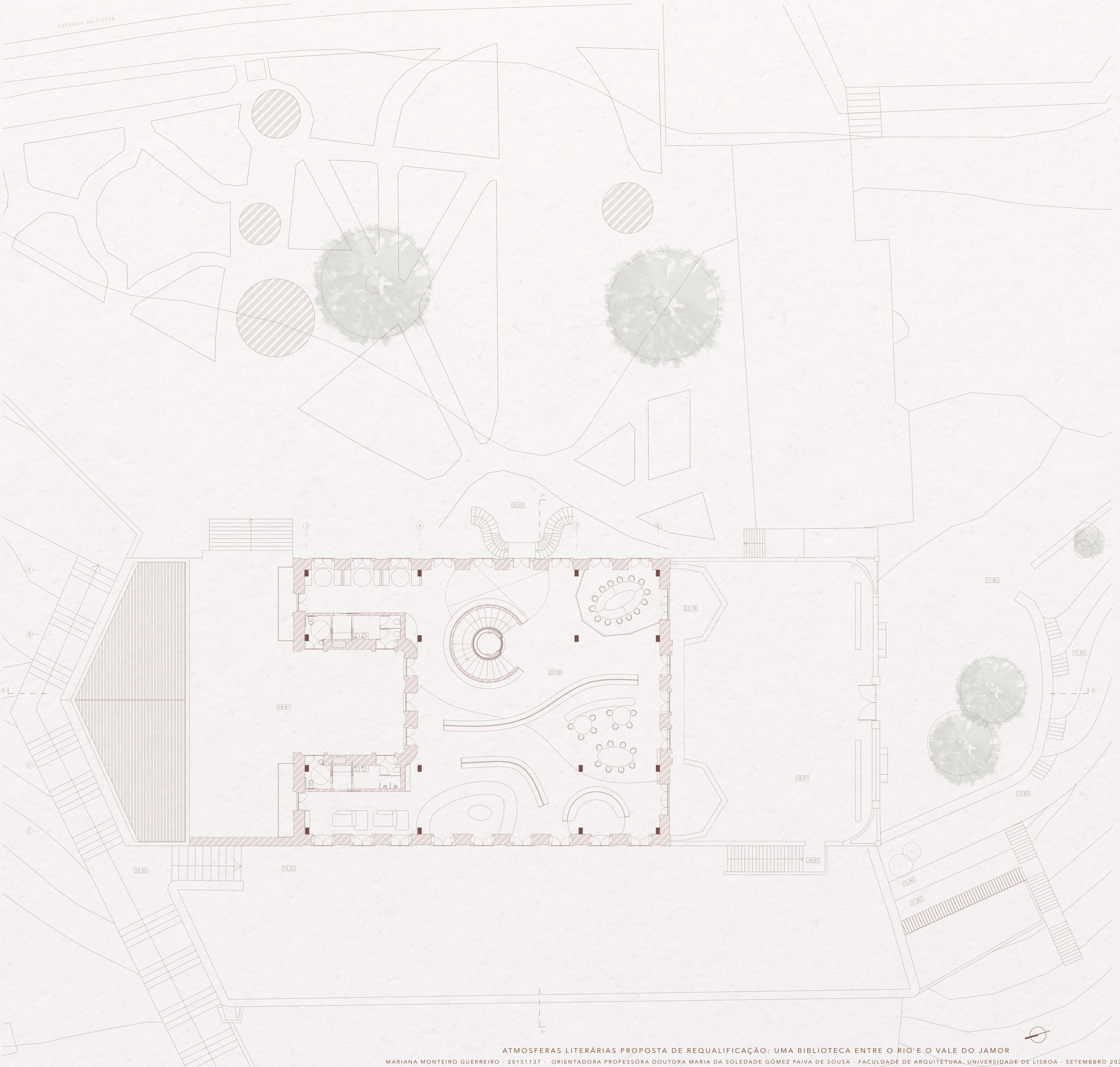


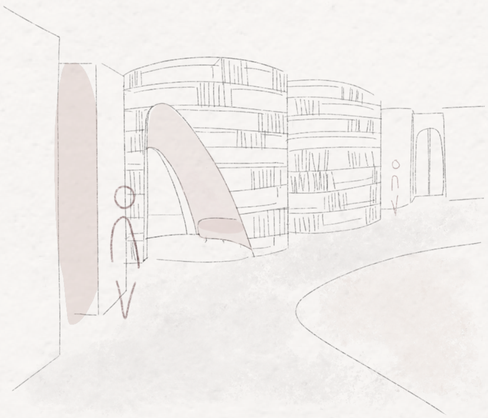
ÁREA DE RECEPÇÃO

PISO 0 | 1:100

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 · ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



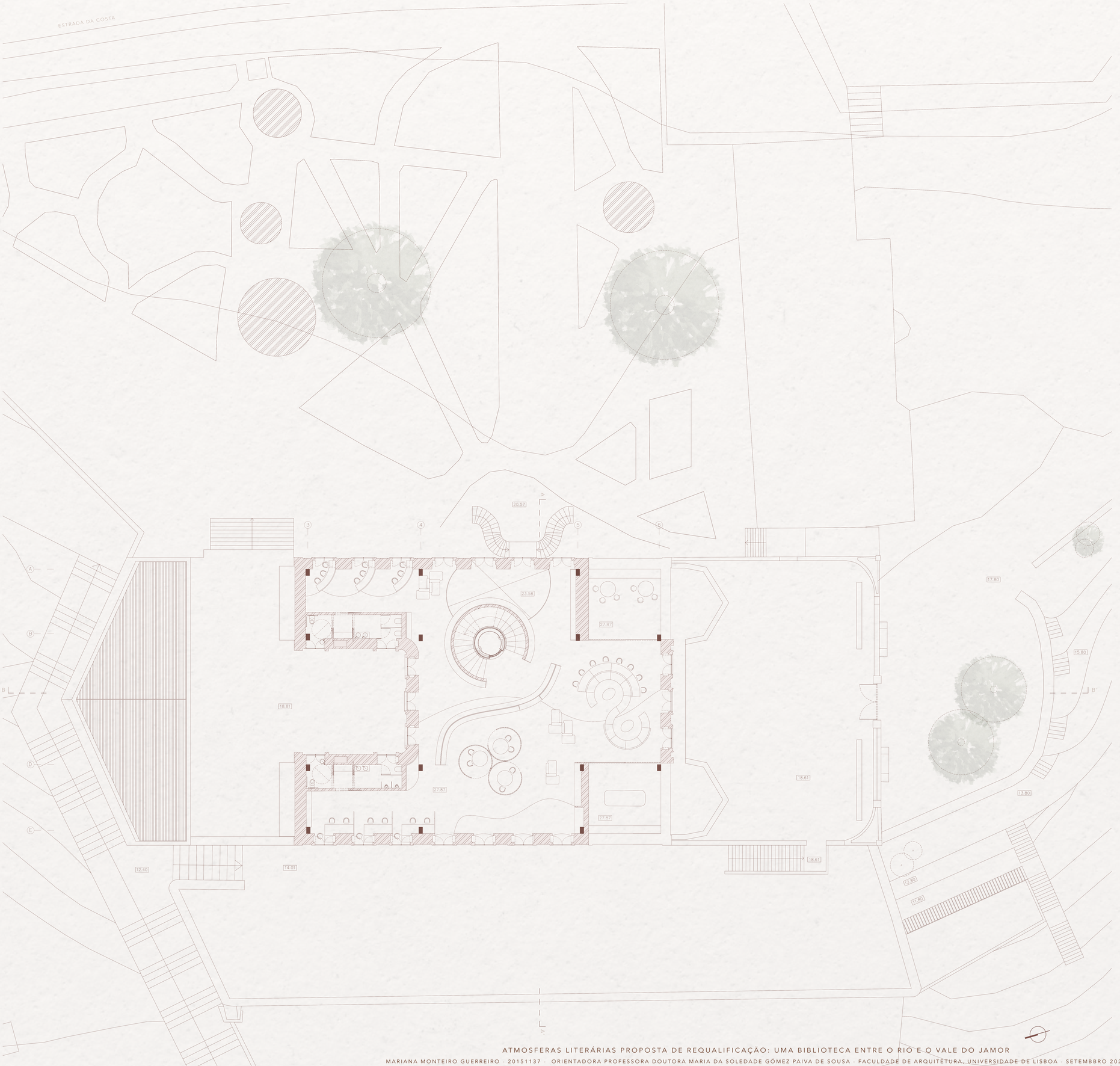


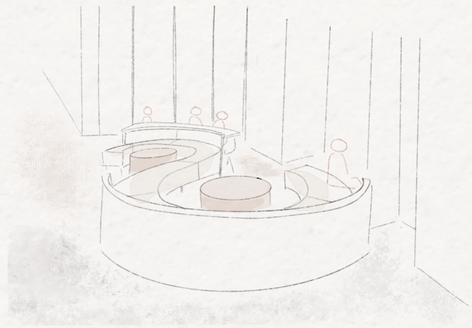
ÁREA INFORMAL, PISO 1

PISO 1 | 1:100

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021





JARDIM DE INVERNO

PISO 2 | 1:100

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



ALÇADO NASCENTE | 1:100



ALÇADO SUDOESTE | 1:100

ALÇADO SUDESTE | 1:100

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



ALÇADO NOROESTE | 1:100



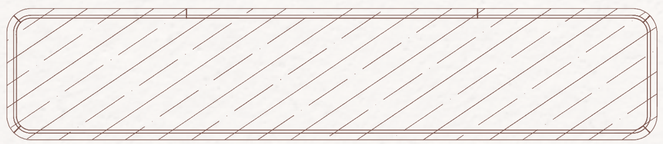
CORTE AA' | 1:100



CORTE BB' | 1:100

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

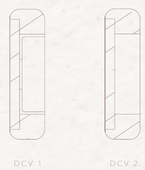
MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021



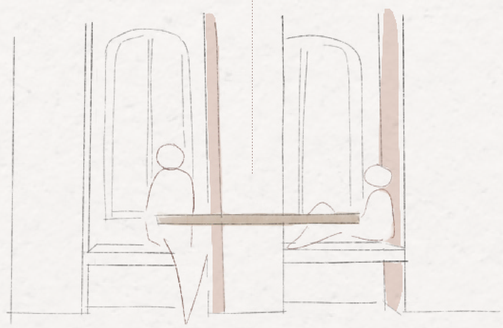
PLANTA VISTA SUPERIOR | 1:10



PLANTA VISTA INFERIOR | 1:10



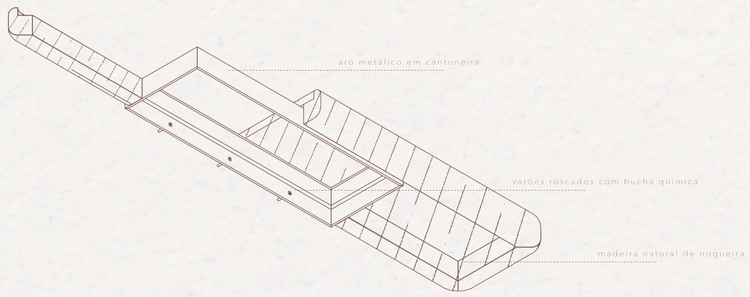




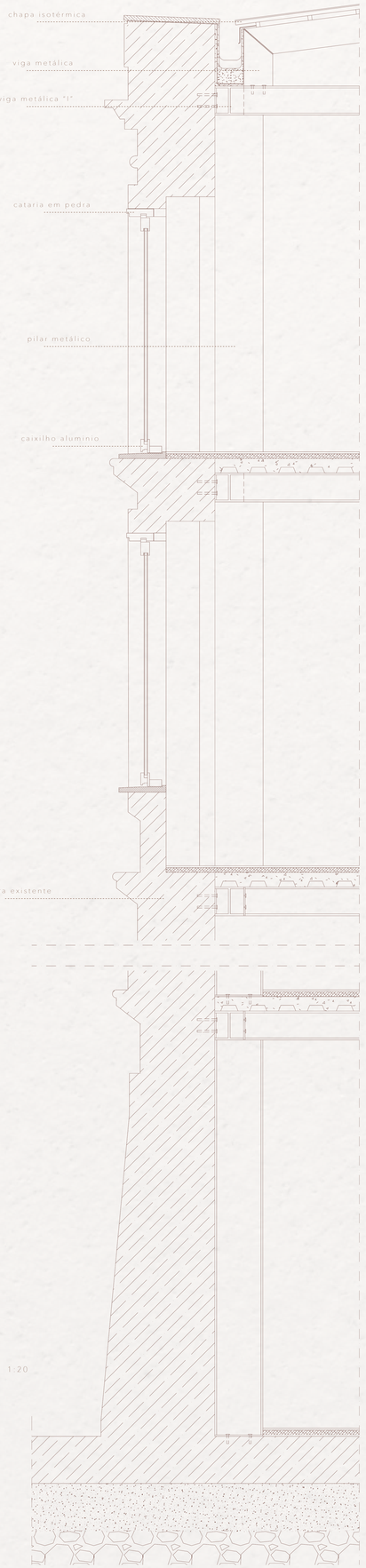
PRATELEIRA, RELAÇÃO COM O ESPAÇO



ALÇADO | 1:10



VISTA AXONOMÉTRICA | 1:10



CORTE CONSTRUTIVO DA FACHADA | 1:20

ATMOSFERAS LITERÁRIAS PROPOSTA DE REQUALIFICAÇÃO: UMA BIBLIOTECA ENTRE O RIO E O VALE DO JAMOR

MARIANA MONTEIRO GUERREIRO - 20151137 - ORIENTADORA PROFESSORA DOUTORA MARIA DA SOLEDADE GÓMEZ PAIVA DE SOUSA - FACULDADE DE ARQUITETURA, UNIVERSIDADE DE LISBOA - SETEMBBRO 2021